

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

GUILHERME WELTE BERNARDO

Entre a integração e a barbarização: romanidade bizantina e percepção social dos
ocidentais na historiografia do século XI

Guarulhos

2022

GUILHERME WELTE BERNARDO

Entre a integração e a barbarização: romanidade bizantina e percepção social dos ocidentais na historiografia do século XI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Departamento de História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Fabiano Fernandes

Guarulhos

2022

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da Unifesp ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação (CIP)
Dados fornecidos pelo autor

B523e Bernardo, Guilherme Welte

Entre a integração e a barbarização: romanidade bizantina e percepção social dos ocidentais na historiografia do século XI / Guilherme Welte Bernardo.– 2022.
169 f.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São Paulo (Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2022.
Orientador: Prof. Dr. Fabiano Fernandes

Título em outro idioma: Between integration and barbarization: Byzantine Romaness and social perception of Westerners in eleventh-century historiography.

1. Romanitas. 2. Historiografia bizantina. 3. Ocidentais. 4. Normandos. 5. Alteridade. I. Orientador. II. Título.

CDD 949.502

BERNARDO, Guilherme Welte. *Entre a integração e a barbarização: romanidade bizantina e percepção social dos ocidentais na historiografia do século XI*. Dissertação (Mestrado) apresentada à Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado em: 27 de agosto de 2022.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Orientador(a) Fabiano Fernandes
Universidade Federal de São Paulo

Prof.^a Dr.^a Renata Cristina de Sousa Nascimento
Pontifícia Universidade Católica de Goiás/Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Dirceu Marchini Neto
Universidade Federal de São Paulo

In Memoriam
Rute Pereira Welte (1949-2018)

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por ter proporcionado, por meio Programa de Demanda Social (DS), o financiamento desta pesquisa pelo período de aproximadamente dois anos, tornando menos árdua essa fase da minha vida e possibilitando que diversas etapas e necessidades fossem cumpridas satisfatoriamente.

À minha família, por todo suporte e compreensão que tiveram e continuam tendo nesses anos em que estive longe, em especial meu avô, Claudio Guilherme Welte.

Ao meu orientador, professor Fabiano Fernandes, por toda a confiança depositada nesta pesquisa e na minha pessoa. Além de ter me proporcionado a excepcional liberdade em pesquisar esse tema, deu também ouvidos a várias das minhas inquietações pessoais, levando a cabo projetos acadêmicos que enriqueceram toda essa jornada. Além disso, eu o agradeço pela sua humanidade, pela paciência e compaixão que teve em momentos difíceis que enfrentei nesses anos e por todas as outras formas de suporte e apoio que direcionou a mim. Posso dizer que nesse período ganhei não somente um orientador que me inspirou a desbravar meus estudos e me serviu de exemplo academicamente, mas também um grande amigo.

Ao Departamento de História e ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de São Paulo (PPGH/UNIFESP) e seus professores pelas possibilidades proporcionadas, pelas aulas construtivas e inúmeros exemplos de excelência acadêmica.

Aos membros da Banca de Qualificação, composta pelos professores Renato Viana Boy e João Vicente de Medeiros Publio Dias, que enriqueceram esta pesquisa com seus comentários, críticas e sugestões e me encorajaram a dar prosseguindo a esta pesquisa; aos membros Banca de Defesa, composta pelos professores Renata Cristina de Sousa Nascimento e Dirceu Marchini Neto, que ofereceram uma leitura complementar, com sugestões, críticas e comentários que me ajudaram a chegar nesta versão final do trabalho. Foi uma grande honra e um enorme privilégio contar com historiadores tão qualificados ao longo desses dois momentos tão importantes.

Não poderia deixar de mencionar que conheci no *campus* Guarulhos colegas que se tornaram verdadeiros amigos. Agradeço de todo coração à Marina de Jesus Amaral Spíndola, companheira de discussões, lamentações e felicidades. A Manoel Ruiz Corrêa Martins, Karina de Oliveira Oyakawa e Luis Fernando Simões Moraes, com quem, na diversidade de objetos de pesquisa, conseguimos encontrar coisas em comum. A Geraldo Rosolen Junior e Rodrigo Fernandes Vicente, companheiros de laboratório e de projetos. Graças a eles essa jornada se tornou mais branda, amigável, encorajadora e, por que não, frequentemente engraçada.

Estudar esse tema e estar envolvido em projetos também me aproximou de pessoas que contribuíram comigo de variadas formas. Em especial, agradeço ao professor e amigo Alfredo Bronzato da Costa Cruz, alguém que muito admiro e que sempre me enriquece com suas conversas sobre variados assuntos; ao amigo Leandro César de Santana Neves, quem provavelmente mais recebeu parágrafos, frases e ideias em tempo real e esteve sempre disposto a me ajudar a lapidá-los; e à professora Luise Marion Frenkel, um grande exemplo de erudição acadêmica, cujas aulas no Programa de Pós-Graduação em Línguas Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (USP) tive a oportunidade única de ter frequentado.

Por fim, a todos aqueles contribuíram de alguma forma ao longo desse intenso período de Mestrado: os colegas pesquisadores em outros países que me ajudaram a superar limitações que estavam fora de meu alcance, aqueles que saíram da minha vida antes que esta pesquisa fosse finalizada e outros que chegaram há não muito tempo e me incentivaram e apoiaram de diferentes maneiras na reta final. Em especial, à minha companheira, Maria Luíza Gonzaga, que caminhou comigo ao longo das últimas vicissitudes pessoais e acadêmicas.

Tu es l'étranger. Et moi?
Je suis, pour toi, l'étranger. Et toi?
L'étoile, toujours, séra séparée de l'étoile; ce qui
les rapproche n'étant que leur volonté de
briller ensemble.

Edmond Jabès, *Un étranger...*, 1984

O que é que é?
Ele possui uma alma e um corpo feito o nosso
E vai percorrendo o caminho de todos.
Foi piá, quis bem a mãe, quis bem a casa dele,
E afinal uma feita quis bem a cidade e foi
homem.
Então gostou da intrepidez das ruas normativas
E cantou o orgulho do homem no indivíduo.
Pôs a boca no mundo, imaginou que era um,
E era apenas mais um o cantor gastador. [...]

A noite igualada separa a vida do universo,
É o momento em que as coisas todas são
resumos
E pelas esquinas dos bairros se engrandecem os
violões [...]

Mario de Andrade, *A Adivinha*, 1928

RESUMO

BERNARDO, Guilherme Welte. *Entre a integração e a barbarização: romanidade bizantina e percepção social dos ocidentais na historiografia do século XI*. 2022. 169 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2022.

O século XI é marcado por um significativo fluxo de pessoas oriundas da Europa Ocidental adentrando o Império Romano Medieval, comumente chamado de “Império Bizantino”. Além disso, ele testemunha a ascensão do poderio militar normando na Península Itálica, que dizimou as reivindicações dos romanos orientais na região. Tornando-se mais visíveis e desejados pelo Imperador, alguns desses ocidentais foram contratados como mercenários, inaugurando uma “idade de ouro” do uso de forças auxiliares ocidentais. Embora esse contato tenha trazido uma aproximação, trouxe gradualmente também um atrito, observável principalmente durante as Cruzadas já em finais do século XI. Este trabalho analisa a forma como os ocidentais são retratados em duas obras desse período, a *Cronografia* de Miguel Pselo e a *História* de Miguel Ataliata, enfatizando a relação entre como esses historiadores romanos orientais construía sua identidade, que era baseada numa ideia de romanidade, e a forma como percebiam e alterizavam esses estrangeiros. Para melhor compreensão desse assunto, analisamos igualmente o longo problema da identidade romana medieval na historiografia.

Palavras-chave: *Romanitas*. Historiografia bizantina. Ocidentais. Normandos. Alteridade.

ABSTRACT

BERNARDO, Guilherme Welte. *Between integration and barbarization: Byzantine Romanness and social perception of Westerners in eleventh-century historiography*. 2022. 169 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2022.

The eleventh-century is marked by a significant flow of people from Western Europe entering the medieval Roman Empire, commonly known as the “Byzantine Empire”. Furthermore, it witnesses the rise of Norman military power in the Italian Peninsula, which wipe out the Eastern Roman claims in the region. Becoming more visible and desired by the Emperor, some of these Westerners were hired as mercenaries, ushering in a “golden age” of using Western Auxiliary forces. Although this contact brought an approximation, it also gradually brought a friction, observable mainly during the Crusades already at the end of the eleventh-century. This work analyze the way in which Westerners were portrayed in two works from this period, the *Chronographia* of Michael Psellos and the *History* of Michael Attaleiates, emphasizing the relationship between how these Eastern Roman historians built their identity, which was based on a ideia of Romanness, and the way they perceived and “othered” these foreigners. For a better understanding of this subject, it is also analyzed the long problem of medieval Roman identity in historiography.

Keywords: *Romanitas*. Byzantine historiography. Westerners. Normans. Otherness.

TABELA DE TRANSLITERAÇÃO DO GREGO ANTIGO

Para transliterar as palavras gregas, utilizaremos como base o modelo proposto pela Prof.^a Ana Lia do Amaral de Almeida Prado no vol. 19, n. 2, da *Classica – Revista Brasileira de Estudos Clássicos*. Assim, nossas transliterações seguem simplesmente uma equivalência alfabética e não indicam como devem ser pronunciadas, ficando a critério do leitor.

ALFABETO			
Α, α	→	A, a	<i>ā</i> quando necessário diferenciação (α vs. αῖ)
Β, β	→	B, b	
Γ, γ	→	G, g	<i>n</i> quando velar (γγ, γκ, γλ)
Δ, δ	→	D, d	
Ε, ε	→	E, e	
Ζ, ζ	→	Z, z	
Η, η	→	Ē, ē	
Θ, θ	→	Th, th	
Ι, ι	→	I, i	<i>i</i> adscrito (αι, εῖ, οῖ) quando <i>ι</i> subscrito (α, η, φ)
Κ, κ	→	K, k	
Λ, λ	→	L, l	
Μ, μ	→	M, m	
Ν, ν	→	N, n	
Ξ, ξ	→	X, x	
Ο, ο	→	O, o	
Π, π	→	P, p	
Ρ, ρ	→	R, r	<i>Rh, rh</i> quando inicial (Ρ, ρ)
Σ, σ/ς	→	S, s	
Τ, τ	→	T, t	
Υ, υ	→	Y, y	<i>u</i> quando semivogal, segundo elemento de ditongo ou “falso ditongo”
Φ, φ	→	Ph, ph	
Χ, χ	→	Kh, kh	
Ψ, ψ	→	Ps, ps	
Ω, ω	→	Ō, ō	

ESPÍRITOS E ACENTOS		
·	→	Não será levado em conta
ˆ	→	<i>h</i> no início da palavra
˘	→	˘
˙	→	˙
~	→	^

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 NOVOS ROMANOS, NOVOS BÁRBAROS	8
1.1 O MAL-ESTAR NA PERIODIZAÇÃO	8
1.1.1 IDENTIDADE EM DISPUTA EM MEIO A DISPUTA PELA IDENTIDADE	10
1.1.2 <i>HELENITAS VS. CHRISTIANITAS</i>	12
1.2 UM IMPÉRIO ROMANO MEDIEVAL	21
1.2.1 NOVAS PERSPECTIVAS E A TEORIZAÇÃO DA IDENTIDADE	27
1.2.2 OS CAMINHOS DESTA PESQUISA	38
1.3 BIZÂNCIO E O OCIDENTE	42
1.3.1 O SÉCULO XI COMO PRENÚNCIO DOS CONFLITOS	45
2 ANTES DA TORMENTA: A <i>CRONOGRAFIA</i> DE MIGUEL PSELO	49
2.1 OS USOS DO PASSADO ROMANO E O LUGAR DA CIDADE DE ROMA	57
2.1.1 ROMANO III ÁRGIRO: UM “TRAJANO FRACASSADO”	57
2.1.2 JOÃO DUCAS: CÉSAR COMO OS CÉSARES?	61
2.1.3 O USO MORALIZANTE DO PASSADO	65
2.1.4 RÔMULO E AS ORIGENS DOS PROBLEMAS NO SENADO	67
2.1.5 VELHA ROMA, NOVA ROMA	69
2.2 ROMANOS E BÁRBAROS: RETÓRICA E IDENTIDADE	75
2.2.1 O IMPÉRIO DOS ROMANOS	75
2.2.2 UMA <i>ROMANITAS</i> POLÍTICO-CULTURAL?	78
2.2.3 O IMPÉRIO E OS BÁRBAROS	83
2.2.4 PODERIA UM BÁRBARO NORMANDO SE TORNAR IMPERADOR?	92
2.3 CONCLUSÕES	102
3 NEGOCIANDO DIFERENÇAS PELA DECADÊNCIA: A <i>HISTÓRIA</i> DE MIGUEL ATALIATA	105
3.1 <i>ROMANITAS</i> EM TEMPOS DIFÍCEIS	109
3.1.1 ROMANIDADE POLÍTICO-CULTURAL	109
3.1.2 DECADÊNCIA POLÍTICO-MILITAR	111
3.2 OCIDENTAIS NA NARRATIVA	113
3.2.1 <i>ALBANOÍ / LATINOÍ</i>	113
3.2.2 <i>FRÁNKOI / LATINOÍ</i>	121
3.2.3 <i>GOTTHOÍ</i>	129
3.2.4 <i>KELTOÍ</i>	130
3.3 CONCLUSÕES	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
REFERÊNCIAS	136
FONTES PRIMÁRIAS	136
OBRAS DE REFERÊNCIA	139

INTRODUÇÃO

O Império Bizantino é muitas vezes encarado por alguns como um monólito de mais de mil anos, cercado por intrigas cortesãs, guerras civis e debates cristológicos infundáveis. Isso, no entanto, é somente uma caricatura de sua história. Ao longo do seu tempo de existência, várias transformações ocorreram, incluindo momentos de declínio e expansão territoriais, reavivamentos intelectuais fincados no conhecimento helênico, debates doutrinários e até mesmo transformações políticas e sociais. A identidade desse império também passou por transformações, que são muitas vezes obliteradas por nossas percepções modernas.

Ao longo de sua história, os bizantinos guardaram um grande orgulho em relação a si mesmos e a seu Império. Para eles, este não constituía um mero fenômeno temporal, como diversos outros reinos e principados ao longo da história, mas estava envolto de sacralidade e de um longo e importante passado histórico, devendo perdurar, numa escatologia político-religiosa, até a segunda vinda de Cristo.¹ Seu império, o qual nós estamos acostumados a chamar de “Império Bizantino” e a entendê-lo como uma espécie de império grego medieval, foi, durante toda sua longa existência, o remanescente Império Romano no Oriente. Em nenhum momento de sua história os “bizantinos” deixaram de acreditar que eram *os romanos*, ou até mesmo os *únicos* verdadeiros romanos.² Termos como “bizantino” são uma imposição moderna retrospectiva que afeta diretamente o modo como entendemos essa sociedade.

A identidade bizantina, quer será o tema central deste trabalho, já apresenta, por tanto, uma grande problemática quando consideramos que esse chamado Império Bizantino nunca existiu. Essa é uma questão realmente interessante que, de modo geral, nos coloca de frente com um triplo desafio a ser resolvido: em primeiro lugar, é necessário desconstruir, sempre que possível, nossas percepções sobre os ditos “bizantinos”, reconstruí-las em suas próprias palavras e depois disso analisarmos como isso influencia sua percepção dos outros.

No século XI, “Bizâncio” ainda era o Império Romano – helenófono e cristão, sim, mas ainda assim romano para seus habitantes. Seus historiadores e cronistas frequentemente apresentam uma profunda noção das raízes históricas dessa instituição política. Naquele momento, este Império estava a beira de importantes transformações. Costumamos, ou deveríamos nos acostumar, a olhar para as Cruzadas como uma espécie de clímax. Elas são,

¹ NICOL, D. M. The Byzantine View of Western Europe. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, Durham, NC, v. 8, n. 4, 1967, p. 315

² NICOL, D. M. The Byzantine View of Western Europe. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, Durham, NC, v. 8, n. 4, 1967, p. 317-319.

portanto, antecedidas de um crescente contato entre as partes, isto é, o Império e seus habitantes e os diversos ocidentais que o adentram por motivos variados. Destes, um grande número pode ser atribuído aos normandos, que chegam a ser utilizados como forças auxiliares militares. Isso cria um terreno fértil para um estudo sobre alteridade, uma vez que o encontro com o diferente força determinado grupo social a estabelecer fronteiras, similaridades e, assim, construir uma imagem tanto do *Eu* quanto do *Outro*, ou, até mesmo, remodelar imagens já existentes.

O presente trabalho visa analisar como dois historiadores desse Império Romano Medieval, Miguel Pselo e Miguel Ataliata, desenvolvem e se apropriam de uma ideia de romanidade que influencia o modo como eles retratam povos oriundos do Ocidente, especialmente os soldados francos/normandos. Suas narrativas, a *Cronografia* e a *História*, respectivamente, são capazes de nos ajudar a reconstruir o *Eu* (“civilizado”, romano) e a partir dele como o *Outro* (“bárbaro”, franco, latino) é percebido. Sendo esse *Outro* barbarizado uma figura relacional, ele “[...] funciona como um espelho contra o qual o ‘homem civilizado’ observa o interior de sua própria natureza”.³ Afinal, quando grupos determinam as fronteiras do que são, determinam também o que não são e, assim, o *Outro* é lido por meio da mediação do *Eu*. Edith Hall descreveu no prefácio de sua obra seminal *Inventing the Barbarian* que “[...] os estereótipos étnicos antigos e modernos, embora revelem quase nada sobre os grupos que pretendem definir, dizem muito sobre a comunidade que os produz.”⁴

Apesar de termos dito que esse período se apresenta como fértil para um estudo desse tipo, ele ainda assim é particularmente difícil porque engloba a “idade das trevas” da etnografia em língua grega. Embora o período intermediário bizantino tenha conhecido um reavivamento dos gêneros literários da Antiguidade, não há nenhuma incursão etnográfica aprofundada em suas produções. Apesar disso, as fontes ainda assim apresentam referências aos ocidentais e a outros povos e, frequentemente, fazem uso de representações dos ocidentais para fins moralizantes. Recentemente, Anthony Kaldellis propôs que Pselo e Coniates fizeram um tipo de “etnografia interna” com a finalidade de demonstrar o que estava acontecendo de errado dentro do Império.⁵ Nessa “autoetnografia” crítica, por exemplo, os estrangeiros figuram como

³ BOLETSI, M. *Barbarism, Otherwise: Studies in Literature, Art, and Theory*. 357 f. Doctoral Thesis - Faculteit der Letteren, Leiden University, Leiden, 2010, p. 64: “[...] functions as a mirror against which the ‘civilized man’ observes the hinterland of his own nature.”

⁴ HALL, E. *Inventing the Barbarian: Greek Self-definition Through Tragedy*. Oxford: Clarendon Press, 1991, p. ix: “[...] ethnic stereotypes, ancient and modern, though revealing almost nothing about the groups they are intended to define, say a great deal about the community which produces them.”

⁵ KALDELLIS, A. *Ethnography after Antiquity: Foreign Lands and Peoples in Byzantine Literature*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 2013, p. 52-53.

exemplos comparativos, o que nos possibilita extrair determinadas imagens que eles construíram para tanto para si quanto para esses grupos e sujeitos vindos de fora.

O leitor pode estranhar a frequência com o qual falaremos de “ocidentais”, mas faremos um uso puramente técnico desse termo. A outra alternativa seria falar de “latinos”, mas esse termo somente se disseminará nas fontes bizantinas a partir do século XII e poderíamos dar a impressão errônea de que ele já se faz presente de forma clara numa fonte do século XI, causando ainda mais confusão com a nomenclatura utilizada nas fontes. Para conseguirmos ressaltar melhor essa nuance, preferimos então utilizar um termo técnico externo às fontes. Ainda assim, sabemos que ocidental pode significar literalmente algo muito abrangente: alguém que está a oeste do Império. Quando utilizamos o termo, estamos nos referindo especificamente aos povos medievais de cultura latina ou germano-latina. Os povos do que atualmente chamamos de Escandinávia, estarão excluídos dessa classificação, embora eles também se façam presentes na sociedade romana medieval em nosso período de análise.

O título deste trabalho invoca os conceitos de integração e barbarização. O primeiro pode ser definido como o processo de incorporação de estrangeiros à estrutura social de uma sociedade; o segundo, como o processo de degradação do *Outro* ao nível de incivilizado, inferior e similares. Algumas nuances serão destacadas neste estudo, como os limites dessa integração no discurso historiográfico e os diferentes aspectos que a barbarização assume em diferentes contextos como reflexo disso. É importante lembrar que essas construções sobre o mundo social não são neutras ou fundamentadas na razão, mas são sempre determinadas por interesses dos grupos que as forjam.⁶ Além disso, num contexto de barbarização, como diante de alguns cenários sociopsicológicos causados por circunstâncias sociais e políticas, representações de “cunho negativo” podem surgir de modo mais nítido entre as demais.⁷ Considerando isso, a metodologia do historiador Anthony Kaldellis em *Ethnography After Antiquity* se mostrou compatível com nossa proposta: uma abordagem literária e comparativa que considera os objetivos políticos dos autores.⁸ Ao dar ênfase aos possíveis interesses de cada historiador, sujeitos ativos na construção e difusão dessas representações, torna-se possível

⁶ CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 17.

⁷ CRISTOFFANINI, P. R. The Representation of 'the Others' as Strategies of Symbolic Construction. In: BLASCO, M.; GUSTAFSSON, J. (Ed.). *Intercultural Alternatives: Critical Perspectives on Intercultural Encounters in Theory and Practice*. Copenhagen: Copenhagen Business School Press, 2004, p. 79-80.

⁸ KALDELLIS, A. *Ethnography after Antiquity: Foreign Lands and Peoples in Byzantine Literature*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 2013, p. viii.

contextualizar e entender essas imagens de acordo com suas posições sociais ou mesmo interesses pessoais.

Assim, nosso interesse na historiografia não envolve extrair a validade histórica das informações ali encontradas, mas sim as representações construídas por seus autores dentro de seus contextos históricos e de suas teias de significados. Representações são, afinal, construções subjetivas que supostamente lidam com a “realidade” do outro.⁹ Em outras palavras, elas não são os objetos dos quais se fala propriamente, mas as construções de imagens, ou discursos, sobre o que se fala. Na interação do *Eu* com o *Outro*, as representações se tornam um elemento constitutivo da realidade, uma vez que são tomadas como o objeto em si por quem as acolhe. A partir dessas representações podemos ter uma melhor ideia das nuances discursivas sobre e mesmo o nível de integração desses ocidentais no Império naquele momento.

Somado a isso, foi também essencial estarmos atentos a questão semântica da construção dos discursos, onde abundam, para utilizarmos o conceito de François Hartog, os “desvios sistemáticos”, que são criados pelos autores quando desenvolvem descrições inteligíveis a seus mundos e aos destinatários finais das obras.¹⁰ Também Pablo Cristoffanini nos lembra que “Nossas crenças e atitudes diante dos outros, as imagens que nós enfatizamos, e as palavras que usamos quando nos referimos a eles possuem consequências e são um importante fator em nossa comunicação”.¹¹ Os arcaísmos empregados pelos bizantinos não denotavam simplesmente uma ignorância grosseira, mas eram formas de categorizar os povos dentro de determinados parâmetros e assim criar meios de compreendê-los. “Cita”, por exemplo, poderia ser qualquer povo que possuísse características nômades e, assim, muitos povos distintos foram considerados citas.¹² Veremos como isso será importante para entendermos melhor os termos usados em nossas fontes para falar dos ocidentais.

Esta dissertação visa dar continuidade aos nossos estudos iniciados na graduação, cujo Trabalho de Conclusão, publicado como artigo científico, foi intitulado *Identidade Romana no*

⁹ CRISTOFFANINI, P. R. The Representation of 'the Others' as Strategies of Symbolic Construction. In: BLASCO, M.; GUSTAFSSON, J. (Ed.). *Intercultural Alternatives: Critical Perspectives on Intercultural Encounters in Theory and Practice*. Copenhagen: Copenhagen Business School Press, 2004, p. 79-80.

¹⁰ HARTOG, F. *O Espelho de Heródoto: Ensaio Sobre a Representação do Outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, p. 49.

¹¹ CRISTOFFANINI, P. R. The Representation of 'the Others' as Strategies of Symbolic Construction. In: BLASCO, M.; GUSTAFSSON, J. (Ed.). *Intercultural Alternatives: Critical Perspectives on Intercultural Encounters in Theory and Practice*. Copenhagen: Copenhagen Business School Press, 2004, p. 79-80: “Our beliefs and attitudes toward the Others, the images that we emphasize, and the words that we use when we refer to them have consequences and they are an important factor in our communication”

¹² KALDELLIS, A. *Ethnography after Antiquity: Foreign Lands and Peoples in Byzantine Literature*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 2013, p. 156.

Império Bizantino: Novas Perspectivas de um Problema de Alteridade.¹³ Nesse trabalho, ou mais precisamente nesse esboço, devido a suas limitações e falhas, realizamos um levantamento bibliográfico, buscando traçar uma breve origem da negação da romanidade bizantina na esfera intelectual ocidental e como historiadores mais recentes revisitaram esse problema. A partir dessa base de referências, foi possível planejar de modo mais adequado um projeto de pesquisa de mestrado cuja proposta girasse em torno de um estudo sobre a romanidade bizantina.

Nossa trajetória com esse assunto, no entanto, remota à diferentes momentos. O interesse por temas sobre identidade e alteridade surge a partir de questões pessoais, uma vez que indagações dessa natureza nos acompanham há alguns anos. Durante a graduação, no entanto, o contato com obras como *A Conquista da América* (1982) de Tzvetan Todorov e *O Espelho de Heródoto* de François Hartog (1980), além de outras leituras no campo da Antropologia Cultural, ajudaram a sedimentar esse interesse pessoal num viés mais acadêmico.¹⁴ O fascínio pela Idade Média mais à Leste logo fez com que este encontro temático fosse possível. Buscando algo além das leituras obrigatórias da disciplina de Estudos Medievais, encontramos *Hellenism in Byzantium* (2007) de Anthony Kaldellis.¹⁵ A leitura deste livro não só estabeleceu nosso interesse pela temática da identidade romana, como definiu nossa escolha por esse campo de estudos, isto é, o dos tão excêntricos Estudos Bizantinos.

No primeiro capítulo deste trabalho, intitulado *Novos Romanos, Novos Bárbaros*, o leitor encontrará uma apresentação do debate historiográfico sobre a identidade bizantina, percorrendo problemas como a periodização do Império, a “disputa” pela herança de Roma e os modos como essa identidade foi interpretada ao longo do tempo, além de situar qual caminho seguiremos neste trabalho. Trata-se de algum modo de uma reescrita do trabalho de graduação mencionado acima, mas abandonando alguns elementos, aprofundando outros e expandindo seu escopo geral. É possível que essa seja a primeira vez que esse assunto é abordado nessa extensão em língua portuguesa, o que pode ajudar futuros interessados. Em seguida, adentramos as relações entre Bizâncio o Ocidente, enfatizando o século XI como uma espécie de prenúncio dos conflitos que poderão ser observados especialmente ao longo das Cruzadas.

No segundo capítulo, *Antes da Tormenta: a Cronografia de Miguel Pselo*, oferecemos interpretação sobre a identidade de Miguel Pselo conectada ao modo como ele, um bastião do

¹³ Ver BERNARDO, G. W. Identidade romana no Império Bizantino: novas perspectivas de um problema de alteridade. *Epígrafe*, São Paulo, v. 6, n. 6, p. 67-104, 2018.

¹⁴ Ver TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999; HARTOG, F. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

¹⁵ Ver KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

conhecimento helênico no século XI, constrói ao longo de sua narrativa uma visão histórica totalmente romana.¹⁶ Esse capítulo foge da abordagem tradicional sobre a *Cronografia*, que se foca em seu helenismo, e busca analisar cada passagem referente a romanidade na obra. Quanto ao título deste capítulo, o Império de Pselo certamente enfrentava muitas tormentas nesse período, mas a tormenta a qual nos referimos são as conflituosas relações que poderão ser observadas em momentos posteriores entre romanos orientais e ocidentais. O leitor certamente notará que a romanidade pseliana será nosso principal foco, e isso se deve pelos ocidentais não ocuparem um destaque relevante na obra. Para contornarmos esse problema, buscamos analisar como os estrangeiros são retratados para então respondermos a uma questão posta nos últimos anos pela historiografia: Pselo poderia apoiar a ascensão de um normando ao trono? Caso positivo, essa seria a principal evidência sobre um possível engajamento historiográfica do autor nessa ampla integração normanda. Seguindo um caminho oposto, apresentaremos uma interpretação divergente de sua principal pista com base em nossa leitura da obra.

No terceiro capítulo, *Negociando Diferenças pela Decadência: a História de Miguel Ataliata*, respondemos a questão se este autor pode ser visto realmente como um forte defensor da integração dos normandos no Império. A romanidade de Ataliata, que já recebeu tratamento mais aprofundado em outros trabalhos, receberá um enfoque menor nesse capítulo. No entanto, graças ao maior número de referências aos ocidentais, poderemos focar numa análise dos termos utilizados pelo autor para se referir a eles – como *albanoí*, *latinoí* e *fránkoi*, entre outros possíveis candidatos, como *gotthoí* e *keltóí* – que nos ajudará a entender algumas dinâmicas da relação imperial com o Sul da Península Itálica e também se podemos considera-lo realmente como uma espécie de “integracionista” da causa normanda. Na obra, os bárbaros aparecem como um contraposto ao lado dos antigos romanos para criticar os romanos de seu tempo. Em nossa análise, o ímpeto em Ataliata é dubio e seu discurso sobre os normandos está sujeito mais a seu objetivo de provar a falha de seus contemporâneos do que de defender uma integração.

Nosso trabalho busca, assim, oferecer uma pequena contribuição para os estudos sobre a romanidade oriental e sobre a representação dos ocidentais no século XI. Buscamos responder algumas lacunas que encontramos e revisar algumas interpretações. Embora possa parecer que este trabalho seja unicamente sobre esses romanos medievais, ele também é de algum modo sobre todos nós. O passado, com sua variada gama de experiências humanas, apresenta-se como um meio de expansão de nossa percepção e análise do mundo. Ao analisarmos como um povo

¹⁶ Uma versão preliminar de parte desse capítulo foi publicada como meio de divulgação desta pesquisa em BERNARDO, G. W. “Rômulo foi o primeiro a inicial tal confusão”: o passado romano e a percepção da cidade de Roma na Cronografia de Miguel Pselo. *Mythos*, Imperatriz, MA, n. 4, p. 325-360, 2021.

do passado reagiu diante do contato com o *Outro*, podemos ter sua experiência histórica como um meio de praticarmos uma melhor autoconsciência de nossa experiência contemporânea.

1 NOVOS ROMANOS, NOVOS BÁRBAROS

1.1 O MAL-ESTAR NA PERIODIZAÇÃO

Não é uma novidade que historiadores se utilizam frequentemente de convenções que tornam seu trabalho possível. Ao trabalhar com determinado assunto, o historiador contemporâneo se depara com algumas dessas convenções que foram sedimentadas no campo por seus antecessores, em alguns casos há dois ou mais séculos atrás. Dessas convenções do ofício, as periodizações são o principal exemplo, pois, afinal, são elas que tornam os fatos históricos de algum modo compartimentados em períodos temporais, facilitando a análise historiográfica. Sem ela, teríamos acontecimentos sucessórios desconexos, como uma correnteza de experiências humanas cruas prestes a desaguar no oceano do passado.¹⁷ Seria, como nas palavras atribuídas ao historiador inglês Arnold J. Toynbee (1889-1975), lembradas didaticamente por Shaun Tougher, *just one damned thing after another*.¹⁸

Segundo Tougher, estamos tão acostumados a pensar a história por meio dessas categorizações que esquecemos que não há nada de auto evidente sobre elas.¹⁹ Poderíamos aqui dizer que elas nascem a partir da necessidade das pessoas, ou mais precisamente da comunidade de historiadores e de outros estudiosos, em compartimentar essa imensidão oceânica que denominamos “passado”. Para tal, os historiadores procuram olhar para algumas conjunturas e processos e então delimitar onde algo começa e termina para fins de análise. Tal exame, por mais criterioso que possa ser, não é de modo nenhum neutro: ele envolve escolhas pessoais e consensos estabelecidos por outros estudiosos. Provando-se útil e sendo aceito, sustentar-se-á pela própria comunidade acadêmica que se utilizará dele como uma ferramenta técnica.

Para entendermos essa questão da parcialidade, tomemos por exemplo o uso do termo “Idade Média”, uma convenção bastante antiga que antecede a História como disciplina acadêmica e cuja problemática é bastante evidente a todos que estudam o período. Originalmente uma forma dos eruditos renascentistas, os então modernos, de delimitarem aquele período considerado opróbrio que vinha entre um passado tido como glorioso e um presente que também se pretendia sê-lo pela redescoberta deste passado, sua formulação já

¹⁷ Sobre o conceito de “periodização”, ver RITTER, H. *Dictionary of Concepts in History*. New York: Greenwood Press, 1986, p. 313-318.

¹⁸ TOUGHER, S. Periodization. In: LOUGHRAN, T. *A practical guide to studying history: skills and approaches*. London: Bloomsbury Academic, 2017, p. 31.

¹⁹ TOUGHER, S. Periodization. In: LOUGHRAN, T. *A practical guide to studying history: skills and approaches*. London: Bloomsbury Academic, 2017, p. 31.

envolve um julgamento de valor sobre aquele período.²⁰ Assim, a partir de uma determinada perspectiva, de uma visão de mundo, categorizou-se uma determinada conjuntura histórica. Embora os historiadores profissionais ainda debatam sobre a pertinência ou validade de seu uso, o termo continua em voga no vocabulário historiográfico.²¹ Não obstante sua permanência, continua sendo sempre ao menos bem-vindo apontar seus problemas, ressaltando o que ele significava quando surgira para fugir de suas possíveis conotações depreciativas, o que de todo modo se torna um alerta para a necessidade de se entender esse período por meio de suas próprias características e não a partir da visão obscurecida lançada no século XIV.

Para fins de comparação, tenhamos em mente o termo “Antiguidade Tardia”, nascido em um contexto acadêmico e sem a origem evidentemente depreciativa do anterior. O classicista James J. O’Dennell é perspicaz quando questiona qual seria nosso entendimento sobre esse período se ele não fosse tratado como um derivativo de algo e tivesse seu próprio nome.²² É certo que os termos que usamos e as delimitações que criamos acabam surtindo um efeito retrospectivo sobre nossos objetos de pesquisa. Em outro exemplo, o classicista Kaj Sandberg argumenta que os historiadores estão tão acostumados a falar em uma divisão do Império Romano em 395 d.C. que esquecem que uma divisão formal nunca existira e que ela é uma convenção moderna – “Império Romano do Ocidente” e “Império Romano do Oriente” não são termos da época, mas algo que inventamos para falarmos das duas administrações do Império Romano após a morte do imperador Teodósio I (347-395). O autor está convicto que embora tais convenções facilitem o trabalho dos historiadores, elas na prática “[...] influenciam as percepções dos processos históricos e, de fato, os próprios caminhos que os estudiosos selecionam e apresentam seu material”.²³ Assim, precisamos reconhecer que embora tais convenções sejam um esforço necessário para tornar viável nosso ofício, uma vez que lhe é inerente visualizar, categorizar e (re)significar o passado, é necessária atenção aos efeitos subconscientes dessas convenções, que escapam a nossas vistas avezadas.

²⁰ Ver SULLIVAN, R. What were the Middle Ages? *The Centennial Review of Arts & Science*, v. 2, p. 167-194, 1958; AMALVI, C. “Idade Média”. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J.-C. (Org.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2006. p. 537-550; TOUGHER, S. Periodization. In: LOUGHRAN, T. *A practical guide to studying history: skills and approaches*. London: Bloomsbury Academic, 2017, p. 31-32.

²¹ Ver, por exemplo, MURRAY, A. Should the Middle Ages be Abolished? *Essays in Medieval Studies*, [s.l.], v. 21, p. 1-22, 2004.

²² O’DONNELL, J. J. Late Antiquity: Before and After. *Transactions of the American Philological Association*, v. 134, n. 2, 2004, p. 210.

²³ SANDBERG, K. The So-Called Division of the Roman Empire in AD 395. Notes on a Persistent Theme in Modern Historiography. *Arctos*, [s.l.], v. 42, 2008, p. 199.

Dito isso, podemos começar a apontar os problemas em torno do termo *Império Bizantino* e especialmente suas implicações para o estudo de sua identidade. *Bizâncio* é um caso exemplar desse problema, uma vez que aquele organismo social, cultural e político nunca existiu sob este nome. É amplamente repetido atualmente em qualquer trabalho sobre o mesmo que os ditos *bizantinos* se chamavam de *romanos* e que seu Estado era visto nada mais, nada menos, como o próprio Império Romano. Por esses termos, referimo-nos a antiga parte oriental do Império Romano após a ruptura da administração imperial no Ocidente em finais do século V – ainda que, não obstante o desaparecimento da parte ocidental, é usual que se fale ainda de um *Império Romano do Oriente*, mesmo que essa divisão não faça mais sentido nesse contexto. Como esses termos são uma convenção historiográfica e este império não teve uma data de fundação, o evento que os historiadores escolhem para falar de seu início, muitas vezes remontando à consagração de Constantinopla em 11 de maio de 330 d.C., que será a sede dessa administração oriental, é igualmente uma convenção historiográfica. Afinal, Constantino, um imperador romano, não estava rompendo com Roma ou criando nenhum novo império.

O Império Bizantino era institucionalmente o Império Romano. Isso não significa que esse remanescente Império Romano não possuísse, em termos culturais, sociais e históricos, características próprias. Algumas dessas características foram determinantes para que os estudiosos traçassem as origens das transformações que levaram o Império Romano a se tornar aquilo que chamamos de “Império Bizantino”, especialmente em seu período medieval. É, portanto, esse Império Romano basicamente cristão e helenófono que chamamos de Bizâncio. Mas há uma ideia oculta muito precisa por trás dessa convenção. Por exemplo, em nossos tempos, quando chamamos de alemães o povo que se intitula de *Deutschen*, não estamos negando que eles sejam o que eles se dizem ser. Quando chamamos esses romanos orientais de “bizantinos”, estamos, ao contrário, negando-lhes sua autoidentificação. Isso, no entanto, oblitera totalmente qualquer estudo sobre a identidade imperial e a de seus habitantes. Para nos ajudar a compreender o longo histórico deste problema, que será um elemento importantíssimo nesta pesquisa, devemos partir agora para as camadas mais profundas dessa discussão.

1.1.1 IDENTIDADE EM DISPUTA EM MEIO A DISPUTA PELA IDENTIDADE

Como dito, o termo *Império Bizantino* é uma convenção que nos tramite a ideia de que estamos falando de algo realmente novo, no fim do Império Romano e início de uma entidade social, cultural e política nova. Esse não é um assunto recente na historiografia sobre o Império. A questão se as rupturas são realmente tão fortes a ponto de precisarmos nomear essa fase

posterior com outro nome já foi uma questão incômoda para alguns. O historiador irlandês J. B. Bury (1861-1927) considerava a nova nomenclatura enganosa, tornando a história posterior do Império Romano incompreendida. Ele dedicou uma parte significativa do prefácio de um de seus trabalhos atacando a mesma.²⁴ Por um outro lado, seu crítico belga-americano Paul Van Den Ven (1879-1973) acreditava que a essência de “Bizâncio” não era romana, sendo portanto justificável que os historiadores dessem outro nome que correspondesse a essa outra natureza.²⁵ É possível perceber em Den Ven a tendência persistente de alguns em postular Roma como algo que pertence à Antiguidade e ao Ocidente, enxergando transformações como o fim das coisas como elas são idealizadas, ignorando assim que para os próprios ditos bizantinos tal ruptura era simplesmente inexistente. É, acima de tudo, um julgamento de valor sobre o passado: esse império oriental, especialmente na Idade Média, não é *verdadeiramente* Roma, mas sim outra coisa, o que justifica o uso de convenções artificiais para se falar sobre ela.

Para o estudo da identidade de um grupo, isso é extremamente problemático, pois o modo como rotulamos os outros importa, especialmente se negamos como eles se rotulam, pois isso influencia diretamente o modo como os entendemos. O recente debate sobre identidade romana em Bizâncio, que adentraremos mais adiante, elucidou significativamente os problemas em torno da negação dessa identidade. Por exemplo, Yannis Stouraitis ressaltou que o uso do termo técnico *bizantino* impõe ocultamente um viés ao historiador moderno de que a identidade coletiva dessa sociedade deve ser chamada e, assim, entendida de maneira diferente.²⁶ Como lidar com esse problema? Poderíamos propor uma revisão radical em nossos termos técnicos, como propusera de algum modo Bury. No entanto, pesaria contra qualquer tentativa de ruptura radical toda a tradição e o aparato acadêmico criado em torno dela; seria algo parecido com acabarmos de um dia para o outro com o termo Idade Média. Sabemos que esses termos são problemáticos, mas ainda assim eles persistem. Para o bem ou para o mal, como ferramentas, eles continuam servindo para a realização do trabalho historiográfico. O que precisamos ter é a consciência sobre o que reside por trás das convenções que criamos e utilizamos.

Para o estudo das identidades, no entanto, o termo se apresenta como um mal muito mais sério, pois, se partirmos do viés anacrônico da negação, perdemos o peso da

²⁴ Ver BURY, J. B. *A History of the Later Roman Empire: From Arcadius to Irene (395 A.D. to 800 A.D.)*. London: Macmillan and Co, 1889. v. 1, p. v-xii.

²⁵ VEN, P. V. D. When did the Byzantine Empire and Civilization come into being? In: ANNUAL MEETING OF THE AMERICAN HISTORICAL ASSOCIATION, 32, 1916. Cincinnati. *Proceedings...* Washington: American Historical Association, 1919, v. 1, p. 229-309.

²⁶ STOURAITIS, Y. Roman identity in Byzantium: a critical approach. *Byzantinische Zeitschrift*, Berlin, v. 107, n. 1, 2014, p. 175.

autoidentificação. Quando falamos sobre identidade, termos realmente importam, ou pelo menos o uso que fazemos deles. Se não estivermos atentos a isso, estaremos esvaziando algo significativo de seu conteúdo e suas implicações para aquela sociedade como um todo. Tratando sobre as concepções étnicas e raciais no Medieval e na Modernidade, o medievalista Robert Barlett ilustra por que isso deve ser importante em nossos trabalhos:

Na década de 1930, muitas pessoas que se consideravam alemães ouviram que não o eram; eles eram, ao invés disso, judeus. Fez uma grande diferença qual rótulo pegou. *Essa rotulagem e auto rotulagem é também estratégica e situacional. Identificar a si mesmo ou outros dessa maneira é quase invariavelmente reivindicar algo ou negar algo.* Chamar-se ou ser chamado de “negro”, “britânico”, “irlandês” ou “judeu” não é uma declaração neutra do óbvio, mas uma afirmação política e histórica, com implicações para os direitos e relacionamentos de uma pessoa.²⁷

Embora os efeitos dessa nomenclatura sejam somente retrospectivos no caso bizantino, ela na verdade diz muito sobre como a visão da Europa sobre si mesma e sobre como isso influencia diretamente a forma como a identidade de uma civilização já extinta pode ser vista. Bury não estava errado em dizer em finais do século XIX que este é um termo politicamente perigoso.²⁸ Negar que esses romanos orientais são de algum modo romanos não é uma tendência moderna, mas uma bagagem que o Ocidente e sua historiografia carregam, antecedendo inclusive a criação do termo. Os bizantinistas já estiveram acostumados a dizer que, embora se digam romanos, a “verdadeira identidade” desses seria grega ou mesmo bíblica.²⁹

1.1.2 HELENITAS VS. CHRISTIANITAS

Para o historiador alemão Fred Haenssler, a designação do império oriental como “grego” regressa a finais do século VIII, coincidindo assim com o alinhamento do Papado com

²⁷ BARLETT, R. Medieval and Modern Concepts of Race and Ethnicity. *Journal of Medieval and Early Modern Studies*, [s.l.], v. 31, n. 1, 2001, p. 40, grifo nosso: “In the 1930s many people who considered themselves Germans were told they were not; they were Jews instead. It made a good deal of difference which label stuck. *This labelling and self-labelling is also strategic and situational. To identify oneself or others in this way is almost invariably to claim something or deny something.* To call oneself, or be called, “black” or “British” or “Irish” or “Jewish” is not a neutral statement of the obvious but a political and historical assertion, with implications for one’s rights and relationships.”

²⁸ BURY, J. B. *A History of the Later Roman Empire: From Arcadius to Irene (395 A.D. to 800 A.D.)*. London: Macmillan and Co, 1889. v. 1, p. ix.

²⁹ Um recente balanço sobre esse problema pode ser visto em KALDELLIS, A. *Romanland: Ethnicity and Empire in Byzantium*. Boston: Harvard University Press, 2019, p. 11-32. Nossa abordagem enfatizará alguns pontos diferentes, mas vale a pena lê-la em conjunto com a do autor.

os francos.³⁰ Mas há motivos para cremos que essa negação remonte mesmo a momentos anteriores. Segundo Laury Sarti, autores merovíngios deixaram gradualmente a partir do século III de designar o império oriental como *romanus* e começaram a empregar o termo *graecus*, embora o ponto culminante seja realmente o século VIII, quando o termo já não possuía mais nenhuma aplicação ao Oriente. O termo “grego”, por sua vez, não estava isento de uma conotação negativa: Sarti acredita que, embora as evidências sejam relativamente escassas, há uma continuidade entre os preconceitos clássicos dos romanos em relação aos gregos como afeminados, dissolutos e corruptos até o seu uso pela corte carolíngia. Além disso, o termo *graecus* ganhou uma conotação religiosa negativa, associada a heterodoxia e a tendência ao cisma, especialmente na percepção ocidental sobre os imperadores iconoclastas. Assim, o costume de não considerar esses romanos orientais como verdadeiros romanos remonta a tempos mais recuados e às disputas com o Papado, embora podemos enxergar seu ápice no uso político da negação na ascensão da dinastia carolíngia como restauradora do Império.³¹

Essas transformações da percepção do império oriental como ilegitimamente romano é algo que perdurou no Ocidente séculos adiante. Após a Queda de Constantinopla em 29 de maio de 1453 e o surgimento do Renascimento, os intelectuais italianos continuaram a tradição de negar a romanidade dos orientais. Como Han Lamers aponta, Flavio Biondo (1392-1463) considerava as guerras góticas como sendo travadas entre godos e gregos, embora Justiniano seja chamado de imperador romano. A ideia do *translatio imperii* dos “gregos” aos carolíngios e posteriormente aos otônianos era o que imperava. Nessas narrativas renascentistas, os bizantinos só eram excepcionalmente chamados de romanos até o momento anterior à coroação de Carlos Magno, mas de modo geral a grande maioria dos textos da época os chamam de gregos mesmo nos períodos anteriores, isto é, gregos sob domínio romano.³²

No entanto, Lamers afirma que os humanistas italianos estavam interessados em reivindicar não uma transferência política para eles, mas sim uma cultural. Assim, a herança romana é reivindicada como latina e não grega e, portanto, pertencentes a eles. Essa ideia aparece em Coluccio Salutati (1332-1406), Leonardo Bruni (1370-1444), Lorenzo Valla (1407-1457) e Sabellico (1436-1506). Embora os intelectuais bizantinos emigrados tentaram num primeiro momento negociar a aproximação apelando a uma romanidade histórica comum, eles

³⁰ Infelizmente não tivemos acesso a obra. Nossa referência vem de SARTI, L. From Romanus to Graecus. The identity and perceptions of the Byzantines in the Frankish West. *Journal of Medieval History*, [s.l.], p. 1-20, 2018.

³¹ SARTI, L. From Romanus to Graecus. The identity and perceptions of the Byzantines in the Frankish West. *Journal of Medieval History*, [s.l.], p. 1-20, 2018.

³² LAMERS, H. *Greece Reinvented: Transformations of Byzantine Hellenism in Renaissance Italy*. Leiden: BRILL, 2015, p. 64-67.

foram enfaticamente chamados de gregos na Península Itálica e precisaram se adaptar a isso para conseguirem se encaixar na nova realidade. Tal situação, no entanto, tornou-se relativamente positiva na medida em que os humanistas após Francisco Petrarca (1304-1374) demonstravam interesse não só do conhecimento latino, mas também do grego.³³

É nesse contexto que posteriormente os estudos sobre o império oriental estarão ancorados. Quando, no século XVI, os alemães começam a se interessar pela experiência oriental devido a ameaça otomana e as disputas denominacionais entre católicos e protestantes, o humanista Hieronymus Wolf (1516-1580), que trabalhava na biblioteca de Johann Jakob Fugger (1516-1575), fica encarregado de traduzir ao latim fontes bizantinas sob a tutela dessa família que estava envolvida em trocas comerciais com os otomanos. Wolf, um amante do mundo clássico, não tinha a menor simpatia pelos romanos orientais e considerava os otomanos como um povo muito mais digno de existência. É atribuída a ele a invenção do termo *bizantino* ao usá-lo para nomear sua coleção, chamada *Corpus Historiae Byzantinae*.³⁴ Se o termo demonstra uma tendência classicizante,³⁵ ele também, mais uma vez, prova que denominar o império como romano estava fora de questão. Quando os franceses assumem a continuação da empreitada, publicando em 1668 o *Corpus Scriptorum Historiae Byzantinae*, também chamado de *Bizantine du Louvre*, o termo foi cada vez mais ganhando espaço. Du Cange (1610-1688), também envolvido nesse projeto, publicou uma *Historia Byzantina* em 1680.³⁶

Seria errôneo, todavia, projetar a esse momento a completa conceitualização dos termos como temos atualmente. Como Jean-Michel Spieser notou ainda em 1995, a história dos termos do século XVII em diante ainda precisa ser escrita. Ele demonstra que embora DuCange tenha intitulado uma publicação como *Historia Byzantina* e outra como *Familiae Byzantinae*, ambas em latim, ele parece nunca ter usado o termo Império Bizantino em francês. Ele faz, todavia, uso amplo dos termos *empire de Constantinople*, *bas-empire*, *empire oriental* e *empire grec*; o último, inclusive, é usado como uma forma de deslegitimação do Império.³⁷ Portanto, o uso do termo num primeiro momento não acabou com a ideia de que os romanos orientais eram

³³ LAMERS, H. *Greece Reinvented: Transformations of Byzantine Hellenism in Renaissance Italy*. Leiden: BRILL, 2015, p. 67-86.

³⁴ REINSCH, D. R. Hieronymus Wolf as Editor and Translator of Byzantine Texts. In: MARCINIAK, P.; SMYTHE, D. C. (Ed.). *The Reception of Byzantium in European Culture since 1500*. Abingdon: Routledge, 2016. p. 43-53.

³⁵ Bizâncio é o antigo nome da cidade sob a qual Constantinopla foi edificada.

³⁶ Ver SPIESER, J.-M. Du Cange and Byzantium. In: CORMACK, R.; JEFFREYS, E. (Ed.). *Through the Looking Glass: Byzantium through British Eyes*. Aldershot: Ashgate Variorum, 2000. p. 199-210.

³⁷ SPIESER, J.-M. Du Cange and Byzantium. In: CORMACK, R.; JEFFREYS, E. (Ed.). *Through the Looking Glass: Byzantium through British Eyes*. Aldershot: Ashgate Variorum, 2000, p. 209-210.

gregos. Vale notar que, num trabalho recente, Anthony Kaldellis especulou que esses termos provavelmente ganharam espaço somente após 1850 numa tentativa de minar as aspirações do então recém criado estado grego em reviver uma espécie de “Império Grego” sob a égide do ortodoxo Império Russo, tornando essa identidade imperial mais esvaziada etnicamente.³⁸

Não obstante, no século seguinte, permanece a impressão de que os bizantinos eram vistos ainda como gregos, mesmo que de segunda categoria. Montesquieu (1689-1755) afirma sua obra *Considerações sobre as causas da grandeza dos romanos e de sua decadência* de 1734 que “A história do Império Grego – e é assim que chamaremos doravante o Império Romano – é somente uma trama de revoltas, de sedições e de perfídias.”³⁹ Perceba que além da imposição da ruptura há um claro julgamento de valor. Durante o século das luzes, Bizâncio passará pelo filtro de sua estreita perspectiva secular, sendo, de modo geral, visto como a encarnação do Absolutismo e da união repulsiva entre Estado e Igreja.⁴⁰ Isso melhor se reflete em autores como, além do já supracitado Montesquieu, Voltaire (1694-1778), August Ludwig von Schlözer (1735-1809) e Edward Gibbon (1737-1794).⁴¹ Este último, autor da magistral *História do declínio e queda do Império Romano* de 1776, termina sua história romana com a queda de Constantinopla em 1453. No entanto, além de alimentar o mesmo desdém pela história bizantina, Gibbon empregará os termos “Império Grego” e “imperadores gregos” livremente,⁴² e afirmará que os súditos do Império Bizantino “[...] assumem e desonram os nomes tanto dos gregos quanto dos romanos [...]”.⁴³ Notemos que tanto Montesquieu quanto Gibbon ainda veem

³⁸ KALDELLIS, A. *Romanland: Ethnicity and Empire in Byzantium*. Boston: Harvard University Press, 2019, p. 15-16.

³⁹ MONTESQUIEU. *Considerações sobre as causas da grandeza dos romanos e de sua decadência*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 160.

⁴⁰ ANGELOV, D. G. Byzantinism: The Imaginary and Real Heritage of Byzantium in Southeastern Europe. In: KERIDIS, D.; ELIAS-BURSAĆ, E.; YATROMANOLAKIS, N. (Ed.). *New approaches to Balkan studies*. Dulles: Brassey's, 2003, p. 7-9; MISHKOVA, D. The Afterlife of a Commonwealth: Narratives of Byzantium in the National Historiographies of Greece, Bulgaria, Serbia and Romania. In: DASKALOV, R.; VEZENKOV, A. (Ed.). *Entangled Histories of the Balkans*. Leiden: BRILL, 2015. v. 3, p. 124-127.

⁴¹ Ver GUILLOU, A. Le siècle des lumières. *Jahrbuch der Österreichischen Byzantinischen Gesellschaft*, [s.l.], n. 15, p. 27-39, 1966; MISHKOVA, D. The Afterlife of a Commonwealth: Narratives of Byzantium in the National Historiographies of Greece, Bulgaria, Serbia and Romania. In: DASKALOV, R.; VEZENKOV, A. (Ed.). *Entangled Histories of the Balkans*. Leiden: BRILL, 2015. v. 3, p. 124-127.

⁴² Ver GIBBON, E. *The Decline and Fall of the Roman Empire*. New York: The Modern Library, [s.d.]. v. 2; GIBBON, E. *The Decline and Fall of the Roman Empire*. New York: The Modern Library, [s.d.]. v. 3.

⁴³ GIBBON, E. *The Decline and Fall of the Roman Empire*. New York: The Modern Library, [s.d.]. v. 2, p. 866: “[...] assume and dishonour the names both of Greeks and Romans, [...]”.

a história romana se estendendo até a queda de Constantinopla. Segundo André Guillon, será Schlözer o primeiro a fazer uma separação entre a história “grega medieval” e romana.⁴⁴

Do período tardio do Iluminismo e o subsequente surgimento dos modernos nacionalismos europeus, Bizâncio será não somente algo sobre o qual os ocidentais se debruçam livremente segundo seus próprios parâmetros, mas também algo passível de ser apropriado ou não pelas emergentes nações dos Bálcãs após o longo período de dominação otomana, em especial a nação grega. Há um vasto território passível de ser coberto quanto a esse assunto, especialmente sobre as ideias e movimentos que circularam até a eventual vitória do nacionalismo de molde “helênico”,⁴⁵ isto é, o movimento liderado pelos intelectuais neo-helênicos como Adamántios Koraís (1748-1787) que formavam o chamado “Iluminismo Grego”, os principais responsáveis pela construção ideológica do novo estado.⁴⁶

Mas qual o contexto anterior? Isto é, após a desintegração do Império, como a comunidade helenófona se definia sob a administração otomana? Esse não nos parecer ser um assunto bastante explorado pela historiografia.⁴⁷ De modo geral, os autores que pudemos analisar afirmam a continuidade do uso da identificação de romano durante o período otomano por parte dos helenófonos.⁴⁸ Dimitris Livianos, por exemplo, considera que a sobrevivência das palavras “cristão” e “romano” exhibe uma persistência surpreendente.⁴⁹ Somente Molly Greene

⁴⁴ GUILLOU, A. Le siècle des lumières. *Jahrbuch der Österreichischen Byzantinischen Gesellschaft*, [s.l.], n. 15, 1966, p. 34.

⁴⁵ Observa-se geralmente um embate entre duas principais correntes, uma “romaica”, que apelava às tradições populares e religiosas, à língua demótica e à própria autoidentificação das camadas mais baixas, e outra “helênica”, deslocada à um passado clássico e relacionada com as próprias expectativas europeias durante o período do filelismo. Ver, por exemplo, HERZFELD, M. *Ours Once More: Folklore, Ideology, and the Making of Modern Greece*. Rev. ed. New York: Berghahn Books, 2020, especialmente os capítulos 2 e 3.

⁴⁶ Para Koraís, ver especialmente AUGUSTINOS, O. *Philhellenic Promises and Hellenic Visions: Koraís and the Discourses of the Enlightenment*. In: ZACHARIA, K. (Ed.). *Hellenisms: Culture, Identity, and Ethnicity from Antiquity to Modernity*. Aldershot: Ashgate, 2008. p. 169-200.

⁴⁷ Como Kaplanis escrevera ainda em 2014: “Infelizmente, a história do termo do século XVI em diante (e especialmente no período em que se tornou desinstitucionalizado, isto é, após o estabelecimento do estado-anção 'helênico') foi não adequadamente explorada [...]”. KAPLANIS, T. A. *Antique Names and Self-Identification: Hellenes, Graikoi, and Romaioi from Late Byzantium to the Greek Nation-State*. In: TZIOVAS, D. *Re-imagining the Past: Antiquity and Modern Greek Culture*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 85, tradução nossa.

⁴⁸ Ver MANTOUVALOU, M. *Romaioi-Romios-Romiossyni: La notion de “Romain” avant et après la chute de Constantinople*. *Epistimonikí Epetirís tis Philosophikís Skholís tou Panepistimíou Athinón*, [s.l.], v. 28, p. 169-198, 1978-1985; LIVANIOS, D. *The Quest for Hellenism: Religion, Nationalism and Collective Identities in Greece (1453-1913)*. *The Historical Review/La Revue Historique*, [s.l.], v. 3, 2006, p. 39; KAPLANIS, T. A. *Antique Names and Self-Identification: Hellenes, Graikoi, and Romaioi from Late Byzantium to the Greek Nation-State*. In: TZIOVAS, D. *Re-imagining the Past: Antiquity and Modern Greek Culture*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 81-97.

⁴⁹ LIVANIOS, D. *The Quest for Hellenism: Religion, Nationalism and Collective Identities in Greece (1453-1913)*. *The Historical Review/La Revue Historique*, [s.l.], v. 3, 2006, p. 39.

questionou a continuidade do termo, especulando que ele desaparece em algum momento após a Conquista de Constantinopla em 1453, coincidindo assim com o declínio da aristocracia bizantina e o uso do termo *rumi* pela aristocracia muçulmana da Anatólia. Quando a aristocracia helenófono de Constantinopla, os fanariotes, ressurgiu no século XVIII, o termo então reapareceria, sendo empregado oficialmente tanto no título otomano oficial do Patriarca de Constantinopla quanto para designar o *Milleti Rum*.⁵⁰ No entanto, o trabalho publicado por Tassos A. Kaplanis um ano antes do de Greene parece minar a princípio essa especulação. Analisando quantitativa e qualitativamente os registros das palavras *hállēnes*, *rōmaioí* e *graikoí* no Thesaurus Linguae Graecae (TLG), Kaplanis pode observar 15.434 ocasiões em que a palavra *rōmaioí* aparece entre os séculos X-XVII d.C, sendo cerca de 15.000 vezes usada para autodesignação. Comentando sobre esse tópico especificamente, ele afirma que

Nos séculos anteriores ao Iluminismo Grego (1774-1821), o povo ortodoxo de língua grega vivendo nos Bálcãs e na bacia do Mediterrâneo oriental usavam o nome Romaioi/Romioi para se descrever. Isso não é algo que pode ser seriamente contestado, e os expoentes de uma historiografia nacionalista estão cientes disso, apesar de estarem prontos para deixá-lo de lado. [...] Ainda assim, goste-se ou não, permanece o fato de que o termo Romaioi/Romioi apresenta uma notável continuidade como termo de autodesignação do século IV ao XIX (ou mesmo ao século XX), e é na verdade o único termo de autodesignação que aparece constantemente em todos os períodos (em um intervalo de tempo de 1500 anos) em todos os gêneros (histórico, literário, religioso etc.), em ambos os contextos formais e informais, em textos tanto eruditos quanto populares (impressos, manuscritos e orais), produzidos por autores que vêm da mais ampla gama possível de origens sociais e educacionais (de imperadores e funcionários da corte altamente educados a padres moderadamente bem-educados e gerais muito pouco alfabetizados).⁵¹

⁵⁰ GREENE, M. *Edinburgh History of the Greeks, 1453 to 1768: The Ottoman Empire*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015, p. 50-52. Para a identidade *rumi* muçulmana, ver KAFADAR, C. A Rome of One's Own: Reflections on Cultural Geography and Identity in the Lands of Rum. *Muqarnas*, [s.l.], v. 24, p. 7-25, 2007. Para o uso da palavra *rum* no título patriarcal e no *Milleti Rum*, ver KONORTAS, P. From Tâ'ife to Millet: Ottoman Terms for the Ottoman Greek Orthodox Community. In: GONDICAS, D.; ISSAWI, C. (Ed.). *Ottoman Greeks in the Age of Nationalism: Politics, Economy, and Society in the Nineteenth Century*. Princeton, NJ: The Darwin Press, 1999, p. 172-175. Embora Greene enfatize a elite fanariote, sua especulação não explica o caráter popular da identidade “romaica” quando do início da Guerra de Independência Grega no século XIX ou o próprio uso de *romioi* como forma de identificação entre a população comum. Ver HERZFELD, M. *Ours Once More: Folklore, Ideology, and the Making of Modern Greece*. Rev. ed. New York: Berghahn Books, 2020; LEONTIS, A. Topography of Hellenism: Mapping the Homeland. Ithaca: Cornell University Press, 1995, p. 189-199; FERMOR, P. L. *Roumeli: Travels in Northern Greece*. London: John Murray, 1966; TSIMOURIS, G. From Christian Romioi to Hellenes: some Reflections on Nationalism and the Transformation of Greek Identity in Asia Minor. *Deltío Kéntrou Mikrasiatikón Spoudón*, [s.l.], v. 17, p. 277-297, 2011. Para a persistência ainda em nossos dias, ver, por exemplo, o importante trabalho com história oral de HALSTEAD, H. *Greeks without Greece: Homelands, Belonging, and Memory amongst the Expatriated Greeks of Turkey*. London: Routledge, 2019, p. 59-86.

⁵¹ KAPLANIS, T. A. Antique Names and Self-Identification: Hellenes, Graikoi, and Romaioi from Late Byzantium to the Greek Nation-State. In: TZIOVAS, D. *Re-imagining the Past: Antiquity and Modern Greek Culture*. Oxford:

O autor nota que não devemos esperar um significado estático do termo em diferentes períodos, lugares e contextos.⁵² Os significados de termos como esse precisam sem dúvidas ser analisados dentro de delimitações específicas para não sofrermos de fáceis anacronismos. Infelizmente, até onde pudemos pesquisar, a pouca produção sobre o tema não nos dá uma resposta satisfatória sobre os significados dessa identificação ao longo dos séculos de dominação otomana.⁵³ Seja como for, não é um absurdo esperarmos algum tipo de transformação durante o período otomano. Podemos assumir a princípio que a única razão

Oxford University Press, 2014, p. 84-86: “In the centuries before the Greek Enlightenment (1774–1821), the Greek-speaking Orthodox people living in the Balkans and the eastern Mediterranean basin used the name Romaioi/Romioi to describe themselves. This is something that cannot be seriously challenged, and the exponents of a nationalistic historiography are aware of it, despite their readiness to brush it aside. [...] Still, whether one likes it or not, the fact remains that the term Romaioi/Romioi displays a remarkable continuity as a term of self-designation from the fourth to the nineteenth (or even the twentieth) century, and is actually the only term of self-designation that appears constantly in all periods (in a time span of 1,500 years), in all genres (historical, literary, religious, etc.), in both formal and informal contexts, in both learned and popular texts (printed, handwritten, and oral), produced by authors who come from the widest possible range of social and educational backgrounds (from emperors and highly educated court officials to moderately well-educated priests and barely literate generals).”

⁵² KAPLANIS, T. A. *Antique Names and Self-Identification: Hellenes, Graikoi, and Romaioi from Late Byzantium to the Greek Nation-State*. In: TZIOVAS, D. *Re-imagining the Past: Antiquity and Modern Greek Culture*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 86.

⁵³ Livianos, por exemplo, enfatiza um conteúdo religioso, igualando de certo modo “romano” e “cristão”, excluindo qualquer uso para diferenciação étnica. O problema com a análise de Livianos é que embora seu artigo cubra o período de 1453 a 1835, seu principal foco são os séculos XVIII e XIX, tornando difícil afirmarmos que essa visão pode ser projetada também entre os séculos XV e XVII, mesmo que ele enfatize de certa forma uma continuidade da ideia atualmente questionada por alguns estudiosos de uma “commonwealth bizantina”. A análise de Livianos se foca muito no período em que o Milleti Rum, estrutura que abarcava todos os cristãos ortodoxos, estava sedimentado sob a liderança do Patriarca de Constantinopla e no discurso ecumênico difundido durante esse período, sem, todavia, analisar os possíveis interesses por trás do mesmo (embora esse não seja exatamente o caso do autor, assume-se frequentemente que toda a comunidade cristã ortodoxa foi classificada como rum durante esse período e que o Patriarca de Constantinopla foi posto, dentro do sistema dos milletli, as comunidades religiosas do Império Otomano, na liderança do Milleti Rum. Pakasevas Konortas demonstrou como essa visão é errônea e projeta no passado algo que somente foi sedimento no século XVIII). Temeroso dos perigos do anacronismo nacionalista, o autor evita ver qualquer tensão dos membros desse grupo como como sinal de diferenças étnicas. Por sua vez, Victor Roudometof afirma que o senso de pertencimento a diferentes unidades culturais ou comunidades étnicas não foi apagado pelo Milleti Rum e que o reconhecimento disso não implica em atribuir significado nacional. Mas ainda assim, sua análise não difere tanto da de Livianos. Kaldellis especula uma continuidade de uma identidade étnica no período otomano, citando alguns exemplos. LIVANIOS, D. *The Quest for Hellenism: Religion, Nationalism and Collective Identities in Greece (1453-1913)*. *The Historical Review/La Revue Historique*, [s.l.], v. 3, p. 33-70, 2006; KONORTAS, P. *From Tâ'ife to Millet: Ottoman Terms for the Ottoman Greek Orthodox Community*. In: GONDICAS, D.; ISSAWI, C. (Ed.). *Ottoman Greeks in the Age of Nationalism: Politics, Economy, and Society in the Nineteenth Century*. Princeton, NJ: The Darwin Press, 1999. p. 169-179; ROUDOMETOF, V. *Globalization and Orthodox Christianity: The Transformations of a Religious Tradition*. New York: Routledge, 2014, p. 69; KALDELLIS, A. *Romanland: Ethnicity and Empire in Byzantium*. Boston: Harvard University Press, 2019, p. 104.

central para a sobrevivência dessa identidade por tanto tempo é que ela foi capaz de se transformar e se adaptar a novos contextos, assumindo novos conteúdos e/ou contornos.

Dito isso, tenhamos em mente que a tendência inicial do nacionalismo helênico foi de ruptura com a identificação a partir das palavras *rhōmaïos/rhōmiós* em favor de *graikós* ou *hellēnikós*. Influenciados pelo filelenismo que encontraram na Europa Ocidental, os intelectuais tiveram como fonte de inspiração para a construção da nacionalidade não o passado medieval, uma vez que estavam imbuídos das opiniões negativas de seus pares ocidentais como Voltaire e Gibbon, mas no passado clássico da Grécia. O desprezo de Adamantios Koraís por Bizâncio era notório, e ele atribuía a esse passado medieval pesadas culpas pela condição em que seu povo vivera nos séculos anteriores. No discurso dos nacionalistas, que queriam tanto se livrar dos efeitos dos jugos que estiveram submetidos, Bizâncio é a fase em que sua nação foi dominada pelos romanos, além de se constituir como uma parte negativa da história grega, uma era de trevas e obscurantismos que obliteraram as glórias helênicas, embora a perenidade da nação grega ainda esteja implícita no argumento. Assim, a forma como os “gregos” se denominavam naquele momento, como *rhōmaïos/rhōmiós*, é vista para alguém como Korais como uma triste lembrança da longa dominação sob a qual estiveram submetidos.⁵⁴

Esse paradigma começa a mudar partir do século XIX, quando os intelectuais gregos sentem a necessidade de lidar com esse passado medieval em outros termos. Segundo Richard Clogg, o principal motivo para isso foi a série de publicações do historiador austríaco Jakob Philipp Fallmerayer (1790-1861) a partir de 1830 afirmando que durante a Idade Média o Peloponeso foi tomado por uma grande quantidade de eslavos e uma parcela minoritária albanesa. Assim, embora esses grupos invasores tenham sido helenizados, os gregos modernos não mantiveram nenhum traço de continuação racial com aqueles da Antiguidade. Instigados pela necessidade de provar o elemento da continuação racial, tão caro ao discurso nacionalista, os historiadores da nação emergente precisaram integrar o passado bizantino para provarem a continuação nacional e racial. O mais bem sucedido nessa empreitada foi Konstantinos Paparrigopoulos (1815-1891), autor de uma *História da Nação Grega* publicada em cinco volumes entre 1860-1874. Defendendo a continuação racial da Antiguidade até a Modernidade,

⁵⁴ CLOGG, R. The Greeks and their Past. In: DELETANT, D.; HANAK, H. (Ed.). *Historians as Nation-Builders: Central and South-East Europe*. Hampshire: Macmillan Press, 1988, p. 23; MACKRIDGE, P. Byzantium and the Greek Language question in the nineteenth century. In: RICKS, D.; MAGDALINO, P. (Ed.). *Byzantium and the Modern Greek Identity*. London: Aldershot: Ashgate, 1998, p. 50; POLITIS, A. From Christian Roman emperors to the glorious Greek ancestors. In: RICKS, D.; MAGDALINO, P. (Ed.). *Byzantium and the Modern Greek identity*. Aldershot: Ashgate, 1998. p. 1-14.

ele inseriu definitivamente Bizâncio na história nacional grega, reforçando, assim, a ideia de que esse Império Romano medieval é essencialmente um Império Grego medieval.⁵⁵

As primeiras críticas ao helenismo perene ocorrerão na segunda metade no século XX. Por exemplo, em 1964 em sua aula inaugural na Cátedra Korais da King's College, o historiador britânico Cyril Mango se afastou do debate racial e adentrou no problema da continuidade intelectual grega, destrinchando uma crítica a isso que via como um romantismo helênico. Para Mango, a esmagadora forma de pensamento bizantino é cristã, e o período que os bizantinos buscavam emular era a Antiguidade Tardia com sua geração de mestres cristãos que adaptaram o conhecimento clássico. Além disso, Bizâncio é, para Mango, algo estritamente medieval, envolto de seus misticismos, práticas mágicas e teorias apocalípticas. Nesse sentido, ele era o Império Romano cristão, que idealmente abarcaria toda a comunidade cristã existente. O *bizantinismo*, aqui definido como um conjunto de fatores que constituem a “natureza” do império, seria, em suas palavras, “[...] muito mais bíblico do que grego”.⁵⁶ Essa afirmação é importante porque ela exprime uma segunda forma de pensar o Império e sua identidade. Afastando-se da perspectiva anterior, Mango defende então que sua matriz ideológica é essencialmente religiosa, igualando, portanto, *romanitas* com *christianitas*.⁵⁷ A leitura de Bizâncio por meio da perspectiva “cristã ortodoxa” será ainda mais difundida com a publicação de *The Byzantine Commonwealth: Eastern Europe, 500-1453*, a obra magistral do historiador russo-britânico Dimitri Obolensky em 1971. Embora trate da difusão da cultura bizantina entre povos do leste europeu, em especial os eslavos, Obolensky aborda essencialmente Bizâncio como um império multiétnico de caráter religioso, onde a fé ortodoxa funciona como a cola que unia esses diferentes povos em torno da figura do Imperador e do Patriarca Ecumênico.⁵⁸

Como esperado, essa “perspectiva religiosa” sofreu desaprovação dos historiadores gregos, ainda firmes discípulos de Paparrigopoulos em sua defesa da continuidade racial e cultural do helenismo. Num artigo intitulado *Byzantinism and Hellenism: remarks on the racial origin and the intellectual continuity of the Greek nation*, o historiador grego Apostolos Vakalopoulos (1909-2000) organiza uma resposta direcionada a Mango em sua aula

⁵⁵ Ver CLOGG, R. *The Greeks and their Past*. DELETANT, D.; HANAK, H. *Historians as Nation-Builders: Central and South-East Europe*. Hampshire: Macmillan Press, 1988, p. 24-26.

⁵⁶ MANGO, C. Byzantinism and Romantic Hellenism. *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, v. 28, 1965, p. 31: “[...] much more Biblical than Greek”.

⁵⁷ Ver MANGO, C. Byzantinism and Romantic Hellenism. *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, v. 28, p. 29-43, 1965.

⁵⁸ OBOLESNKY, D. *The Byzantine Commonwealth: Eastern Europe, 500-1453*. New York: Praeger Publishers, 1971.

inaugural.⁵⁹ Em suma, Vakalopoulos sustenta que mesmo que uma forte confluência de povos de diferentes origens étnicas tenha ocorrido, “o núcleo antropológico” dos gregos antigos permanecera intacto ao longo da história. O mais importante para nós aqui é ressaltarmos que para Vakalopoulos, e deixemos de lado a questão racial já bastante ultrapassada, o helenismo oculto é verdadeira essência bizantina. Invertendo a frase de Mango, ele afirma que “Bizâncio não era ‘bíblico’, mas grego, pelo menos em substância.”⁶⁰ Um argumento similar é repetido por Speros Vryonis, onde a identidade romana é vista como, poderíamos dizer, uma fachada que essencialmente cobre uma identidade helênica que se torna mais visível quando o Império Bizantino entra em decadência.⁶¹ O argumento de Vryonis também apresenta problemas, pois ele se utiliza da forma como os ocidentais e alguns outros vizinhos chamavam os romanos orientais, como se ela fosse neutra e sem, por vezes, um viés de deslegitimação.

1.2 UM IMPÉRIO ROMANO MEDIEVAL

Avaliando esse debate décadas depois, Claudia Rapp afirma que em certo sentido tanto Mango quanto Vakalopoulos estavam corretos. Isto é, há tanto um elemento cristão, que foi supervalorizado pelo primeiro, quanto o elemento helênico, supervalorizado pelo segundo.⁶² Chamando a atenção para o que o historiador russo-iugoslavo Georgi Ostrogorski já dissera em 1940 em sua *Geschichte des byzantinischen Staates* (“História do Estado Bizantino”), Rapp considera que devemos olhar todos os três elementos constituintes de Bizâncio, isto é, conceitos políticos romanos, cultura grega e fé cristã, de modo integrado.⁶³ Como o próprio Ostrogorski explana, “Foi a integração da cultura helenística e a religião cristã dentro da estrutura imperial romana que deu origem ao fenômeno histórico que conhecemos como o Império Bizantino.”⁶⁴ Evangelos Chrysos chamou essa definição de “[...] uma confissão de fé indisputável de todos

⁵⁹ Ver VAKALOPOULOS, A. Byzantinism and Hellenism: Remarks on the Racial Origin and the Intellectual Continuity of the Greek Nation. *Balkan Studies*, [s.l.], v. 9, p. 101-126, 1968.

⁶⁰ VAKALOPOULOS, A. Byzantinism and Hellenism: Remarks on the Racial Origin and the Intellectual Continuity of the Greek Nation. *Balkan Studies*, [s.l.], v. 9, 1968, p. 112.

⁶¹ VRYONIS, S. Greek Identity in the Middle Ages. *Études balkaniques*, [s.l.], v. 6, p. 19-39, 1999.

⁶² Ver RAPP, C. Hellenic Identity, Romanitas, and Christianity in Byzantium. In: ZACHARIA, K. *Hellenisms: Culture, Identity, and Ethnicity from Antiquity to Modernity*. Aldershot: Ashgate Variorum, 2008. p. 127-147.

⁶³ RAPP, C. Hellenic Identity, Romanitas, and Christianity in Byzantium. In: ZACHARIA, K. *Hellenisms: Culture, Identity, and Ethnicity from Antiquity to Modernity*. Aldershot: Ashgate Variorum, 2008, p. 134. Ver OSTROGORSKY, G. *History of the Byzantine State*. Oxford: Basil Blackwell, 1968, p. 27.

⁶⁴ OSTROGORSKY, G. *History of the Byzantine State*. Oxford: Basil Blackwell, 1968, p. 27: “It was the integration of Hellenistic culture and the Christian religion within the Roman imperial Framework that gave rise to that historical phenomenon which we know as the Byzantine Empire.”

os bizantinistas”.⁶⁵ Embora antiga, retornar a essa questão sempre é importante ao se falar sobre algo complexo como a identidade deste Império. Note que o próprio Ostrogorski ressalta que o termo bizantino é tardio e considera Bizâncio como simplesmente uma nova fase da história romana, embora afirme que este Império se afasta gradualmente de suas “características romanas” quando a língua e cultura grega se torna proeminente, ignorando também que para esses romanos orientais e medievais isto em nada tornava o Império menos romano.⁶⁶

O artigo de Rapp está interessado em relacionar esses três elementos e mostrar sua conectividade em Bizâncio. É perceptível que a autora prefere levar a máxima do historiador alemão à risca e entender *romanitas*, *helenitas* e *christianitas* de modo interdependente como uma resposta ao problema de se postular uma “identidade helênica” sem levar em consideração os outros dois elementos constituintes. Seu argumento supera o argumento dos anteriores, mas ao nosso ver ainda limita a identidade a uma matéria bruta disforme. Isso pode ser corrigido ao analisarmos essa identidade *in loco*. Talvez essa identidade se manifeste assim inicialmente ou em alguns outros momentos, mas não é exagerado imaginarmos que ao longo dos séculos essa identidade foi ganhando uma forma mais definida. Por exemplo, no período intermediário, um romano oriental que recebera uma boa educação se definiria na fé como cristão, ainda que visse o conhecimento helênico como essencial a sua vida intelectual. O império em si se definirá como romano, ainda que utilize a língua grega e seja um tipo de defensor da Ortodoxia cristã.

Essa amálgama terá consequências específicas. Por exemplo, o exclusivismo cristão reforçará o chauvinismo romano, e afetará, no Oriente, o próprio limite do interesse na evangelização dos povos.⁶⁷ O resultado disso será uma identidade “bizantina”: isto é, uma identidade romana que engloba pessoas de fé cristã e, por vezes, uma educação helênica. Neste estudo, veremos que, no século XI, Miguel Pselo e Miguel Ataliata não são periféricamente romanos, isto é, não são cristãos que estão sujeitos ao Império Romano ou gregos que professam a fé cristã e vivem dentro do Império. Eles são romanos helenófonos que professam o cristianismo imperial e que adquiriram uma formação intelectual helênica.

Um ponto importante do artigo é quando Rapp coloca o problema de como o historiador deve se posicionar diante da identidade dos bizantinos. Segundo seu raciocínio, o debate sobre a identidade bizantina acaba por se resumir a duas inevitáveis questões interconectadas que

⁶⁵ CHRYSOS, E. The Roman Political Identity in Late Antiquity and Early Byzantium. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF BYZANTINE STUDIES, 19., 1996, Copenhagen. *Papers...* Copenhagen: Eventus Publishers, 1996. p. 7-16: “[...] an indisputable confession of faith of all Byzantinists.”

⁶⁶ Ver OSTROGORSKY, G. *History of the Byzantine State*. Oxford: Basil Blackwell, 1968, p. 28-29.

⁶⁷ Para esse último ponto, ver KALDELLIS, A. *Ethnography after Antiquity: Foreign Lands and Peoples in Byzantine Literature*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 2013, p. 39-43, 56-72, 126-139

aparecem quando se tenta definir a identidade de uma determinada cultura: a primeira diz respeito a se devemos realmente acreditar na palavra dos bizantinos de que eles são religiosamente cristãos e politicamente romanos, “[...] embora de língua grega [...]”,⁶⁸ o que seria para a autora assumir uma posição, cronologicamente falando, “dentro” de Bizâncio; a segunda coloca se os historiadores devem reivindicar para si um papel de “observador objetivo” (?) que retrospectivamente aprecia a contribuição de Bizâncio para a presença e transmissão da herança clássica, isto é, a posição onde nos colocamos, cronologicamente falando, “após” Bizâncio.⁶⁹ Aqui, no entanto, um problema surge: se olharmos a segunda questão sem nos atentarmos a primeira, não seremos capazes de perceber, por exemplo, que o *corpus* historiográfico grego que chegou até nós passou pelo crivo dos interesses desses romanos orientais; afinal, fora os considerados como os três grandes modelos – Heródoto, Tucídides e Xenofontes –, o que temos é basicamente a história de Roma contada em grego.⁷⁰

Na realidade, essas duas questões só se colocam como um problema quando os historiadores assumem a persistente posição de não levar a sério o que os “bizantinos” dizem de si mesmos. Os bizantinistas devem apreciar sejam quais forem as contribuições daqueles, mas não precisam para isso se colocar na posição de juízes porque sabem melhor sobre eles do que eles mesmos – e isso não significa aceitar de forma não crítica tudo o que eles diziam de si. A questão aqui é mais sutil, e a função do historiador nesse problema é entender os significados dessa autoafirmação. Se refletirmos mais a fundo, essa nem deveria ser uma questão espinhosa em tempos de sofisticação dos estudos decoloniais e quando uma das principais correntes antropológicas reforça a necessidade de “se levar a sério o nativo”.⁷¹ Se pudermos reduzir grosseiramente o perspectivismo ameríndio dos antropólogos a sua consequência mais imediata, poderíamos dizer que é preciso olhar nossos sujeitos históricos, “nossos nativos”, a partir de como eles se percebem, isto é, a partir de como eles próprios interpretam os significados culturais sob as quais eles se baseiam para construir seu mundo. Assim, não se trata de agir como um juiz e menosprezar determinadas afirmações, como se colocar na posição de dizer quem é ou não verdadeiramente romano, mas de indagar nosso

⁶⁸ RAPP, C. Hellenic Identity, Romanitas, and Christianity in Byzantium. In: ZACHARIA, K. *Hellenisms: Culture, Identity, and Ethnicity from Antiquity to Modernity*. Aldershot: Ashgate Variorum, 2008, p. 133: “[...] albeit Greek speaking ones [...]”.

⁶⁹ RAPP, C. Hellenic Identity, Romanitas, and Christianity in Byzantium. In: ZACHARIA, K. *Hellenisms: Culture, Identity, and Ethnicity from Antiquity to Modernity*. Aldershot: Ashgate Variorum, 2008, p. 133-134.

⁷⁰ Sobre isso, ver KALDELLIS, A. The Byzantine Role in the Making of the Corpus of Classical Greek Historiography: a Preliminary Investigation. *The Journal of Hellenic Studies*, [s. l.], v. 132, 2012b, p. 74-75.

⁷¹ Ver CASTRO, E. V. de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, [s.l.], v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996; O nativo relativo. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002.

objeto de outras maneiras mais produtivas. Por exemplo, *por que isso importa? Como isso influencia as relações sociais daqueles indivíduos? Como isso molda sua visão de mundo?*

Ultrapassando a questão posta por Rapp e reforçando esse ponto, gostaríamos de fazer coro com a problemática colocada por Edwin Michael Bevens em sua dissertação sobre identidade romana na era de Augusto. A *cultural turn* trouxe um enorme benefício à historiografia nas últimas décadas ao mostrar que os historiadores devem também se preocupar com os sujeitos históricos, mais especificamente os grupos históricos, o que nos leva a identidade cultural das pessoas que os constituem. Um desdobramento disso é entender como grupos se percebem e como isso afeta suas ações. Bevens considera que embora muitos estudos foram produzidos com o propósito de demonstrar a artificialidade de algumas tradições de grupo, isso é insuficiente na medida que não explica como elas podem influenciar a experiência vivida dessas pessoas.⁷² Em nosso caso, questionar se devemos levar a sério a autoidentificação dos bizantinos passa totalmente ao largo do que deveríamos estar realmente nos perguntando, que é sobre os efeitos dessa autoafirmação para aquelas pessoas, porque ela de fato *significa* algo para elas. Se a história é feita por pessoas de carne e osso, a identidade desses grupos importa, pois ela influencia as mentes e, assim, os rumos da história.

Sem dúvidas, é inegável que a queda de velha Roma constituiu um forte golpe para a ideologia romana sustentada pela Nova Roma. Como Marion Kruse expôs num trabalho extremamente original intitulado *The Politics of Roman Memory From the Fall of the Western Empire to the Age of Justinian*, imperadores, historiadores, juristas, antiquários e poetas do império oriental precisaram reinterpretar a história ou a mito-história diante da nova realidade política nos séculos V e VI de modo que os romanos orientais pudessem se afirmar não somente como verdadeiros romanos, mas como os únicos dignos desse nome, algo que continuou tendo impacto nos séculos posteriores.⁷³ Como notara o classicista Clifford Ando, a presença da *sententia* do jurista Modestino (séc. III) no Digesto de Justiniano (“Roma é a *communis patria* de todos nós”⁷⁴) é uma evidência de que a “ideia de Roma” deteve inclusive a percepção de que ela caíra.⁷⁵ Para entendermos como foi possível que o Império Romano fosse trasladado ao

⁷² BEVENS, E. M. *A Sacred People: Roman Identity in the Age of Augustus*. 2010. 114 f. Thesis (Master of Arts), History Department, Georgia State University, [s.l.], 2010, p. 1-3.

⁷³ KRUSE, M. *The Politics of Roman Memory: From the Fall of the Western Empire to the Age of Justinian*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2019.

⁷⁴ DIGESTO, 50.1.33, apud ANDO, C. *Imperial Ideology and Provincial Loyalty in the Roman Empire*. Berkeley: University of California Press, 2000, p. 15: “Rome is the *communis patria* of all of us.”

⁷⁵ ANDO, C. *Imperial Ideology and Provincial Loyalty in the Roman Empire*. Berkeley: University of California Press, 2000, p. 15.

Oriente e mantivesse sua identificação primária, não podemos ignorar como Roma foi capaz de se expandir e integrar povos outrora conquistados. Afinal, como lembra Kaldellis, independentemente da criação na Antiguidade Tardia do discurso fictício do *translatio imperii*,⁷⁶ Bizâncio é a única civilização que goza de uma continuidade histórica orgânica com a Roma Antiga, compartilhando de heranças políticas, sociais e culturais.⁷⁷

Como o Oriente grego então foi “convertido” a Roma? Não há ainda um estudo abrangente abarcando especificamente essa região, embora seja possível observar avanços graduais nessa direção. Além do já mencionado de Kruse, trabalhos como *A Greek Roman Empire: Power and Belief under Theodosius II (408–450)* de Fergus Millar,⁷⁸ *Kingdom of Snow: Roman Rule and Greek Culture in Cappadocia* de Raymond Van Dam⁷⁹ e *Eager to be Roman: Greek Response to Roman Rule in Pontus and Bithynia* de Jesper Majbom Madsen⁸⁰ elucidam as relações entre a administração romana e a população helenizada da parte oriental do Império. De todo modo, a romanização do Oriente Grego é um assunto que permaneceu controverso por muito tempo nos Estudos Clássicos, não importa o uso que se faça desse termo.⁸¹ Ainda assim, é evidente que precisamos superar a ideia de que o mundo grego não passou por algum processo de integração ao mundo romano, pois isso deixa escapar a própria

⁷⁶ Isto é, a ideia de que o imperador Constantino transferiu o poder romano de Roma para Constantinopla, a Nova Roma. Uma criação da Antiguidade Tardia, tal ideia aparecerá repetidas vezes ao longo da Idade Média em resposta às querelas com o Ocidente. Ver GRIG, L.; KELLY, G. Introduction: From Rome to Constantinople. In: GRIG, L.; KELLY, G. (Eds.). *Two Romes: Rome and Constantinople in late Antiquity*. New York: Oxford University Press, 2012, p. 3; NICOL, D. M. The Byzantine view of Western Europe. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, Durham, NC, v. 8, n. 4, 1967, p. 323-324.

⁷⁷ KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 43.

⁷⁸ MILLAR, F. *A Greek Roman Empire: Power and Belief under Theodosius II (408-450)*. Los Angeles; Berkeley: University of California Press, 2006.

⁷⁹ DAM, R. V. *Kingdom of Snow: Roman Rule and Greek Culture in Cappadocia*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2002.

⁸⁰ MADSEN, J. M. *Eager to be Roman: Greek Response to Roman Rule in Pontus and Bithynia*. London: Duckworth, 2009.

⁸¹ Ver a discussão em PAPAIOANNOU, M. A *Synoecism of Cultures in Roman Greece*. In: ALCOCK, S. E.; EGRI, M.; FRANKES, J. F. D. (Ed.). *Beyond Boundaries: Connecting Visual Cultures in the Provinces of Ancient Rome*. Los Angeles: Getty Publications, 2016. p. 31-45. Sobre a problemática de trabalhar com o conceito de romanização em si, ver LE ROUX, P. Questioning Romanization. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, [s.l.], v. 59, n. 2, p. 287-311, 2004; FUNARI, P. P. A.; GRILLO, J. G. C. Os Conceitos de "Helenização" e de "Romanização" e a Construção de uma Antiguidade Clássica. In: NEMI, A. L. L.; ALMEIDA, B. de B. (Orgs.). *A Construção da Narrativa Histórica: Séculos XIX e XX*. Campinas: Editora UNICAMP, 2014, p. 205-214. Pode ser útil consultar também tanto o clássico WOOLF, G. *Becoming Roman, staying Greek: culture, identity and the civilizing process in the Roman East*. *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, n. 40, p. 116-143, 1994, quanto o mais recente trabalho sobre o tema em GOLDHILL, S. (Ed.). *Being Greek Under Rome: Cultural Identity, the Second Sophistic, and the Development of Empire*. New York: Cambridge University Press, 2001.

existência de “Bizâncio” e do fato dos “bizantinos” continuarem a se considerar obstinadamente romanos por quase um milênio após a queda da velha Roma.⁸² Alguma autoidentificação sobrevive inclusive durante o período otomano, mesmo que sob uma faceta mais religiosa, e seria estranho defender que os otomanos tiveram mais força para fazer alguém se intitular como romano do que o próprio Império Romano ao longo dos séculos. Nesse sentido, o trabalho de Ando em *Imperial Ideology and Provincial Loyalty in the Roman Empire* pode nos ajudar a mover o debate de algo que afunila o assunto à assimilação cultural latina, chefiada pela adoção do latim, ou à difusão da cultura material, para a ideia da criação de um consenso sobre a legitimação do poder romano nas províncias do Oriente grego.⁸³ No campo dos Estudos Bizantinos, essa tentativa foi feita por Kaldellis em *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*, de 2007.⁸⁴

Kaldellis nos ofereceu nesse trabalho um esboço de como pensar essa junção do mundo romano e helênico que deu origem ao fenômeno bizantino. Ele ressalta que podemos observar já em finais do século III e início do século IV uma simbiose entre Roma enquanto comunidade histórica e política e Grécia enquanto idioma e conhecimento, ainda que houvesse alguma dissensão. Nesse processo, a língua e os costumes gregos, especialmente a *paideía*, não foram abandonados, mesmo porque isso não fora exigido naquela região: na prática, o grego era a língua administrativa do Oriente desde a República e era visto já nos tempos do imperador Cláudio (10 a.C.-54 d.C.) como uma língua romana ao lado do latim. Ao final da Antiguidade Tardia – e nesse ponto Kaldellis desdobra as ideias de Ando para esse período – seria possível observar no Oriente grego um amplo consenso quanto aos direitos de Roma como uma comunidade política normativa.⁸⁵ Esse fenômeno de romanização ou romanogênese, termo

⁸² KALDELLIS, A. From Rome to New Rome, from Empire to Nation-State: Reopening the Question of Byzantium's Roman Identity. In: GRIG, L.; KELLY, G. (Eds.). *Two Romes: Rome and Constantinople in late Antiquity*. New York: Oxford University Press, 2012, p. 400

⁸³ Ver KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 85-86. Ainda assim, pode ser interessante consultar, por exemplo, GRAF, F. *Roman Festival in the Greek East from the Early Empire to the Middle Byzantine Era*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015; HAMARI, P. Signifying Roman in the East: Identity and Material Culture in Roman Archaeology. In: ÄIKÄS, T.; LIPKIN, S.; SALMI, A.-K. *Archaeology of Social Relations: ten case studies by Finnish archaeologists*. Oulu: University of Oulu, 2012. p. 77-102; TOPAL, H. V. Romanization of urban spaces in Ephesus. 2020. 309 f. Thesis (Master of Arts), The Department of History of Architecture, Middle East Technical University, [S.L.], 2020.

⁸⁴ KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

⁸⁵ Ver KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 49, 54-55, 66-67. Esse processo limitou o

talvez mais preciso, permitiu a criação de uma ampla comunidade política e cultural de indivíduos que também se consideravam romanos, o que aos poucos fez com que Roma, a comunidade histórica e política, deixasse de ser em Roma, a cidade. Como nota Jeroen W. P. Wijnendaele, na história do Império Romano, cada vez mais os rumos de Roma eram guiados pelos provinciais da Gália, das províncias danúbias e do Oriente Grego. Talvez esse seja o fator chave para entender como foi possível a sobrevivência de um Império Romano no Oriente afastado de seu povo e território central originais.⁸⁶ Como Kaldellis ressalta, “Em muitos textos da Antiguidade Tardia – gregos e latinos, cristãos e pagãos – Roma é aclamada a pátria comum de todos os povos. Roma foi A Cidade, uma cidade tornada um mundo”⁸⁷

1.2.1 NOVAS PERSPECTIVAS E A TEORIZAÇÃO DA IDENTIDADE

Acreditamos ser possível afirmar que os estudos sobre a identidade romana em Bizâncio avançaram consideravelmente nos últimos anos. Até o presente momento, demonstramos como este Império Romano foi percebido como um Império Grego medieval e, posteriormente, como um Império Multiétnico Cristão Ortodoxo. A partir desse momento, adentraremos nas perspectivas que buscam reconectar Bizâncio a Roma e como eles respondem, se o fazem, a essas duas perspectivas anteriores. Antes disso, é necessário realizar alguns breves comentários sobre alguns predecessores. Sem dúvidas, poderíamos levantar diversos nomes aqui, o que tornaria o trabalho prolixo e fugiria do nosso objetivo central. Além disso, há trabalhos em outros idiomas fora da nossa alçada e que não estão ao nosso alcance imediato.

Um bom ponto de partida talvez seja o artigo *The Roman Political Identity in Late Antiquity and Early Byzantium* de Evangelos Chrysos, de 1996, pois o autor conecta sua discussão à tríade de elementos levantados por Ostrogorski e lida com a *romanitas* como o aspecto que concerne à identidade política. Dentre os historiadores gregos até agora vistos, Chrysos com certeza é muito mais simpático em afirmar a autoidentificação dos bizantinos enquanto romanos, algo que iria do alto-escalão imperial até os cidadãos comuns. Chrysos até

alcança do helenismo ou da identidade helênica, que ficaria num limbo até ser revivido em diferentes contextos intelectuais a partir do século XI, mas sem derrubar a identidade romana. Ver também p. 173-388.

⁸⁶ Ver WIJNENDAELE, J. W. P. Apocalypse, Transformation or Much ado about nothing? Western scholarship and the Fall of Rome (1776-2008). *Iris*, Victoria, v. 24, 2011, p. 42-52.

⁸⁷ KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 48: “In many texts from late antiquity – Greek and Latin, Christian and pagan – Rome is hailed as the common patria of all people. Rome was The City, a city made into a world.”

mesmo enfatiza que a ideia de *Romanorum genus* ou *genos tôn Rhōmaíōn* presentes na Antiguidade Tardia expressam algum senso de identidade e solidariedade “étnica”, embora afirme que a concessão de cidadania a todos os homens livres do império por Caracala (198-217) destituiu a identidade romana de um significado político mais concreto. Assim, a partir do imperador Justiniano (527-565), a identidade perderia o senso da partilha da *res publica Romana* e estaria totalmente ligada à submissão ao imperador, o que explicaria a falha em criar uma solidariedade comum nos territórios reconquistados do Ocidente. Ainda assim, o termo territorial *Rhomanía* surgiria então a partir do século IV como uma tentativa agonizante de fazer sobreviver a ideia de uma pátria comum de todos os povos abarcados pelo Império.⁸⁸

O artigo de Claudia Rapp, já citado, concorda de modo geral com o de Chrysos e parte da perspectiva de que a identidade romana em Bizâncio constitui uma identidade política. A característica dessa identidade, no entanto, é profundamente marcada pela fusão entre *romanitas* e *christianitas*. Se Chrysos preferiu se focar em somente um aspecto da tríade ostrogorskiana, Rapp decide entendê-los em conjunto. Assim, no que se refere a identidade política, o cristianismo exerce uma força importante na identidade política dos bizantinos, uma vez que o Império Romano é visto como elemento fundamental da economia da salvação da humanidade preparada por Deus. Com isso, a identidade desses romanos orientais está de certo modo atrelada a sua identidade cristã. Que os bizantinos eram romanos, Rapp não deixa muitas dúvidas, mas eram romanos cristãos ou, poderíamos adicionar, cristãos romanos.⁸⁹

Warren Treadgold também realizou algumas considerações em um ensaio intitulado *The Formation of a Byzantine Identity*. É importante ter em mente que esse trabalho foi preparado após uma leitura do rascunho do segundo capítulo do livro de Anthony Kaldellis que trataremos mais adiante, que o autor afirma ser amplamente compatível com sua ideia sobre o assunto. Embora Treadgold não aprofunde da mesma forma que Kaldellis esse problema e muito menos proponha uma teoria dessa identidade, ele está certo de que algo como uma “identidade bizantina” realmente existiu. Se na Antiguidade Tardia ser romano significava estar sujeito ao imperador, ou imperadores, romano, é possível perceber uma transformação em torno dos séculos VII e VIII quando o Império perde grande parte de suas províncias e se torna cada vez mais dependente de um núcleo quase homogêneo de helenófonos e cristãos ortodoxos. Assim,

⁸⁸ CHRYSOS, E. The Roman Political Identity in Late Antiquity and Early Byzantium. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF BYZANTINE STUDIES, 19., 1996, Copenhagen. *Papers...* Copenhagen: Eventus Publishers, 1996. p. 7-16.

⁸⁹ RAPP, C. Hellenic Identity, Romanitas, and Christianity in Byzantium. In: ZACHARIA, K. *Hellenisms: Culture, Identity, and Ethnicity from Antiquity to Modernity*. Aldershot: Ashgate Variorum, 2008. p. 127-147.

a transformação da identidade romana nesse período se torna tanto uma fonte de fraqueza quanto de grandeza, pois, se império perde o interesse na anexação de novos territórios – com exceção aos motivos tidos como colaterais, como no caso da anexação do Império Búlgaro –, sua administração se torna mais fácil por conseguir lidar melhor com esse núcleo territorial central mais homogêneo. Para Treadgold, essa identidade também será determinante para a recuperação do território romano após o domínio latino no século XIII.⁹⁰

As três perspectivas acima tentam elucidar pontos sobre a identidade romana oriental. No entanto, elas ainda refletem um problema similar àquele apontado por Edwin Michael Bevens em seu trabalho: “A identidade romana é dramaticamente subteorizada – uma categoria assumida que aparentemente não precisa de explicação antes de mergulhar em alternativas locais para a identidade romana”.⁹¹ Ele continua posteriormente: “O argumento é simplesmente que ser romano significava apenas direitos legais de cidadania: não trazia nenhuma outra bagagem de conteúdo cultural ou conexão com outros romanos como a identidade grega faz no modelo de Hall.”⁹² Jonathan Hall, aliás, levanta um argumento muito similar aquele encontrado nos Estudos Bizantinos: como os romanos são formados por um aglomerado de povos (etruscos, sabinos e latinos), a identidade romana reside em aspectos não culturais, mas legais.⁹³ *Romanitas* é muitas vezes algo vazio dentro dos próprios Estudos Clássicos. Isso também explica porque é tão fácil enxergar cultura helênica em Bizâncio, não necessariamente “alta cultura” helênica, pois muitas vezes somente o fato de a população falar uma forma demótica do grego já basta, e a partir disso se identifica automaticamente a identidade bizantina como grega. Isso pode ser observado na conclusão do artigo de Speros Vryonis que mencionamos mais acima: “Havia de fato uma identidade grega em Bizâncio, como testemunhado pela identificação com a língua grega e a educação grega no nível cultural formal”.⁹⁴

⁹⁰ TREADGOLD, W. The Formation of a Byzantine Identity. In: MARTIN, R. E.; SPOCK, J. B. (Ed.). *Culture and Identity in Eastern Christian History*. Ohio: Department of Slavic and East European Languages and Cultures at The Ohio State University, 2009. p. 319-342.

⁹¹ BEVENS, E. M. *A Sacred People: Roman Identity in the Age of Augustus*. 2010. 114 f. Thesis (Master of Arts), History Department, Georgia State University, [s.l.], 2010, p. 3-4: “Roman identity is dramatically undertheorized – an assumed category that apparently needs no explanation before delving into local alternatives to Roman identity.”

⁹² BEVENS, E. M. *A Sacred People: Roman Identity in the Age of Augustus*. 2010. 114 f. Thesis (Master of Arts), History Department, Georgia State University, [s.l.], 2010, p. 4 : “The argument is simply that being Roman just meant legal rights of citizenship: it brought no other baggage of cultural content or connection with other Romans along with it in the way that Greek identity does in Hall’s model.”

⁹³ HALL, J. M. *Hellenicity: Between Ethnicity and Culture*. Chicago: The University of Chicago Press, 2002, p 23.

⁹⁴ VRYONIS, S. Greek Identity in the Middle Ages. *Études balkaniques*, [s.l.], v. 6, 1999, p. 36.

No entanto, quando falamos de identidade romana ou mesmo de uma identidade bizantina, precisamos ser sóbrios. Da fundação de Constantinopla até a sua conquista pelos turcos em 1453, há um período de mais de mil anos. “Representar Bizâncio como imutável ao longo de onze séculos seria cair na armadilha que ele próprio armou.”, afirmou Paul Lamerle.⁹⁵ Assim, é importante termos em mente que quaisquer interpretações sobre identidade romana, seja ela no período em que for, precisa se atentar a seus significados segundo cada contexto histórico e fontes. A persistência da identidade romana demonstra uma incrível maleabilidade no tempo, isto é, existem diferentes modos de ser romano que podemos presumir ter existido, como durante o período republicano, durante a era de Augusto, após o Édito de Caracala ou nos períodos de Teodósio, Justiniano, Heráclio, Aleixo I Comneno, Teodoro I Láscaris e Constantino XI Paleólogo. Qualquer um que adentre a empreitada de estudar a identidade de um grupo que sobreviveu durante tanto tempo precisa estar atento a suas transformações. A sobrevivência de uma identidade romana no Império da Nova Roma já evidencia isso.

Embora os historiadores nacionalistas gregos tenham de certo modo preconizado a ideia de que os bizantinos constituíssem algum grupo étnico, algo então ainda muito relacionado a ideia de raça, nesse caso o dos gregos, a ideia de que os bizantinos constituíssem algo parecido com isso foi rejeitada como estando fora de questão pelas gerações posteriores de bizantinistas, baseando-se principalmente na ideia de que esses bizantinos seriam etnicamente diversos, um aglomerado de povos locais distintos sob o domínio do Imperador e sob autoridade espiritual do Patriarca de Constantinopla.⁹⁶ Na contramão destes, e em grande parte, aparentemente ignorando-os deliberadamente, uma interpretação baseada na etnicidade foi defendida com uma base teórica muito mais rebuscada pela historiadora britânica Gill Page em *Being Byzantine: Greek Identity before the Ottomans*, de 2008.⁹⁷ Baseado extensivamente em fontes primárias, Page propôs que a identidade bizantina foi fortemente marcada, entre 1200-1420, isto é, quando da dominação latina no território bizantino, por marcadores étnicos. Para a autora, o contato com os conquistadores latinos teria forçado os romanos orientais a construírem de forma bem mais contundente do que nos períodos anteriores uma visão sobre si mesmos. Page está se

⁹⁵ LEMERLE, P. *Cinq études sur le Xie siècle byzantin*. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1977, p. 251: “Se représenter Byzance comme immuable pendant onze siècles serait tomber dans le prége qu'elle a elle-même tendu.”

⁹⁶ Como, por exemplo, em CAMERON, A. *Byzantine Matters*. Princeton: Princeton University Press, 2014, p. 66, tradução nossa: “Nem, qualquer que seja a identidade que possa ser reivindicada para Bizâncio, foi baseada na etnicidade. Mesmo que Bizâncio não fosse exatamente o império multiétnico que alguns gostariam que fosse, a população de suas províncias centrais era completamente misturada.”

⁹⁷ PAGE, G. *Being Byzantine: Greek Identity Before the Ottomans*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

utilizando de um princípio teórico que afirma que a identidade está sempre marcada pela diferença.⁹⁸ A autora aceita assim a autoafirmação dos romanos orientais, que ela prefere chamar de romanos bizantinos, ainda que pareça falar dessa identidade como algum tipo de desdobramento da identidade grega, e trabalha especialmente com a historiografia desse período por defender que os historiadores são importantes em definir identidades de grupo.⁹⁹

Trabalhando com uma identidade num período marcado pelo fim da unidade imperial, Page distingue aqui uma identidade política, mais atrelada a tradição de governança romana, o qual diferenciava aqueles sob domínio de Constantinopla e de seu Imperador, e uma identidade étnica, atrelada a características culturais como a confissão da fé ortodoxa e o grego como língua nativa. Embora a autora afirme que a primeira não deixa de se constituir como parte de uma etnicidade em alguns contextos, com o desmonte do Império poderíamos perceber a continuação de uma identidade independente de Constantinopla e da ideologia imperial, no qual essa distinção se tornaria válida. Page afirma que se em momentos anteriores, como no século VI, a identificação de romano estava simplesmente atrelada a estar sujeito ao imperador, no século XII, o termo não se aplica mais da mesma forma e está carregado de um significado étnico, com outros fatores culturais em cena para determinar quem é romano.¹⁰⁰

A abordagem de Page é renovadora, e sua argumentação é robusta e, sem dúvidas, inteligente. Além disso, é uma grande lição sobre a teoria da etnicidade aplicada à Idade Média bizantina. De modo geral, seu trabalho foi recebido com certo entusiasmo.¹⁰¹ É necessário também fazer justiça e mencionar o trabalho de mestrado de Christos Malatras defendida ainda em 2008 na Universidade de Creta intitulada *To γένος των Ρωμαίων το 12ο αι.*¹⁰² Uma síntese de suas conclusões pode ser encontrada em seu artigo *The making of an ethnic group: the*

⁹⁸ Ver sua discussão teórica em PAGE, G. *Being Byzantine: Greek Identity Before the Ottomans*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 11-26.

⁹⁹ PAGE, G. *Being Byzantine: Greek Identity Before the Ottomans*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 24.

¹⁰⁰ PAGE, G. *Being Byzantine: Greek Identity Before the Ottomans*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 46-51

¹⁰¹ Ver, por exemplo, as resenhas escritas por KAEGLI, W. E. Review of Being Byzantine: Greek Identity before the Ottomans. *Journal of Interdisciplinary History*, [s.l.], v. 40, n. 4, p. 587-589, 2010; DAVID, J. Gill Page. Being Byzantine: Greek Identity before the Ottomans. New York: Cambridge University Press. 2008. Pp. xiii, 330. \$110.00. *The American Historical Review*, v. 115, n. 2, p. 596-597, 2010; KALDELLIS, A. 09.04.10, Page, Being Byzantine. *The Medieval Review*, [s.l.], 2009. Publicação online sem paginação.

¹⁰² MALATRAS, C. *To génos tōn Rōmaíōn to 12o ai.* 2008. 108 f. Dissertação (Mestrado), Tmīma Istorias-Archaiologias, Panepistīmio Krītīs, Réthymno, 2008.

Romaioi in the 12th-13th centuries.¹⁰³ Embora tenha sido produzida em paralelo, Malatras estuda um período próximo daquele de Page e também se utiliza da concepção de uma identidade étnica. Neste artigo, com conclusões próximas a de Page, ele defende uma concepção de identidade romana desatrelada da Roma Antiga devido aos conflitos com os latinos nesse período, colocando a Nova Roma de Constantino como base dessa identidade.

O trabalho de Page talvez fora ofuscado por outra monografia publicada um ano antes. *Hellenism in Byzantium: The transformations of Greek Identity and the reception of the Classical Tradition* do estadunidense Anthony Kaldellis apresenta a crítica mais radical às perspectivas anteriores já publicada.¹⁰⁴ A obra possui como foco o helenismo, especialmente em seus desdobramentos durante o período bizantino, tratando desde os seus significados na Antiguidade e na Antiguidade Tardia, para então defender como foi possível que esse mundo grego fosse “convertido” a Roma, e a partir disso analisar como o helenismo e a identidade grega passaram por um limbo até serem revividos em diferentes contextos intelectuais após o século XII. Quanto a esse último ponto, Kaldellis oferece uma interpretação muito mais detalhada e completa das evidências que os historiadores anteriormente buscaram nas manifestações do helenismo como uma prova da perenidade da identidade grega.

O mais importante para nós aqui são as suas propostas em seu segundo capítulo, *The World a City: Romans of the East*, que pode ser visto como o texto fundador do debate sobre identidade romana nos últimos anos. Esse capítulo foi, nas palavras de seu autor, “[...] o primeiro relato moderno de Bizâncio como Romania [...]”.¹⁰⁵ Kaldellis defende que somente quando levamos em conta a seriedade da autoafirmação dos cidadãos do Império Bizantino podemos apreciar as diversas implicâncias que isso pode proporcionar em nossa visão sobre essa civilização. Assim, ele rejeita tanto a ideia de um “helenismo medieval” ou de um “estado multiétnico cristão ortodoxo” com tentativas falhas de explicar essa identidade por justamente partir da negação de que “Bizâncio” era qualquer outra coisa menos romano.¹⁰⁶

¹⁰³ MALATRAS, C. The Making of an Ethnic Group: The Romaioi in 12th—13th Century. In: TO EVROPAÏKÓ SINÉDRIO NEOELLINIKÓN SPOUDÓN, D', 2010, Granada. Praktiká... Athéna: Evropaikí Etairía Neoellinikón Spoudón, 2011. v. 3, p. 419-430.

¹⁰⁴ KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

¹⁰⁵ KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 44: “[...] the first-ever modern account of Byzantium as Romania [...] Romanía (România) ou Terra dos Romanos é o nome pelo qual os romanos orientais chamavam o território onde habitavam. Para mais detalhes, ver KALDELLIS, A. *Romanland: Ethnicity and Empire in Byzantium*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2019, p. 83-94.

¹⁰⁶ KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 43.

Kaldellis trata neste capítulo de muitos pontos, e sua discussão sobre como os gregos percebiam Roma e adotaram sua ideologia ao final da Antiguidade Tardia talvez seja sua principal contribuição.¹⁰⁷ Sua estrita negação da perspectiva multiétnica, calcada na partilha do cristianismo ortodoxo, é inovadora no campo, e ele a desdobrará posteriormente numa seção em outro trabalho.¹⁰⁸ Em suma, ele não acredita nessa concepção pois ela deixaria escapar a visão que os próprios bizantinos tinham dos povos que adotavam o mesmo cristianismo praticado por eles. Povos diferentes identificados nas fontes seriam “bárbaros”, e não romanos, mesmo que compartilhassem de uma mesma fé. Enquanto romanos, o mundo para esses bizantinos era dividido entre romanos e não-romanos, isto é, entre romanos e bárbaros.¹⁰⁹

Uma grande diferença entre o trabalho de Page e o de Kaldellis está em como os dois teorizam essa identidade. Kaldellis rejeita nesse momento, e esse ponto será parcialmente reformulado posteriormente, qualquer concepção étnica, pois, entendendo a etnicidade como atrelada a ideia de ancestralidade comum, considera que a ancestralidade dos povos outrora conquistados teria se tornado no geral insignificante uma vez integrados à ordem romana. Os romanos orientais teriam definido sua comunidade não em termos de ancestralidade comum, mas sim da partilha de elementos culturais e legais comuns que os unia enquanto grupo a despeito das diferenças de suas origens.¹¹⁰ O cristianismo poderia sim ser levantado como um elemento de união, mas o conteúdo da identidade romana não residiria meramente nele e na submissão ao Imperador; o processo de romanização do Oriente grego, inclusive, antecede o cristianismo. O Imperador é visto *em relação* a essa comunidade política, pois ele é o imperador *dos romanos*, e não um “comandante dos fiéis” ou um monarca helenístico.¹¹¹ Esse e outros pontos levaram o autor a aplicar o conceito de *nação cívica* a essa comunidade, tornando Bizâncio um *estado-nação* dos romanos medievais, isto é, “[...] uma comunidade política unificada mantida unida por um costume (*ethos*) comum”.¹¹² Em outras palavras,

¹⁰⁷ KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 45-61.

¹⁰⁸ KALDELLIS, A. *Ethnography after Antiquity: Foreign Lands and Peoples in Byzantine Literature*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 2013, p. 126-139.

¹⁰⁹ KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 75.

¹¹⁰ KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 48-49.

¹¹¹ KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 45, 49, 105.

¹¹² KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 76: “[...] a unified political community held together by a common “custom” (*ethos*).”

A grande maioria de sua população se identificava como romana e sabia, independentemente de serem de Naupaktos ou Attaleia e de se conhecerem pessoalmente, que eram todos romanos precisamente porque compartilhavam a mesma religião, língua, arte e arquitetura, história, estado e leis, costumes e provavelmente condições materiais. Eles não foram divididos em grupos étnicos ou castas sociais. Eles estavam sujeitos às mesmas leis e cada um deles poderia, teoricamente, ocupar qualquer cargo no estado. O poder oficial derivava do estado e seus cargos e não do clã ou casta. Tudo isso faz dos bizantinos uma nação. Além disso, seu estado não era uma federação de tribos ou estados regionais. Suas fronteiras, além das quais viviam bárbaros hostis, coincidiam com o alcance e a jurisdição de suas instituições nacionais, a saber, sua Igreja, exército, tribunais, hierarquias sociais e burocracia. Tudo isso faz de Bizâncio um estado-nação.¹¹³

O uso dessa definição conceitual é talvez o ponto mais polêmico de sua tese. Ele próprio reconhece a problemática disso e que essa definição poderia ser redefinida no futuro, mas insiste que preliminarmente ela é melhor do que as atualmente em uso.¹¹⁴ Note que Kaldellis está falando do período intermediário bizantino, onde “[...] Roma teria mil anos para operar seu efeito, começando na era de Polybios.”¹¹⁵ Note também que Kaldellis não está dizendo que Bizâncio se assemelha em todos os quesitos a uma nação moderna – ele próprio descarta o nacionalismo como criador dessa nação e enfatiza a longa duração da assimilação à *res publica* romana –, mas que os elementos desta identidade e a ideologia que imbuía o Império o aproxima mais de *algo como* um estado-nação do que outra definição teórica.¹¹⁶ Muitos podem perceber nessa proposta um anacronismo e rejeitá-la nesse ponto sem muitos comentários. No entanto, é importante lembrar que o debate sobre a origem das nações é algo complexo, com diversas nuances, e que alguns estudiosos não só discordam da perspectiva modernista – encabeçada por nomes como do sociólogo Ernerst Gellner, do historiador Eric Hobsbawm e do cientista político

¹¹³ KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 78: “The vast majority of its population identified themselves as Romans and knew, regardless of whether they were from Naupaktos or Attaleia and of whether they knew each other personally, that they were all Romans precisely because they shared the same religion, language, art and architecture, history, state and laws, customs, and probably material conditions. They were not split into ethnic groups or social castes. They were subject to the same laws and each of them could theoretically occupy any office in the state. Official power derived from the state and its offices and not from clan or caste. All this makes the Byzantines a nation. Also, their state was not a federation of tribes or regional states. Its borders, beyond which lived hostile barbarians, were coterminous with the reach and jurisdiction of their national institutions, namely their Church, army, courts, social hierarchies, and bureaucracy. All this makes Byzantium a nation-state.” Aqui oss nomes das cidades foram mantidos transliterados, pois essa foi a escolha tomada originalmente pelo autor.

¹¹⁴ KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 76-77.

¹¹⁵ KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 79: “[...] Rome would have had one thousand years in which to work its effect, starting in the age of Polybios.”

¹¹⁶ KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 76-77.

Benedict Anderson¹¹⁷ – como também buscam uma revisão da ideia de que nações são frutos exclusivos da Modernidade, buscando assim que *nação* se torne uma categoria teórica flexível, desatrelada ao fenômeno moderno europeu do século XVIII/XIX, e que possa ser usada para grupos em outros recortes históricos que compartilhem similaridades. Isso não significa assumir que a nação é um fenômeno perene, como muitos nacionalistas o fazem, mas de que experiências nacionais ou “quase nacionais” ocorreram em diferentes momentos.¹¹⁸

Susan Reynolds já se deparara com um problema similar ao estudar sobre comunidades no Medievo Ocidental e proposto o conceito de *regnal identity* como meio de fugir dos problemas em se falar de uma identidade nacional na pré-modernidade.¹¹⁹ Posteriormente, ela revisou esse tema e se tornou mais aberta à ressignificação do termo nação, considerando que comunidades políticas são fenômenos que podem ocorrer em sociedades pré-modernas, mas com diferentes contornos. É precisamente por isso que ela preferiu utilizar o adjetivo *regnal*.¹²⁰ Fugiria do escopo desse trabalho adentrar com mais afinco nessas questões. O importante para nós é sabermos que Kaldellis se junta àqueles que criticam a interpretação modernista sobre a gênese das nações, o que explica suas decisões teóricas.¹²¹

¹¹⁷ Ver, por exemplo, GELLNER, E. *Nations and Nationalism*. Oxford: Blackwell, 1983; HOBBSBAWM, E. *Nations and Nationalism since 1780: Programme, myth, reality*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1992; ANDERSON, B. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Rev. ed. London: Verso, 2006.

¹¹⁸ Para contextualizar a escola nacionalista de gênese da nação entre outras, ver especialmente SMITH, A. D. *Nationalism and modernism: A critical survey of recent theories of nations and nationalism*. London: Routledge, 1998. Para propostas mais diretas de redefinição conceitual do termo *nação*, ver SMITH, A. D. *Were there nations in Antiquity?* In: SCALES, L.; ZIMMER, O. (Ed.). *Power and the Nation in European History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 33-53; GROSBY, S. *Nationalism: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2005. Ver também o recente balanço em ROSHWALD, A. *Nations are (Occasionally) Forever: Alternatives to the Modernist Perspective*. In: BERGER, Stefan; STORM, Eric (Ed.). *Writing the History of Nationalism*. London: Bloomsbury Academic, 2019. p. 83-103. Uma proposta um tanto mais incendiária pode ser encontrada em GAT, A. *Nations: The Long History and Deep Roots of Political Ethnicity and Nationalism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013 (uma avaliação de suas implicações para a Idade Média pode ser vista na contribuição de Chris Wickham no debate em HUTCHINSON, John et al. *Debate on Azar Gat's Nations: The Long History and Deep Roots of Political Ethnicity and Nationalism*. In: *Nations and Nationalism*, Oxford, v. 21, n. 3, p. 383-402, 2015.

¹¹⁹ REYNOLDS, S. *Kingdoms and Communities in Western Europe, 900-1300*. 2nd ed. Oxford: Clarendon Press, 1997, p. 252-256. Ver também seus comentários em REYNOLDS, S. *The Idea of the Nation as a Political Community*. In: SCALES, L.; ZIMMER, O. (Ed.). *Power and the Nation in European History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 56.

¹²⁰ Ver REYNOLDS, S. *The Idea of the Nation as a Political Community*. In: SCALES, L.; ZIMMER, O. (Ed.). *Power and the Nation in European History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 54-66.

¹²¹ KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 77-79.

O historiador, no entanto, realmente redefiniu parcialmente suas concepções tanto num artigo de 2017 quanto numa monografia de 2019, onde se torna mais maleável e adota a definição de grupo étnico, embora não sem abandonar completamente sua perspectiva de que essa identidade está politicamente ligada ao estado bizantino, constituindo assim um estado-nação.¹²² Esse último trabalho, intitulado *Romanland: Ethnicity and Empire in Byzantium*, todavia, torna sua interpretação mais fácil de ser dirigida por alguns por lidar basicamente com a ideia de etnicidade, e o alinha tanto ao trabalho de Page quanto àqueles que estudam etnicidades medievais.¹²³ Em especial, a maneira como Kaldellis buscou identificar nas fontes o grupo étnico majoritário dos romanos e as demais minorias étnicas, e explicar a etnogênese e o processo de assimilação de estrangeiros, torna muito mais claro como esses bizantinos não podem ser vistos, especialmente no período intermediário, como vazios de uma carga identitária mais forte, um mero aglomerado de povos cristãos como na proposta multiétnica.¹²⁴

Nos últimos anos, Kaldellis tem proposto uma espécie de releitura da sociedade bizantina reconectando-a a seu elemento romano. Isso pode ser visto em *The Byzantine Republic: People and Power in the New Rome*, de 2015, onde procurou explorar as bases políticas romanas e como a ideia de *res publica*, traduzido em grego como *politeía*, foi trabalhada em Bizâncio, especialmente no período intermediário, uma ideia que ele já esboçara em seu trabalho de 2007;¹²⁵ em *Ethnography After Antiquity: Foreign Lands and Peoples in Byzantine Literature*, de 2017, já mencionado, Kaldellis realiza um estudo de alteridade que parte do princípio de como os bizantinos enquanto romanos percebiam os outros povos ao seu redor.¹²⁶ O impacto dessa reabilitação da conexão entre Roma e Bizâncio pode ser encontrada também em outros historiadores, como nas importantes contribuições de Leonora Neville sobre o militar Nicéforo Briênio e de Dimitris Krallis sobre o jurista Miguel Ataliata.¹²⁷

¹²² KALDELLIS, A. The Social Scope of Roman Identity in Byzantium: An Evidence-Based Approach. In: *Byzantina Symmeikta*, Athens, v. 27, p. 173-210, 2017.

¹²³ KALDELLIS, A. *Romanland: Ethnicity and Empire in Byzantium*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2019.

¹²⁴ Pode ser útil consultar nossa resenha em BERNARDO, G. W. KALDELLIS, Anthony. *Romanland: Ethnicity and Empire in Byzantium*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2019. 392p. *Diálogos Mediterrâneos*, [s.l.], n. 17, p. 155-160, 2019.

¹²⁵ KALDELLIS, A. *The Byzantine Republic: People and Power in the New Rome*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2015.

¹²⁶ KALDELLIS, A. *Ethnography after Antiquity: Foreign Lands and Peoples in Byzantine Literature*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 2013.

¹²⁷ NEVILLE, L. *Heroes and Romans in Twelfth-Century Byzantium: The Material for History of Nikephoros Bryennios*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012; KRALLIS, D. *Michael Attaleiates and the Politics of Imperial Decline in Eleventh-Century Byzantium*. Temple: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies,

A principal crítica a tese de Kaldellis veio do historiador grego Ioannis Stouraitis. O pensamento de Stouraitis em si tem diferentes nuances, mas sua primeira posição foi posta no artigo *Roman identity in Byzantium: a critical approach*, que em muitos sentidos também apresenta um abandono das perspectivas anteriores.¹²⁸ Seu autor concorda que a definição multiétnica não funciona, mas aponta para uma romanidade ligada intrinsecamente ao discurso da elite letrada de Constantinopla, demonstrando uma homogeneização artificial que não refletiria a realidade das províncias. Assim, para Stouraitis, Kaldellis se deixou levar pelo discurso homogeneizante produzido pela elite que projetava em alguns momentos uma visão de comunidade horizontal. Em *Reinventing Roman Ethnicity in High and Late Medieval Byzantium*, de 2017, Stouraitis busca principalmente demonstrar como diferentes discursos de etnogênese foram formulados pela elite letrada bizantina a partir de diferentes contextos históricos, o que demonstra uma maior flexibilidade do autor em trabalhar com a romanidade a partir de recortes específicos e mesmo de falar sobre uma *etnicidade dominante*.¹²⁹ Em *Byzantine Romanness: From geopolitical to ethnic conceptions*, de 2018, ele buscou demonstrar como a romanidade caminha de definições atreladas à esfera do domínio imperial para concepções mais étnicas por volta de finais do século XI.¹³⁰ Em suma, esses três trabalhos buscam tanto relacionar o discurso da elite com os contornos dessa identidade como ressaltar suas nuances no tempo, o que talvez seja sua principal contribuição para o debate.

Kaldellis respondeu a primeira crítica de Stouraitis no artigo intitulado *The Social Scope of Roman Identity in Byzantium: An Evidence-Based Approach*, de 2017, comentando também em sua monografia de 2019.¹³¹ Sua resposta tem êxito em alguns aspectos. Kaldellis talvez tenha conseguido provar que a identidade romana realmente aparece em uma outra gama de evidências que ultrapassam a elite constantinopolitana. Sua crítica a forma como Stouraitis fala de uma “elite” como algo uniforme, sem ressaltar as diferentes camadas que a compunham e a penetração da romanidade na mesma também é digno de nota. No entanto, a problemática

2012; KRALLIS, D. *Serving Byzantium's Emperors: The Courtly Life and Career of Michael Attaleiates*. Cham: Palgrave Macmillan, 2019.

¹²⁸ STOURAITIS, I. Roman identity in Byzantium: a critical approach. *Byzantinische Zeitschrift*, Berlin, v. 107, n. 1, p. 175-220, 2014.

¹²⁹ STOURAITIS, I. Reinventing Roman Ethnicity in High and Late Medieval Byzantium. *Medieval Worlds*, Vienna, v. 5, p. 70-94, 2017.

¹³⁰ STOURAITIS, I. Byzantine Romanness: from Geopolitical to Ethnic Conceptions. In: POHL, W. et al (Eds.). *Transformations of Romanness in the Early Middle Ages: Early Medieval Regions and Identities*. Berlin: De Gruyter, 2018, p. 123-139.

¹³¹ KALDELIS, A. The Social Scope of Roman Identity in Byzantium: An Evidence-Based Approach. In: *Byzantina Symmeikta*, Athens, v. 27, p. 173-210, 2017; KALDELLIS, A. *Romanland: Ethnicity and Empire in Byzantium*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2019, p. 74-75.

maior, se isso pode ser visto como evidência de uma comunidade horizontal, isto é, uma nação, ainda continua sem uma resposta mais contundente. Mas notemos o fato de ambos os autores estarem trabalhando com etnicidade, ainda que com algumas nuances distintas, o que pode demonstrar o possível rumo teórico que esse debate tomará nos próximos anos.

1.2.2 OS CAMINHOS DESTA PESQUISA

A perspectiva sobre identidade romana adotada aqui será mais aberta do que outras, caminho similar ao que Douglas Whalin decidiu tomar na monografia *Roman Identity from the Arab Conquests to the Triumph of Orthodoxy*, de 2021.¹³² Isso evita as complexidades que importar definições teóricas arenosas, como é o caso de se trabalhar com a ideia de uma nacionalidade pré-moderna. Além disso, restringe-nos de incorrer no problema de se tratar essa identidade *a priori* como que existindo numa longa duração, deixando escapar nuances que acreditamos ser importantes. Observando hoje o projeto posto em prática por Kaldellis nos últimos anos, podemos dizer que ele acabou estabelecendo uma espécie de descrição normativa para essa identidade romana medieval, ainda que ele enfatize em suas duas principais monografias sobre o tema que suas conclusões se focam no período intermediário. Os méritos de sua contribuição são inegáveis, pois foi a primeira vez que alguém se dedicou a reabilitar a dimensão romana dessa identidade a partir de um vasto número de fontes primárias. Mas isso deve servir, acima de tudo, como uma espécie de ponto de partida para buscarmos aplicar revisões mais precisas a partir de análises com contornos históricos e tipológicos *in loco*, o que nos conduzirá à própria maturação dessa discussão acadêmica em andamento.¹³³

Isso não significa que acreditamos que sejam descartáveis as tentativas de entender, em critérios teóricos mais precisos, o modo como os romanos orientais construíam suas identidades, mas sim que buscar entendê-los em seus próprios termos talvez seja mais importante num primeiro momento. O que aceitamos em especial das propostas de Kaldellis e de outros autores é a necessidade de reconectar Bizâncio à Roma e de aceitar a autodesignação dos romanos orientais medievais como importante para compreender aquela sociedade. Esta pesquisa dificilmente poderia ter existido se não fosse a luz lançada por ele sobre essa problemática nos últimos anos. Além disso, também aceitamos que, ao menos no discurso da

¹³² Ver WHALIN, D. *Roman Identity from the Arab Conquests to the Triumph of Orthodoxy*. Cham: Palgrave Macmillan, 2021.

¹³³ Ver o raciocínio similar em WHALIN, D. *Roman Identity from the Arab Conquests to the Triumph of Orthodoxy*. Cham: Palgrave Macmillan, 2021, p. 53.

elite letrada, esses romanos são pensados como constituindo uma ampla comunidade política, pois é assim que ela se manifesta em nossas fontes. Pensar em comunidades políticas, no entanto, poderia implicar em algo como uma *nação*. Mas não há necessidade de igualarmos as duas coisas de imediato. As evidências trazidas por nós podem, no entanto, elucidar de algum modo os contornos de como essa ideia aparece e é operacionalizada em contextos pré-nacionais na esfera do discurso. Por vezes, no entanto, poderemos ter como elemento comparativo com o qual poderemos confrontar nossas evidências a distinção proposta por Page entre uma identidade política e uma identidade étnica, que não deixa de ser artifício teórico útil para entendermos determinadas nuances como quando essa identidade aparece confirmada aos contornos do domínio imperial e quando se manifesta em torno de demarcados de diferença entre os romanos e outros povos ou mesmo outros elementos culturais não relacionados ao Império.

Em nosso trabalho propomos um recorte cronológico e uma tipologia específicos para o estudo da identidade romana em Bizâncio: o século XI e a *Cronografia* de Miguel Pselo e a *História* de Miguel Ataliata, obras essenciais para se entender esse período. Nós buscamos, portanto, entender a maneira como essa romanidade era construída a partir do discurso historiográfico bizantino. A escolha dessa tipologia está calcada no argumento de Page de que historiadores podem exercer um papel importante na formação de identidades de grupo, já que lidam com o passado, a fonte da tradição e da validação da natureza especial desses grupos; além disso, eles podem ser úteis em revelar essas identidades pelas maneiras como lidam com as histórias que têm para contar.¹³⁴ De modo similar, Leonora Neville propõe que a historiografia seja vista “[...] como uma das muitas formas de discurso que eram usados pelos romanos medievais em seu processo de autoexpressão e autoformação.”¹³⁵ O fervor dos acontecimentos também parecia influenciar os historiadores bizantinos a escreverem. Temos uma concentração de produções históricas durante o conturbado período de 1050 a 1080, o que “[...] reflete as amargas lutas políticas da época”.¹³⁶ Dimitris Krallis ressaltou, com exemplos do século IX ao XIII, que os historiadores escreviam suas histórias tendo os acontecimentos

¹³⁴ PAGE, G. *Being Byzantine: Greek Identity Before the Ottomans*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 24.

¹³⁵ NEVILLE, L. Why did the Byzantines Write history? In: CONGRESS OF BYZANTINE STUDIES, 23., 2016, Belgrade. Proceedings... Belgrade: The Serbian National Committee of AIEB, 2016. p. 276: “[...] as one of the many forms of discourse that were used by medieval Romans in their process of self-expression and self-formation.”

¹³⁶ ANGOLD, M.; WHITBY, M. Historiography. In: JEFFREYS, E.; HALDON, J.; CORMACK, R. (Ed.). *The Oxford Handbook of Byzantine Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2008, p. 844.

contemporâneos em mente e que se tornavam participantes ativos dos debates políticos de seu tempo por meio de seus escritos.¹³⁷ Essas três visões nos apontam a pertinência de se estudar o modo como a identidade pode ser reproduzida, apropriada ou formulada por essa camada específica e privilegiada que produz narrativas sobre o passado histórico.

Fica assim mais uma vez evidente que nossas fontes falam necessariamente a partir de um ponto de vista de uma minoria privilegiada da sociedade. As obras que analisaremos foram escritas majoritariamente por e para uma camada específica da sociedade: os membros da elite administrativa do Império Romano Oriental nos séculos XI. Deste modo, reafirmamos que não temos a pretensão de realizar uma análise que represente a visão total da população romana oriental nesse período. Não vemos isso, todavia, como uma desvantagem, pois qualquer forma de aproximar os romanos orientais da forma como eles mesmos se definiam já é válido por si só. Podemos aqui fazer uma analogia com o que antropólogo Marshal Sahlins uma vez escrevera partindo do argumento da divisão do trabalho linguístico de Hilary Putnam:

Qualquer uso real de um signo em referência, seja por uma pessoa, seja por um grupo, emprega apenas uma parte, uma pequena fração, do sentido coletivo. [...] essa divisão do trabalho significativo é, de um modo geral, função das diferenças de experiência social e dos interesses entre as pessoas. [...] O que para mim é “um pássaro (de qualquer espécie) voando com dificuldade”, é para o ornitólogo “um gavião doente” e talvez seja ainda “um coitadinho” para terceiros [...].¹³⁸

Seja qual for o escopo que pudermos falar sobre identidade romana, ela sem dúvidas não era apreendida e expressa da mesma maneira por todos os membros da sociedade. Como poderia sê-lo? A elite letrada tinha a seu dispor a possibilidade de construir essa identidade a partir, por exemplo, da percepção do passado romano; a elite iletrada poderia dar menos importância a esse passado e relacionar essa identidade com coisas mais imediatas, com seus círculos de contatos – e, se militar, com glórias recentes de seus antepassados; e a população comum certamente teria a sua disposição ao menos uma fração do discurso das elites que poderia os atingir por meio de festivais, marchas militares e outras ações do Estado e da Igreja, além de percebê-la em termos provavelmente muito mais cotidianos: quem fala como eles, se veste como eles, professa a mesma fé que eles etc. Aqueles que a preferem ver como uma pura produção das elites ignoram que “[...] ideologias dominantes percolam através dos estratos

¹³⁷ KRALLIS, D. *Historiography as Political Debate*. In: KALDELLIS, A.; SINIOSSOGLU, N. (Ed.). *The Cambridge Intellectual History of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 599-614.

¹³⁸ SAHLINS, M. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, p. 30.

sociais, embora não sem alteração”,¹³⁹ como notara Dion Smythe ao trabalhar com a ideia de *outsider* em Bizâncio. Algo similar poderia ser dito sobre identidade.

Assim, para falar sobre identidade, torna-se necessário analisar, sempre que possível, como ela é construída por meio de diferentes grupos dentro de uma sociedade. Nossa pesquisa propõe essa abordagem por meio do olhar de integrantes de um grupo. Os historiadores romanos orientais não constituíam decerto uma guilda ou faziam parte de um sindicato de classe, e muito deles estavam envolvidos, antes de qualquer coisa, em outros tipos de atividades. Mas todos eles compartilham aquilo que torna possível que os classifiquemos como um grupo comum: o manejo do passado histórico e a criação de discursos historiográficos. Não sendo um ofício pela qual alguém vivia e se especializava, a prática historiográfica no Império Romano medieval dependia da própria formação intelectual daqueles que se aventuraram por este caminho. Era na historiografia clássica de Heródoto, Tucídides e Xenofonte que historiadores romanos do Oriente se baseavam para escrever suas próprias obras, adotando esses autores como modelos e empregando linguagem similar.¹⁴⁰ Ter isso em mente, no entanto, não deve nos impedir de reconhecer a originalidade das obras e que elas são respostas a problemas de períodos específicos. Não há nada similar à *Cronografia* de Pselo na historiografia grega. Os modelos são apenas as bases pelas quais a força criativa dessa época se manifestava.

Dentro do gênero historiográfico, dois tipos geralmente se sobressaem, aquilo que nós costumamos chamar de crônicas e histórias classicizantes.¹⁴¹ Ambas as obras analisadas nesta pesquisa possuem uma estrutura mais classicizante. Segundo Michel Angold e Michael Whitby, “Manter os padrões da historiografia clássica significava escrever em uma forma de grego ático que só era acessível a um punhado de membros da intelligentsia.”¹⁴² As histórias classicizantes tinham não somente uma linguagem robusta que limitava seu público, mas também o próprio meio pelas quais eram transmitidas limitavam seus leitores. Livros, que eram manuscritos organizados como códex, eram artigos de luxo dos quais poucos poderiam ter a sorte de possuí-los.¹⁴³ No século X, um saltério poderia ser comprado por 1 *nomisma*, o que daria para comprar

¹³⁹ SMYTHE, D. C. *Byzantine perceptions of the outsider in the eleventh and twelfth centuries: a method*. 1992. 558 f. Thesis (PhD), Faculty of Arts, University of St. Andrews, St. Andrews, 1992, p. 20-21: “[...] dominant ideologies percolate down through social strata, though not without alteration.”

¹⁴⁰ Ver ANGOLD, M.; WHITBY, M. *Historiography*. In: JEFFREYS, E.; HALDON, J.; CORMACK, R. (Ed.). *The Oxford Handbook of Byzantine Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 838-848.

¹⁴¹ NEVILLE, L. *Guide to Byzantine Historical Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. p. 8-16.

¹⁴² ANGOLD, M.; WHITBY, M. *Historiography*. In: JEFFREYS, E.; HALDON, J.; CORMACK, R. (Ed.). *The Oxford Handbook of Byzantine Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 848.

¹⁴³ MARTÍN, I. P. *Byzantine Books*. In: KALDELLIS, A.; SINIOSSOGLU, N. (Ed.). *The Cambridge Intellectual History of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 37-46. Ver também

pelo menos 1000 kg de trigo.¹⁴⁴ Tirando alguns poucos abastados que poderiam consultar livros em bibliotecas particulares, o acesso para a grande maioria dos membros da corte provavelmente se dava por meio da biblioteca do Grande Palácio.¹⁴⁵ Essas obras, portanto, possuem um lugar de produção específico, que precisa ser adequadamente compreendido, e uma propagação e público igualmente específicos. Quaisquer conclusões sobre elas precisam ser associadas em primeiro lugar a esse importante caráter restritivo de nossas fontes.

1.3 BIZÂNCIO E O OCIDENTE

Até o século IX, as terras ocidentais, isto é, as antigas provinciais romanas ocidentais, são vistas pelos romanos orientais como uma parte desraigada do império, supostamente mantida em sua órbita por meio de acordos e concessões de títulos.¹⁴⁶ De fato, durante um longo tempo os novos governantes se mostraram relativamente subservientes aos imperadores em Constantinopla, ao menos do ponto de vista da retórica diplomática, fazendo com que aquele Ocidente pós-romano permanecesse, em tese, como parte do mundo romano. No início do século VI, um intenso contato entre os lados ainda se manteve, envolvendo trocas comerciais, apontamentos de cônsules por Constantinopla para o Ocidente e vigorosas atividades diplomáticas no Mediterrâneo, além de ser perceptível um grande número de médicos orientais atuando no Ocidente e intelectuais ocidentais presentes no Oriente. Manuscritos latinos eram inclusive copiados em Constantinopla, e, gregos, em Ravena.¹⁴⁷

No século VI, a deposição de Hilderico, rei dos vândalos e um aliado imperial, somada ao tratamento dado pelos vândalos aos bispos católicos, serviu como pretexto para uma intervenção militar pelo imperador Justiniano (527-565), que eventualmente desencadeou um projeto maior de reconquista de territórios outrora perdidos.¹⁴⁸ Parecia, ou se desejava que

LOWDEN, J. Book Production. JEFFREYS, E.; HALDON, J.; CORMACK, R. (Ed.). *The Oxford Handbook of Byzantine Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 462-472.

¹⁴⁴ MARTÍN, I. P. Byzantine Books. In: KALDELLIS, A.; SINOSSOGLU, N. (Ed.). *The Cambridge Intellectual History of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 38.

¹⁴⁵ WILSON, N. G. The Libraries of the Byzantine World. *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, [s.l.], n. 8, 1967, p. 55.

¹⁴⁶ LOUTH, A. The eastern empire in the sixth century. In: FOURACRE, P. (Ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. v. 1, p. 93; NICOL, D. M. The Byzantine view of Western Europe. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, Durham, NC, v. 8, n. 4, 1967, p. 319-320.

¹⁴⁷ MOORHEAD, J. The Byzantines in the West in the sixth century. In: FOURACRE, P. (Ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. v. 1, p. 119.

¹⁴⁸ MOORHEAD, J. The Byzantines in the West in the sixth century. In: FOURACRE, P. (Ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. v. 1, p. 123-132.

assim parecesse, que o Império superara as perdas territoriais: o historiador Procópio de Cesareia escreve singelamente que “[...] Roma tornou-se sujeita aos romanos novamente após um período de sessenta anos [...]”.¹⁴⁹ Muitos ocidentais marcaram presença em Constantinopla nesse período, incluindo aqueles buscando exílio. No entanto, não demorou tanto tempo para que os esses povos se sentissem desconfortáveis com a administração constantinopolitana. A Itália foi, afinal, incorporada como uma dependência do Império Romano de Constantinopla, e não restaurada como uma “parte ocidental” administrada à parte. Dificuldades militares no Oriente também fizeram com que o Império não fosse capaz de assegurar seu domínio sob o território reconquistado. Embora o Ocidente continuasse mostrando interesse pelo Oriente e vice-versa, ao final do século VI, as diferenças linguísticas se tornavam claramente acentuadas e mesmo a comunicação por cartas fora afetada por isso.¹⁵⁰ No século VII, os lombardos estabeleceram seu poder sobre a maior parte da Península Itálica. Aos poucos, a administração imperial foi se resumindo, com altos e baixos, a encaves ao sul, até que o poder bélico dos normandos entraria em cena no século XI, varrendo o Império da península.¹⁵¹

A partir do século VIII, as relações com o imperador em Constantinopla foram se esfarelado à medida em que este falhara em proteger o papado, que recorre então a Pepino, o Breve, recém-eleito rei dos Francos (751-768). Esse evento não é insignificante: quando Estevão II (752-757) legitima religiosamente Pepino como rei e concede o título de *patricius Romanorum* (Patrício dos Romanos), o papado começa a assumir algo que até então se presumia que somente os imperadores em Constantinopla tinham o direito de fazê-lo.¹⁵² No ano de 800, num avanço dessas das prerrogativas, o papa Leão III (795-816) coroa Carlos Magno, filho de Pepino, como *imperator Romanorum* (Imperador dos Romanos). A coroação foi vista de modo geral como uma afronta pelos romanos orientais, porquanto adotar tal título era afirmar, em algum sentido, algum direito de soberania sobre eles, *os romanos*. Embora vazio de identidade,

¹⁴⁹ PROCÓPIO, *História das Guerras*, V.14.14: “[...] Rome became subject to the Romans again after a space of sixty years [...]”.

¹⁵⁰ MOORHEAD, J. The Byzantines in the West in the sixth century. In: FOURACRE, P. (Ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. v. 1, p. 131-139.

¹⁵¹ BROWN, T. S. Byzantine Italy, c.680-c.876. In: MCKITTERICK, R. (Ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. v. 2, p. 320-348; LOUD, G. A. Southern Italy in the Tenth Century. In: REUTER, T. (Ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. v. 3, p. 624-645; LOUD, G. A. Southern Italy in the eleventh century. In: LUSCOMBE, D.; RILEY-SMITH, J. (Ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Cambridge, Cambridge University Press, 2004. v. 4, p. 94-119.

¹⁵² BALARD, M. Bizâncio visto do Ocidente. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J.-C. (Coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vol. I. Bauru: EDUSC, 2006, p. 131; FAVIER, J. *Carlos Magno*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004, p. 36-42; 60-62.

o título servia como adorno político e forma de legitimação do poder em ascensão.¹⁵³ O restabelecimento de uma unidade política no Ocidente sob os carolíngios, por mais frágil que fosse, forçou gradualmente o reconhecimento da existência de um novo mundo que se consolidava à margem do Império e de seu imperador em Constantinopla. Cooperação e competição marcarão o cenário das futuras interações entre Bizâncio e o Ocidente.¹⁵⁴

É a partir desse panorama de divisão e transformações que as relações serão moldadas entre os lados nos séculos seguintes. Como vimos, em finais do século VIII, os ocidentais deixam de considerar os romanos orientais como dignos desse nome e passam a chamá-los de gregos numa tentativa de minar as reivindicações orientais e defender o *translatio imperii* dos “gregos” aos francos.¹⁵⁵ Embora a relação do Império com os povos ocidentais fosse sempre complexa, eles eram vistos, de modo geral, como não romanos, por tanto passíveis de serem chamados de bárbaros. No entanto, em momentos de crise, ofensas até mais ousadas poderiam ser proferidas. Em 865, no contexto da conturbada elevação do patriarca Fócio de Constantinopla, o imperador Miguel III envia uma carta ao papa Nicolau I, infelizmente perdida, chamando a língua latina de bárbara e cita.¹⁵⁶ De modo irônico, o papa insinua em sua resposta que é melhor que o imperador comece então a se intitular imperador dos bárbaros.¹⁵⁷ Em 871, Luís II, em correspondência a Basílio I, reacende a discussão sobre a origem do poder imperial afirmando que este se origina legitimamente da Igreja de Roma e não do Senado e do povo, colocando o papado como o verdadeiro guardião da dignidade imperial.¹⁵⁸

¹⁵³ KALDELLIS, A. *Streams of Gold, Rivers of Blood: The Rise and Fall of Byzantium, 955 A.D. to the First Crusade*. New York: Oxford University Press, 2017a, p. 57-59. Ver SARTI, L. Frankish Romanness and Charlemagne’s Empire. *Speculum*, [s.l.], v. 91, n. 4, p. 1040-1058, 2016.

¹⁵⁴ NICOL, D. M. The Byzantine view of Western Europe. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, Durham, NC, v. 8, n. 4, 1967, p. 320; MCCORMICK, M. Byzantium and the west, 700-900. In: MCKITTERICK, R. (Ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. v. II, p. 380.

¹⁵⁵ Sobre a ideia de *translatio* no ocidente, ver, por exemplo, LAMERS, H. *Greece Reinvented: Transformations of Byzantine Hellenism in Renaissance Italy*. Leiden: BRILL, 2015, p. 65.

¹⁵⁶ Segundo Kaldellis, “[...] embora comumente os bizantinos consideravam o latim como sua ‘língua ancestral’, em tempos de tensão com a Velha Roma podiam mudar de direção e ridicularizá-la, revivendo as atitudes dos sofistas da Antiguidade Tardia em relação à linguagem empobrecida e bárbara do Ocidente”. KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p 68, tradução nossa.

¹⁵⁷ FÖGEN, M. T. Reanimation of the Roman Law in the Ninth Century: Remarks on Reasons and Results. In: BRUBAKER, L. (Ed.). *Byzantium in the Ninth Century: Dead or Alive?* Abingdon: Routledge, 2016, p. 19-22.

¹⁵⁸ RICHÉ, P. *The Carolingians: A Family Who Forged Europe*. Philadelphia, TN: University of Pennsylvania Press, 1993, p. 182-184. Talvez a carta estivesse fazendo referência a um senso comum sobre a ideia de legitimação na tradição romana, mas elas também podem ser uma curiosa evidência indireta de sua permanência no discurso político bizantino. Para ideias republicanas em Bizâncio, ver especialmente KALDELLIS, A. *The Byzantine Republic: People and Power in the New Rome*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2015.

No início do século X, os romanos orientais pareciam estar mais preocupados com as ameaças búlgaras do que com o Ocidente de modo geral. No entanto, logo precisaram lidar com a ascensão política dos otonianos.¹⁵⁹ Há diversas nuances nesse ponto da história, mas poderíamos ressaltar aqui um acontecimento. Em 968, enquanto numa missão diplomática em Constantinopla em busca de arranjar um casamento para o filho de Oto I com uma porfirogênita, Liuprando de Cremona relata a chegada de uma carta do papa João XIII se referindo a Nicéforo II como *Imperador dos Gregos* e a Oto I como *Augusto Imperador dos Romanos*. Segundo nos conta o mesmo em tons calamitosos, a ira parece ter sido tanta que os mensageiros papais foram lançados na prisão.¹⁶⁰ As negociações foram parcialmente bem sucedidas: Oto II somente conseguiu se casar com Teofânia, sobrinha do imperador João I Tzimisces (969-976).

1.3.1 O SÉCULO XI COMO PRENÚNCIO DOS CONFLITOS

O século XI testemunha o início de um intenso contato dentro do Império entre sua população e ocidentais. As peregrinações os tornaram mais visíveis, algo possibilitado pela concordata do Império com o Califado Fatímida, inaugurando assim algo como uma “idade de ouro” para o uso de mercenários ocidentais. Além disso, a conjuntura política do período também facilitou essa disposição, uma vez que os imperadores estavam cada vez mais desconfiados de seus exércitos provinciais e passaram a enxergar ingenuamente na contratação de mercenários um meio de ter tropas mais leais que respondessem diretamente a eles.¹⁶¹

A força mercenária foi explorada em uma escala significativa a partir da década de 1070 devido às baixas sofridas na Batalha de Manzikert de 1071 contra os turcos seljúcidas e na guerra civil subsequente, que dizimou os exércitos nativos.¹⁶² Dentre esses mercenários, destacam-se os de origem normanda, frequentemente chamados de francos pelos romanos orientais. Ao longo do século XI, o Império Romano medieval se defrontou com a ascensão do poder militar normando, que conseguiu arrancar suas últimas reivindicações no sul da Itália. Se

¹⁵⁹ SHEPARD, J. Byzantium and the West. In REUTER, T. (Ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. v. III, p. 605-623.

¹⁶⁰ CREMONA, L. of. *The Complete Works of Liudprand of Cremona*. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 2007, p. 267-269.

¹⁶¹ HARRIS, J. *Byzantium and the Crusades*. 2 ed. London: Bloomsbury Publishing, 2014, p. 44-45; ver também KALDELLIS, A. *Streams of Gold, Rivers of Blood: The Rise and Fall of Byzantium, 955 A.D. to the First Crusade*. New York: Oxford University Press, 2017a, p. 276.

¹⁶² KALDELLIS, A. *Streams of Gold, Rivers of Blood: The Rise and Fall of Byzantium, 955 A.D. to the First Crusade*. New York: Oxford University Press, 2017a, p. 276.

com esses feitos os normandos causavam preocupação, eles também provavam seu valor militar, e foram contratados como mercenários especialmente nas fronteiras orientais.¹⁶³

Em meados do século XI, o Império possuía entre seus principais comandantes militares um ocidental: Erveu Francópulo (“pequeno franco” ou “filho de um franco”). Diferente de muitos mercenários, Erveu viveu no império por muitos anos, conseguiu angariar uma considerável riqueza, comprar pedaços de terras e estabelecer residência no Armeníaco, um *théma* no extremo leste da Anatólia, onde se concentrava em maior número os mercenários normandos. Mas viver afastado de Constantinopla não parece ter diminuído sua ambição: após uma rebelião, angariou os altos títulos de *mágistros*, *bestiarítēs* e *stratēlatēs* que almejava. Embora não tenhamos evidências que comprovem isso, é possível que ele seja o fundador da família dos *Frankopouloí* que se tornaram proeminentes no século XI e XII, considerada a primeira importante família romana oriental de origem ocidental desse período. Outras famílias a seguiram e a superaram em influência, como os *Petraliphaí*, *Raoul* e *Rogérioí*.¹⁶⁴ Entre figuras individuais, dois outros nomes se destacam, ambos sucessores de Erveu na liderança normanda: Roberto Crispino e Roussel de Bailleul. Todos os três eventualmente levaram a cabo revoltas, mas o último, aparentemente o mais “romanizado” dos três nos costumes, parece ter conseguido uma grande simpatia de membros da elite e da população local, que via nele um poderoso líder guerreiro, algo que o Império Romano estava carente na turbulenta década de 1070.¹⁶⁵

Em finais do século XI também podemos observar o início do protagonismo dos mercadores italianos. Uma crisobula assinada em 1082 concedeu diversos privilégios aos venezianos, incluindo livre comércio sem taxação, com o evidente fim de retornar estes à órbita imperial. Nesse momento, “Eles não são mais de fato descritos como ‘forasteiros’, mas como

¹⁶³ OLSON, A. K. *"Part of our commonwealth": A study of the Normans in eleventh-century Byzantine historiography*. 2009. 108 f. Thesis (Master of Arts) - Department of History of The Faculty of Arts and Social Sciences, Simon Fraser University, Vancouver, 2011, p. 4; SHEPARD, J. The Uses of the Franks in Eleventh-Century Byzantium. *Anglo-norman Studies*, [s.l.], v. 15, 1993, p. 287-288.

¹⁶⁴ WIERZBIŃSKI, S. Normans and Other Franks in 11th Century Byzantium: The Careers of the Adventurers before the Rule of Alexius I Comnenus. *Studia Ceranea*, Łódź, v. 4, 2014, p. 284, 287.

¹⁶⁵ OLSON, A. K. *"Part of our commonwealth": A study of the Normans in eleventh-century Byzantine historiography*. 2009. 108 f. Thesis (Master of Arts) - Department of History of The Faculty of Arts and Social Sciences, Simon Fraser University, Vancouver, 2011, p. 18, 47- 59-65. Ver também KRALLIS, D. *Michael Attaleiates and the Politics of Imperial Decline in Eleventh-Century Byzantium*. Tempe, AZ: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 2012, p. 157-169.

‘verdadeiros e fieis servos’ [...]’.¹⁶⁶ Tratados com menores concessões, no entanto, somente foram firmados com os mercadores pisanos em 1111 e com os genoveses em 1155.¹⁶⁷

Notamos assim que a elite romana oriental fez uso de ocidentais segundo seus interesses e mesmo tolerou alguma integração deles em seu meio.¹⁶⁸ No entanto, o contato também trouxe ou foi acompanhado de tensões culturais, religiosas, econômicas e militares que deterioraram gradualmente as relações entre os lados.¹⁶⁹ No âmbito cultural e religioso, ocorria, em 1054, a troca de excomunhões entre o patriarca Miguel Cerulário e o cardeal Humberto de Silva Candida, evento que demonstra acima de tudo que ambos os lados da cristandade já não se entendiam.¹⁷⁰ Listas contendo os “erros teológicos” dos ocidentais começaram a circular em meados do século XI, ajudando a definir fronteiras teológicas, mas também culturais. As reclamações ou denúncias dessas listas incluem diferenças teológicas e de práxis religiosa, mas também cobrem temas variados como a face barbeada de seus sacerdotes, o material do qual eram feitos os paramentos litúrgicos e alguns equívocos, como afirmar que eles não comungavam, mas eram beijados pelos sacerdotes, provavelmente refletindo uma má observação da inconstância da comunhão leiga somada à prática litúrgica do Ósculo Santo.¹⁷¹

Com o agravamento da crise militar e política na década de 1070, cresceu o número de mercenários que auxiliavam militarmente o Império, iniciando um processo gradual de dependência desse último para com os primeiros. Em 1095, um pedido de auxílio militar em larga escala acabou por fomentar o movimento cruzadista. A chegada em massa das hordas da Primeira Cruzada a partir de 1096 causou grande espanto aos romanos orientais, que trataram

¹⁶⁶ NICOL, D. M. *Byzantium and Venice: A Study in Diplomatic and Cultural Relations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 62: “They are indeed described no longer as Outsiders' but as 'true and faithful servants' [...]”.

¹⁶⁷ LAIOU, A. E. Monopoly and Privileged Free Trade in the Eastern Mediterranean (8th-14th century). In: COULON, D. et al. *Chemins d'outre-mer: Études d'histoire sur la Méditerranée médiévale offertes à Michel Balard*. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2004, p. 511-526.

¹⁶⁸ Ver SIMPSON, A. The Perceptions of the Byzantine Aristocracy towards the Latins: 1081-1204. *Anistoriton*, [s.l.], v. 2, n. 983, 1998.

¹⁶⁹ MITSIOU, E. The Byzantines and the “others”: Between “transculturality” and discrimination. In: GASTGEBER, C.; DAIM, F. (Ed.). *Byzantium as Bridge between West and East*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie Der Wissenschaften, 2015, p. 67.

¹⁷⁰ KAZHDAN, A. *Oxford Dictionary of Byzantium*. Oxford: Oxford University Press, 1991. 3 v., p. 1850-1851; KALDELLIS, A. *Streams of Gold, Rivers of Blood: The Rise and Fall of Byzantium, 955 A.D. to the First Crusade*. New York: Oxford University Press, 2017a, p. 203-208.

¹⁷¹ MITSIOU, E. The Byzantines and the “others”: Between “transculturality” and discrimination. In: GASTGEBER, C.; DAIM, F. (Ed.). *Byzantium as Bridge between West and East*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie Der Wissenschaften, 2015, p. 67. Sobre as listas, ver KOLBABA, T. M. *The Byzantine Lists: Errors of the Latins*. Chicago: University of Illinois Press, 2000, p. 33-89.

seus “aliados” com suspeita, como se lidassem com uma possível ameaça.¹⁷² Esse quadro não se resume à elite constantinopolitana, mas parece ainda mais grave se olharmos para as evidências de como as camadas populares tanto da capital quanto das províncias lidaram com esse contato, especialmente após a segunda metade do século XII. Embora as tensões culturais e religiosas nesses âmbitos sejam significativas, o motivo por trás da “latinofobia” desse período talvez vá além da mera xenofobia e possa estar no medo real diante do encontro com esses potenciais conquistadores que marchavam ao longo do território imperial nem sempre de modo pacífico.¹⁷³ Todo esse desenvolvimento teve sua semente plantada no século XI.

Por ser palco dessa nova realidade, o século XI se mostra como pertinente para um estudo sobre alteridade. Nos capítulos seguintes, procuraremos analisar como Miguel Pselo e Miguel Ataliata construíram em suas histórias os contornos de sua identidade e como isso se relaciona com a forma como procuraram lidar com os ocidentais em suas narrativas. A partir disso, podemos ter uma ideia mais clara das relações e percepções entre os dois lados antes dos eventos mais catastróficos do século XII, como o Massacre dos Latinos em Constantinopla, em 1182, e a Quarta Cruzada, que acarretou no início da dominação latina, em 1204.

¹⁷² HARRIS, J. *Byzantium and the Crusades*. 2 ed. London: Bloomsbury Publishing, 2014, p. 55-58, 59-79. Ver também MAGDALINO, P. *The Byzantine Background to the First Crusade*. Toronto: Canadian Institute of Balkan Studies, 1996.

¹⁷³ HARRIS, J. *Byzantium and the Crusades*. 2 ed. London: Bloomsbury Publishing, 2014, p. 209-211; SIMPSON, A. J. Byzantine "latinophobia": some explanations concerning the central aspect of Byzantine popular attitudes towards the Latins in the XII century. *Mésogeios*, n. 3, p. 64-82, 1999.

2 ANTES DA TORMENTA: A *CRONOGRAFIA* DE MIGUEL PSELO

Constantino Pselo nasceu em 1018 no seio de uma próspera família constantinopolitana mediana, e seu pai descendia, segundo ele, de “cônsules e patrícios”.¹⁷⁴ Apesar de enfatizar suas raízes na capital e dizer que nunca saiu de seus muros antes dos dezesseis anos, alguns acreditam que Pselo talvez seja o mesmo monge Miguel com origem familiar em Nicomédia, uma região nos arredores de Constantinopla, mencionado por Miguel Ataliata em sua *História*, mas não há consenso quanto a isso.¹⁷⁵ Seria possível que Ataliata, ele próprio um provincial que fez carreira jurídica na capital, estivesse se utilizando de uma possível origem do pai de Pselo para zombar da prepotência deste que ele descreve como “desagradável e arrogante”? Seja como for, o ancestral de cargo mais alto parece ter pertencido à família de sua mãe, não de seu pai.¹⁷⁶

No início do governo do imperador Miguel IV, o Paflagônio (1034-1041), Pselo se tornou um secretário imperial e participou de diversas reuniões e festejos, o que lhe deu a oportunidade de fazer conexões. Sua carreira começa a decolar com a ascensão de Constantino IX Monômaco (1042-1055). Ganhando o favor tanto do imperador quanto de seu *mesázōn* Constantino Licuda, Pselo se torna um companheiro, um conselheiro e o autor dos discursos de Monômaco. De um mero secretário, Pselo é elevado a *prōtoasēkrētis* e passa a liderar os demais. Nesse período, recebe uma casa que pertencera ao nobre Constantino Ducas, futuro imperador (1059-1067), e se casa com uma mulher do qual pouco sabemos, oriunda de alguma família importante em Constantinopla. Eles somente tiveram uma filha de nome Estiliana.¹⁷⁷

Durante seu período ocupando esse cargo, Pselo fundou uma escola e ofereceu gratuitamente aulas a vários jovens interessados em Retórica e Filosofia. Durante o mesmo período, João Xifilino mantinha uma escola de Direito e seus alunos se envolveram em disputas intelectuais. Em 1045, Monômaco torna tanto a escola de Pselo quanto a de Xifilino “estatais”

¹⁷⁴ TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 272. Seguirei aqui especialmente a reconstrução biográfica de Treadgold, mas ver também as outras referências ao longo desta seção. A menção as origens de seu pai estão em PSELO, *Encômio para sua Mãe*, 4b.

¹⁷⁵ ATALIATA, *História*, 35.1. A identificação é defendida por KARPOZILOS, A. When did Michael Psellus die? The evidence of the Dioptra. *Byzantinische Zeitschrift*, Berlin, v. 96, n. 2, p. 671-677, 2004, e criticada por KALDELLIS, A. The date of Psellos' death, once again: Psellos was not the Michael of Nikomedeia mentioned by Attaleiates. *Byzantinische Zeitschrift*, Berlin, v. 104, n. 2, p. 651-664, 2012. Treadgold pontuou que as críticas de Kaldellis não são conclusivas e defende igualmente a identificação entre os personagens. Ver TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 273.

¹⁷⁶ TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 272-273.

¹⁷⁷ TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 273-275. Para o contexto das iniciativas de Monômaco, ver KALDELLIS, A. *Streams of Gold, Rivers of Blood: The Rise and Fall of Byzantium, 955 A.D. to the First Crusade*. New York: Oxford University Press, 2017, p. 187-191.

e as finanças. Sob este, o principal impulsionador de sua carreira e de outros intelectuais, recebe o pomposo título de Cônsul dos Filósofos (*hýpatos tōn philosophōn*), possivelmente criado para ele, e com isso a liderança da cátedra de Filosofia nesta recém-restabelecida “universidade” imperial ao lado de seu colega Xifilino, feito Guardião das Leis (*monophýlax*) para a cátedra de Direito. Por volta do mesmo tempo, Pselo recebe também o título de *hypértimos*.¹⁷⁸

Por volta de 1050, Pselo perde seus pais. No início de 1054, perde sua filha. Após esses eventos, adota uma menina e arranja seu casamento com um adolescente filho de um alto funcionário e o ajuda a crescer na carreira burocrática imperial.¹⁷⁹ Seus interesses filosóficos, ao lado de seus interesses no oculto, provocaram no clero da capital uma desconfiança de suas crenças, ocasionando sua posterior “fuga” da corte. Ele decide se separar de sua esposa e ser tonsurado em finais de 1054, quando recebe o nome de Miguel. Entre 1055-1056, passa por uma curta, mas conturbada vida monástica no Monte Olimpo na Bitínia, para onde seu colega João Xifilino também fora, que é interrompida pelo seu retorno à capital durante o governo de Teodora (1055-1056).¹⁸⁰ Pselo alimentou uma aversão à vida monástica e sua relação posterior com os monges do mosteiro foi hostil, como testemunha sua troca de cartas e poemas. Um deles o zomba de “Pai Zeus” e diz que ele não poderia suportar o Olimpo, como também se chamava a localidade, por que suas deusas não estavam lá lhe fazendo companhia.¹⁸¹

¹⁷⁸ TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 275; KALDELLIS, A. *Streams of Gold, Rivers of Blood: The Rise and Fall of Byzantium, 955 A.D. to the First Crusade*. New York: Oxford University Press, 2017, p. 188; JENKINS, D. Michael Psellos. In: KALDELLIS, A.; SINOSSOGLU, N. (Ed.). *The Cambridge Intellectual History of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, p. 447; HARRIS, J. Institutional Settings: The Court, Schools, Church, and Monasteries. In: KALDELLIS, A.; SINOSSOGLU, N. (Ed.). *The Cambridge Intellectual History of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, p. 28. Sobre o título de Consul dos Filósofos, ver KAZHDAN, A. (Ed.). *Oxford Dictionary of Byzantium*. Oxford: Oxford University Press, 1991. 3 v., p. 964.

¹⁷⁹ TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 266.

¹⁸⁰ KALDELLIS, A.; POLEMIS, I. General Introduction. In: PSELLOS, M. *Psellos and the Patriarchs: Letters and Funeral Orations for Keroullarios, Leichoudes, and Xiphilinos*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2015, p. 5-6, 12-14; LAUXTERMANN, M. D. Introduction. The Letters of Psellos: Cultural Networks and Historical Realities. In: JEFFREYS, M.; LAUXTERMANN, M. D. (Ed.). *The Letters of Psellos: Cultural Networks and Historical Realities*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 3. A situação dos intelectuais dependia muito da situação política do próprio Imperador, que neste momento estava enfraquecido. Ser tonsurado monge poderia ser uma forma de se afastar do perigo, “provar” sua Ortodoxia e não ofender o governante com sua saída. O próprio João Xifilino se tornara monge pouco tempo antes fingindo estar doente. TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 275-277.

¹⁸¹ Para a relação entre Pselo e o monasticismo, ver KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 209-219; FREDERICK, L. Psellos and the Nazireans. *Revue des études byzantines*, [s.l.], v. 64-65, p. 359-364, 2006-2007. Para Pselo e os monges de seu antigo mosteiro e o poema citado, ver KALDELLIS, A.; POLEMIS, I. General Introduction. In: PSELLOS, M. *Psellos and the Patriarchs: Letters and Funeral Orations for Keroullarios, Leichoudes, and Xiphilinos*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2015, p. 6;

De volta a capital, o novo *mesázōn* Leão Paraspondilo parece ter dificultado sua ascensão. Apesar disso, Pselo consegue romper o noivado de sua filha adotiva com a ajuda da imperatriz e arranjar seu casamento com Basílio Maledes. Em 1057, durante o governo de Miguel VI, ele é chamado para ajudar numa missão diplomática com Constantino Licuda ao então general rebelde Isaque Comneno. Isaque acaba se tornando imperador (1057-1059) e, numa demonstração respeito, concede-lhe o posto de *próedros*, passando então a presidir o Senado. Apesar disso, Pselo não participou do círculo mais íntimo deste governo como nos anteriores. Ele somente ganha preeminência novamente quando da ascensão de Constantino X Ducas (1059-1067), de quem ele se torna conselheiro. Pselo também se torna tutor e aparentemente padrinho do filho mais velho de Constantino X, o futuro imperador Miguel VII (1071-1078), e professor de seu filho mais novo, Andrônico. Sua família também se beneficia nesse momento: seu neto se torna afilhado do imperador e da imperatriz Eudócia Macrembolitissa, e seu jovem genro aparece como juiz no *théma* da Hélade, uma posição menos relevante que a anterior no Armeníaco, mas ainda sim prestigiosa. Após boatos e conselhos não acatados, Pselo parece ter perdido seu prestígio na corte, sendo posto de lado em muitas decisões tomadas. Como um evidente sinal desse afastamento, ele é indicado como juiz no *théma* dos Bucelários, localizado no norte da Anatólia.¹⁸²

Quando seu marido morre, Eudócia se torna regente de seu filho Miguel e traz novamente Pselo como um conselheiro. Rompendo com o que prometera, a imperatriz resolver se casar novamente e pede sua ajuda para arranjar seu casamento com Romanos IV Diógenes (1068-1071), que se torna co-imperador ao lado de Miguel. Pselo provavelmente fez isso a contragosto, pois isso significaria que seu amigo, o *kaïsar* João Ducas, e seu pupilo se tornariam menos influentes. O cortesão parece próximo à família imperial, uma vez que é ele dá a “péssima” notícia ao jovem Miguel sobre o casamento de sua mãe a pedido da mesma. Pselo se torna mais próximo do novo imperador do que da imperatriz, que o acusa de ingratidão. Apesar disso, Diógenes nem sempre acatou seus conselhos livrescos. Ele o acompanha em uma batalha contra os turcos em 1069, mas retorna assim que a ocasião lhe permite.¹⁸³

Quando da captura de Diógenes pelos turcos em 1071, Miguel VII se torna o único imperador. Embora fosse próximo deste, ele não ascende a nenhuma posição importante e se

LAUXTERMANN, M. D. Introduction. *The Letters of Psellos: Cultural Networks and Historical Realities*. In: JEFFREYS, M.; LAUXTERMANN, M. D. (Ed.). *The Letters of Psellos: Cultural Networks and Historical Realities*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 3-4.

¹⁸² TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 277-278.

¹⁸³ TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 279.

torna simplesmente um poeta e orador da corte, mantendo seu título de *hypértimos*.¹⁸⁴ Seu gênero, que fora capturado com Diógenes, é visto como um partidário do antigo imperador e é exilado. A educação que Pselo proporcionou ao imperador parece ter sido vista como culpada de muitas das falhas do governo de seu pupilo. Skylitzes Continuatus escreve que “Em sua tola e vã preocupação com seus estudos literários e sua incessante devoção em compor versos iâmbicos e anapestos, embora não tivesse um conhecimento real da arte, trouxe a ruína para o mundo inteiro, por assim dizer, ludibriado e enganado como era pelo Cônsul dos Filósofos.”¹⁸⁵ O destino de Pselo após o governo de Miguel VII (1071-1078) é incerto. Se ele não for o mesmo “Miguel de Nicomédia”, então sua morte pode ser datada em 1076 ou em algum momento após, quando cessa sua produção intelectual. Se for, ele ainda se torna *mesázōn* sob Nicéforo III Botaneiates (1078-1081), mas morre poucos meses depois.¹⁸⁶ Assim, Pselo foi sem dúvidas um dos personagens mais interessantes do século XI, possuindo “[...] uma carreira extraordinária, aconselhando oito ou nove governantes por cerca de trinta e seis anos, sem nunca perder totalmente sua influência. Nenhum cortesão contemporâneo durou tanto.”¹⁸⁷

Miguel Pselo aprendeu a ler com sua mãe antes dos quatro anos, quando foi enviado para um mosteiro próximo para dar continuidade a sua educação primária. Assim, seus pais provavelmente desejaram a seu filho uma carreira burocrática. Com oito anos iniciou sua educação secundária, quando, se acreditarmos em seu relato, decorou a *Ilíada* de Homero dentro de um ano. Após terminar a educação secundária, aos dezesseis anos, viajou até a Trácia para estudar retórica com um respeitado juiz. Ele, no entanto, termina seus estudos na capital com João Mauropo, pois seus pais o chamaram de volta quando da morte de sua irmã. Seu campo de conhecimento foi vasto: estudou Filosofia, Teologia, Astrologia, Medicina e qualquer outra

¹⁸⁴ TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 279-280.

¹⁸⁵ SKYLITZES CONTINUATUS, VI.27: “In his foolish and vain preoccupation with his literary studies and his incessant devotion to composing iambic verses and anapaests, even though he had no real knowledge of the art, he brought ruin upon the whole world, so to speak, beguiled and misled as he was by the consul of philosophers.” Ver também VI.2: “Meanwhile, Michael devoted himself to childish pastimes and occupations thanks to the consul of the philosophers, Psellos, who had rendered him unsuited and useless for every task.”

¹⁸⁶ Ver KARPOZILOS, A. When did Michael Psellus die? The evidence of the Dioptra. *Byzantinische Zeitschrift*, Berlin, v. 96, n. 2, p. 671-677, 2004; KALDELLIS, A. The date of Psellos' death, once again: Psellos was not the Michael of Nikomedeia mentioned by Attaleiates. *Byzantinische Zeitschrift*, Berlin, v. 104, n. 2, p. 651-664, 2012.

¹⁸⁷ TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 281: “[...] an extraordinary career, advising eight or nine rulers for some thirty-six years without ever wholly losing his influence. No contemporary courtier was as durable.”

área cujos meios fossem acessíveis a ele. Ele afirma ter ensinado a si próprio Filosofia, sua principal área de interesse, lendo Platão, Aristóteles, Plotino, Porfírio e Proclo.¹⁸⁸

Há diversas referências clássicas feitas por Pselo em sua principal obra historiográfica, a *Cronografia*.¹⁸⁹ Pode-se dizer que grande parte disso se deve ao tipo de educação disponível em Constantinopla naquele momento, mas nosso autor dificilmente pode ser encarado como um mero receptor: ele revolucionou a vida intelectual constantinopolitana no século XI, beneficiando consideravelmente seus sucessores sob a dinastia dos Comnenos no século seguinte. Considera-se que Pselo foi capaz de oferecer em sua época alternativas filosóficas helênicas ao paradigma cristão dominante.¹⁹⁰ Seu impacto intelectual pode ser visto inclusive em sua atuação como cortesão: um estudo recente apontou Pselo como o responsável pela retomada da produção de panegíricos imperiais no período intermediário.¹⁹¹ Um verdadeiro polímata, sua produção foi tão vasta quanto suas áreas de interesse: considerando os que chegaram até nós, ele é autor de 181 trabalhos teológicos, 171 trabalhos filosóficos, 27 trabalhos retóricos e gramaticais, 98 discursos, 124 poemas e 542 cartas, além de outros escritos sobre geografia, agricultura, tática militar, direito e medicina, totalizando 1176 itens. Há também uma gama de trabalhos atribuídos a ele considerados espúrios. Pselo também é o autor de duas histórias, a crônica *Historía Síntomos* (“Breve História”) e a classicizante *Cronografia*.¹⁹²

Sua segunda produção historiográfica reflete de algum modo o tempo em que esteve próximo ao centro do poder, o que o trouxe ao radar dos estudiosos há algum tempo.¹⁹³ Alguns trabalhos importantes ressaltaram a presença do helenismo na composição de sua visão de

¹⁸⁸ TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 273; KALDELLIS, A.; POLEMIS, I. General Introduction. In: PSELLOS, M. *Psellos and the Patriarchs: Letters and Funeral Orations for Keroullarios, Leichoudes, and Xiphilinos*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2015, p. 3-4.

¹⁸⁹ Para *exempla*, ver CRESCI, L. R. Exempla storici greci negli encomie nella storiografia bizantini del XII secolo. *Rhetorica: A Journal of the History of Rhetoric*, [s.l.], v. 22, n. 2, 2004, p. 131-132. Para literatura, ver esp. KINNÉR, S. Literary Echoes in Psellus’ Chronographia. *Byzantion*, [s.l.], v. 51, n. 1, p. 225-231, 1981.

¹⁹⁰ KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 191.

¹⁹¹ KALDELLIS, A. The Discontinuous History of Imperial Panegyric in Byzantium and its Reinvention by Michael Psellos. *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, [s. l.], v. 59, n. 4, p. 693-713, 2019.

¹⁹² Ver MOORE, P. *Iter Psellianum: A Detailed Listing of Manuscript Sources for All Works Attributed to Michael Psellos, Including a Comprehensive Bibliography*. Toronto: Pontifical Institute of Medieval Studies, 2005, p. 9, 415-466; TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 273.

¹⁹³ Ver a lista bibliográfica introdutória em NEVILLE, L. *Guide to Byzantine Historical Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018, p. 137-146. Uma lista ainda maior de obras de referência é oferecida em MOORE, P. *Iter Psellianum: A Detailed Listing of Manuscript Sources for All Works Attributed to Michael Psellos, Including a Comprehensive Bibliography*. Toronto: Pontifical Institute of Medieval Studies, 2005, p. 448-456.

mundo.¹⁹⁴ O presente capítulo, todavia, focar-se-á na *romanitas* de Pselo. Nosso objetivo é oferecer uma análise de seus usos do passado romano e das características dessa identidade como expressa na *Cronografia*. Esta não é uma maneira muito comum de abordar a obra, mas o recente debate sobre identidade romana em Bizâncio tornou possível direcionarmos novos olhares para as fontes, e é a partir disso que propomos uma análise de todas as suas passagens que possam nos apontar para a forma como Pselo expressava e dialogava com a romanidade. Ao lidar primariamente com o contemporâneo, a *Cronografia* pode nos ajudar a elucidar o lugar deste elemento na visão de mundo do autor e como isso influencia sua narrativa.

Como dito, nossa abordagem se focará no uso do passado romano e na forma geral de como essa identidade romana se apresenta ao longo da obra.¹⁹⁵ Muitas das referências que Pselo faz a esse passado se dão por meio de breves exemplos (*exempla*) de indivíduos da Roma Antiga.¹⁹⁶ Por certo, ele também referencia a Antiguidade Grega e fala de personagens ideais helênicos, mas podemos distinguir essas duas categorias de referências de um modo bastante simples: aquelas que dizem respeito ao passado romano estão majoritariamente relacionadas a esse Império Romano que se estende até seus dias – e aqui devemos ter em mente a crença do

¹⁹⁴ Por exemplo, KALDELLIS, A. *The Argument of Psellos' Chronographia*. Leiden: Brill, 1999; *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 191-224; DUFFY, J. Hellenic Philosophy in Byzantium and the Lonely Mission of Michael Psellos. In: IERODIAKONOU, K; (Ed). *Byzantine Philosophy and its Ancient Sources*. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 139-156; BARBER, C.; JENKINS, D.. (Ed.). *Reading Michael Psellos*. Leiden: Brill, 2006; PAPAIOANNOU, S. *Michael Psellos: Rhetoric and Authorship in Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013; BARBER, C.; PAPAIOANNOU, S. (Ed.). *Michael Psellos on Literature and Art: A Byzantine Perspective on Aesthetics*. Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 2017; JENKINS, D. Michael Psellos. In: KALDELLIS, A.; SINIOSSOGLU, N. (Ed.). *The Cambridge Intellectual History of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 447-461.

¹⁹⁵ Para estudos sobre os usos do passado com foco na Idade Média ocidental, ver especialmente HEN, Y.; INNES, M. (Ed.). *The Uses of the Past in the Early Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. Não há um trabalho similar sobre Bizâncio, mas ver CRESCI, L. R. *Exempla storici Greci negli encomie nella storiografia Bizantina del XII secolo*. *Rhetorica*, [s.l.], v. 22, n. 2, p. 115–145, 2004; SHEPARD, J. Past and future in Middle Byzantine diplomacy: some preliminary observations. In: BALARD, M. et al (Ed.). *Byzance et le monde extérieur: Contacts, relations, échanges*. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2005. p. 171-191; MARKOPOULOS, A. Roman Antiquarianism: aspects of the roman past in the middle byzantine period (9th-11th centuries). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF BYZANTINE STUDIES, 21., 2006, London. Proceedings [...] . Aldershot: Ashgate, 2006. v. 1, p. 277-297; MALATRAS, C. The Perception of the Roman Heritage in 12th Century Byzantium. *Rosetta*, [s.l.], p. 1-8, 2009. Ver também KRALLIS, D. *Michael Attaleiates and the Politics of Imperial Decline in Eleventh-Century Byzantium*. Temple: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 2012, especialmente p. 192-199; NEVILLE, L. *Heroes and Romans in Twelfth-Century Byzantium: The Material for History of Nikephoros Bryennios*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, especialmente p. 194-203.

¹⁹⁶ CRESCI, L. R. *Exempla storici greci negli encomie nella storiografia bizantina del XII secolo*. *Rhetorica*, [s.l.], v. 22, n. 2, 2004, p. 131-132. Para as origens dessa tradição, ver ROLLER, M. The Exemplary Past in Roman Historiography and Culture. In: FELDHERR, A. *The Cambridge Companion to the Roman Historians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 214-230.

autor na continuidade imperial. Pselo faz paralelos entre imperadores, idealiza um personagem em suas características militares, explica “historicamente” a origem a um problema contemporâneo e propõe o melhor a ser feito segundo a tradição. As referências helênicas, no entanto, dizem respeito majoritariamente a outras esferas, como a certa idealização da nobreza dos gregos antigos, às artes e ao conhecimento. Portanto, analisar o uso do passado na *Cronografia* elucida algo da dimensão histórica de sua romanidade. Em seguida, analisaremos como Pselo descreve este Império Romano medieval, como ele pensa esses romanos e como podemos classificar essa identidade de acordo com como ela aparece na obra.

Como identidades são sempre fenômenos relacionais,¹⁹⁷ entender como Pselo percebe a si mesmo e a sua comunidade nos permite enxergar os contornos de como outros grupos humanos são percebidos por ele. Os ocidentais não marcarão uma presença significativa na obra, e precisaremos analisar de modo geral como os estrangeiros – os “bárbaros” – são retratados para obtermos algumas respostas. Ainda assim, ter a *Cronografia* como ponto de partida nos permite localizar melhor as duas obras que analisaremos nas tumultuosas interações desse período. Dito isso, precisamos lembrar que nossa proposta não se trata de simplesmente estudar a presença ocidental na sociedade bizantina a partir do quão eles se fazem presentes ou não, mas sim de como sua presença afeta ou não qualquer dinâmica cultural em relação a como eles são vistos. Desde modo, poderemos responder, por exemplo, se Pselo estaria disposto ou não a aceitar um ainda que “romanizado” bárbaro normando como seu imperador.

Algumas palavras sobre a *Historía Sýntomos*. Esta crônica, provavelmente escrita para a instrução do futuro imperador Miguel VII Ducas quando este ainda era seu pupilo por volta de 1061, é um evidente sinal do interesse do autor no passado romano, da pertinência do mesmo para a elite letrada romana oriental do século XI e da crença na continuidade da Roma da Antiguidade com o Império de seus dias.¹⁹⁸ Partindo da fundação mitológica de Roma por Rômulo, ela oferece pequenas biografias dos governantes até o imperador Basílio II, o Bulgaróctono (976-1025). Pselo certamente teve entre suas fontes as crônicas bizantinas, especialmente a de Simeão, o *logothētēs*; da historiografia greco-romana, Dionísio de Halicarnasso parece ter sido a principal fonte para a Roma primitiva. Embora difícil precisar

¹⁹⁷ Ver WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. R. da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.

¹⁹⁸ KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 219. Ver também DŽELEBDŽIĆ, D. I dimokratikí Rómi stin politikí sképsi tou Mikhaíl Pseloú. *Zbornik radova Vizantološkog instituta*, Beograd, v. 42, p. 23-34, 2005. Para a datação da obra, ver especialmente TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 288.

suas fontes, se considerarmos os manuscritos sobreviventes do século XI e de séculos posteriores, alguém na posição de Pselo provavelmente tinha a sua disposição as histórias de Políbio, Plutarco, Apiano, Cassio Dio e Herodiano – os historiadores gregos de Roma.¹⁹⁹

Pselo, assim, pode ter sido “helenocêntrico” em diversos aspectos devido a suas raízes intelectuais,²⁰⁰ mas sua historiografia também nos permite compreender que lugar a “ideia de Roma” ocupava para um importante intelectual e cortesão do Império Romano medieval no século XI. Como notamos acima, Pselo recorre ao passado romano clássico para traçar as origens de seu Império, o que significa que seu senso de comunidade histórica e política pertencia à Roma. Nossa abordagem, portanto, não é de forma alguma discordante, mas sim complementar com relação a seu helenismo: se o seu conhecimento fez desse polímata medieval um “helênico”, sua cultura e comunidade políticas fez dele um cidadão romano.

A *Cronografia* de Miguel Pselo é uma das principais fontes para os anos de 976 a 1074. Sua primeira versão foi provavelmente escrita durante o governo de Constantino X (1059-1067) e finalizava com Isaque I Comneno (1057-1059), sendo concluída por volta de 1062. A versão tal como conhecemos hoje, chegando a Miguel VII (1071-1078), foi finalizada por volta de 1074. Com foco principal na história política do século XI e recheada de informações pessoais sobre os homens e mulheres no poder, a *Cronografia* nos apresenta um autor que faz análises “psicológicas” da personalidade de quatorze governantes e que mantém uma forte presença ao longo de todo o texto, apresentando suas visões pessoais e se inserindo na narrativa como testemunha ou como um personagem histórico relevante de alguns acontecimentos. Também constituída por biografias dos governantes, a classicizante *Cronografia* é uma das principais e mais complexas obras do reavivamento clássico no período intermediário bizantino.²⁰¹

¹⁹⁹ TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 285-286; KALDELLIS, A. The Byzantine Role in the Making of the Corpus of Classical Greek Historiography: a Preliminary Investigation. *The Journal of Hellenic Studies*, [s. l.], v. 132, 2012b, p. 74-78. Para uma introdução a alguns desses historiadores greco-romanos, ver PELLING, C. The Greek Historians of Rome. In: MARINCOLA, J. (Ed.). *A Companion to Greek and Roman Historiography*. Malden, MA: Blackwell, 2007. p. 225-238.

²⁰⁰ Ver KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, 219-224.

²⁰¹ Segundo a recente e talvez mais convincente datação de TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 289. Sobre essas análises “psicológicas”, ver KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 217. Sobre a presença do autor no texto, ver especialmente MACRIDES, R. J. The Historian in the History. In: CONSTANTINIDES, C. N.; PAGANIOTAKES, N.; JEFFREYS, E. *Φιλέλλην: Studies in Honour of Robert Browning*. Venice: Istituto ellenico di studi bizantini e postbizantini di Venezia, 1996. p. 205-224.

2.1 OS USOS DO PASSADO ROMANO E O LUGAR DA CIDADE DE ROMA

2.1.1 ROMANO III ÁRGIRO: UM “TRAJANO FRACASSADO”

As primeiras referências ao passado romano se dão quando Pselo inicia sua descrição de Romano III Árgiro (1028-1034). Ele afirma que esse imperador era desejoso de modelar seu governo segundo “[...] os famosos Antoninos do passado, o grande filósofo Marco e Augusto [...]”.²⁰² Apesar disso, Pselo zomba do conhecimento deste imperador, incluindo no campo da ciência militar, o que é seguido pela afirmação de que esse período gerara poucos homens de real erudição, uma espécie de enaltecimento indireto a sua própria época.²⁰³ Pselo retrata a primeira fase do governo de Romano III como imprudente e totalmente falha. O imperador, segundo Pselo, queria inflar-se de glórias militares e constituir uma dinastia.²⁰⁴ Deixando de lado seus estudos, começou a falar sobre “[...] anexar todos os bárbaros, ao leste e ao oeste de igual maneira”.²⁰⁵ Pselo descreve que o grande entusiasmo de Árgiro poderia ter beneficiado grandemente o Império, mas ele foi imprudente e imergiu-se em vaidade ao criar esperanças vãs sobre algo que ele mesmo viria a derrubar por terra por suas ações falhas.²⁰⁶

Pselo afirma que Árgiro tinha contato não somente com a literatura grega, mas tinha algum conhecimento das obras literárias dos “italianos”.²⁰⁷ Esta informação parece influenciar a descrição deste imperador como alguém com aspirações ao passado romano. Poderíamos supor que ele tinha acesso à literatura latina e o conhecimento da língua para lê-la? Se Árgiro sabia algo de latim, isso pode ter se dado pela sua formação jurídica, não por uma ampliação de seus interesses culturais.²⁰⁸ Pselo, por exemplo, afirmava saber ele próprio latim, mas é

²⁰² PSELO, *Cronografia*, 3.2: “[...] τοὺς ἀρχαίους Ἀντωνίνους ἐκεῖνους, τὸν τε φιλοσοφώτατον Μάρκον· καὶ τὸν Εὐσεβῆ [...]”.

²⁰³ PSELO, *Cronografia*, 3.2-3.

²⁰⁴ PSELO, *Cronografia*, 3.5, 7.

²⁰⁵ PSELO, *Cronografia*, 3.4: “[...] ἅπαν ἐλεῖν τὸ βάρβαρον, ὅσον τὲ ἐϋϋον· καὶ ὅσον ἐσπέριον.”

²⁰⁶ PSELO, *Cronografia*, 3.4. Romano III assume o governo num clima de insegurança. Suas campanhas militares foram um dos meios que ele buscou de trazer prestígio ao seu nome. Além disso, o Império ainda vivia nas sombras das conquistas de Basílio II, o Bulgaróctono. Ver KALDELLIS, A. *Streams of Gold, Rivers of Blood: The Rise and Fall of Byzantium, 955 A.D. to the First Crusade*. New York: Oxford University Press, 2017, p. 18-165.

²⁰⁷ PSELO, *Cronografia*, 3.2.

²⁰⁸ SHEPARD, J. The Emperor's 'Significant Others': Alexios I Komnenos and his 'Pivot to the West'. In: TOUGHER, S. (Ed.). *The Emperor in the Byzantine World: Papers from the Forty-Seventh Spring Symposium of Byzantine Studies*. London: Routledge, 2019, p. 141; OIKONOMIDES, N. L'«unilinguisme» officiel de Constantinople byzantine (VIIe-XIIIe s.). *Byzantina Symmeikta*, Athens, 1999, p. 10.

possível que se tratasse somente de um conhecimento manejável.²⁰⁹ O conhecimento do latim pode ter impulsionado ou foi impulsionado com o estabelecimento da Escola de Direito por Constantino IX Monômaco sob a direção de João Xifilino em 1045, onde era exigido que seu diretor soubesse algo da língua, embora o próprio conhecimento de Xifilino deveria ser rudimentar.²¹⁰ O mais provável é que Árgiro tenha lido as *Meditações* de Marco Aurélio, um dos Antoninos que aspirava imitar segundo Pselo, escrita originalmente em grego e redescoberta no século X por Aretas de Cesareia.²¹¹ De modo geral, Pselo é praticamente mudo sobre a Península Itálica, berço da civilização romana, com exceção de lamentar no livro VI a perda do território ao sul, o qual chama de “[...] a parte mais nobre do Império [...]”.²¹²

Segundo Pselo, considerando ser fácil conquistar os bárbaros a oeste, Romano III pôs grande foco a leste, nos sarracenos da Celessíria, embora não houvesse nenhum motivo para declarar guerra contra eles. Ele acreditava que conseguiria fama dominando-os.²¹³ Falando do objetivo do imperador em realizar determinados feitos militares, outra vez emerge o passado romano: “[...] tais feitos, como a tradição reconta, foram realizados por aqueles Trajanos e Adrianos e, ainda mais recuado, por gente como os Augustos Césares e, antes desses, por Alexandre, filho de Felipe [...]”.²¹⁴ Jonathan Shepard notou que a ideia de um “desejo por fama” que Pselo atribui a Árgiro parece ecoar à própria descrição que o historiador greco-romano Cássio Dio faz de Trajano.²¹⁵ Isto demonstra que Pselo não estava somente se referindo a forma como o imperador aparentemente se via, mas estava realmente se engajando com o passado romano pelas vias historiográficas ao traçar sua personalidade. Como a campanha de Romano

²⁰⁹ RUNCIMAN, S. *Byzantine Civilization*. London: Methuen & CO LTD, 1961, p. 232; MARKOPOULOS, A. Roman Antiquarianism: Aspects of the Roman Past in the Middle Byzantine Period (9th-11th Centuries). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF BYZANTINE STUDIES, 21., 2006, London. *Proceedings...* Aldershot: Ashgate, 2006. v. 1, p. 292-293.

²¹⁰ BALDWIN, B. Vergil in Byzantium. *Antike und Abendland*, [s.l.], v. 28, n. 1, 1982, p. 92; MARKOPOULOS, A. Roman Antiquarianism: Aspects of the Roman Past in the Middle Byzantine Period (9th-11th Centuries). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF BYZANTINE STUDIES, 21., 2006, London. *Proceedings...* Aldershot: Ashgate, 2006. v. 1, p. 290-292.

²¹¹ Ver SHEPARD, J. The Emperor's 'Significant Others': Alexios I Komnenos and his 'Pivot to the West'. In: TOUGHER, S. (Ed.). *The Emperor in the Byzantine World: Papers from the Forty-Seventh Spring Symposium of Byzantine Studies*. London: Routledge, 2019, p. 141. Para as *Meditações* em Bizâncio, ver HADOT, P. *The Inner Citadel: The Meditations of Marcus Aurelius*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1998, p. 22.

²¹² PSELO, *Cronografia*, 6.78: “[...] τὸ σεμνότατον τῆς ἀρχῆς [...] μέρος [...]”.

²¹³ PSELO, *Cronografia*, 3.7.

²¹⁴ PSELO, *Cronografia*, 3.8: “[...] καὶ ὅποσα ἀκοῆ ἴσμεν παρὰ τοῖς Τραϊανοῖς ἐκείνοις καὶ Ἀδριανοῖς· καὶ ἔτι ἄνω παρὰ τοῖς Σεβαστοῖς γενόμενα Καίσαρσι· καὶ πρὸ ἐκείνων παρὰ Ἀλεξάνδρῳ τῷ τοῦ Φιλίππου [...]”.

²¹⁵ SHEPARD, J. Emperors and Expansionism: From Rome to Middle Byzantium. ABULAFIA, D.; BEREND, N. *Medieval Frontiers: Concepts and Practices*. London: Routledge, 2016, p. 55, 77. Compare PSELO, *Cronografia*, 7-8 e CÁSSIO DIO, *História Romana*, 68.17, 29-30.

III é um desastre, inicia-se a segunda fase de seu governo, no qual se torna um homem ainda mais piedoso.²¹⁶ Mesmo assim, Pselo ainda o critica, inserindo mais uma vez o passado romano na narrativa: dessa vez, ele deseja imitar o imperador Justiniano (527-565) – assim como o “grande Salomão” da narrativa veterotestamentária – e construir um enorme templo como a basílica de Santa Sofia, o que se tornou uma fonte de gastos e de muitas tribulações.²¹⁷

Por trás desse retrato debochado de sua aspiração em ser como os grandes conquistadores do passado, parece existir na verdade um desencorajamento de qualquer tendência expansionista.²¹⁸ Podemos observar que mesmo um imperador que alargou as fronteiras como Basílio II, o Bulgaróctono (976-1025), é retratado como um defensor contra as empreitadas dos bárbaros.²¹⁹ Pselo elogia Miguel IV, o Paflagônio (1034-1041) por ter se devotado ao Império e assim garantido não só a boa governança das cidades dentro das fronteiras, mas também contido “[...] as expedições contra nós dos povos circundantes [...]”.²²⁰ Este imperador decidiu lidar com a revolta búlgara de 1041 porque considerava terrível “[...] se não somente não aumentasse o Império dos Romanos, mas parte dele fosse perdida.”²²¹ Na narrativa da revolta de Leão Tornício durante o governo de Constantino IX (1042-1055), Pselo afirma que o povo de Constantinopla “[...] desejava ver um imperador soldado capaz de correr perigos por eles e frear as incursões dos bárbaros”.²²² Parece-nos evidente que, para o autor, o Império precisava não de expansão, mas da defesa de suas fronteiras. Com a escalada de perda territorial após a segunda metade do século XI, esse caráter defensivo parece se tornar ainda

²¹⁶ PSELO, *Cronografia*, 3.12.

²¹⁷ PSELO, *Cronografia*, 3.14-18.

²¹⁸ Isto pode parecer contraditório com Bizâncio ser um “império”, mas na verdade diz muito da própria natureza do “império” nesse período. John Haldon e Jack Goldstone ressaltaram que “O ‘império’ bizantino era, em muitos aspectos, apenas um pequeno estado territorialmente unificado; seu aspecto ‘imperial’ teve vida curta e ocasional, mas ainda mantém a imagem de um império por causa de suas origens ‘imperiais’, como parte do sistema imperial romano.” GOLDSTONE, J.; HALDON, J. F. *Ancient States, Empires, and Exploitation: Problems and Perspectives*. In: MORRIS, I.; SCHEIDEL, W. (Ed.). *The Dynamics of Ancient Empires: State Power from Assyria to Byzantium*. Oxford: Oxford University Press, 2009, p. 17, tradução nossa. De modo similar, Anthony Kaldellis afirma que Bizâncio não é exatamente um “império” no período intermediário, mas um estado cada vez mais centrado em sua própria comunidade territorial e étnica, possuindo, em alguns momentos, territórios de conquistas esporádicas. Por volta de 1064, por exemplo, Bizâncio — ou melhor, a *Rhomanía*, como era chamada a “Terra dos Romanos” — não seria exatamente um império, mas sim *possuiria* um império. Ver KALDELLIS, A. *Romanland: Ethnicity and Empire in Byzantium*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2019, 169-268.

²¹⁹ PSELO, *Cronografia*, 1.22, 30, 31.

²²⁰ PSELO, *Cronografia*, 4.19: “[...] τοῖς περίξ ἔθνεσι τὰς ἐφ’ ἡμᾶς [...] ἐφόδους [...]”.

²²¹ PSELO, *Cronografia*, 4.42: “[...] εἰ μὴδὲν τι προσθεῖς τῇ βασιλείᾳ Ῥωμαίων, μέρος τι ταύτης ἀφαιρεθεῖ [...]”.

²²² PSELO, *Cronografia*, 6.104: “[...] καὶ βουλομένους στρατιώτην ἰδεῖν αὐτοκράτορα, σφῶν τὲ προκινδυνεύοντα καὶ τὰς ἐπιδρομὰς τῶν βαρβάρων ἀνείργοντα.” Ver também 6.109.

mais urgente.²²³ Por exemplo, as vitórias de Constantino X Ducas (1059-1067) sobre os bárbaros são enfatizadas nos panegíricos de Pselo, revelando, como notou Anthony Kaldellis, “[...] uma ansiedade defensiva sobre este assunto que é ausente em seus discursos anteriores.”²²⁴ Isso está em consonância com esse aspecto presente também na *Cronografia*, cuja primeira parte foi finalizada em torno de 1062, justamente durante o governo de Ducas.

Segundo Pselo, ao ascender ao poder, o imperador Isaque Comneno (1057-1059) teria pedido sua opinião sobre a melhor forma de governar e o que deveria fazer para rivalizar os grandes soberanos.²²⁵ Pselo não descreve sua provável resposta filosófica, mas quando trata da política externa deste imperador, afirma que seu tom pacífico não se deu porque este se relutava em conceder ao Império dos Romanos a aquisição de novos territórios, mas sim porque tinha consciência dos gastos em recursos financeiros e humanos para realizar uma empreitada desse tipo. Na falta destes, tal empreendimento se converte em uma fraqueza para o Império. Comneno é descrito como um general de respeito, temido inclusive pelos bárbaros, mas que lida pacificamente com as questões externas, o que em outras palavras significa que ele não se aventurava em guerras em busca de glórias militares com Romano III Árgiro.²²⁶

Pselo compara o corpo político a um corpo moribundo e anômalo que sofreu nas mãos de governantes dispendiosos após as grandes conquistas e espólios de Basílio II e que precisava passar por duras reformas, quase uma política de austeridade, para voltar a funcionar corretamente. Comneno realiza então essa missão, destituindo diversos privilégios.²²⁷ Pselo já afirmara anteriormente que somente o uso racional e balanceado de gastos em presentes e honrarias contribui à “hegemonia dos romanos”.²²⁸ Embora não fale de expansionismo nesse momento, Romano III é descrito como agravando a doença iniciada por Constantino VIII por seus gastos nestas coisas.²²⁹ Pselo diz que os imperadores anteriores a Isaque desperdiçaram o tesouro imperial em assuntos pessoais e esqueceram da organização do exército. Sendo ele próprio uma liderança militar, Isaque já tinha consciência dos motivos por trás do estado

²²³ Ver KALDELLIS, A. *Streams of Gold, Rivers of Blood: The Rise and Fall of Byzantium, 955 A.D. to the First Crusade*. New York: Oxford University Press, 2017, especialmente p. 152, 278.

²²⁴ KALDELLIS, A. *Streams of Gold, Rivers of Blood: The Rise and Fall of Byzantium, 955 A.D. to the First Crusade*. New York: Oxford University Press, 2017, p. 238: “[...] a defensive anxiety about this issue that is absent from his previous orations.”

²²⁵ PSELO, *Cronografia*, 7.39.

²²⁶ PSELO, *Cronografia*, 7.50.

²²⁷ PSELO, *Cronografia*, 7.51-64.

²²⁸ PSELO, *Cronografia*, 6.29.

²²⁹ PSELO, *Cronografia*, 7.52-53. Mas como Pselo afirma na narrativa de Romano III, este imperador gastou recursos colossais em sua campanha no Oriente. Ver PSELO, *Cronografia*, 3.7.

deplorável da hegemonia dos romanos e sabia porque apenas os povos vizinhos prosperavam e porque “[...] ninguém podia impedir as incursões e saques dos bárbaros [...]”.²³⁰ Apesar do tom pacífico, Comneno realiza campanhas defensivas, colocando fim em incursões bárbaras à leste e a oeste.²³¹ Mas percebe que, no caso dos misianos (pechenegues) à oeste, Pselo afirma que o imperador os atacou afim de “[...] expulsá-los das fronteiras romanas”.²³²

Esse caráter defensivo, portanto, perpassa toda a obra. Como vimos, parece-nos que Pselo olha para esses acontecimentos tendo em vista a difícil situação do Império no momento de sua escrita. Assim, o dispendioso Romano III Árgiro emerge na narrativa pseliana como um imprudente imperador que poderia ter feito algo para fortalecer as defesas do Império, mas preferiu antes se iludir achando que poderia ser um grande conquistador como os antigos. O momento, no entanto, logo mostraria que o Império precisava não de um grande conquistador, mas sim de alguém capaz de defender as fronteiras contra os ataques dos vizinhos. É importante notar que quando Pselo compara o desejo daquele em ser como lideranças do passado, isso não o leva a uma crítica a estes homens e suas glórias militares, mas sim a reforçar sua crítica a Romano III por falhar terrivelmente em ser como eles.²³³ No caso da comparação com Justiniano, a questão parece ser os gastos desnecessários. Para Pselo, o imprudente projeto militar de Árgiro, alguém que não conhecia suficientemente sobre táticas militares e era movido pela vaidade de querer ser como os imperadores do passado e com isso obter glórias, levou-o a ruína. Podemos perceber um caráter didático deixado pelo autor a seus leitores.

2.1.2 JOÃO DUCAS: CÉSAR COMO OS CÉSARES?

Compare a já analisada descrição de Romano III Árgiro à última referência ao passado romano na *Cronografia*: Pselo descreve João Ducas, o *kaïsar*²³⁴ durante os governos dos imperadores Constantino X e Miguel VII Ducas, como um mestre da estratégia militar, com

²³⁰ PSELO, *Cronografia*, 7.59: “[...] καὶ οὐδεὶς τῶν πάντων ἀνείργειν δεδύνηται βαρβάρων ἐπιδρομὰς καὶ ληστείας [...]”.

²³¹ PSELO, *Cronografia*, 7.67-71.

²³² PSELO, *Cronografia*, 7.70: “[...] ἀπελάσαι τῶν ῥωμαϊκῶν ὄρων [...]”.

²³³ PSELO, *Cronografia*, 3.4.

²³⁴ Isto é, o *César*. Inicialmente utilizado para designar o próprio imperador, o título passou a designar uma espécie de imperador menor ligado ao *Augusto* durante o governo de Diocleciano (284-305). Até o século XI, era o título mais elevado na sociedade romana oriental, geralmente concedido pelos imperadores a um familiar próximo ou a seu possível sucessor. Ver KAZHDAN, A. (Ed.). *Oxford Dictionary of Byzantium*. Oxford: Oxford University Press, 1991. 3 v, p. 1850-1851; KALDELLIS, A. *Streams of Gold, Rivers of Blood: The Rise and Fall of Byzantium, 955 A.D. to the First Crusade*. New York: Oxford University Press, 2017, p. 349.

habilidades comparáveis “[...] àqueles antigos e muito cantados Césares e a todos os ousados feitos e conquistas dos Adrianos, Trajanos e outros de mesma companhia”.²³⁵ Diferente de Romano III, Ducas teria estudado a fundo o tema graças a suas leituras de Eliano e Apolodoro, dois importantes estrategistas gregos que serviram a Roma. Além disso, Pselo o elogia por seu autocontrole, diplomacia e cuidado em evitar extremos.²³⁶ Mas há um problema sutil: estaria Pselo sendo irônico nessa descrição aparentemente favorável do *kaĩsar* João Ducas?

Para Dimitris Krallis, todo o caráter encomiástico da narrativa do governo dos Ducas na segunda parte da *Cronografia* oculta uma distinta ironia.²³⁷ João Vicente de M. P. Dias defendeu um caráter irônico para a segunda parte da obra, observando que o que é criticado na personalidade dos imperadores na primeira se torna as características pelos quais os Ducas são elogiados na segunda.²³⁸ Comentando alguns trechos das biografias de Constantino X e Miguel VII onde Pselo nega estar sendo encomiástico, Diether Reinsch aponta que essas passagens se tratam de “dissociação irônica”.²³⁹ A partir do que fora dito por Krallis, Leonora Neville considerou a passagem sobre João Ducas difícil de ser avaliada.²⁴⁰ Embora esteja falando da frase final presente numa variante textual, Reinsch considera que a narrativa no retrato de João Ducas se torna sarcasmo explícito ao falar sobre Constantino IX e Miguel VII.²⁴¹ Considerando isso, gostaríamos de propor um caminho para interpretarmos essa possível ironia.

Contrastando essa descrição com a crítica de Romano III, poderíamos considerar que Pselo está sendo de algum modo sincero ao elogiar João Ducas por seu conhecimento das táticas militares e por ser alguém ponderado em suas ações. No entanto, não podemos esquecer que, a despeito de qualquer coisa, o texto se trata evidentemente de um encômio aos Ducas, e um bom nível de exagero pode estar presente em suas palavras. Se partirmos da hipótese de que há uma

²³⁵ PSELO, *Cronografia*, 7C.16: [...] κατὰ τοὺς ἀρχαίους ἐκείνους καὶ πολλῶν μὴ τούτων Καίσαρας· καὶ ὅποσα τετολμήκασι τε καὶ κατορθώκασιν Ἀδριανοὶ· καὶ Τραϊανοὶ· καὶ οἱ τῆς αὐτῆς ξυμμορίας ἐκείνοις.

²³⁶ PSELO, *Cronografia*, 7C.17.

²³⁷ KRALLIS, D. Attaleiates as a Reader of Psellos. In: BARBER, C.; JENKINS, D. (Ed.). *Reading Michael Psellos*. Leiden: Brill, 2006, p. 170-171.

²³⁸ DIAS, J. V. de M. P. O riso melancólico de Psello na Chronographia. In: VANINA NEYRA, A.; RODRÍGUEZ, G. F. (Dir.). *¿Qué implica ser medievalista? Prácticas y reflexiones en torno al oficio del historiador*. Mar del Plata: Universidad de Mar del Plata/Sociedad Argentina de Estudios Medievales, 2012. p. 219-237.

²³⁹ REINSCH, D. R. Venomous Praise: Some Remarks on Michael Psellos' Letters to Leon Paraspondylos. In: JEFFREYS, M.; LAUXTERMANN, M. D. (Ed.). *The Letters of Psellos: Cultural Networks and Historical Realities*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 135-136.

²⁴⁰ NEVILLE, L. A History of the Caesar John Doukas in Nikephoros Bryennios' Material for History? *Byzantine and Modern Greek Studies*, [s.l.], v. 32, n. 2, p. 168-188, 2008, p. 171.

²⁴¹ REINSCH, D. R. Venomous Praise: Some Remarks on Michael Psellos' Letters to Leon Paraspondylos. In: JEFFREYS, M.; LAUXTERMANN, M. D. (Ed.). *The Letters of Psellos: Cultural Networks and Historical Realities*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 136-137.

ironia por baixo desse encômio, poderíamos supor que o *kaĩsar* não possui de forma alguma, para Pselo, o conhecimento militar descrito. Outra coisa a se notar é que, ele somente elogia seu conhecimento militar, não sua prática no campo de batalha.

É também interessante notar que João Ducas perde uma batalha para o mercenário normando Roussel de Bailleul durante sua revolta em 1074, sendo levado cativo e elevado a imperador “à força”.²⁴² Warren Treadgold considera que o elogio exacerbado de Pselo não poderia refletir esses acontecimentos, datando a obra antes do ocorrido.²⁴³ Se, no entanto, ele tomou conhecimento a tempo e preferiu fazer vista grossa e enfatizar essas “qualidades”, poderíamos ver a descrição de outro modo. Ela, afinal, não é nada próximo de uma biografia, então Pselo não precisaria se esforçar fazendo diretamente uma defesa ponto a ponto de alguns ocorridos em sua vida. A “defesa” pode estar simplesmente no caráter encomiástico. Somente enfatizar suas “qualidades” – e especialmente, sua pacífica relação com a família²⁴⁴ – poderia se justificar pela brevidade dessa parte do texto. Caso sim, Pselo pode ter aplicado o mesmo recurso irônico usual de outras passagens de elogiar e ao mesmo tempo criticar.

É também muito provável que João não fosse, aos olhos do Pselo, esse grande estudioso. Enquanto na *Cronografia* Pselo retrata a vida de João se resumindo à livros e à caça, sendo este último seu grande passatempo, em duas cartas enviadas ao *káisar*, uma entre 1068-1069 e a outra por volta de 1070, Pselo mostra alguma desaprovação por ele negligenciar suas leituras em detrimento desse tipo de atividade.²⁴⁵ Ele, no entanto, elogia o interesse intelectual de João em outras duas cartas do início da década de 1060 e, paradoxalmente, incentiva-o em sua caça em outra por volta de 1068-1069, a despeito do que disse anteriormente, como ele mesmo lembra.²⁴⁶ É evidentemente difícil descobrir o quão sincero ele pode estar sendo, embora os

²⁴² Ver POLEMIS, D. I. *The Doukai: A Contribution to Byzantine Prosopography*. London: The Athlone Press, 1968, p. 37-39; KALDELLIS, A. *Streams of Gold, Rivers of Blood: The Rise and Fall of Byzantium, 955 A.D. to the First Crusade*. New York: Oxford University Press, 2017, p. 258-259.

²⁴³ TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 280.

²⁴⁴ PSELO, *Cronografia*, 7C.17.

²⁴⁵ PSELO, *Cronografia*, 7C.16-17; *Carta* 50 [S 71], 76 [S 156]; JEFFREYS, M. Summaries of the Letters of Michael Psellos. In: JEFFREYS, M.; LAUXTERMANN, M. D. (Ed.). *The Letters of Psellos: Cultural Networks and Historical Realities*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 344-345, 386.

²⁴⁶ PSELO, *Carta* 43 [G 8], 64 [KD 231], 54 [KD 186]; ver JEFFREYS, M. Summaries of the Letters of Michael Psellos. In: JEFFREYS, M.; LAUXTERMANN, M. D. (Ed.). *The Letters of Psellos: Cultural Networks and Historical Realities*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 157-158, 276-277, 254.

dois tenham realmente nutrido alguma amizade²⁴⁷ com altos e baixos.²⁴⁸ Floris Bernard apontou brevemente algo sobre esse relacionamento: João parece ter sido o único elo entre Pselo e seu irmão, o imperador Constantino X (1059-1067), após o primeiro cair em desgraça, o que pode explicar, talvez parcialmente, seu interesse em demonstrar uma boa disposição para com ele e a exaltação de seu suposto refinamento intelectual. Bernard também questiona que se o *káisar* realmente fosse esse diletante literário do qual Pselo fala, por que este último precisou explicar em uma de suas cartas do início da década de 1060 o mito grego de Narciso? Pselo evidentemente tinha interesses pessoais ao alimentar essa importante relação.²⁴⁹

Talvez o problema para Pselo seja a suposta personalidade *demasiadamente* ponderada de João Ducas, o que poderia ser uma forma mais sutil de considera-lo um inerte e apontar uma indisposição militar. Quanto a este ponto, embora João aparentemente tenha sido um militar, seus vínculos frequentemente o prenderam na capital, especialmente como um conselheiro de seu irmão, o imperador Constantino X Ducas.²⁵⁰ Se uma indisposição for a questão, Pselo pode estar apontando a hipocrisia do mesmo, que é descrito como sempre disposto a conversar sobre assuntos relativos às estratégias de guerra.²⁵¹ Além disso, a ironia apontada por Reinsch no final da obra, quando Pselo questiona a necessidade de listar todas as habilidades militares do *kaĩsar*, pois “[...] em todos os aspectos ele é superior a todos, exceto a seu irmão e sobrinho, os dois imperadores sempre vitoriosos”, pode elucidar essa questão.²⁵² É certo que Constantino X e

²⁴⁷ Ao falar sobre essa “amizade”, é importante notar que João Ducas foi, afinal, um patrocinador para Pselo e um meio dele manter sua influência no palácio. Para amizade em Pselo, ver especialmente MULLET, M. E. *Byzantium: A Friendly Society? Past & Present*, [s.l.], v. 118, n. 1, p. 3-24, 1988 (balancear com o estudo mais recente de BOURBOUHAKIS, E. C. *Epistolary Culture and Friendship*. In: RIEHLE, A. (Ed.). *A Companion to Byzantine Epistolography*. Leiden: Brill, 2020. p. 279-306.

²⁴⁸ Ver JEFFREYS, M. *Summaries of the Letters of Michael Psellos*. In: JEFFREYS, M.; LAUXTERMANN, M. D. (Ed.). *The Letters of Psellos: Cultural Networks and Historical Realities*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 424; POLEMIS, D. I. *The Doukai: A Contribution to Byzantine Prosopography*. London: The Athlone Press, 1968, p. 41.

²⁴⁹ BERNARD, F. Review of: S. Papaioannou, *Michael Psellos: Rhetoric and Authorship in Byzantium* (Cambridge: Cambridge University Press, 2013). *Byzantinische Zeitschrift*, Berlin, v. 109, n. 1, 2016, p. 257-258. Ver PSELO, *Carta 59 [G5]*; JEFFREYS, M. *Summaries of the Letters of Michael Psellos*. In: JEFFREYS, M.; LAUXTERMANN, M. D. (Ed.). *The Letters of Psellos: Cultural Networks and Historical Realities*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 155-156.

²⁵⁰ POLEMIS, D. I. *The Doukai: A Contribution to Byzantine Prosopography*. London: The Athlone Press, 1968, p. 34-35.

²⁵¹ Ver PSELO, *Cronografia*, 7C.17.

²⁵² PSELO, *Cronografia*, 7C.17: “[...] ἐπὶ πᾶσι τῶν πάντων κεκράτηκε, πλὴν τὰδελφοῦ καὶ τοῦ ἀνεψιοῦ, τοῖν δυοῖν βασιλείοιν καὶ ἀητήτοιν.” Ver REINSCH, D. R. *Venomous Praise: Some Remarks on Michael Psellos' Letters to Leon Paraspondylos*. In: JEFFREYS, M.; LAUXTERMANN, M. D. (Ed.). *The Letters of Psellos: Cultural Networks and Historical Realities*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 137-138.

Miguel VII não são conhecidos por suas vitórias, mas a ironia está em compará-los a João, como Reinsch aparenta fazer, ou em justamente falar dos três desta forma?

Assim, se considerarmos a descrição de Romano III na primeira parte da *Cronografia* e a tendência ao longo da obra em se criticar a falta de esforços para proteger as fronteiras do Império, talvez possamos entender a possível ironia em sua descrição da seguinte maneira: o *kaïsar* João Ducas se imagina como um sábio general e um intelectual, mas é negligente com os assuntos militares e com a defesa do Império e até mesmo com suas leituras, estando mais preocupado em se entreter com a caça de animais. O ponto central aqui, todavia, é como Pselo recorre ao passado romano para criar essa representação de Ducas como um grande estrategista, um César, Adriano ou Trajano contemporâneo. Se no caso de Romano III as referências ao passado são usadas na narrativa contra o próprio imperador, aqui, elas surgem para modelar idealmente, e com possíveis fins irônicos, a imagem do *kaïsar* dos Ducas.

2.1.3 O USO MORALIZANTE DO PASSADO

Outro exemplo do uso do passado romano surge quando Pselo fala dos aspectos positivos e negativos do imperador Constantino IX Monômaco (1042-1055) no início da descrição deste governante, descrição esta provavelmente carregada de forte ironia.²⁵³ Nosso historiador evoca como exemplo grandes líderes do passado, mencionando os “dois céares” – isto é, Júlio César e Augusto – ao lado de referências helênicas, como Alexandre, Pirus de Épiro, Epaminondas de Tebas e Agesilau de Esparta.²⁵⁴ Essa parte integra seu argumento moralizante e provavelmente a tendência deste em difamar seu principal patrocinador.²⁵⁵ Pselo desenvolve seu argumento afirmando que não é possível encontrar um balanço de virtudes e vícios nesses grandes homens, pois eles tendem a se inclinar ao pior lado de suas tendências, aparentemente justificando o então Imperador por suas falhas. Pselo, todavia, questiona o que pode ser dito sobre quem falha, em menor escala, em ser como eles em suas virtudes. Assim, caminha seu argumento para a afirmação de que, embora Constantino IX seja inferior a esses

²⁵³ Ver especialmente REPAJIC, M. Žanr u funkciji ironije: literarna osveta Mihaila Psela. *Zbornik radova Vizantološkog instituta*, Beograd, v. 52, p. 57-89, 2015.

²⁵⁴ PSELO, *Cronografia*, 6.163.

²⁵⁵ Ver JEFFREYS, M. Psellos and 'his emperors': fact, fiction and genre. In: MACRIDES, R. (Ed.). *History as Literature in Byzantium: Papers from the Fortieth Spring Symposium of Byzantine Studies*, University of Birmingham, April 2007. London: Routledge, 2016, p. 77-78; REPAJIC, M. Žanr u funkciji ironije: literarna osveta Mihaila Psela. *Zbornik radova Vizantološkog instituta*, Beograd, v. 52, p. 57-89, 2015; The Political Thought of Psellos in the Chronographia: The Wise Advisor, the Clever General, and the City. *Limes Plus*, Belgrade, v. 13, n. 2, 2016, p. 57, 63.

homens em bravura, possuía outras grandes qualidades – mas não possuir bravura não parece ser exatamente algo positivo para um imperador, ainda mais no discurso pseliano.²⁵⁶ Assim, embora aparentemente um elogio, Pselo aparenta estar escondendo em suas palavras uma ironia. O que vem a seguir, uma espécie de descrição das qualidades de Monômaco, alavanca elementos que serão usados posteriormente para criticá-lo. Entre algumas dessas “qualidades” que menciona, Pselo ressalta a benevolência de Constantino IX que, quando age como juiz, trata dos casos com tamanha leniência que o lado perdedor sai em triunfo; quando lida com conspiradores, permite que eles saiam impunes; ele até mesmo compra a dívida de um aristocrata que foi pego roubando fundos militares.²⁵⁷ Como João Vicente de M. P. Dias notou, “É interessante observar que, quando citadas, essas virtudes resultam em consequências negativas”.²⁵⁸ Os nomes da Antiguidade somente apareceram para realizar um paralelo moralizante e irônico entre esses “líderes exemplares” e o imperador criticado.

Essa tendência moralizante também aparece quando Pselo surge na narrativa como o principal negociador da embaixada do imperador Miguel VI, o Estratiótico (1056-1057) para o então general revoltoso Isaque Comneno. Usando o exemplo do “divino Constantino”, Pselo afirma que Isaque deveria ceder à aspiração de ascender ao trono e aceitar antes se tornar como um filho adotivo de Miguel VI e receber a posição de *kaïsar*, pois a tradição mostra que Constantino tornou seus filhos césares antes de promove-los a imperadores.²⁵⁹ Numa outra passagem, Pselo realiza uma inusitada comparação entre o imperador moribundo Isaque Comneno e o famoso político romano da era republicana Catão, o Novo (95-46 a.C.), quando alguma enfermidade os acometia: enquanto é dito que o último permanecia quieto para se recuperar rapidamente quando sofria de alguma febre ou outra doença, o primeiro ficava inquieto e alterando a posição do corpo e, quando finalmente conseguiu descansar, pôs-se a levantar e retornar ao palácio.²⁶⁰ Este último exemplo é menos caricato e mais genérico se comparado àqueles utilizados na narrativa do governo de Romano III e no retrato de João

²⁵⁶ PSELO, *Cronografia*, 6.163-164.

²⁵⁷ Ver PSELO, *Cronografia*, 6.164-175. Para o uso da ironia na narrativa de Constantino IX, ver REPAJIC, M. Žanr u funkciji ironije: literarna osveta Mihaila Psela. *Zbornik radova Vizantološkog instituta*, Beograd, v. 52, p. 57-89, 2015; DIAS, J. V. de M. P. O riso melancólico de Psello na Chronographia. In: VANINA NEYRA, A.; RODRÍGUEZ, G. F. (Dir.). *¿Qué implica ser medievalista?* Prácticas y reflexiones en torno al oficio del historiador. Mar del Plata: Universidad de Mar del Plata/Sociedad Argentina de Estudios Medievales, 2012, p. 227-229; 234-235.

²⁵⁸ DIAS, J. V. de M. P. O riso melancólico de Psello na Chronographia. In: VANINA NEYRA, A.; RODRÍGUEZ, G. F. (Dir.). *¿Qué implica ser medievalista?* Prácticas y reflexiones en torno al oficio del historiador. Mar del Plata: Universidad de Mar del Plata/Sociedad Argentina de Estudios Medievales, 2012, p. 234-235.

²⁵⁹ PSELO, *Cronografia*, 7.29.

²⁶⁰ PSELO, *Cronografia*, 7.75.

Ducas.²⁶¹ Talvez possamos ver nele uma espécie de curiosidade antiquária? Seja como for, além de demonstrar o interesse no passado romano, este exemplo um tanto excêntrico testemunha a erudição de Pselo e seu engajamento com as *Vidas Paralelas* do greco-romano Plutarco.²⁶²

Leonora Neville afirma uma influência da hagiografia e da liturgia cristãs, para além da historiografia clássica, na historiografia romana medieval, tornando os exemplos importantes para definir e interpretar os personagens. Segundo Neville, historiadores bizantinos estão preocupados em ensinar suas audiências quem eles devem admirar e imitar, apresentando assim modelos de conduta. Esses autores se engajaram no que ela chama de “avaliação moral do passado”.²⁶³ Isso pode nos ajudar a entender tanto a apresentação moralizante que Pselo faz de Romano III Árgiro como a simples evocação de um exemplo da Antiguidade como acabamos de ver com Catão. Quando Pselo cita, por exemplo, Constantino, ele quer demonstrar, ainda que retoricamente, como é mais seguro seguir em primeiro lugar o que a tradição ensina, e mesmo a pequena referência a um membro da Roma republicana mostra que Pselo deseja ensinar o melhor tipo de comportamento para alguém afligido por uma doença.

2.1.4 RÔMULO E AS ORIGENS DOS PROBLEMAS NO SENADO

O próximo exemplo demonstra a pertinência da memória cultural em Bizâncio e a crença de Pselo na continuidade histórica da Roma da Antiguidade com o Império de seus dias.²⁶⁴ Em uma crítica “elitista”, Pselo afirma que a prática dos cidadãos virem dentre aquelas pessoas de origem nobre de uma cidade, como no sistema seguido pelos atenienses, fora desdenhosamente abandonada, e a nobreza já não valia de nada em sua *politeía*,²⁶⁵ pois a

²⁶¹ CRESCI, L. R. *Exempla storici greci negli encomie nella storiografia bizantini del XII secolo. Rhetorica*, [s.l.], v. 22, n. 2, 2004, p. 131-132.

²⁶² Ver REINSCH, D. R. *Plutarch in Michael Psello's Chronographia*. In: XENOPHONTOS, S.; OIKONOMOPOULOU, K. (Ed.). *Brill's Companion to the Reception of Plutarch*. Leiden: Brill, 2019, p. 244.

²⁶³ NEVILLE, L. *Why did the Byzantines Write history?* In: CONGRESS OF BYZANTINE STUDIES, 23., 2016, Belgrade. *Proceedings...* Belgrade: The Serbian National Committee of AIEB, 2016. Plenary Papers, p. 269-276.

²⁶⁴ Sobre memória cultural em Bizâncio, ver as ótimas discussões em NEVILLE, L. *Why did the Byzantines Write history?* In: CONGRESS OF BYZANTINE STUDIES, 23., 2016, Belgrade. *Proceedings...* Belgrade: The Serbian National Committee of AIEB, 2016. Plenary Papers, p. 265-276; SHUKUROV, R. *The Byzantine Concepts of Iran: Cultural Memory and Its Reactualization*. In: DURAK, K.; JEVTIĆ, I. (Ed.). *Identity and the Other in Byzantium: Papers from the Fourth International Sevgi Gönül Byzantine Studies Symposium*. Istanbul: Koç University Stavros Niarchos Foundation Center for Antique and Byzantine Studies, 2019, p. 144-147.

²⁶⁵ Esta é a forma como os romanos orientais geralmente traduziam a ideia de *res publica*. Ver especialmente. KALDELLIS, A. *The Byzantine Republic: People and Power in the New Rome*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2015. Para uma avaliação da tese de Kaldellis, ver HALDON, J. *Res publica Byzantina? State formation and issues of identity in medieval east Rome. Byzantine and Modern Greek Studies*, [s.l.], v. 40, n. 1, p.

cidadania foi aberta a todos. Ele traça esse processo ocorrendo no Senado há muito tempo, sendo uma herança do passado, e a culpa disso ocorrer remontaria a Rômulo, que teria sido o primeiro a iniciar tal confusão. Como exemplo, ele afirma que é possível encontrar agora com vestes civilizadas alguns que anteriormente vestiam mantos de pelo de cabra, que muitos dos então governantes foram ex-escravos trazidos dos bárbaros e que muitos dos oficiais de estado não são da estirpe de Péricles ou Temístocles, mas de patifes inúteis como Espártaco – uma referência pertinente, já que se trata de um escravo que se rebelou contra Roma.²⁶⁶

Obviamente, Pselo não diz isso sem um contexto moralizante: o que vem a seguir é uma crítica a forma como Constantino IX trouxe pessoas duvidosas para sua proximidade, como um bárbaro do qual não sabemos muito, um suposto “bobo da corte” – que na realidade era o aristocrata Romano Boíla – e uma simples amante alaniana que o imperador chamava de Augusta. Os dois primeiros tentaram usurpar o trono, e o segundo, inclusive, por ter supostamente se apaixonado pela última.²⁶⁷ Esses exemplos são descritos por dois motivos: em primeiro lugar, para mostrar como o imperador, que perdoa tanto o bárbaro quanto o “palhaço” sem muitas delongas, não se preocupava com sua defesa; em segundo, que, no caso da amante alaniana, ele transferiu em gratidão fortunas romanas ao “reino sem grande importância” de Alânia, um gasto totalmente desnecessário aos cofres imperiais.²⁶⁸ No caso do “palhaço”, talvez

4-16, 2016. Ver também KRALLIS, D. ‘Democratic’ Action in Eleventh-Century Byzantium: Michael Attaleiates’ ‘Republicanism’ in Context. *Viator*, [s.l.], v. 40, n. 2, p. 35-53, 2009; *Serving Byzantium's Emperors: The Courtly Life and Career of Michael Attaleiates*. Cham: Palgrave Macmillan, 2019, p. 189-201; MATHEOU, N. S. M. City and Sovereignty in East Roman Thought, c.1000–1200: Ioannes Zonaras’ Historical Vision of the Roman State. In: MATHEOU, N. S. M.; KAMPIANAKI, T.; BONDIOLI, L. M. (Ed.). *From Constantinople to the Frontier: The City and the Cities*. Leiden: Brill, 2016. p. 41-63. Pode ser útil consultar também ESHEL, S. *The Concept of the Elect Nation in Byzantium*. Leiden: Brill, 2018. Para o “republicanismo” como uma dentre outras opções discursivas disponíveis aos bizantinos, ver DIAS, J. V. de M. P. Modelos de Legitimação de Oposição Política em Bizâncio. *Signum*, [s.l.], v. 21, n. 1, p. 6-22, 2020. Para a influência de ideias “republicanas” na *Hystoría Síntomos*, ver DŽELEBDŽIĆ, D. I demokratiki Rómi stin politiki sképsi tou Mikhaíl Pselloú. *Zbornik radova Vizantološkog instituta*, Beograd, v. 42, p. 23-34, 2005. Para a ideia de que a *Cronografia* apresenta uma visão política helênica “conformada” às condições romanas, ver REPAJIĆ, M. The Political Thought of Psellos in the Chronographia: The Wise Advisor, the Clever General, and the City. *Limes Plus*, Belgrade, v. 13, n. 2, 2016, p. 68-75.

²⁶⁶ PSELO, *Cronografia*, 6.134 (ver também 6.29). Para alguns detalhes textuais da passagem, ver REPAJIĆ, The Political Thought of Psellos in the Chronographia: The Wise Advisor, the Clever General, and the City. *Limes Plus*, Belgrade, v. 13, n. 2, 2016, p. 73.

²⁶⁷ PSELO, *Cronografia*, 6.135-156. Para o bárbaro, ver ANONYMUS 2127. In: JEFFREYS, M. et al (Ed.). *Prosopography of the Byzantine World*, 2016. London: King's College London, 2017; CHEYNET, J.-C. *Pouvoir et contestations à Byzance (963-1210)*. Nouvelle édition. Paris: Éditions de la Sorbonne, 1996, p. 61-62. Para Boíla, ver SAVVIDES, A. G. C. Romanus Boilas: Court Jester and Throne Counterclaimant in the mid-Eleventh Century. *Byzantinoslavica*, Prague, v. 56, n. 1 p. 159-164, 1996. Para a amante alaniana, ver LAURITZEN, F. A Courtier in the Women's Quarters: The Rise and Fall of Psellos. *Byzantion*, [s.l.], v. 77, 2007, p. 256-260.

²⁶⁸ PSELO, *Cronografia*, 6.145, 153-155.

o mais interessante, Pselo diz que Constantino IX “[...] refê-lo a partir da melhor argila, trazendo-o das ruas para a áxis romana [isto é, para o “centro do poder romano”] [...]”.²⁶⁹

Rômulo somente foi evocado como a causa histórica do problema que se estenderia até seus dias. Nessa narrativa, o grande problema mesmo é Constantino IX, que é descrito como um imprudente que não se preocupava com sua própria segurança e nem com a do Império; um homem que dormia com as portas abertas e sem guarda-costas por acreditar que governava pela graça de Deus e que isso bastava para protegê-lo de qualquer infortúnio. Pselo afirma que tentou convencê-lo de que isto não era prudente, mas o imperador não lhe deu ouvidos.²⁷⁰ Assim, ele está mais uma vez avaliando moralmente o passado, mas também está utilizando-o para explicar as “origens históricas” de um “problema” contemporâneo. Ao fazer isso, no entanto, Pselo nos mostra como ele acreditava numa continuidade histórica e política de Rômulo até seus dias.

2.1.5 VELHA ROMA, NOVA ROMA

Por último, há duas passagens que também merecem nossa atenção. Essas são as duas únicas vezes que Pselo se refere à antiga capital imperial na *Cronografia*. A primeira que analisaremos pode elucidar algo sobre a pertinência da memória cultural em Bizâncio; a segunda, embora não seja sobre o passado, mas sim sobre a percepção da cidade de Roma, antigo epicentro do poder romano, no momento em que Pselo escrevia sua obra, pode por sua vez nos ajudar a entender algo da relação entre a romanidade oriental medieval e os antigos símbolos inerentes à romanidade da Antiguidade, como a cidade de Roma.

Pselo afirma que buscou em sua obra uma via intermediária entre aqueles que registraram os atos imperiais da Velha Roma e os cronistas modernos, evitando assim a difusão dos primeiros e a brevidade dos últimos.²⁷¹ Embora diga que não fará o mesmo que os antigos, Pselo não obstante evoca a tradição historiográfica romana para fins de comparação, demonstrando uma certa similaridade entre as duas propostas: em outras palavras, o que ele quer dizer é que *apesar de estar escrevendo biografias de imperadores romanos de seu tempo*, procurará ser um pouco mais breve, mas não tanto, em comparação àqueles que escreveram sobre os imperadores romanos que governaram na Velha Roma.

²⁶⁹ PSELO, *Cronografia*, 6.140: [...] ἀναπλάττει ἀπὸ τοῦ κρείττονος χόματος· καὶ ἀπὸ τῶν τριόδων εἰς τὸν ῥωμαϊκὸν μεθιστᾷ ἄξονα [...]. Ver nota 318.

²⁷⁰ PSELO, *Cronografia*, 6.132-133.

²⁷¹ PSELO, *Cronografia*, 6.73.

A outra referência aparece quando Pselo está lamentando de que não há mais o anseio na realização literária em nenhum lugar, incluindo Atenas, Nicomédia, Alexandria, Fenícia e as “[...] duas Romas, a antiga e inferior e a última e mais poderosa [...]”.²⁷² O lugar de Constantinopla como a Nova Roma no Bósforo, a de fato capital do Império Romano em sua época, parece influenciar a forma como ele descreve a Velha Roma como “inferior” em relação à Constantinopla e sua posição política mais poderosa. Entre os termos aplicados a Constantinopla, Pselo usa por vezes o arcaísmo “Bizâncio”,²⁷³ mas também a chama de “A Grande Cidade”,²⁷⁴ “Rainha das Cidades”²⁷⁵ e de “nossa Roma”.²⁷⁶ Segundo Anthony Kaldellis, Constantinopla assume no século VI a centralidade da história e da historiografia romana oriental, tornando-se a principal mantenedora de toda a tradição romana.²⁷⁷ É possível, assim, que essa declaração de Pselo seja um reflexo dessa visão constantinoplicêntrica.

Infelizmente, não há muitos estudos que tratem sobre as percepções bizantinas sobre a Velha Roma.²⁷⁸ Numa observação preliminar da maioria da historiografia predecessora do século VII ao X, somente encontramos na *Vita Basilli* de Theophanes Continuatus a antiga capital imperial sendo descrita em termos desfavoráveis como “[...] Roma, outrora tão gloriosa [...]”,²⁷⁹ o que pode igualmente refletir o que acabamos de dizer.²⁸⁰ Esta passagem, no entanto,

²⁷² PSELO, *Cronografia*, 6.43: “[...] ἐκατέρα Ῥώμη, ἢ τε πρώτη καὶ ἥττων· καὶ ἡ μετ’ ἐκείνην καὶ κρείττων [...]”

²⁷³ PSELO, *Cronografia*, 3.11; 4.46, 49; 6.53; 7.3, 9, 33, 34 (Βυζάντιον); 3.8 (Βυζαντίς); 3.11 (Κωνσταντινούπολις); 4.25; 6A.17 (Κωνσταντίνου).

²⁷⁴ PSELO, *Cronografia*, 4:47 (Μεγαλόπολις); 6.121 (Μεγάλη Πόλις).

²⁷⁵ PSELO, *Cronografia*, 4:36; 6.19, 53, 90; 7.40.

²⁷⁶ PSELO, *Cronografia*, 6.153.

²⁷⁷ KALDELLIS, A. Constantinople's Belated Hegemony. In: NUFFELEN, P. V. (Ed.). *Historiography and Space in Late Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019, p. 35.

²⁷⁸ Para algumas referências à percepção da cidade de Roma no século VI, no contexto das reconquistas de Justiniano, ver KRUSE, M. *The Politics of Roman Memory: From the Fall of the Western Empire to the Age of Justinian*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2019, p. 148-184; no século XII, ver MALATRAS, C. The Perception of the Roman Heritage in 12th Century Byzantium. *Rosetta*, [s.l.], p. 1-8, 2009.

²⁷⁹ THEOPHANES CONTINUATUS, V, 53.45: “[...] ποτὴ μεγαλοδόξου Ῥώμης [...]”.

²⁸⁰ Ver SIMOCATA, *História*, III, 4.8; VIII, 11.9; *Crônica Pascal*, 304; 310/311-312; 325; 328; 330; 337; 349; 357; 389; 394; 450; 454; 455; 464; 467; 485; 533; SÍNCELO, *Cronografia*, p. 247-284, 307, 346, 348, 360-361, 368-370, 376, 385, 390-391, 394, 400-403, 408, 410, 414, 418, 421, 425, 431-432, 434-438, 440-443, 447-449, 452, 455, 459, 480, 483, 486-487, 491-494, 496, 498, 501, 504-510, 512-517, 521-525, 533-534, 536, 538-539, 541-542, 544-545, 551, 553-554, 556, 559 (paginação da tradução); TEÓFANES, *Cronografia*, i, 3, 16-17, 19, 23-24, 31, 35, 37, 46, 54, 63, 64, 68, 71-73, 86, 89, 93, 96, 101, 104, 108, 110, 112-113, 117-118, 122, 123, 126, 132-133, 139, 140, 143, 146-147, 152, 157, 160-162, 166-167, 178, 183-185, 195, 200-205, 210, 220, 232-233, 236, 243, 246, 250, 253-254, 259, 263, 286, 295, 299, 301, 315, 318, 327, 332-334, 349, 361-362, 479, 485-486, 491, 523, 529, 556-558, 564-565, 568, 591, 634-636, 648-649, 678 (paginação da tradução); SCRIPTOR INCERTUS (sem referências); *Crônica de 811* (sem referências); GRANDE CRONÓGRAFO (sem referências); NICÉFORO, *Breve História*, 42.66; 45.91; PEDRO, *Exposição Sumária*, f. 200v, 4, 24. GENÉSIO, *Sobre os Reinados*, 4.5; THEOPHANES CONTINUATUS, IV, 10.25, 32.5; V, 53.45; VI, Romani imperium, 34.5; VI,

não contrasta diretamente as duas cidades, e é inconclusivo afirmar por hora que estamos diante de uma tópica do discurso bizantino sobre a Velha Roma. Parece-nos necessária uma análise específica da descrição na *Cronografia* a partir de seu contexto histórico para então especularmos uma explicação concomitante a seu constantinopolitismo.

Olhemos para o estado das relações entre Roma e Constantinopla naquele momento. Do ponto de vista religioso, temos o controverso “cisma de 1054”, que deve ser antes de mais nada compreendido como uma troca de excomunhões entre o cardeal Humberto de Silva Candida e o patriarca Miguel Cerulário de Constantinopla do que um marco apocalíptico da história da Igreja que dividiu o cristianismo calcedoniano em dois grupos de uma vez por todas. Isto, todavia, não faz dele um evento aleatório causado meramente por dois indivíduos; antes, reflete a crescente diferença em termos de prática e crença religiosa entre as cristandades latina e bizantina.²⁸¹ Fontes do período como a *Cronografia*, cujo autor participou das negociações com os legados papais, são praticamente silenciosas quanto ao que ocorreu, o que levou alguns historiadores a exageradamente considera-lo uma espécie de “não evento”, quando na verdade pode se tratar de um *damnatio memoriae* de Cerulário por outras querelas políticas.²⁸²

Pselo comenta, no entanto, sobre o conflito de 1054 em sua oração fúnebre escrita provavelmente no início da década de 1060 para o supracitado patriarca, um de seus inimigos pessoais.²⁸³ Pselo relembra com toda sua retórica que “[...] A Velha Roma brigou com a Nova [...]”²⁸⁴ quanto à doutrina da Trindade e coloca Cerulário como alguém que “[...] lutou pelo bem da cidade mãe, Roma, tentando salvar as verdadeiras doutrinas, lutando cuidadosamente e

Constantini imperium, 4.10; CAMINIATA, *Captura da Tessalônica* (nenhuma referência); SIMEÃO, *Crônica*, 42.11; 48.5; 50.2, 9; 51.2; 54.5; 58.2; 60.2; 61.3; 62.1; 65.2; 66.1; 73.1; 87.2; 3; 88.1, 2, 7, 12; 94.1; 95.2, 4, 6; 96.1; 99.1, 11; 112.4, 6; 121.9, 18; 124.9; 130.42; 132.5; 136.66; LEÃO, *História*, 4.1. Não foram consultados a Crônica de Jorge, o Monge, e os Excertos Constantinianos. Seguimos a lista de obras historiográficas bizantinas de NEVILLE, L. *Guide to Byzantine Historical Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

²⁸¹ KAZHDAN, A. (Ed.). *Oxford Dictionary of Byzantium*. Oxford: Oxford University Press, 1991. 3 v., p. 1850-1851; KALDELLIS, A. *Streams of Gold, Rivers of Blood: The Rise and Fall of Byzantium, 955 A.D. to the First Crusade*. New York: Oxford University Press, 2017, p. 203-208. Para um breve balanço historiográfico, ver NEVES, L. C. S. O que Deus uniu o homem pode separar? Algumas considerações sobre o “Grande Cisma” de 1054. In: SEMANA DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 13., 2020, Rio de Janeiro. *Anais...* No prelo.

²⁸² CHEYNET, J-C. Le schisme de 1054: un non-événement? In: CAROZZI, C.; TAVIANI-CAROZZI, H. (Ed.). *Faire l'événement au Moyen Âge*. Aix-en-Provence: Presses universitaires de Provence, 2007, p. 301, 303-304.

²⁸³ Para esta datação, ver KALDELLIS, A.; POLEMIS, I. General Introduction. In: MICHAEL PSELLOS. *Psellos and the Patriarchs: Letters and Funeral Orations for Keroullarios, Leichoudes, and Xiphilinos*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2015, p. 11; POLEMIS, I. Funeral Oration for the Most Blessed Patriarch Kyr Michael Keroullarios. In: MICHAEL PSELLOS. *Psellos and the Patriarchs: Letters and Funeral Oration for Keroullarios, Leichoudes, and Xiphilinos*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2015, p. 50.

²⁸⁴ PSELO, *Oração Fúnebre para Cerulário*, 39: “Old Rome quarreled with the new one [...]”.

ardentemente contra ela para seu próprio bem”.²⁸⁵ Apesar de se referir a Roma como “cidade mãe” com o evidente propósito de enfatizar encomiasticamente o zelo de Cerulário, o quadro geral posto por Pselo é o de uma Roma herege. Não há muito o que extrair dessa passagem, ainda mais se considerarmos que o autor não está sendo sincero na representação do antigo patriarca.²⁸⁶ Vejamos agora os fatores políticos por trás do contexto de onde Pselo fala.

O conflito em 1054 pode ter forçado o papado a uma reavaliação de suas relações com os normandos a despeito dos bizantinos, marcando profundamente o futuro das relações entre ocidentais e Bizâncio.²⁸⁷ Leão IX (1048-1054), o primeiro papa de uma série de reformistas que ocupariam a Sé Romana, foi o último a se empenhar em se aliar de algum modo aos bizantinos contra o avanço normando na Península Itálica, que destituiu inclusive os bizantinos de seus últimos territórios na região. Naquele momento, o interesse do papado era controlar ou expulsar os invasores e proteger seus interesses na península. Após sofrer a dura derrota em Civitate em junho de 1053, Leão IX é capturado e morre pouco tempo após retornar a Roma. Seu terceiro sucessor, Nicolau II (1058-1061), precisará se impor a uma eleição alternativa realizada pelos nobres contra a presença reformista no papado. Assim, ele assumirá o posto num contexto distinto, onde a presença normanda já provavelmente parecia inevitável e o próprio papado precisava de meios para fazer valer suas posições na região. Um acordo era necessário.

Em agosto de 1059, Nicolau II investe como duques os normandos Roberto Giscardo e Ricardo de Cápua em troca de jurarem lealdade a ele e seus sucessores. Se por um lado isso trouxe uma aura de legitimidade às conquistas dos então invasores, por outro deu liberdade ao papado para realizar suas reformas no sul e finalmente disputar as reivindicações eclesiásticas de Constantinopla na região.²⁸⁸ Assim, pressionado por questões locais mais urgentes e vislumbrando os desdobramentos benéficos a sua Sé, Nicolau II não teria motivos para deixar

²⁸⁵ PSELO, *Oração Fúnebre para Cerulário*, 39: “[...] fought for the sake of the mother city, Rome, trying to save the true doctrines, fighting accurately and ardently against her for her own sake.”

²⁸⁶ A Ortodoxia de Pselo foi julgada durante o patriarcado de Cerulário. Ele chega a falar da chegada da notícia de sua morte como uma boa nova (“evangelho”). Ver PSELO, *Cronografia*, 7.35; KALDELLIS, A.; POLEMIS, I. General Introduction. In: MICHAEL PSELLOS. *Psellos and the Patriarchs: Letters and Funeral Orations for Keroullarios, Leichoudes, and Xiphilinos*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2015, p. 11-22.

²⁸⁷ ANGOLD, M. The Byzantine Empire, 1025-1118. In: LUSCOMBE, D.; RILEY-SMITH, J. (Ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. v. 4, p. 233.

²⁸⁸ LOUD, G. A. Southern Italy in the eleventh century. In: LUSCOMBE, D.; RILEY-SMITH, J. (Ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Cambridge, Cambridge University Press, 2004. v. 4, p. 106-108; WHALEN, B. E. *The Medieval Papacy*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2014, p. 94-96; STROLL, M. *Popes and Antipopes: The Politics of Eleventh Century Church Reform*. Leiden: Brill, 2012, p. 109-111. Para o impacto normando nos territórios bizantinos, ver KALDELLIS, A. *Streams of Gold, Rivers of Blood: The Rise and Fall of Byzantium, 955 A.D. to the First Crusade*. New York: Oxford University Press, 2017, p. 181-183, 203-208.

de prosseguir por conta da repercussão negativa no Oriente – pelo contrário, as desavenças em torno de 1054 poderiam até mesmo ter adicionado mais combustível ao desejo dos reformadores em afirmar o poder da Sé de Roma diante da Sé de Constantinopla.

A mudança na política papal causada pela investidura dos líderes normandos em Melfi ocorreu durante o governo de Constantino X Ducas (1059-1068). Durante esse período, provavelmente entre 1061 e 1062, Pselo escrevia a primeira parte da *Cronografia*. Quais foram as reações bizantinas a este evento? Há um problema e uma lacuna na historiografia quanto a isso. Sabemos que pouco mais de duas décadas depois, o imperador Aleixo Comneno (1081-1118) tentou convencer, em vão, o papa Gregório VII (1073-1085) a retirar o apoio a Roberto Guiscardo.²⁸⁹ Mas quais foram as reações imediatas a 1059? Steven Runciman, por exemplo, afirma que o acordo em Melfi entre Nicolau II e os normandos “[...] foi um ataque direto às reivindicações bizantinas e causou ressentimento em Constantinopla”.²⁹⁰ Algo similar também é dito por David M. Nicol, sem referências, provavelmente se baseando em Runciman: “A aliança do papado com os normandos em 1059 causou o maior ressentimento em Constantinopla. Mas havia pouco que os bizantinos pudessem fazer quanto a isso”.²⁹¹ Para Runciman, o tal ressentimento parece se manifestar no suposto apoio do imperador Constantino X Ducas à elevação de Honório II (1061-1072), o antipapa apoiado por Inês, a imperatriz regente germânica.²⁹² Mas não temos boas evidências quanto a isso ter ocorrido.

As correspondências referenciadas por Runciman são reproduções feitas pelo bispo Benzo de Alba, e a maioria dos estudiosos as consideram atualmente espúrias.²⁹³ Elas refletem determinadas visões apocalípticas e a crença numa possível sujeição de Constantinopla a um imperador ocidental universal, o que dificilmente poderia ter vindo de um imperador bizantino. A primeira carta seria de um homem chamado “Pantaleu”, um suposto patrício de Malfi que atuaria como mediador político entre Constantinopla e a Itália, lamentando o fim da cooperação causada pelas invasões normandas e pedindo para que Benzo intervenha numa nova aliança

²⁸⁹ HARRIS, J. *Byzantium and the Crusades*. 2nd ed. London: Bloomsbury, 2014, p. 52

²⁹⁰ RUNCIMAN, S. *The Eastern Schism: A Study of the Papacy and the Eastern Churches during the Eleventh and Twelfth Centuries*. Oxford: Oxford University Press, 1997, p. 57: “[...] was a direct attack on Byzantine claims and caused resentment at Constantinople.”

²⁹¹ NICOL, D. M. Byzantium and the Papacy in the Eleventh Century. *The Journal of Ecclesiastical History*, [s. l.], v. 13, n. 1, 1962, p. 12: “The alliance of the papacy with the Normans in 1059 caused the deepest resentment in Constantinople. But there was little that the Byzantines could do about it.”

²⁹² RUNCIMAN, S. *The Eastern Schism: A Study of the Papacy and the Eastern Churches during the Eleventh and Twelfth Centuries*. Oxford: Oxford University Press, 1997, p. 57-58.

²⁹³ Ver as referências ao debate em LATOWSKY, A. A. *Emperor of the World: Charlemagne and the Construction of Imperial Authority, 800-1229*. Ithaca: Cornell University Press, 2013, p. 118.

entre os imperadores na expulsão dos normandos e no estabelecimento de Honório II como papa. A segunda carta seria do próprio Constantino X ao “Patriarca Romano”, isto é, Honório II, e propõe uma aliança entre os dois impérios contra as invasões normandas.²⁹⁴

As cartas transmitidas pelo clérigo ocidental retratam uma suposta preocupação e insatisfação bizantina com a presença normanda, o que poderíamos imaginar não ser tão irreal no momento em que o contato supostamente teria ocorrido. Krijnie Ciggaar acredita que as cartas são resumos de um material existente.²⁹⁵ Falando da segunda carta, Alexander Beihammer descartou a veracidade de seu conteúdo, mas acredita que muito provavelmente houve contato entre a corte bizantina e o antipapa naquele momento.²⁹⁶ Seja como for, não parece haver outras evidências que manifestem um ressentimento bizantino em relação ao acordo de 1059, embora seja muito provável que ele tenha existido. Podemos imaginar que a notícia da aliança entre o papa e os normandos chegou em algum momento à Constantinopla e, feito esse caminho, o sentimento causado na corte só poderia ser um, já que a nova política papal desafiava diretamente as reivindicações bizantinas no sul da península.

Assim, ao falar de modo depreciativo sobre a Velha Roma, Pselo poderia estar refletindo em suas palavras o possível ressentimento que pairava em Constantinopla naquele momento quanto à legitimação papal aos invasores normandos. Não que a contenda de 1054 não tivesse algum peso nisso, mas sete anos se passaram desde o evento e agora Roma, além de “brigar com a Nova Roma” por questões religiosas, estava apoiando aqueles que expurgaram o Império da “parte mais nobre” de seu território. Pselo foi um professor de retórica e devemos ter uma atenção redobrada a suas palavras. Ao se referir à Velha Roma como inferior à Nova, ele pode até estar se utilizando de uma possível tópica ofensiva à antiga capital imperial, destituída naquele momento dos poderes políticos que outrora gozava no mundo romano; contudo, por trás de seu uso, deve haver um ressentimento diante dessa conjuntura política.

A partir disso, podemos tirar uma importante conclusão sobre o modo como Pselo retrata a Velha Roma: embora o passado romano constitua um importante elemento na constituição da romanidade presente na *Cronografia*, esse passado não é, obviamente, apropriado de modo neutro: ele passa pelo filtro da Nova Roma, sendo, portanto, ressignificado

²⁹⁴ LATOWSKY, A. A. *Emperor of the World: Charlemagne and the Construction of Imperial Authority*, 800-1229. Ithaca: Cornell University Press, 2013, p. 117-130; STROLL, M. *Popes and Antipopes: The Politics of Eleventh Century Church Reform*. Leiden: Brill, 2012, p. 155-156, 161, 186.

²⁹⁵ CIGGAAR, K. N. *Western Travellers to Constantinople: The West and Byzantium, 962-1204 — Cultural and Political Relations*. Leiden: Brill, 1996, p. 80.

²⁹⁶ BEIHAMMER, A. Epistolography and Diplomats. In: RIEHLER, A. (Ed.). *A Companion to Byzantine Epistolography*, Leiden: Brill, 2020, p. 218.

pela hegemonia política da nova capital. Na cidade de Roma e naquilo que fora outrora estabelecido a partir dela se encontra a origem primeira; ela pode, portanto, ser até mesmo chamada de “cidade mãe”, mas ela significa pouco para a atual da romanidade, de modo que os romanos orientais poderiam representa-la sob termos que a destituem, no presente, de qualquer importância, como num conflito político. Uma Velha Roma gloriosa reside num passado que lhes pertence, mas eles possuem agora “sua própria” e mais poderosa Roma no Bósforo a ser louvada e defendida.

2.2 ROMANOS E BÁRBAROS: RETÓRICA E IDENTIDADE

2.2.1 O IMPÉRIO DOS ROMANOS

Miguel Pselo chama o que usualmente traduzimos como “Império Romano” de diferentes nomes, como *basileía Rhōmaíōn* (“Império dos Romanos”; literalmente, “Reino dos Romanos”),²⁹⁷ *Rhōmaíōn arkhé* (“Império/Soberania dos Romanos”),²⁹⁸ *Rhōmaíōn hēgemonía* (“Hegemonia/Poder Supremo dos Romanos”),²⁹⁹ *Rhōmaíōn krátos* (“Poderio/Domínio dos Romanos”)³⁰⁰ e *Rhōmaíōn epikráteia* (“Domínio dos Romanos”).³⁰¹ O “Imperador Romano” é chamado de *basileús Rhōmaíōn* (“Imperador dos Romanos”; literalmente, “Rei dos Romanos”)³⁰² e *autokrátōr Rhōmaíōn arkhé* (“Imperador/Soberano/Autocrata do Império dos Romanos”).³⁰³ Como já pudemos observar no uso que Pselo faz do passado, não há controvérsia nessa questão: em sua visão, o Império de seus dias é simplesmente o Império Romano centrado em sua nova capital, Constantinopla, a Nova Roma. O uso dos termos se dá de forma natural e não há nenhuma tentativa de defender a designação como se fosse algo de algum modo questionado por seus leitores. Nos momentos em que a narrativa está girando em torno de assuntos “internos”, o autor simplesmente emprega termos como “império” (*basileía*) e “imperador” (*basileús*), pois é evidente sobre o que ele está se referindo.

Logo no início da *Cronografia*, Pselo afirma que Basílio II, o Bulgaróctono (976-1025) foi investido com o poder supremo sobre os romanos, sendo ele a pessoa mais notável no

²⁹⁷ PSELO, *Cronografia*, 1.3; 4.42; 7A.18, 26; 7.51 (ῥωμαϊκή).

²⁹⁸ PSELO, *Cronografia*, 4.40; 5.22; 6.206-207.

²⁹⁹ PSELO, *Cronografia*, 1.1; 6.29, 91, 145; 7.50, 59, 67.

³⁰⁰ PSELO, *Cronografia*, 3.11; 6A.17; 6B.2.

³⁰¹ PSELO, *Cronografia*, 4.39.

³⁰² PSELO, *Cronografia*, 1.10; 3.10; 4.49; 6.135; 7B.22, 26.

³⁰³ PSELO, *Cronografia*, 6A.1.

Império dos Romanos naquele momento.³⁰⁴ O uso da designação *dos romanos* parece simplesmente introduzir Basílio II na narrativa como um Imperador dos Romanos. Há também um caso que mescla identidade política e tradição religiosa que vale a pena ser mencionado: na narrativa da derrota de Romano III Ágiro em sua campanha no Oriente, Pselo nos conta que o imperador se reconfortou ao ver um ícone da Mãe de Deus, lembrando-se de que ela sempre resgatou e salvou o poder romano (*tò Rhōmaíōn krátos*) nos momentos de crise.³⁰⁵ Na tradição romana oriental, a Virgem é a principal padroeira dos romanos e é invocada como a protetora de Constantinopla.³⁰⁶ Ao lembrar dessa tradição, Pselo a liga à ideia de que ela é de certo modo a salvadora *dos romanos*. O cristianismo desenvolvido em Bizâncio não é “incompatível” com a romanidade, pelo contrário: como já dito, além de integrá-la, em diversos momentos ele atua como uma força que potencializa em termos religiosos o próprio chauvinismo romano.³⁰⁷ Além desses dois casos, Pselo usa o termo especialmente quando deseja enfatizar algo retoricamente em sua narrativa ou quando os estrangeiros aparecem na mesma, o que torna a designação um meio de contrastar, numa relação de alteridade, romanos e estrangeiros/bárbaros.

Vejamos, por hora, o primeiro caso. Pselo parece usar a designação para enfatizar e causar um efeito dramático na narrativa. Tenhamos em mente que estamos olhando para quando a designação completa aparece. Por exemplo, quando narra a revolta do general Isaque Comneno, Pselo enfatiza que “Antes mesmo desse momento todos os militares já ambicionavam dominar o *Império dos Romanos* [...]”.³⁰⁸ Quando na narrativa do cegamento de Leão Tornício e João Vatatzes em 1047, ele relata os momentos finais de modo bastante dramático: “[...] o usurpador emitiu um som de murmúrio e, de modo degradante, lamentou-se amargamente. O outro meramente afirmou que o *Império dos Romanos* perdia um nobre soldado [...]”.³⁰⁹ Isso fica ainda mais evidente quando observamos que o início do Livro V trata somente de questões internas e o termo Império dos Romanos não é usado ou qualquer referência aos romanos é feita *até* o momento que ele começa a usar sua retórica para falar do

³⁰⁴ PSELO, *Cronografia*, 1:3.

³⁰⁵ PSELO, *Cronografia*, 3:11.

³⁰⁶ Ver CAMERON, A. The Theotokos in Sixth-Century Constantinople: A City Finds its Symbol. *The Journal of Theological Studies*, [s.l.], v. 29, n. 1, p. 79-108, 1978; BAYNES, N. H. The Supernatural Defenders of Constantinople. *Analecta Bollandiana*, [s.l.], v. 67, p. 156-177, 1949.

³⁰⁷ Ver KALDELLIS, A. *Ethnography after Antiquity: Foreign Lands and Peoples in Byzantine Literature*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 2013, p. 39-43, 56-72, 126-139.

³⁰⁸ PSELO, *Cronografia*, 7.6, grifo nosso: “ἐβούλοντο μὲν καὶ πρότερον τὸ στρατιωτικὸν ζύμπαν, τὸ κράτος Ῥωμαίων ὑποποιήσασθαι [...]”.

³⁰⁹ PSELO, *Cronografia*, 6.123, grifo nosso: “[...] ὁ μὲν τύραννος γοερὰν ἀφῆκε φωνὴν καὶ ἀγενῶς ἑαυτὸν ἀποδύρεται. ἄτερος δὲ τοσοῦτον εἰρηκῶς, ὅτι στρατιώτην γενναῖον τὸ Ῥωμαίων κράτος ἀπόλλυσιν [...]”.

exílio da imperatriz Zoé e de suas linhagens familiares. Ele narra que naquele momento, Zoé teria ficado lamentosa, observando o Palácio e falando de seu pai e seus ancestrais, entre eles seu ilustre tio, quando ele então remarca: “[...] eu falo daquele Basílio, preciosa posse do *Império dos Romanos*, que resplandece mais que todos os outros soberanos [...]”.³¹⁰ Provavelmente estamos lidando aqui com um artifício retórico que apela aos sentimentos pessoais e coletivos de seus leitores.

Em outros exemplos, além de enfatizar, Pselo parece usá-lo para evocar a tradição, como podemos observar na narrativa do governo da imperatriz Teodora (1055-1056): “A todos parecia imprudente que o *Império dos Romanos* deixasse sua aparência masculina e se afeminasse; mesmo que não pensassem assim, ao menos era o que aparentava ser.”³¹¹ Ou seja, não simplesmente o Império, mas, o *Império dos Romanos*; algo “estranho” estava ocorrendo no *Império dos Romanos*. Tenhamos em mente que Teodora foi a segunda imperatriz reinante – e não consorte ou regente – de toda a história romana, a primeira sendo Irene de Atenas (797-802).³¹² Mais a frente, Pselo afirma que as relações entre Teodora e o Patriarca Miguel Cerulário mudaram após sua ascensão porque “[...] ele estava irritado pelos assuntos dos romanos estarem sendo conduzidos por uma mulher [...]” e falava abertamente o que pensava sobre isso.³¹³ Nos dois exemplos, o termo parece ser empregue para evocar uma sensibilidade moral e histórica de seus leitores. De modo um pouco similar, ao tratar das reformas de Isaque Comneno (1057-1059), Pselo afirma que este imperador “[...] se apressou imediatamente em podar o crescimento selvagem que ocorria há muito tempo no *Império Romano* [...]”.³¹⁴

Pselo também utiliza o termo de modo similar para realçar alguma ideia de “absurdo”. Na narrativa da derrota de Romano IV Diógenes em Manzikert em 1071, Pselo conta que

³¹⁰ PSELO, *Cronografia*, 5:22, grifo nosso: “[...] λέγο δέ βασιλείον εκείνον τὸν ὑπὲρ πάντας αὐτοκράτορας λάμπαντα, τὸ πολυτελέες αγαθὸν χρῆμα τῆ Ῥωμαίων ἀρχῆ [..]”.

³¹¹ PSELO, *Cronografia*, 6A:4, grifo nosso: “ὅτι μὲν οὖν ἀπρεπὲς ἔδοξε ζύμπασιν, ἐξ ἀρρενωποτέρου φρονήματος ἐκθηλυθῆναι τὴν Ῥωμαίων ἀρχὴν, κἄν μὴ οὕτως ᾤοντο· ἀλλὰ τοιοῦτον τό γε φαινόμενον ἦν.” Teodora ascendera inicialmente ao lado de sua irmã Zoé em 1042 depondo Miguel V, o Calafate (1041-1042), marido da última, por meio de uma revolta popular contra este imperador. Quando Constantino IX, por quem ela nutria alguma inimizade, morre em 1055, seus aliados conseguem impedir a sucessão planejada por Monômaco e ascende-la novamente ao trono no lugar de Nicéforo Proteuon, *kritēs* da Bulgária, tornando-a única governante do Império Romano entre 1055-1056. Ver KALDELLIS, A. *Streams of Gold, Rivers of Blood: The Rise and Fall of Byzantium, 955 A.D. to the First Crusade*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 213-216.

³¹² Para uma biografia da *basileús* Irene, como ela preferiu se intitular, ver especialmente GARLAND, L. *Byzantine Empresses: Women and Power in Byzantium, AD 527-1024*. London: Routledge, 1999, p. 73-94.

³¹³ PSELO, *Cronografia*, 6A.17: “[...] τὸ δυσανασχετεῖν κάκεινον, ὑπὸ γυναικὶ τὰ Ῥωμαίων ἄγεσθαι πράγματα [...]”.

³¹⁴ PSELO, *Cronografia*, 7.51, grifo nosso: “[...] χρόνοις πολλοῖς τὴν Ῥωμαϊκὴν βασιλείαν ὕλομανήσασαν σπεύδων εὐθὺς ἐκτεμεῖν [...]”.

quando seus inimigos o reconheceram, eles o cercaram e então o atingiram, fazendo-o cair do cavalo. Ele então enfatiza dramaticamente: “[...] e eis que o *Imperador dos Romanos* foi capturado pelos inimigos e levado cativo; seu exército se dispersou e apenas uma pequena parte conseguiu escapar. A maioria deles, todavia, foi capturada ou morreu pela espada.”³¹⁵ Também: “Quando o comandante chefe do exército inimigo viu que havia capturado facilmente o *Imperador dos Romanos*, não se exaltou por este sucesso, mas se conteve diante de tal golpe de sorte [...]”.³¹⁶ Algo ainda mais gritante aparece no caso do “bobo da corte” Romano Boíla, que, apaixonando-se pela amante alaniana de Constantino IX, percebeu, segundo Pselo, que não havia outra forma de conquista-la senão por meio da medida mais extrema: “[...] mas, coisa totalmente absurda de compreender e inacreditável, seja por sugestão de homens perversos, seja por impulso próprio, ele resolveu obter o *comando supremo dos romanos*.”³¹⁷

2.2.2 UMA ROMANITAS POLÍTICO-CULTURAL?

A *Cronografia* de Pselo é uma obra sobre imperadores e imperatrizes; logo, podemos perceber como a identidade romana se manifesta primariamente em termos políticos e, em menor número, militares. Pselo se refere à “*politeía romana*”,³¹⁸ “território (*khōría*) romano”,³¹⁹ “terra (*gē*) dos romanos”,³²⁰ “fronteiras romanas”,³²¹ “lei dos romanos”,³²² “áxis romana”,³²³

³¹⁵ PSELO, *Cronografia*, 7B.22: “[...] εἶτα δὴ ἐάλωκει· καὶ δορυάλωτος εἰς τοὺς πολεμίους ὁ βασιλεὺς Ῥωμαίων ἀπάγεται· καὶ τὸ στράτευμα διαλύεται· καὶ τὸ μὲν διαφυγὸν μέρος βραχὺ τι· τῶν δὲ πλειόνων οἱ μὲν ἐάλωσαν· οἱ δὲ μαχαίρας ἔργον γεγόνασιν.”

³¹⁶ PSELO, *Cronografia*, 7B.26, grifo nosso: “ὁ γὰρ τοῦ πολεμίου στρατεύματος ἀρχηγός, ἐπειδὴ τὸν βασιλέα Ῥωμαίων ἀλώσιμον ἐθέασατο, τῷ μὲν κατορθώματι οὐκ ἐπαίρεται· συστέλλεται δὲ λίαν τῷ εὐτυχήματι”.

³¹⁷ PSELO, *Cronografia*, 6.145, grifo nosso: “[...] ὁ δὴ καὶ ἀκουσθῆναι παράλογον πάντη καὶ ἄπιστον· ἀλλ’ ὅμως ἐκεῖνος, εἴτε συντυχία κακοήθων ἀνθρώπων χρησάμενος· εἴτε ἀφ’ ἑαυτοῦ τὰς ὁρμὰς εἰληφώς, εἰς νοῦν βάλλεται τῆς τῶν Ῥωμαίων ἡγεμονίας τυχεῖν.”

³¹⁸ PSELO, *Cronografia*, ep. 1. Ver nota 347.

³¹⁹ PSELO, *Cronografia*, 4:40.

³²⁰ PSELO, *Cronografia*, 7A.23; 7B.18.

³²¹ PSELO, *Cronografia*, 1.9, 12; 6.4, 9; 7.70.

³²² PSELO, *Cronografia*, 6.1:50. Miguel Pselo também se refere em outros lugares ao Direito Romano como a “saboria dos italianos”. Ver KAZHDAN, A. Some Observations on the Byzantine Concept of Law: Three Authors of the Ninth through the Twelfth Centuries. In: LAIOU, A. E.; SIMON, D. (Ed.). *Law and Society in Byzantium: Ninth-Twelfth Centuries*. Washington, D.C.: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, 1994, p. 209. Ver também KALDELLIS, A. *Romanland: Ethnicity and Empire in Byzantium*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2019, p. 99. Para o Direito Romano em Bizâncio, ver a ótima síntese em SOLTE, B. H. *The Law of New Rome: Byzantine Law*. JOHNSTON, D. (Ed.). *The Cambridge Companion to Roman Law*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 355-373.

³²³ PSELO, *Cronografia*, 4:2; 6.1:140, 177; 7:57. Johannes Koder apontou uma originalidade de Pselo no uso dessa expressão. A ideia de uma “áxis romana” vem do mito de Atlas segurando a “áxis da esfera celeste” ou “áxis

“assuntos/negócios (*prágmata*) dos romanos”,³²⁴ “força (*iskhýs*) dos romanos”,³²⁵ “exercito dos romano”,³²⁶ “falanges dos romanos”³²⁷ e “regimentos romanos”.³²⁸ Pselo também se refere a ascensão de Constantino IX Monômaco (1042-1055) como “[...] quando o imperador tomou o cetro romano em suas mãos [...]”.³²⁹ Ele utiliza a designação para criticar o bárbaro que tentou usurpar o mesmo imperador, dizendo que, “[...] tendo provado dos frescos córregos dos romanos [...]”,³³⁰ ele agora achava por bem reinar sobre os “[...] nobilíssimos romanos”.³³¹ Além das nomenclaturas imperiais, Pselo se refere aos cidadãos do Império como romanos (*rhōmaïoi*).³³² Os romanos constituem algo como uma comunidade, um “corpo político” (*tò politikòn sōma*, também *tò sōma tēs politeías*, “o corpo da *politeía*”).³³³ O poder é assim exercido sobre *os romanos*, essa comunidade política, sendo o imperador o soberano *dos romanos*. “Era uma noção caracteristicamente romana que alguém deveria ser o rei *de algo*, isto é, de um corpo corporativo que empoderava magistrados para agir com autoridade [...]”.³³⁴

Não há dúvidas que Pselo vive em um mundo romano e isso se faz presente em sua visão de mundo; esta ideologia permeia toda sua ideia sobre essa comunidade política do qual ele é membro. Podemos enxergá-la como uma ficção, mas todo tipo de identidade estabelece algum tipo de elo imaginado sobre o qual é possível depositar sua crença. A questão central não reside em reconhecer que se trata de uma ficção, mas sim de entender o lugar dessa crença na vida das pessoas.³³⁵ Se estivermos indispostos a acreditar que tal comunidade existia “na realidade”, ao menos podemos trabalhar com a ideia de que ela existe “na imaginação” de alguns indivíduos, refletindo o modo como alianças eram percebidas e, assim, imaginadas no

da terra”. Numa analogia ao poder imperial, Pselo fala dos imperadores como que segurando a áxis do ecúmeno romano. Ver KODER, J. Remarks on linguistic Romanness in Byzantium. POLH, W. et al (Ed.). *Transformations of Romanness: Early Medieval Regions and Identities*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2018, p. 115-116.

³²⁴ PSELO, *Cronografia*, 6A:17.

³²⁵ PSELO, *Cronografia*, 4:39.

³²⁶ PSELO, *Cronografia*, 1.14; 6.5.

³²⁷ PSELO, *Cronografia*, 1.33.

³²⁸ PSELO, *Cronografia*, 3.7.

³²⁹ PSELO, *Cronografia*, 6.178: “[...] Τῶν ῥωμαϊκῶν σκήπτρων οὗτος ἐπειλημμένος ὁ αὐτοκράτωρ [...]”.

³³⁰ PSELO, *Cronografia*, 6.136: “[...] ἀλλ’ ἐπειδὴ τῶν παρὰ Ῥωμαίοις ποτίμων ναμάτων ἐγεύσατο [...]”.

³³¹ PSELO, *Cronografia*, 6.136: “[...] τῶν εὐγενεστάτων Ῥωμαίων.”

³³² PSELO, *Cronografia*, 1.13; 4.40-42, 50; 6.75; 6A.3; 7:18; 7A:39.

³³³ PSELO, *Cronografia*, 7.51-53.

³³⁴ KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 49: “It was a characteristically Roman notion that one had to be the king *of something*, namely of the corporate body that empowered magistrates to act with authority [...]”. Ver ANDO, C. Was Rome a Polis? *Classical Antiquity*, [s.l.], v. 18, n. 1, 1999, p. 15-17.

³³⁵ Ver BEVENS, E. M. A. *A Sacred People: Roman Identity in the Age of Augustus*. 2010. 119 f. Thesis (Master of Arts) - History, Department of History, Georgia State University, [s.l.], 2010, p. 1-2.

meio de algum estrato social.³³⁶ Não estamos ignorando com isso o possível alcance maior da identidade romana em Bizâncio, do qual temos algumas evidências que apontam para algo além de uma suposta construção literária da elite constantinopolitana.³³⁷ Estamos falando sobre entendermos como ao menos alguns indivíduos que compartilhavam dessa identidade se imaginavam. É mais do que necessário entendermos como essa identidade romana podia operar, por exemplo, enquanto ideologia política entre esses indivíduos.³³⁸ Ideias políticas, no entanto, nunca permanecem simplesmente na imaginação, especialmente quando circulam entre aqueles que detém o poder.³³⁹ Como lembra Neville, elites são, afinal, influentes.³⁴⁰

Essa ideia de uma “comunidade de romanos” se manifesta, por exemplo, em alguns termos utilizados por Pselo. Na narrativa da revolta de João Tornício durante o governo de Constantino IX Monômaco (1042-1055), Pselo afirma que os revoltosos pediram para que a

³³⁶ De modo geral, nosso pensamento sobre isto não é tão distinto do que Walter Pohl defendeu recentemente: “Em última análise, tanto a crítica desconstrutivista quanto a (mais ou menos) positivista operam com base em uma lógica binária semelhante — os textos refletem a realidade ou não, tinham algum impacto ou nenhum impacto, grupos étnicos existiam ou não? Isto, no entanto, não é o que a semiótica e a filosofia pós-moderna pretendiam alcançar. Devemos antes trabalhar com as tensões em vez de desconstruí-los colocando-os fora de cena.” POHL, W. *Historiography and Identity: Methodological Perspectives*. POHL, W.; WISER, V. (Ed.). *Historiography and Identity I: Ancient and Early Christian Narratives of Community*. Turnhout: Brepols, 2019, p. 17, tradução nossa.

³³⁷ Para exemplos que apontam para uma identidade romana para além dos círculos letrados da elite constantinopolitana, ver KALDELLIS, A. *The Social Scope of Roman Identity in Byzantium: An Evidence-Based Approach*. *Byzantina Symmeikta*, Athens, v. 27, p. 173-210, 2017 (quanto a esse ponto especialmente, uma resposta satisfatória a STOURAITIS, I. *Roman identity in Byzantium: a critical approach*. *Byzantinische Zeitschrift*, Berlin, v. 107, n. 1, p. 175-220, 2014). Ver também KALDELLIS, A. *Romanland: Ethnicity and Empire in Byzantium*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2019, p. 73-80; KAPLANIS, T. A. *Antique Names and Self-Identification: Hellenes, Graikoi, and Romaioi from Late Byzantium to the Greek Nation-State*. In: TZIOVAS, D. (Ed.). *Re-imagining the Past: Antiquity and Modern Greek Culture*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 84-86.

³³⁸ A principal proposta é a da “república bizantina” de Anthony Kaldellis, uma espécie de revisão e expansão da antiga tese de Hans-Georg Beck. Ver KALDELLIS, A. *The Byzantine Republic: People and Power in the New Rome*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2015. Ver também nossa nota 81.

³³⁹ Por exemplo, sobre a difusão de ideias e debates políticos presentes em Constantinopla até as províncias, ver HOLMES, C. *Byzantine Political Culture and Compilation Literature in the Tenth and Eleventh Centuries: Some Preliminary Inquiries*. *Dumbarton Oaks Papers*, Washington, D.C., v. 64, 2010, p. 79-80; KRALLIS, D. *Popular Political Agency in Byzantium's Villages and Towns*. *Byzantina Symmeikta*. Athens, v. 28, p. 11-48, 2018; MATHEOU, N. S. M. *City and Sovereignty in East Roman Thought, c.1000–1200: Ioannes Zonaras' Historical Vision of the Roman State*. In: MATHEOU, N. S. M.; KAMPIANAKI, T.; BONDIOLI, L. M. (Ed.). *From Constantinople to the Frontier: The City and the Cities*. Leiden: Brill, 2016, p. 61.

³⁴⁰ Ver NEVILLE, L. *Why did the Byzantines Write history?* In: CONGRESS OF BYZANTINE STUDIES, 23., 2016, Belgrade. *Proceedings...* Belgrade: The Serbian National Committee of AIEB, 2016. Plenary Papers, p. 276. Ver também SMYTHE, D. C. *Byzantine perceptions of the outsider in the eleventh and twelfth centuries: a method*. 1992. 558 f. Thesis (PhD), Faculty of Arts, University of St. Andrews, St. Andrews, 1992, p. 20-21.

população não tratasse homens de sua “mesma raça” (*homophýlos*) com desprezo.³⁴¹ É impossível sabermos as origens de todos esses homens, mas o próprio Tornício não era um constantinopolitano nato, mas oriundo de Adrianópolis, membro de uma família com origens no Cáucaso.³⁴² Apesar disso, ele é um *homophýlos* em relação a população da capital. Quando Pselo segue com a embaixada de Miguel VI, o Estratiótico (1056-1057) ao general rebelde e futuro imperador Isaque Comneno, ele afirma que os líderes rebeldes do exército chegaram até eles em lágrimas e afirmaram estarem “[...] fartos da guerra civil e da mácula cometida contra sua parentela.”³⁴³ O termo utilizado para “guerra civil”, *emphylíou haímatos*, é traduzido desta forma pelo seu significado ser conceitualmente próximo; literalmente, no entanto, o termo significa algo como “sangue dos conterrâneos”. Segundo Yannis Stouraitis, em diversos autores bizantinos, o termo “[...] era entendido como a guerra dentro de uma ‘nação’, isto é, uma comunidade, no qual partidos inimigos eram conectados por laços sociais, culturais, religiosos, assim como familiares.”³⁴⁴ Pselo usa mais uma vez o termo ao falar das dificuldades enfrentadas durante o governo de Constantino IX: “[...] assim que guerras civis perturbaram o Império, as incursões bárbaras saquearam a maioria de nosso território.”³⁴⁵ Com isso, o autor expressa de outra forma a ideia de pessoas de origens distintas que são compreendidas como membros de uma mesma comunidade político-cultural. Mas qual é sua dimensão no que diz respeito aos sentimentos de um indivíduo, como o próprio Pselo, para com ela?

Na narrativa da embaixada de Miguel VI, Pselo afirma que enquanto selecionava os seus membros, Constantino Licuda prontamente aceitou a missão, pois ele amava os romanos – isto é, era um *philorómaios*.³⁴⁶ Indo ainda além numa passagem anterior, Pselo afirma que o imperador Constantino IX reconhecia duas qualidades nele e por isso o encarregava de escrever correspondências oficiais ao Egito: ninguém amava os romanos – era um *philorómaios* – e a

³⁴¹ PSELOS, *Cronografia*, 6.1:117. Para o contexto da revolta de Tornício, ver KALDELLIS, A. *Streams of Gold, Rivers of Blood: The Rise and Fall of Byzantium, 955 A.D. to the First Crusade*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 192-195. Para o significado desse termo em autores clássicos, ver, por exemplo, a discussão em RUSSO, F. *The Beginning of the First Punic War and the Concept of Italia*. In: ROSELAAR, S. T. (Ed.). *Processes of Integration and Identity Formation in the Roman Republic*. Leiden: Brill, 2012. p. 35-50.

³⁴² KAZHDAN, A. (Ed.). *Oxford Dictionary of Byzantium*. Oxford: Oxford University Press, 1991. 3 v., p. 2096-2098.

³⁴³ PSELOS, *Cronografia*, 7.20: “[...] καὶ δάκρυα σπενδόντων, ὅτι ἐμφυλίου αἵματος· καὶ συγγενικοῦ ἄγους κατακορεῖς γεγονότες [...]”.

³⁴⁴ STOURAITIS, I. *Byzantine war against Christians – an “emphylios polemos”?* *Byzantina Symmeikta*, Athens, v. 20, 2010, p. 90: “[...] was understood as a war inside a “nation”, i.e. a community, in which the enemy parties were connected by social, cultural, religious, as well as family bonds.”

³⁴⁵ PSELOS, *Cronografia*, 6:72: “[...] νῦν μὲν γὰρ ἐμφύλιοι πόλεμοι τὴν ἀρχὴν διετάραξαν· αὐθις δὲ βαρβαρικαὶ τινες ἐπιδρομαὶ τὰ πλεῖστα τῶν ἡμετέρων ληϊσάμεναι [...]”.

³⁴⁶ PSELOS, *Cronografia*, 7.19.

sua pátria – era um *philópatris* – como ele.³⁴⁷ Não é certo o que Pselo entende como sua pátria aqui, se é a *Rhomanía* ou Constantinopla. Seja como for, essas manifestações não partem de um imperador querendo engrandecer seus impérios ou um general em busca de glórias militares, mas de um burocrata que direciona a sua comunidade sentimentos “patrióticos”.³⁴⁸ No primeiro caso, ele enxerga essa característica em um “compatriota”, no outro, expressa seu sentimento pessoal. Assim, é possível observarmos em Pselo uma expressão bastante rica de uma romanidade: tanto em termos históricos, pois ele conhece a história do Império e suas origens, quanto no linguajar de sua cultura política.³⁴⁹ Pselo, como lembra Anthony Kaldellis, “[...] passa muito de sua vida na corte bizantina, onde as leis, símbolos, terminologia e ideologia do governo romano eram pervasivas e poderosas. Em seus assuntos cotidianos, ele teria lidado constantemente com questões ‘romanas’.”³⁵⁰ Seu acesso ao conhecimento clássico também deve ter uma grande influência nisto: ele pode ter enriquecido suas ideias ou mesmo aprendido sobre esse sentimento lendo sobre o “patriotismo” romano nas *Histórias* de Políbio.³⁵¹

Com isso, chegamos à questão espinhosa. Como entender essa identidade? É evidente que a partir de nossa leitura, a identidade romana expressa na *Cronografia* parece ser construída primariamente por meio de aspectos políticos associados ao “imperador” e ao “império” e também a uma ideologia onde os cidadãos são percebidos como constituindo uma comunidade

³⁴⁷ PSELOS, *Cronografia*, 6.154.

³⁴⁸ Para “patriotismo” em Bizâncio, ver especialmente KALDELLIS, A. *Romanland: Ethnicity and Empire in Byzantium*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2019, p. 94-97. Também pode ser útil consultar AHRWEILER, H. *L'idéologie politique de l'Empire byzantin*. Paris: Presses Universitaires de France, 1975, p. 60-74, 103-114 (para uma reavaliação desta obra já um tanto datada, ver MAGDALINO, P. Forty years on: the political ideology of the Byzantine empire. *Byzantine and Modern Greek Studies*, [s.l.], v. 40, n. 1, p. 17-26, 2016). No entanto, ambos os historiadores não mencionam essas duas passagens singulares na *Cronografia*.

³⁴⁹ Cultura política é um conceito polivalente e muitas vezes tido como evidente no debate historiográfico. Aqui, empregamos ele no sentido das crenças, julgamentos e sentimentos com relação à uma forma de governo, o que, numa análise histórica, leva-nos, como Catharine Homes nota, a olhar o “[...] comportamento e expectativas que forneceram o contexto para a ação política e ideias”. HOLMES, C. Byzantine Political Culture and Compilation Literature in the Tenth and Eleventh Centuries: Some Preliminary Inquiries. *Dumbarton Oaks Papers*, Washington, D.C., v. 64, 2010, p. 55, tradução nossa. Como a autora notou, trata-se de um conceito que vem ganhando espaço nos Estudos Medievais, mas que não tem sido usado explicitamente nos Estudos Bizantinos, embora trabalhos que tratem de temas que abarquem de modo geral essa ideia existam.

³⁵⁰ KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 219: “[...] spent much of his life at the Byzantine court, where the laws, symbols, terminology, and ideology of Roman rule were pervasive and powerful. In his day-to-day affairs he would have been dealing constantly with ‘Roman’ matters.”

³⁵¹ Para uma leitura e análise das passagens referentes a esse tema em Políbio, ver KAPUST, D. Roman Patriotism. In: SARDOČ, M. (Ed.). *Handbook of Patriotism*. Cham: Springer, 2017, p. 8-10.

política – em termos romanos, uma *res publica* ou *politeía*.³⁵² Ainda que Pselo caracterize alguém como *homophýlos* e fale de *emphylíou haímatos*, é difícil pensar uma identidade étnica a partir somente deste material. Nosso historiador também não nos fornece informações significativas sobre como ele caracteriza os romanos em termos que poderíamos classificar como demarcadores de etnicidade, mas isto é de algum modo esperado se considerarmos que a *Cronografia* nos oferece uma narrativa política a partir de biografias de governantes. Os romanos de Pselo são, todavia, aparentemente unidos por algo cultural que vai além da “cidadania”. Podemos implicar pela própria narrativa da obra que eles, por exemplo, falam grego, professam a fé cristã, possuem costumes políticos e militares, usam roupas vistas como “civilizadas” e são arrogantes.³⁵³ Mas isto ainda é vago. Em suma, podemos afirmar por hora que os romanos aparecem como uma comunidade de indivíduos que compartilham elementos políticos e também culturais. Nossa análise dos estrangeiros na obra nos mostrará que eles estão numa relação de alteridade, sendo vistos como diferentes dos romanos.

2.2.3 O IMPÉRIO E OS BÁRBAROS

Vimos mais a cima como Pselo se utiliza da evocação da designação do Império como um artifício retórico para causar algum tipo de impacto emocional em seus leitores. A designação, no entanto, é igualmente evocada em momentos em que o autor está falando sobre povos estrangeiros ou “bárbaros”, sendo, portanto, usada para demarcar diferença. É justamente no momento em que o *Outro* aparece que o *Eu* também se manifesta de modo mais explícito. Como estamos olhando para a designação aplicada em palavras como “império” e “imperador”, veremos que ela também aparece em contextos militares das guerras contra os bárbaros.

Quando a designação aparece? Ao falar da revolta penetrada pelos búlgaros durante o governo de Miguel IV, o Paflagônio (1034-1040), Pselo contrasta o tsar Alusiano com o Imperador dos Romanos.³⁵⁴ Ele também contrasta o Reino da Alânia, terra natal da amante de

³⁵² Anthony Kaldellis expôs de modo muito mais aprofundado a presença do pensamento “republicano” em Pselo, então não iremos repetir aqui seus argumentos. Ver KALDELLIS, A. *The Byzantine Republic: People and Power in the New Rome*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2015. Para uma análise centrada na *Historia Syntomos*, ver DŽELEBDŽIĆ, D. I dimokratikí Rómi stin politikí sképsi tou Mikhaíl Pselloú. *Zbornik radova Vizantološkog instituta*, Beograd, v. 42, p. 23-34, 2005.

³⁵³ Ver, por exemplo, PSELO, *Cronografia*, 6.42 (cristianismo), 134 (vestimenta), 135 (arrogância), 178 (língua grega); 6A.3 (um costume político-administrativo entre os romanos); 7.68-69 (contrastando às características bélicas dos misianos enquanto grupo bárbaro não dotado das mesmas técnicas dos romanos).

³⁵⁴ PSELO, *Cronografia*, 4.49.

Constantino IX Monômaco (1042-1055), utilizando o termo Império dos Romanos.³⁵⁵ Além disso, afirma que as riquezas do Império dos Romanos, que no passado o tornavam objeto de inveja, estavam sendo entregues sem nenhum bom motivo aos alanianos para satisfazer a casa real da amante do imperador.³⁵⁶ Pselo também reclama que Constantino X Ducas (1056-1067) se fechou aos conselhos externos e acreditou que era possível resolver as disputas com outros povos recorrendo a presentes e outros sinais de amizade, o que ocasionou no enfraquecimento do exército justamente quando o poder dos inimigos aumentara. Segundo ele, “[...] eis o que abateu o Império dos Romanos e conduziu os negócios à piora [...]”.³⁵⁷

Quando do governo de Miguel IV, Pselo aponta que o povo búlgaro, “[...] após muitos perigos anteriores e guerras fortuitas, foi sujeito ao domínio dos romanos”.³⁵⁸ A mesma linguagem é utilizada pouco depois em outra passagem quando ele diz que este imperador, nesse momento já doente, embora contra todos os conselhos de seus familiares e do Senado, pôs-se em guerra contra os búlgaros, pois não queria que em seu governo o Império dos Romanos não pudesse receber nenhum engrandecimento e ainda perdesse territórios.³⁵⁹ Uma linguagem mais carregada aparece na narrativa do governo de Constantino IX na revolta de Tornício, quando o pretendente chega a Constantinopla com seus homens urgindo para que abrissem os portões e recebessem “[...] um imperador honesto e misericordioso que os trataria com humanidade e aumentaria o Império dos Romanos com guerras e vitórias sobre os bárbaros.”³⁶⁰ Sobre Isaque Comneno, Pselo afirma que ele conseguiu manter a paz com diversos outros povos: ele menciona pártios e egípcios e também genericamente “outros povos” cujos tratados não foram tão pacíficos, afirmando que ele não buscava com isso reduzir o Império dos Romanos, mas sim porque não seria viável gastar tantos recursos em expansionismo.³⁶¹ A designação aparecerá novamente ao falar sobre as reformas de Isaque, afirmando que ele sabia dos inúmeros motivos do desprestígio do Império dos Romanos e por que os inimigos prosperavam e eles não, sendo impossível parar as incursões e saques dos bárbaros.³⁶²

³⁵⁵ PSELO, *Cronografia*, 6.151.

³⁵⁶ PSELO, *Cronografia*, 6.153.

³⁵⁷ PSELO, *Cronografia*, 7.2:18: “[...] τοῦτο τὴν βασιλείαν Ῥωμαίων κατήνεγκε καὶ ἠλλοίωσε ἐπὶ τὸ χειρὸν τὰ πράγματα [...]”.

³⁵⁸ PSELO, *Cronografia*, 4:39: “[...] πολλοῖς πρότερον κινδύνοις καὶ μάχαις μέρος τῆς Ῥωμαίων ἐπικρατείας γενόμενον [...]”.

³⁵⁹ PSELO, *Cronografia*, 4:43.

³⁶⁰ PSELO, *Cronografia*, 6.109: “[...] ἐπιεικῆ καὶ χρηστὸν αὐτοκράτορα, φιλανθρώπως τὲ αὐτοῖς χρησόμενον· καὶ τὸ Ῥωμαίων κράτος, τοῖς κατὰ τῶν βαρβάρων πολέμοις τὲ καὶ τροπαιοῖς αὐξήσοντα.”

³⁶¹ PSELO, *Cronografia*, 7.50.

³⁶² PSELO, *Cronografia*, 7.59: “[...] καὶ τὰ μὲν τῶν ἐθνῶν ἠϋξῆται, τὰ δὲ πάντα <ἡμέτερα> ὑπέρρευσε, καὶ οὐδεὶς τῶν πάντων ἀνείργειν δεδύνηται βαρδάρων ἐπιδρομὰς καὶ ληστείας [...]”.

A partir disso, devemos perguntar: quem é o bárbaro? Um jeito rápido de responder essa pergunta seria dizendo todo aquele que não é romano é bárbaro. De fato, na maior parte da *Cronografia*, é dessa forma como os estrangeiros serão caracterizados por Pselo. No entanto, nossa leitura nos mostrou que ele escolhe não somente quem chamar, mas também o contexto onde chamará alguém de bárbaro. Apesar disso, não há dúvidas que todo estrangeiro é potencialmente passível de ser chamado desta forma. Pselo menciona alguns povos estrangeiros na obra, como os alanianos, árabes, armênios, assírios, babilônicos, búlgaros, celtas, curdos, egípcios, getas, íberos, indianos, italianos, misianos, partas, sarracenos, taurocitas/rus e tribálios.³⁶³ Há bárbaros à leste e à oeste,³⁶⁴ e entre aqueles que ele assim caracteriza estão os alanianos, búlgaros e taurocitas/rus, povos conectados politicamente ou religiosamente.

Nesse ponto, já podemos descartar que o cristianismo bizantino constituísse algo que tornasse os convertidos romanos. Ser romano não significa a mesma coisa que ser cristão em nenhum momento na obra. Tanto os rus quanto os alanianos ainda estavam em um processo de cristianização a partir de Constantinopla, mas os búlgaros eram cristãos há mais tempo e estavam sob domínio romano.³⁶⁵ A afirmação uma vez posta por Dimitri Obolensky de que “Uma vez que se aceita o cristianismo ortodoxo, deixa-se geralmente, seja qual for a raça ou língua de alguém, de ser um bárbaro” não se sustenta aqui.³⁶⁶ Além de chamá-los de bárbaros,

³⁶³ Para as referências e identificações, ver LAURITZEN, F. Nations and Minorities in Psellos' Chronographia (976-1078). *Studia Ceranea*, [s.l.], v. 9, p. 319-331, 2019. Note, no entanto, que algumas dessas identificações estão confusas ou incorretas. Os italianos em 7.24 não são simplesmente “italianos” (?), mas tratavam-se provavelmente de normandos que adentraram Bizâncio pelo sul da Península Itálica. “Italianos” pré ou não normandos somente aparecem em 3.2, quando Pselo menciona a “literatura dos italianos” (ver nossa discussão acima), mas essa passagem não é mencionada. 6.78 somente se refere à “Itália” — na verdade, o Sul, a Itália bizantina — como posição geográfica. Etnônimo e geografia nem sempre indicam a mesma coisa e o autor parece confundir isso ao longo do artigo. Não encontramos sentido em separar os “citas de Tauros” dos “taurocitas” ou mesmo distinguir os últimos dos rus colocando estes como varegues. Além disso, é estranho o autor ter separado os macedônios como se constituíssem uma “nação” ou minoria étnica. Para a identificação desses italianos enquanto normandos, ver SHEPARD, J. The Uses of the Franks in Eleventh-Century Byzantium. *Anglo-norman Studies*, [s.l.], v. 15, 1993, p. 292-293. Não é difícil identificar os taurocitas como rus, mas ver VRATIMOS, A. The Identification of the Scythians in the Service of Romanos IV's First Expedition to Anatolia. *Byzantinoslavica*, Prague, v. 67, n. 1-2, 2009, p. 196. Para os macedônios bizantinos enquanto unidade geográfica, militar ou como romanos em contraste com os eslavos presentes na região, ver TARNADINIS, I. The Macedonians of the Byzantine Period. In: BURKE, J.; SCOTT, R. (Ed.). *Byzantine Macedonia: Identity, Image and History: Papers from the Melbourne Conference, July 1995*. Leiden: Brill, 2017. p. 29-49.

³⁶⁴ PSELO, *Cronografia*, 1.22; 3.66; 7.63.

³⁶⁵ Para a cristianização de Rus, ver SHEPARD, J. Rus'. In: BEREND, N. (Ed.). *Christianization and the Rise of Christian Monarchy: Scandinavia, Central Europe and Rus' c. 900–1200*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 369-416. Para a complicada cristianização da Alânia, ver FOLTZ, R. The Caucasian Alans Between Byzantine Christianity and Traditional Paganism. *Nartamongæ*, [s.l.], v. 14, v. 1-2, p. 78-87, 2019.

³⁶⁶ OBOLENSKY, D. *Byzantium and the Slavs*. Crestwood: St Vladimir's Seminary Press, 1994, p. 13: “Once you accepted Orthodox Christianity, you generally ceased, whatever your race and language you spoke, to be a

Pselo descreve os búlgaros revoltosos de 1040 como arremessando o jugo da *dominação dos romanos* de seus pescoços e diz que, se tivessem dado cabo a isso no início do governo de Miguel IV, teria sido fácil ensiná-los a não se revoltar tão facilmente *contra os romanos*.³⁶⁷ O cristianismo era sem dúvidas um elemento importante na constituição dessa identidade romana, mas ele não era o único fator para definir quem era romano dentro ou mesmo fora do Império.³⁶⁸ Assim como a outra obra que analisaremos, a *Cronografia* não é uma etnografia. Não há muitos detalhes particulares sobre como Pselo vê os bárbaros mencionados. Alguma linguagem básica de alteridade, no entanto, aparece ao falar sobre o território. Por exemplo, o autor coloca os bárbaros como rodeando as fronteiras do Império.³⁶⁹ Ao falar sobre os espólios de Basílio II, ele diz que o imperador reuniu em um lugar e depositou nos cofres imperiais as riquezas “[...] dos bárbaros circundantes”.³⁷⁰ Este próprio imperador teria passado a maior parte de sua vida como soldado em campanhas “[...] freando as incursões dos bárbaros e vigiando nossas fronteiras”.³⁷¹ Os bárbaros assim aparecem realizando saques e avanços nas fronteiras e adentrando o território romano.³⁷² Eles residem basicamente num mundo exterior, mas também podem “integrar” o mundo romano pela subjugação militar ou alianças políticas.

A única exceção à incursão “etnográfica” na *Cronografia* é a curiosa descrição dos misianos (pechenegues) durante o governo de Isaque Comneno (1057-1059). Segundo Pselo, os getas (oguzes) saquearam e devastaram os territórios transdanúbios onde eles habitavam, forçando esse povo a emigrar para o território romano. Estes bárbaros são descritos como mais difícil de lutar e subjugar do que outros povos e devem ser temidos quando em massa. Alguns antagonismos em relação aos romanos aparecem para demarcar o quão diferentes eles são, como a falta de vigor no corpo ou braveza de espírito, o não uso de vestimentas próprias para fins militares ou mesmo de espadas e escudos e o desconhecimento de elementos básicos da estratégia militar como as formações dos soldados. Quando estão com sede e não há água, bebem o sangue de seus próprios cavalos. Além disso, comem a carne de seus cavalos mais

barbarian.” Ver também KALDELLIS, A. *Ethnography after Antiquity: Foreign Lands and Peoples in Byzantine Literature*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 2013, p. 49-72, 126-139.

³⁶⁷ PSELO, *Cronografia*, 4.40-41.

³⁶⁸ Para a problemática da religião e etnicidade em Bizâncio, ver especialmente KALDELLIS, A. *Romanland: Ethnicity and Empire in Byzantium*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2019, p. 106-113. Pode ser também útil consultar KALDELLIS, A. *Ethnography after Antiquity: Foreign Lands and Peoples in Byzantine Literature*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 2013, p. 39-43, 56-72, 126-139.

³⁶⁹ PSELO, *Cronografia*, 1.31; 2.2; 7.10. Ver também 1.22.

³⁷⁰ PSELO, *Cronografia*, 1.31 (ver também 7.52): “[...] τὸ περίξ βαρβαρικὸν [...]”.

³⁷¹ PSELO, *Cronografia*, 1.31: “[...] τῶν βαρβάρων ἀνείργων ἐπιδρομᾶς· τὰ τε ἡμέτερα φρουρῶν ὄρια [...]”.

³⁷² PSELO, *Cronografia*, 6.72, 75, 105. Ver também 6.9-10, 7.6.

robustos mesmo sem assá-la propriamente. É impossível firmar acordos com eles já que não honram nem mesmo os juramentos feitos sob seus sacrifícios. Eles não reverenciam nenhuma deidade, muito menos Deus, e acreditam que a morte é o fim da existência.³⁷³ Anthony Kaldellis pontuou que Pselo realiza essa digressão somente para ressaltar as qualidades marciais de Isaque Comneno e criar uma imagem de selvageria a ser domada por esse imperador.³⁷⁴ O que é importante ressaltar aqui é que Pselo aparentemente enxerga “níveis de barbaridade”, uma vez que fica implícito que os bárbaros não compartilham as mesmas características.

Como afirmamos, os búlgaros são descritos na *Cronografia* como bárbaros. No entanto, quando Pselo fala da imperatriz Catarina, filha do tsar búlgaro João Vladislav e esposa de Isaque Comneno, ele em nenhum momento resalta qualquer característica bárbara ou mesmo a define dessa forma. Pelo contrário, ela é descrita como descendendo de uma nobilíssima família e praticante de obras de piedade.³⁷⁵ Por que Pselo não resalta, como no caso da narrativa da revolta dos búlgaros, sua barbaridade? Simplesmente por que não convém nesse momento aplicar essa tópica a ela. Ela possui origens nobres e está ligada ao imperador Isaque, sendo, portanto, integrada de algum modo ao mundo romano. Casamento com estrangeiras em Bizâncio é uma forma de criar laços externos para o bem do Império.³⁷⁶ Isso não significa, no entanto, que ela não seja bárbara. Há bárbaros que “servem” ao Império e não causam nenhum problema a ele. A nobreza da imperatriz Catarina é o que diferencia sua descrição da crítica, por exemplo, àqueles que anteriormente vestiam pele de cabra e que agora ocupam posições importantes na burocracia.³⁷⁷ Talvez algo similar possa ser visto quando Pselo menciona um general armênio de nome Khacatur que, embora naquele momento servisse Romano IV Diógenes após sua captura, provavelmente estava servindo os romanos há mais tempo como *doúx* de Antioquia.³⁷⁸ Não há necessidade de ofender seus próprios aliados.

Isso não significa que a identificação da barbaridade seja de algum modo “fluida” ou confusa, já que Pselo em nenhum momento chama um romano de bárbaro. A barbarização, compreendida aqui como a descrição do diferente na categoria pejorativa de “bárbaro”, é uma forma evidentemente depreciativa de alterização, isto é, da “[...] maneira na qual dicotomias de

³⁷³ PSELO, *Cronografia*, 7.67-69.

³⁷⁴ KALDELLIS, A. *Ethnography after Antiquity: Foreign Lands and Peoples in Byzantine Literature*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 2013, p. 118.

³⁷⁵ Ver PSELO, *Cronografia*, 7.79.

³⁷⁶ NASAINA, M. Woman’s Position in Byzantine Society. *Open Journal for Studies in History*, [s.l.], v. 1, n. 1, 2018, p. 33.

³⁷⁷ Ver PSELO, *Cronografia*, 6.134. Ver também 2.3.

³⁷⁸ PSELO, *Cronografia*, 7B.38-40. Para essa identificação de Catature, ver DRÄSEKE, J. Michael Psellos im „Timarion“. *Byzantinische Zeitschrift*, Berlin, v. 6, n. 3, 1897, p. 485.

grupos sociais são expressas por meio da linguagem.”³⁷⁹ Assim, chamar um estrangeiro de bárbaro pode ser *situacional* em algum discurso, como vimos no caso acima. Os mercenários de rus enviados por Vladimir de Kiev,³⁸⁰ chamados de citas de Tauros na descrição pseliana, aparecem como uma grande ajuda ao imperador Basílio II, sendo descritos como ótimos guerreiros.³⁸¹ Pselo não os chama – isto é, *não os ofende* – de bárbaros nesse ponto. Ao falar sobre o conflito com os rus na narrativa de Constantino IX, no entanto, eles são descritos assim: “Essa raça bárbara sempre sentiu ódio e raiva contra a hegemonia dos romanos [...]”³⁸²

Há uma sutileza por trás da barbarização em Pselo. Reduzir essa questão a um formalismo dizendo que bárbaro é o povo que não tem aliança com Constantinopla não explica os casos fora do “padrão”.³⁸³ Por exemplo, os alanianos possuíam aliança com os romanos e mesmo assim Pselo se refere ao Reino da Alânia como terra bárbara quando fala da amante alaniana de Constantino IX. Não obstante, é interessante observar que ele não chama a alaniana diretamente de bárbara na narrativa, mas Pselo tinha um evidente problema com aquela mulher e com aquele relacionamento, já que critica o imperador por desperdiçar as fortunas dos romanos com esta princesa e com seu reino “sem grande importância”. Ter se referido à Alânia dessa forma pode ter sido uma manifestação pessoal do quão Pselo desprezava totalmente aquela situação.³⁸⁴ Para nós, isso demonstra como que para o autor todo estrangeiro é, antes de tudo, bárbaro.

Algo similar pode ser observado na narrativa do bárbaro que tentou usurpar o trono de Constantino IX. Embora aparentemente um ex-escravo comprado no estrangeiro, ele foi integrado àquele mundo e se tornou até mesmo membro do Senado. No entanto, ele, que segundo Pselo ultrapassava os romanos em arrogância, tinha o costume de dizer que com sua mão direita já golpeará alguns imperadores dos romanos (antes de ascenderem ao trono, é claro!). Pselo o chama de “lixo barbárico” (*kátharma ti barbarikòn*) e diz que quase estrangulou

³⁷⁹ PANDEY, A. Constructing otherness: A Linguistic analysis of the politics of representation and exclusion in freshmen writing. *Issues in Applied Linguistics*, [s.l.], v. 14, n. 2, 2004, p. 155: “[...] manner in which social group dichotomies are represented via language.” Para barbarização, ver BOLETSI, M. *Barbarism and its discontents*. Stanford: Stanford University Press, 2013, p. 3-5. Ver também a interessante discussão sobre alteração “sofisticada” e “crua” em BRONS, L. Othering, an Analysis. *Transcience*, [s.l.], v. 6, n. 1, p. 69-90, 2015.

³⁸⁰ Para o contexto, ver POPPE, A. The Political Background to the Baptism of Rus': Byzantine-Russian Relations Between 986-89. *Dumbarton Oaks Papers*, Washington, D.C., v. 30, p. 195-244, 1976.

³⁸¹ PSELO, *Cronografia*, 1.34.

³⁸² PSELO, *Cronografia*, 6.91: “Τὸ βάρβαρον τοι γὰρ οὖν τοῦτο φῶλον, ἐπὶ τὴν Ῥωμαίων ἡγεμονίαν τὸν πάντα χρόνον λυττᾷ τε [...]”.

³⁸³ Como faz LAURITZEN, F. Nations and Minorities in Psellos' Chronographia (976-1078). *Studia Ceranea*, [s.l.], v. 9, 2019, p. 328-329.

³⁸⁴ PSELO, *Cronografia*, 6.145, 153.

esse bárbaro insolente com ambas suas mãos por não aguentar ouvir tais palavras.³⁸⁵ Parece-nos que a barbarização conta muito com sua percepção pessoal sobre esses indivíduos.

Há ainda um caso que ilustra melhor isso. Pselo narra que Alusiano, o mais gracioso dos filhos de Aarão da Bulgária (na verdade, ele era filho de João Vladislav e neto de Aarão, sendo, portanto, irmão da futura imperatriz Maria), alguém de “[...] caráter gentil, ótimo intelecto e posição distinguida [...]”,³⁸⁶ acabou contribuindo para a vitória de Miguel IV. Alusiano, que estava proibido de sair de sua casa na Anatólia, se disfarçou de mercenário — armênio?³⁸⁷ —, visitou Constantinopla, fez alguns contatos e então partiu para a Bulgária. Sem revelar sua verdadeira identidade, abordou alguns indivíduos, exaltou a memória de seu pai e questionou se os búlgaros ainda estariam dispostos a aceitar um governante legítimo. Após confessar quem realmente era a um homem cuja lealdade parecia ilibada e este o reconhecer, conseguiu transferir a maioria das alianças para si e assumir uma posição ao lado do rebelde Deliano, mas não sem existir desconfianças mútuas. Traíndo Deliano, Alusiano mutilou seu nariz e o cegou com uma faca de cozinha. Mantendo a revolta acesa, o co-tsar marchou contra os romanos, mas perdeu a batalha.³⁸⁸ Em seu refúgio, considerou toda a sua situação e realizou secretamente uma aliança com o imperador. Numa investida teatral, Alusiano abandonou seu exército e se rendeu. O imperador então realizou um maravilhoso *triumphus* em Constantinopla levando cativo os homens mais notáveis dos búlgaros e Deliano.³⁸⁹ Mas por que Alusiano, que aderiu de alguma forma à revolta, não é chamado em nenhum momento de bárbaro?

Alusiano e seus irmãos Presiano e Aarão se renderam nos momentos finais da campanha de anexação da Bulgária por Basílio II em 1018. Oficiais e nobres búlgaros foram então

³⁸⁵ PSELO, *Cronografia*, 6.135-136.

³⁸⁶ PSELO, *Cronografia*, 4.45: “[...] τό τε ἦθος ἡδὺς· καὶ τὴν γνώμην λαμπρὸς· καὶ τὴν τύχην ἐπίσημος [...]”.

³⁸⁷ Ver KALDELLIS, A. Ethnicity and Clothing in Byzantium. In: DURAK, K.; JEVTIĆ, I. (Ed.). *Identity and the Other in Byzantium: Papers from the Fourth International Sevgi Gönül Byzantine Studies Symposium*. Istanbul: Koç University Stavros Niarchos Foundation Center for Antique and Byzantine Studies, 2019, p. 49.

³⁸⁸ João Escilitzes, no entanto, conta que as desconfianças começaram após Alusiano perder a batalha para os romanos na Tessalônica, quando os dois começaram a tramar contra o outro. É nesse contexto que Alusiano teria cortado seu nariz e o cegado. Ver ESCILITZES, *Sinopse de Histórias*, 19.29.

³⁸⁹ Essa é basicamente a narrativa em PSELOS, *Cronografia*, 4.45-50. Para mais detalhes, ver ESCILITZES, *Sinopse de Histórias*, 19.27-29. Para uma narrativa crítica, ver STEPHENSON, P. *Byzantium's Balkan Frontier: A Political Study of the Northern Balkans, 900-1204*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 130-135; KALDELLIS, A. *Streams of Gold, Rivers of Blood: The Rise and Fall of Byzantium, 955 A.D. to the First Crusade*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 173-175. Ver também FINE, J. V. A. *The Early Medieval Balkans: A Critical Survey from the Sixth to the Late Twelfth Century*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1983, p. 203-206, que acredita — na verdade, especula — que Alusiano era um agente bizantino.

integrados à hierarquia romana por meio da concessão de títulos e pelo casamento misto.³⁹⁰ Presiano, aparentemente o herdeiro do trono, foi feito *mágistros* (como o imperador João Tzimisces fizera alguns anos antes com o tsár Boris II) e Alusiano e Aarão, *patrikios*.³⁹¹ O historiador árabe Iaiá de Antioquia narra essas alianças da seguinte forma: “Ele [Basílio II] fez os filhos dos romanos se casarem com as filhas dos búlgaros, e os filhos dos búlgaros se casarem com as filhas dos romanos. Ao uni-los, pôs assim fim ao antigo ódio.”³⁹² Quando da revolta búlgara de 1040-1041, Alusiano somava o título de *stratēgós* do *théma* de Teodosiópolis no extremo leste Anatólia, a Armênia bizantina, e estava casado com uma armênia, possuindo, pelo dote, uma grande propriedade em Carsiano, a partir do qual se presume a origem nobre de sua esposa. Aparentemente, Alusiano foi acusado de algo que não sabemos ao certo pelo *parakoimōmenos* João Orfanotrofo e teve essa sua propriedade confiscada. Embora tenha requerido repetidamente a mediação do imperador nessa questão, não recebera nenhuma reparação. Caindo em desgraça na corte, Alusiano teria decidido então ir para a Bulgária e se aproveitar da revolta para obter o trono.³⁹³ Após desertar para o lado romano e se tornar uma peça fundamental para a vitória imperial, Miguel IV lhe concede o título de *mágistros*.³⁹⁴

Apesar de sua “deslealdade momentânea”, podemos perceber que Alusiano estava bastante integrado àquele mundo romano do qual foi “forçado” a participar após a derrota de sua família em 1018. Além disso, há pelo menos duas características que poderiam qualifica-lo como algum tipo de “bom bárbaro” para Pselo: sua origem nobre e sua conturbada, mas eventualmente bem sucedida aliança com os romanos. A exaltação da nobreza é algo relativamente dúbio na *Cronografia*, funcionando mais como uma crítica à “facilidade” em que a mobilidade social ocorria em sua sociedade, como já pudemos ver. Ele certamente não acreditava que o nascimento poderia determinar as ações de alguém, mas sim numa junção de berço e virtude.³⁹⁵ No entanto, podemos ver como a barbaridade pode ser atenuada por meio da

³⁹⁰ Ver STEPHENSON, P. *The Legend of Basil the Bulgar-Slayer*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 34-35; CURTA, F. *Eastern Europe in the Middle Ages (500-1300)*. Leiden: Brill, 2019, p. 248-249.

³⁹¹ ESCILITZES, *Sinopse de Histórias*, 15.18; 16.21.

³⁹² IAIA DE ANTIOQUIA, *Crônica*, v. 3, p. 407 (citado aqui a partir da tradução ao inglês de Vasilka Tăpkova-Zaimova dos trechos sobre os búlgaros: ZAIMOVA, V. T. *Bulgarians by Birth: The Comitopus, Emperor Samuel and Their Succerrors According to Historical Sources and the Historiographic Tradition*. Leiden: Brill, 2017, p. 171): “He made the sons of the Romans marry the daughters of the Bulgarians and the sons of the Bulgarians to marry the daughters of the Romans. By bringing them into union, he thus put an end to the ancient hatred.”

³⁹³ ESCILITZES, *Sinopse de Histórias*, 20.27; PSELOS, *Cronografia*, 4.46. Ver também KAZHDAN, A. (Ed.). *Oxford Dictionary of Byzantium*. Oxford: Oxford University Press, 1991. 3 v., p. 70.

³⁹⁴ ESCILITZES, *Sinopse de Histórias*, 19.29.

³⁹⁵ KAZHDAN, A. P.; EPSTEIN, A. W. *Change in Byzantine Culture in the Eleventh and Twelfth Centuries*. Berkeley: University of California Press, 1985, p. 104-106. Em outras palavras, “As visões de Pselo sobre a

nobreza quando comparamos a forma como se refere negativamente ao despejo de favores que Constantino VIII Porfirogênito (1025-1028) dava a certos homens que ele castrou ainda na infância e se tornaram servos próximos. Pselo diz que esses amigos do imperador não eram nobres, muito menos nasceram livres; na verdade, eram estrangeiros e bárbaros (*tēs ethnikēs kai barbárou*) que lhe deviam sua educação e modelavam nele sua conduta, e por isso recebiam tamanhas honrarias, ao contrário daqueles homens que estavam mais distantes de sua corte.³⁹⁶ Como Alusiano é um nobre, isso provavelmente ajuda na forma como ele é retratado.

É também interessante notar que Pselo coloca Alusiano como o mais gracioso entre seus irmãos, o que provavelmente reflete seu histórico familiar: Presiano, então *stratēgós* do *théma* de Bucelário, entrou em alguma contenda com Basílio Escleros e os dois foram exilados por Constantino VIII; depois, durante governo de Romano III Árgiro (1028-1034), foi acusado de tentar assumir o trono ao lado de Teodora, o que resultou em seu confinamento num mosteiro, seu cegamento e na expulsão de sua mãe Maria, então *zōstē patrikía*, do Palácio. Posteriormente, Presiano adentrou a vida monástica por livre vontade e terminou seus dias na Hungria.³⁹⁷ Ainda assim, o fato de Alusiano ter sido um traidor e Pselo não pesar a linguagem em nenhum momento com relação a ele, mas sim dizer que Deus o moveu a fazer o que fez,³⁹⁸ mostra o quão ele o avaliava positivamente e como a barbarização pode ser situacional.

Assim, acreditamos que não devemos interpretar cruamente a barbarização de grupos e de personagens como somente uma tópica clássica aplicada inocuamente ao presente.³⁹⁹

nobreza são muito bizantinas em essência: elas refletem uma sociedade de mobilidade vertical gradual e meritocrática.” REPAJÍC, M. The Political Thought of Psellos in the Chronographia: The Wise Advisor, the Clever General, and the City. *Limes Plus*, Belgrade, v. 13, n. 2, 2016, p. 71 (ver também 70-73), tradução nossa. Ver também HALDON, J. Social Élites, Wealth, and Power. In: HALDON, J. (Ed.). *The Social History of Byzantium*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2009. p. 168-211; MAGDALINO, P. Court Society and Aristocracy. In: HALDON, J. (Ed.). *The Social History of Byzantium*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2009. p. 212-232.

³⁹⁶ PSELO, *Cronografia*, 2.3 (ver também 6.134).

³⁹⁷ ESCILITZES, *Sinopse de Histórias*, 17.1; 18.8. Para a inscrição funerária encontrada em Michalovce na atual Eslováquia, ver ZAIMOVA, V. T. *Bulgarians by Birth: The Comitopus, Emperor Samuel and Their Succerrors According to Historical Sources and the Historiographic Tradition*. Leiden: Brill, 2017, p. 19.

³⁹⁸ PSELO, *Cronografia*, 4.25.

³⁹⁹ Como faz ROCHE, J. T. The Byzantine Conception of the Latin Barbarian and Distortion in the Greek Narratives of the Early Crusades. In: JENSEN, K. V.; JENSEN, C. S.; JENSEN, J. M. (Ed.). *Fighting for the Faith: The Many Crusades*. Stockholm: Sällskapet Runica et Mediævalia, 2018. p. 143-173. Essa proposta pode soar como uma crítica “pós-moderna” em relação a uma leitura literal e ingênuo do texto, mas isso ignora que mesmo para o pós-modernismo a linguagem é vista como “[...] um sistema plurista e complexo de práticas de significação que constroem realidades ao invés de simplesmente apresentá-las ou re-presentá-las. [...] De uma perspectiva pós-moderna, então, as práticas de significação moldam o sujeito, o social e o material – quem percebe e quem é percebido.” BERLIN, J. A. Poststructuralism, Cultural Studies, and the Composition Classroom: Postmodern Theory in Practice. *Rethoric Review*, [s.l.], v. 11, n. 1, p. 19, tradução nossa.

Precisamos analisar seu uso no discurso romano medieval e não somente apontar uma “imitação” literária como se fosse uma simples distorção da realidade vazia de significado real naquele contexto. Chamar não romanos de bárbaros, como Pselo e outros autores bizantinos fazem, demonstra, pelo contrário, um uso persistente e, portanto, válido em classificar o outro. Cabe a nós entendermos as tensões sociais e históricas por trás das nuances do discurso.⁴⁰⁰

2.2.4 PODERIA UM BÁRBARO NORMANDO SE TORNAR IMPERADOR?

Como já delimitamos no primeiro capítulo, os dois principais objetivos de nosso trabalho são expor e analisar as expressões de romanidade em nossos dois historiadores do século XI e a partir disto entender como eles enxergam as pessoas oriundas do que atualmente chamamos de Europa Ocidental. A *Cronografia* raramente menciona essas pessoas, e nenhuma dessas menções são substanciais a ponto de nos mostrar com precisão a visão de seu autor sobre as mesmas. Para sanar este problema, seguiremos o seguinte caminho: apontaremos os momentos em que elas são mencionados em sua narrativa e depois tentaremos responder algo muito específico que, embora tenha sido levantado por nos últimos anos, ainda não recebeu a devida atenção: Pselo poderia ter apoiado uma ascensão ao trono do mercenário normando Roussel de Bailleul? Essa é uma questão complexa, especialmente se considerarmos a falta de comentários de Pselo sobre os ocidentais. A única “evidência” disso levantada até o momento está na *Historía Sýntomos*.⁴⁰¹ Tentaremos cruzar essa evidência com nossa análise da *Cronografia* para oferecermos uma contribuição para essa discussão. Junto a nossa próxima fonte a ser analisada, poderemos pensar o quão integrados estavam os ocidentais ao longo do século XI.

Há pelo menos três grupos de ocidentais que serão personagens importantes no Império Romano medieval ao longo dos séculos XI e XII: os soldados normandos, que comporão forças

⁴⁰⁰ Rustam Shukurov afirma algo similar: “Explicar esse ou aquele exemplo de referência à memória cultural como arcaizante sem tentar compreender as razões e funções de uma referência antiga particular no contexto da consciência real é dizer quase nada.” SHUKUROV, R. The Byzantine Concepts of Iran: Cultural Memory and Its Reactualization. In: DURAK, K.; JEVTIĆ, I. (Ed.). *Identity and the Other in Byzantium*: Papers from the Fourth International Sevgi Gönül Byzantine Studies Symposium. Istanbul: Koç University Stavros Niarchos Foundation Center for Antique and Byzantine Studies, 2019, p. 147, tradução nossa. Ver também a discussão similar sobre “distorção” em KALDELLIS, A. *Ethnography after Antiquity*: Foreign Lands and Peoples in Byzantine Literature. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 2013, p. 106-117.

⁴⁰¹ OLSON, A. K. *Part of our commonwealth*: A study of the Normans in eleventh-century Byzantine historiography. 2009. 108 f. Thesis (Master of Arts) - Department of History of The Faculty of Arts and Social Sciences, Simon Fraser University, Vancouver, 2011; Working with Roman history: Attaleiates’ portrayal of the Normans. *Byzantine and Modern Greek Studies*, [s.l.], v. 41, n. 1, p. 1-14, 2017.

auxiliares e mercenárias, os mercadores de diversas cidades da Península Itálica e os diferentes bandos de cruzados que passarão pelas fronteiras do Império. O fato de Pselo não falar sobre os mercadores italianos e mencionar brevemente aquilo que sabemos serem soldados normandos pode ser explicado, em parte, por eles somente se ressaltam politicamente ao longo da segunda metade do século XI e a primeira parte da *Cronografia* ter sido concluída por volta de 1062. Ainda assim, Pselo não sentiu necessidade em mencionar a revolta do general normando Erveu Francópulo em 1056, o que é algo da qual não conseguimos determinar uma explicação plausível.⁴⁰² João Escilitzes se refere a Erveu como alguém que era abertamente um apoiador dos romanos; apesar disso, ele o chama de um “verdadeiro bárbaro” por não engolir seu orgulho e aceitar o fato do imperador não lhe ter concedido inicialmente o título de *mágitros*. Os mercenários normandos se tornarão importantes personagens entre as décadas de 1060 e 1070, quando se envolvem em duas outras revoltas lideradas por dois sucessores de Erveu na liderança dos normandos: Roberto Crispino, em 1069, e Roussel de Bailleul, em 1073. Os mercadores italianos, por sua vez, se tornam realmente relevantes na política imperial somente a partir da década de 1080, quando Aleixo Comneno concede aos venezianos um quarteirão em Constantinopla com acesso ao Chifre de Ouro por meio de uma crisobula.⁴⁰³

Os bizantinos tiveram seus primeiros contatos com os normandos no sul da Península Itálica ainda entre 1017 e 1041, quando esse povo extremamente militarizado da Normandia e com significativa origem viking entra em cena. Eles eventualmente conquistam dois principados lombardos, duas províncias bizantinas e três emirados muçulmanos na região. Ainda assim, a elite bizantina pouco notou estes homens como constituindo um grupo a parte e os classificou como *francos* da mesma forma como faziam com os demais ocidentais.⁴⁰⁴ Suas habilidades marciais causaram um impacto positivo entre os bizantinos e em finais da década de 1040 os normandos já atuavam como mercenários imperiais nos Balcãs e na Anatólia.⁴⁰⁵

⁴⁰² Ver ESCILITZES, *Sinopse de Histórias*, 23.4.

⁴⁰³ Ver SHEPARD, J. The Uses of the Franks in Eleventh-Century Byzantium. *Anglo-norman Studies*, [s.l.], v. 15, p. 275-305, 1993; BROWN, H. F. The Venetians and the Venetian Quarter in Constantinople to the Close of the Twelfth Century. *The Journal of Hellenic Studies*, [s.l.], v. 40, p. 68–88, 1920.

⁴⁰⁴ OLSON, A. K. “Part of our commonwealth”: A study of the Normans in eleventh-century Byzantine historiography. 2009. 108 f. Thesis (Master of Arts) - Department of History of The Faculty of Arts and Social Sciences, Simon Fraser University, Vancouver, 2011, p. 33-35. Ver também WEBBER, N. M. *The Evolution of Norman Identity, 911-1154*. 2001. 309 f. Thesis (Doctor of Philosophy) - History, Department of Medieval History, University of Birmingham, Birmingham, 2001, p. 133-141.

⁴⁰⁵ SHEPARD, J. The Uses of the Franks in Eleventh-Century Byzantium. *Anglo-norman Studies*, [s.l.], v. 15, 1993, p. 129.

Como afirmamos, a evidência que temos sobre os normandos na *Cronografia* é insatisfatória para conseguirmos tirar grandes conclusões. Pselo conta que quando integrou a embaixada do imperador Miguel VI ao então general rebelde Isaque Comneno em 1057, viu uma horda de soldados protegendo o então pretendente, entre eles “[...] as forças aliadas que haviam se unido a ele dentre os povos estrangeiros, os italianos e os taurocitas [isto é, os rus].”⁴⁰⁶ Como Jonathan Sheperd identificou, esses aliados italianos provavelmente eram mercenários normandos do sul da Itália.⁴⁰⁷ Pselo não os chama diretamente de bárbaros – muito provavelmente por serem aliados, como já vimos –, mas sua descrição sobre eles indica que possuíam características bárbaras.⁴⁰⁸ Ele compara os dois grupos da seguinte forma:

Esses são povos de aparência e pose ferozes, e ambos com olhos glaucos, mas enquanto os primeiros fazem a barba para mudar de cor [isto é, para pintar a pele] e depilam as sobrancelhas, os outros mantêm sua própria aparência; os primeiros são impulsivos em seus ataques, ágeis e apressados, enquanto os últimos são ferozes e furiosos; dos primeiros, o ímpeto de seu primeiro ataque é imparável, mas então seu ataque imediatamente perde vigor, enquanto os últimos não são menos impetuosos, mas eles não se importam em ver seu sangue derramado e desprezam as feridas de sua carne. Assim, eles fechavam o círculo do escudo humano, carregando longas lanças e machados de um gume. Enquanto os seguravam nas costas, eles estendiam as pontas de suas lanças de ambos os lados para frente, cobrindo com eles, por assim dizer, a arena central.⁴⁰⁹

Ambos os povos, portanto, parecem demonstrar costumes estranhos aos romanos já que Pselo achou relevante ressaltar suas características. Podemos dizer que os rus parecem muito mais “selvagens” nessa descrição se comparados com os normandos, especialmente por não se importarem com seus ferimentos. Esses dois grupos, assim, certamente não era “romanizados”

⁴⁰⁶ PSELO, *Cronografia*, 7.25: “[...] αἱ συμμαχικαὶ δυνάμεις, ὅποσαι παρὰ τῶν ἔθνῶν αὐτοῖς παρεγένοντο, Ἰταλοὶ τε καὶ Ταυρο-σκύθαι [...]”.

⁴⁰⁷ SHEPARD, J. The Uses of the Franks in Eleventh-Century Byzantium. *Anglo-norman Studies*, [s.l.], v. 15, 1993, p. 292-293.

⁴⁰⁸ Alexander K. Olson parece ter confiado na tradução inglesa nesse ponto. Pselo somente os coloca como um “povo estrangeiro”, isto é, ἔθνος, mas não os chama de bárbaros. Ver OLSON, A. K. *Part of our commonwealth*: A study of the Normans in eleventh-century Byzantine historiography. 2009. 108 f. Thesis (Master of Arts) - Department of History, Simon Fraser University, Vancouver, 2011, p. 45.

⁴⁰⁹ PSELO, *Cronografia*, 7.25 (citado aqui a partir da tradução espanhola *Vidas de los emperadores de Bizancio*. Trad. Signes Codoñer. Madrid: Gredos, 2005): “Éstos son pueblos de aspecto y pose fieros y ambos de ojos glaucos, pero mientras los primeros se dan afeites para cambiar de color y se depilan los arcos superciliares, los otros conservan la apariencia que les es propia; aquéllos son impulsivos en sus ataques, ágiles y arrojados, mientras éstos son encarnizados y furiosos; de aquéllos es incontenible el ímpetu desu primer ataque, pero luego su acometida enseguida pierde vigor, mientras que éstos no son menos impetuosos, pero no se preocupan de ver derramada su sangre y desprecian las heridas de su carne. Así pues, éstos cerraban el círculo del escudo humano, portando largas lanzas y hachas de un solo filo. Mientras sostenían éstas sobre sus espaldas, tendían las puntas de sus lanzas desde los dos lados hacia adelante, cubriendo con ellas, por así decirlo, la arena central.”

e mantinham muitas das suas características culturais. Podemos especular que a maioria deles nem mesmo falavam grego e provavelmente recebiam instruções militares por meio de seus generais, que deveriam saber algo. Por hora, podemos especular que Pselo certamente agiria com escárnio ao ouvir sobre os planos de um soldado bárbaro desse tipo em ascender ao trono. Retornaremos posteriormente a isso quando falarmos sobre Roussel de Bailleul.

Após perder para os turcos seljúcidas a Batalha de Manziqerta em 1071, o imperador Romano IV Diógenes (1068-1071) se torna cativo do sultão seljúcida Alp Arslan. Constantinopla notifica as províncias que o imperador não deve ser mais reconhecido como tal e uma guerra civil se inicia. O *kaïsar* João Ducas consegue eleger seu sobrinho Miguel VII como principal imperador e a mãe deste, a imperatriz Eudócia, é deposta e enviada para um mosteiro no Bósforo. Romano IV, no entanto, não desiste do trono tão facilmente e, após ser liberado, consegue cobrar tributos no *théma* do Armeníaco e juntar um exército com o objeto de recuperar sua posição. Os regimes dos Ducas envia o general Constantino, filho de João, para liderar a campanha com o objetivo de acabar com as pretensões do rival, que recebe ajuda de um antigo inimigo de Diógenes que estava preso desde sua revolta: o general normando Roberto Crispino.⁴¹⁰ A segunda e última referência aos normandos na *Cronografia* é sobre este personagem, chamado de “Crispino, o Franco” em nossa fonte. Podemos notar três coisas importantes em sua descrição por Pselo: em primeiro lugar, ele conta que estava escrevendo sobre esses acontecimentos no exato dia que ele morreu; em segundo, que Crispino estava com Andrônico Ducas, primo de Miguel IV e um dos generais que comandavam as tropas contra Romano IV, e os dois se encorajavam antes das tropas imperiais se encontrarem; por último, que Crispino inicialmente foi um inimigo dos romanos, mas depois mudou sua atitude e sua nova lealdade não era menos evidente do que sua antiga hostilidade (na realidade, Crispino serviu inicialmente o Império e só depois se rebelou, até ser cooptado novamente).⁴¹¹

A partir disso, Alexander K. Olson pontuou algumas coisas sobre essa descrição: além de provavelmente falar grego, já que se engajava com Andrônico dessa forma, Crispino, ao contrário de Erveu Francópulo, parece ter sido bem próximo da Corte em Constantinopla e provavelmente possuía residência lá no momento em que Pselo escrevia suas palavras, o que o torna muito mais do que um simples chefe militar de fronteira; além disso, ele parece ter sido

⁴¹⁰ Ver KALDELLIS, A. *Streams of Gold, Rivers of Blood: The Rise and Fall of Byzantium, 955 A.D. to the First Crusade*. New York: Oxford University Press, 2017, p. 248-251.

⁴¹¹ PSELO, *Cronografia*, 7A.30. Para Crispino, ver OLSON, A. K. *"Part of our commonwealth": A study of the Normans in eleventh-century Byzantine historiography*. 2009. 108 f. Thesis (Master of Arts) - Department of History of The Faculty of Arts and Social Sciences, Simon Fraser University, Vancouver, 2011, p. 52-58.

bastante próximo dos Ducas, uma das mais importantes famílias bizantinas nesse período – e, naquele momento, a família de onde vinha o imperador –, o que reforça a ideia de que seu nível de integração era superior ao de seu predecessor. Olson também chega numa conclusão similar ao que temos defendido até o momento: que o apreço de Pselo por ele se reflete no fato dele não chama-lo de bárbaro.⁴¹² De certo modo, a situação de Crispino é similar a do búlgaro Alusiano: ambos traíram o Império em algum momento, mas foram reintegrados e sua antiga deslealdade parece não afetar a forma como Pselo descreve esses aliados em sua narrativa.

Chegamos então no ponto central de nossa análise. Pselo poderia ter apoiado a ascensão de um general normando ao trono? Essa hipótese foi levantada pelo mesmo Olson em sua dissertação de mestrado em 2008 e brevemente reafirmada em um artigo de 2017, infelizmente não recebendo muita atenção até o momento.⁴¹³ Olson defendeu de modo bastante original que tanto Pselo quanto Ataliata se engajaram numa revisão do passado romano para conseguir lidar com essa nova realidade da integração dos normandos ao longo do século XI. Ele parte especialmente da questão posta por Dimitris Krallis sobre Ataliata ver com muito bons olhos a revolta de Roussel de Bailleul, um homem de grandes qualidades militares que poderia se tornar uma “alternativa” num momento em que o Império precisava urgentemente de um bom soldado para protegê-lo de modo mais eficiente contra os turcos.⁴¹⁴ Como Olson nota, dos três generais normandos que tiveram algum protagonismo ao longo do século XI – Erveu Francópolo, Roberto Crispino e Roussel de Bailleul – o último aparenta ter sido o mais integrado àquele mundo romano medieval. Roussel, por exemplo, adota em seu selo a imagem da Mãe de Deus e não a de São Pedro, como havia feito Erveu, o que demonstra uma maior disposição em assumir para si símbolos evidentemente ligados ao poder no Império Oriental.⁴¹⁵

Olson defende que a adoção de costumes romanos medievais pode ter tornado Roussel mais atraente à elite bizantina naquele momento de crise institucional e militar. De fato, ele parece ter recebido um apoio significativo dos cortesãos de alto escalão quando de sua revolta

⁴¹² OLSON, A. K. *"Part of our commonwealth": A study of the Normans in eleventh-century Byzantine historiography*. 2009. 108 f. Thesis (Master of Arts) - Department of History of The Faculty of Arts and Social Sciences, Simon Fraser University, Vancouver, 2011, p. 33-35, p. 52-58.

⁴¹³ Ver OLSON, A. K. *"Part of our commonwealth": A study of the Normans in eleventh-century Byzantine historiography*. 2009. 108 f. Thesis (Master of Arts) - Department of History of The Faculty of Arts and Social Sciences, Simon Fraser University, Vancouver, 2011; Working with Roman history: Attaleiates' portrayal of the Normans. *Byzantine and Modern Greek Studies*, [s.l.], v. 41, n. 1, p. 1-14, 2017.

⁴¹⁴ KRALLIS, D. Michael Attaleiates and the Politics of Imperial Decline in Eleventh-Century Byzantium. Temple: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 2012, p. 157-169.

⁴¹⁵ OLSON, A. K. *"Part of our commonwealth": A study of the Normans in eleventh-century Byzantine historiography*. 2009. 108 f. Thesis (Master of Arts) - Department of History of The Faculty of Arts and Social Sciences, Simon Fraser University, Vancouver, 2011, p. 47-67 (especialmente 64-65).

em 1073, algo incomum se considerarmos a reação dos bizantinos às tentativas anteriores. As evidências, no entanto, são um tanto complicadas porque alguns desses que atuaram posteriormente junto a Roussel na revolta foram na verdade capturados por ele. Ainda assim, o *prōtobéstēs* Basílio Malesa, genro de Pselo, atuou numa aparente “boa vontade” como seu conselheiro após sua captura, e o *kaïsar* João Ducas, que inicialmente liderara um exército contra o rebelde, aceitou “facilmente” ser elevado a imperador após ser capturado. Ao cooptar Ducas, Roussel evidentemente queria se ligar à dinastia governante e se aproximar mais dos soldados romanos, embora não tenhamos evidências que tenham aderido à revolta.⁴¹⁶

Outra evidência levantada por Olson de como Roussel era bem visto se localiza no *Material para História* de Nicéforo Briênio no século XII: o *kouropalatēs* Teodoro Doceano, ligado à família dos Comnenos, teria criticado seu cegamento, afirmando ao então general Aleixo Comneno que Roussel era um “[...] bravo homem capaz de grandes benefícios aos negócios dos romanos”.⁴¹⁷ Roussel também parece ter recebido apoio da população local na Anatólia por conta da proteção que dava contra as invasões dos nômades turcos na região. Ana Comnena, esposa do Briênio, conta em sua *Alexiada* que os populares não queriam cooperar com seu pai Aleixo na captura do rebelde.⁴¹⁸ Outra evidência que aponta sua boa recepção na Anatólia é que Roussel demonstrou familiaridade com o sistema de coleta de impostos e provavelmente cooptou burocratas e coletores de impostos da região. Seus planos, no entanto, falharam e ele eventualmente foi capturado e levado a Constantinopla.⁴¹⁹ Roussel é sem dúvidas um dos personagens mais interessantes da história bizantina e a principal evidência da integração dos mercenários normandos no Império Romano medieval no século XI.

Como afirmamos anteriormente, Olson acredita que essa nova realidade forçou historiadores como Pselo e Ataliata a usarem o passado romano para integrar de algum modo esses novos personagens ao mundo romano medieval. Por hora, veremos somente seu argumento com relação a Pselo, já que a *História* do Ataliata será nosso próximo objeto de

⁴¹⁶ OLSON, A. K. *"Part of our commonwealth": A study of the Normans in eleventh-century Byzantine historiography*. 2009. 108 f. Thesis (Master of Arts) - Department of History of The Faculty of Arts and Social Sciences, Simon Fraser University, Vancouver, 2011, p. 61-63.

⁴¹⁷ BRIÊNIO, *Material para História*, 195.15-16: “[...] ἄνδρα γενναῖον [...] καὶ μεγάλα δυνάμενον τὰ Ῥωμαίων ὠφεληῖσαι πράγματα [...]”.

⁴¹⁸ COMNENA, *Alexiada*, 1.2.

⁴¹⁹ OLSON, A. K. *"Part of our commonwealth": A study of the Normans in eleventh-century Byzantine historiography*. 2009. 108 f. Thesis (Master of Arts) - Department of History of The Faculty of Arts and Social Sciences, Simon Fraser University, Vancouver, 2011, p. 61-65. Para a rebelião de Roussel, ver KALDELLIS, A. *Streams of Gold, Rivers of Blood: The Rise and Fall of Byzantium, 955 A.D. to the First Crusade*. New York: Oxford University Press, 2017, p. 256-261.

análise. A evidência alavancada por Olson para o primeiro, no entanto, se encontra fora de nossa fonte, na *Historía Sýntomos*. Em sua crônica da história romana, Pselo se refere ao imperador Trajano (98-117) da seguinte maneira: “O imperador Trajano era um celta e bárbaro, mas era, mais do que quaisquer outros imperadores, altamente interessado na literatura e gostava de Dião, o Boca de Ouro [isto é, Dião Crisóstomo] [...]”.⁴²⁰ Como Olson nota, essa descrição é estranha a todos os relatos que possuímos sobre Trajano. Ele aponta que a principal fonte de Pselo sobre Trajano seria a *História Romana* de Cássio Dio, mas este coloca Trajano como um *íbero* – por conta a suas origens provinciais da Hispânia – e afirma que o imperador Nerva (96-98) deu espaço a sua ascensão devido a seus méritos, a despeito dele não ser um italiano ou italiota.⁴²¹ Dio não parece estar falando de qualquer “barbaridade”, muito menos “celticidade” deste imperador, mas somente apontando sua origem provincial, uma visão que se comprova se compararmos, como Olson observa, com a descrição em Apiano.⁴²² Assim, na tradição historiográfica greco-romana, Trajano é visto somente como um romano provincial.

Considerando que os normandos são chamados de celtas e bárbaros nas fontes bizantinas do século XII, Olson acredita que Pselo está relacionando Trajano à realidade imperial de seus dias, criando uma espécie de antecedente histórico para a ascensão dos normandos dentro da hierarquia romana medieval – que seriam naquele momento os bárbaros celtas, embora não haja nenhuma evidência que eles sejam vistos assim no século XI. Ele propõe assim duas hipóteses para o contexto desta revisão histórica: a revolta do normando Roussel de Bailleul ou o interesse imperial – primeiro, de Romano IV Diógenes, depois, de Miguel VII Ducas – em casar um membro de suas famílias com a filha de Roberto Guiscardo, o então duque normando de Apúlia, Calábria e Silícia.⁴²³ O argumento de Olson, no entanto, apresenta alguns problemas quando observamos alguns detalhes importantes.

Olson justifica a ideia de uma deliberada agenda por trás da descrição de Trajano dizendo que “[...] seria presunçoso atribuir uma pesquisa desleixada e uma escrita descuidada a um dos escritores mais eruditos e politicamente envolvidos”,⁴²⁴ uma afirmação ingênua, pois

⁴²⁰ PSELO, *Historia Syntomos*, 29: “Κελτὸς μὲν καὶ βάρβαρος ὁ βασιλεὺς Τραϊανός, φιλολογώτατος δὲ εἶπερ τις ἄλλος τῶν βασιλέων καὶ Δίῳι τῷ Χρυσῷ τὴν γλῶτταν προσκεῖμενος [...]”.

⁴²¹ CÁSSIO DIO, *História Romana*, LXVIII.1-2.

⁴²² APIANO, *História Romana*, VI.38.

⁴²³ OLSON, A. K. “Part of our commonwealth”: A study of the Normans in eleventh-century Byzantine historiography. 2009. 108 f. Thesis (Master of Arts) - Department of History of The Faculty of Arts and Social Sciences, Simon Fraser University, Vancouver, 2011, p. 75-80.

⁴²⁴ OLSON, A. K. “Part of our commonwealth”: A study of the Normans in eleventh-century Byzantine historiography. 2009. 108 f. Thesis (Master of Arts) - Department of History of The Faculty of Arts and Social Sciences, Simon Fraser University, Vancouver, 2011, p. 69.

conclui que devido a sua posição intelectual Pselo não poderia cometer um deslize. Em contrapartida, Warren Treadgold prefere considerar a produção da *Historía Sýntomos* como distante daquela da *Cronografia*. Ele afirma que existem diversos erros nas informações histórica providenciadas por Pselo, assim como problemas na própria composição de seu texto, que parece ter sido ditado a seu secretário sem a devida revisão. Treadgold especula que Pselo consultou em algum momento os trabalhos sobre os períodos que ele aborda, mas muito parece ter sido referenciado apenas de memória.⁴²⁵ De modo antagônico, ele conclui que “A História Concisa [*Hystoría Sýntomos*] de Pselo é uma obra peculiar, uma história grosseiramente imprecisa e até parcialmente ficcional escrita por um homem extremamente bem educado e inteligente”.⁴²⁶ Treadgold, todavia, parte de uma perspectiva do que é verdadeiro e falso que provavelmente não faz sentido para a época.⁴²⁷ Embora não esteja dialogando com o trabalho de Olson e nem tenha reparado na informação sobre Trajano, ambos os olhares impõem uma dicotomia desnecessária. Pselo pode ter simplesmente se confundido, diferente do que diz Olson, como também pode ter tendenciosamente modificado o passado para fins políticos, diferente do que poderia ser implicado pelo quadro geral posto por Treadgold de uma obra imprecisa e parcialmente ficcional. Ela pode ser isso propositalmente, ao menos em parte.

Outro problema diz respeito a datação da obra. Olson assume a então interpretação de que a crônica foi escrita para Miguel VII Ducas (1071-1078) enquanto este já era imperador, colocando sua escrita, portanto, em algum momento após pelo menos a primeira parte da *Cronografia*. Mas por que Pselo não teria feito questão de dedicar seu trabalho a este imperador? Treadgold defendeu satisfatoriamente que a *Hystoría Sýntomos* foi escrita antes de seu principal trabalho historiográfico, isto é, por volta de 1061 quando o governante ainda era seu pai, Constantino X Ducas (1059-1067). Assim, a crônica teria sido escrita para a instrução de Miguel VII, então seu pupilo, como seu capítulo XV parece aludir numa digressão que não se assemelha de modo nenhum a uma dedicatória a um imperador: “[...] eu agora devo me

⁴²⁵ TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 284-286.

⁴²⁶ TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 288: “Psellus’ Concise History is a peculiar work, a grossly inaccurate and even partly fictional history by an extremely well-educated and intelligent man.” Para Treadgold, o caráter didático e despretensioso da obra pode explicar a falta de cuidado de Pselo. Ele até pode ter esperado que o texto fosse lido por alguém para além de seu aluno, mas, caso isso ocorresse, deve ter imaginado que seu prestígio pessoal fosse ocultar suas eventuais falhas. TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 284, 287-288.

⁴²⁷ Ver a discussão sobre o assunto em LILIE, R.-J. *Reality and Invention: Reflections on Byzantine Historiography*. *Dumbarton Oaks Papers*, Washington, D.C., v. 68, p. 157-210, 2014.

ocupar para ti com o resto da história e começar com o governo do César Júlio, afim de que você possa tanto imitar os bons feitos dos imperadores ou criticar e abominar outros.”⁴²⁸

Se considerarmos essa datação proposta por Treadgold, podemos reavaliar as duas hipóteses de Olson. Se a obra realmente for de 1061, devemos descartar que Pselo estivesse pensando na revolta de Roussel de Bailleul em 1073 ou nas tentativas de aliança matrimonial com a filha de Roberto Guiscardo ao longo da primeira metade da década de 1070. Isso não significa que Pselo talvez não possuísse algum objetivo por trás dessa incomum descrição de Trajano. Dimitris Krallis recentemente notou que a passagem expressa uma revisão do papel dos estrangeiros no Império, demonstrando como Pselo acreditava que o “celta” Trajano expressava sua romanidade pelo amor a literatura e seu serviço ao sistema político romano.⁴²⁹ Mesmo se esse fosse o caso, talvez ele não tivesse como plano de fundo a possibilidade de um estrangeiro assumir o trono ou estivesse pensando especificamente na integração dos ocidentais, mas somente buscando enfatizar a importância dos estudos para seu pupilo.

Com relação aos “celtas”, Olson afirma que eles não são mencionados em nenhum momento na *Cronografia*, mas deixou escapar uma passagem na narrativa do governo de Basílio II, o Bulgaróctono (976-1025), onde Pselo relata que todos os tesouros dos povos bárbaros que os circundavam foram reunidos em um só lugar, mencionado iberos, árabes, celtas e citas.⁴³⁰ No entanto, é incerto a quem ele está se referindo por celtas. Iberos, árabes e citas são certamente os habitantes do Cáucaso, Síria e Bulgária que foram alvos de campanhas imperiais.⁴³¹ Tradicionalmente, os celtas são considerados bárbaros que residem ao norte, mas Basílio e seus generais não travaram nenhuma batalha no norte europeu, o que dificulta uma identificação. Se considerarmos suas campanhas imperiais, restaria especularmos se esses celtas seriam os lombardos do sul da Itália, por mais estranha que seja essa identificação, já que se trata da única investida no Ocidente de modo geral. Mas isso não faz muito sentido.

Tendo em mente a integração de Roussel de Bailleul no Império durante o século XI, poderíamos nos perguntar se um cortesão como Pselo estaria disposto a aceitar um general bárbaro como seu imperador. Certamente, Roussel não era um simples soldado como aqueles que ele viu em sua missão diplomática ao acampamento de Isaque Comneno. Como Olson

⁴²⁸ PSELO, *Historia Syntomos*, 15: “[...] ἐτέραν δὲ ὡς περ ἱστορίαν σοι πραγματεύσομαι ἀπὸ Καίσαρος Ἰουλίου Λαβῶν τὴν ἀρχήν, ἣν ἔχοις τὰ μὲν μμεῖσθαι τῶν βασιλέως, τὰ δὲ μωμεῖσθαι τε καὶ βδελύττεσθαι.”

⁴²⁹ Ver KRALLIS, D. The Social Views of Michael Attaleiates. In: HOWARD-JOHNSTON, J. (Ed.). *Social Change in Town and Country in Eleventh-Century Byzantium*. Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 57.

⁴³⁰ PSELO, *Cronografia*, 1.31.

⁴³¹ LAURITZEN, F. Nations and Minorities in Psellos' Chronographia (976-1078). *Studia Ceranea*, [s.l.], v. 9, 2019, p. 324-326.

demonstrou, Roussel era o mais romanizado e aquele cuja elite bizantina aparentemente demonstrou mais simpatia em sua busca pelo trono. Deixando de lado a passagem na *Historía Sýntomos*, poderíamos ainda manter a questão. No entanto, a *Cronografia* não nos diz o suficiente para pensarmos seja no engajamento de seu autor em algo desse tipo, seja em sua reação à pretensão de um general normando em assumir o trono em Constantinopla.

Mesmo no caso dos búlgaros, vimos que Pselo menciona os irmãos de Alusiano para então considera-lo o mais gracioso entre eles, o que provavelmente reflete o fato de que Presiano, seu irmão, foi acusado de tentar assumir ao lado de Teodora. Pselo então parece não ter cogitado essa possibilidade, mesmo que numa reflexão posterior quanto ao ocorrido, não obstante Presiano possuir origem nobre e estar integrado ao mundo romano medieval. Vale lembrar que neste momento Pselo ainda não havia nem mesmo se tornado um secretário imperial, então ele provavelmente não teria interesses tão ousados que poderiam levar sua futura carreira a ruína e que pudessem se refletir posteriormente em sua escrita historiográfica. A única evidência que temos sobre a reação de Pselo a tentativa de um bárbaro em assumir o trono se passa durante a narrativa do governo de Constantino IX Monômaco (1042-1055), seu patrocinador. Não sabemos ao certo sua origem, embora especula-se que seja pechenegue.⁴³² Talvez este seja um caso extremo, diferente tanto de Presiano quanto de Roussel, já que nosso autor o descreve nos piores termos possíveis. A passagem mais significativa desse relato é esta: após ressaltar que se tratava de um ninguém, diz que “Tendo provado dos córregos dos romanos, considerou um erro grave não possuir a própria fonte, para que ele, que não era senão um escravo comprado com dinheiro, pudesse reinar sobre os nobilíssimos romanos”.⁴³³

Não há uma resposta muito conclusiva quanto a essa questão. A partir da *Cronografia*, podemos apenas afirmar que Pselo parece indisposto a aceitar um bárbaro como Imperador dos Romanos, mas não sabemos nada sobre suas ações e intenções ao longo, por exemplo, da revolta de Roussel. Podemos também especular que seu vínculo com os Ducas provavelmente o impediria de algo tão ousado. Na ausência de outras evidências que corroborem tanto com a identificação dos normandos como celtas no século XI como uma datação mais tardia da obra, não há motivos para supormos que Pselo estivesse aberto a essa proposta radical.

⁴³² Ver ANONYMUS 2127. In: JEFFREYS, M. et al (Ed.). *Prosopography of the Byzantine World*, 2016. London: King's College London, 2017.

⁴³³ PSELO, *Cronografia*, 6.136: “ἀλλ’ ἐπειδὴ τῶν παρὰ Ῥωμαίοις ποτίμων ναμάτων ἐγεύσατο, δεινὸν ἄλλως πεποίηται, εἰ μὴ καὶ τῆς πηγῆς ἐγκρατῆς γένοιτο· καὶ βασιλεύσοι, τῶν εὐγενεστάτων Ῥωμαίων ὁ ἀργυρώνητος.”

2.3 CONCLUSÕES

Miguel Pselo utiliza o passado romano em sua *Cronografia* com três objetivos: para oferecer uma crítica a alguns personagens de seu tempo por meio da comparação com personagens da Roma Antiga, como vimos especialmente no caso de Romano III Árgiro, mas também no de Isaque Comneno, Constantino IX Monômaco e João Ducas; para ensinar por meio das ações desses personagens romanos o melhor a ser feito numa determinada situação, como quando menciona a decisão tomada por Constantino, o Grande, de tornar seus filhos primeiro césares e o comportamento de Catão durante uma enfermidade; e, por último, para explicar as origens históricas de um problema contemporâneo que remontaria a Rômulo. Em todos esses casos, podemos observar que a narrativa apresenta não somente uma reavaliação moral do passado romano, como do passado contemporâneo ali registrado.

Na *Cronografia*, o passado romano também funciona como fonte de identidade, pois Rômulo só poderia ser evocado como origem dos problemas políticos se a identificação política não residisse historicamente na Roma Antiga. Isso se manifesta até mesmo quando Pselo descreve qual formato narrativo seguirá, pois, ao dizer não seguirá a brevidade dos anais dos imperadores romanos da Antiguidade, ele demonstra alguma similaridade entre essas duas propostas, pois estará escrevendo também narrativas sobre imperadores romanos. Apesar disso, é ao passado romano em si, quando a Velha Roma era o epicentro, que Pselo olha; não há espaço para a cidade de Roma contemporânea, já destituída de importância para os romanos orientais, influenciar de algum modo sua identidade ou sua romanidade. Embora importante historicamente, ela reside no momento fora do mundo romano. Isso reflete a hegemonia política de Constantinopla, a Nova Roma no Bósforo, na mente desses romanos medievais.

O mundo de Pselo na *Cronografia* é claramente dividido entre romanos e bárbaros. A identidade romana se manifesta especialmente em termos políticos, e a religião não é o principal fator que define quem é ou não é bárbaro: os romanos são cristãos, mas assim também o são muitos estrangeiros. Devido a sua posição social privilegiada e seu acesso ao conhecimento clássico, Pselo podia não somente assimilar melhor todas as simbologias relacionadas ao poder romano ao qual servia de perto, mas expressar uma romanidade de dimensões mais históricas, como demonstra seu uso do passado romano. Além disso, ele pensa esses romanos como constituindo uma ampla comunidade política, que poderíamos chamar de *politeía*, o que demonstra seu engajamento mais profundo com a história e com as tradições romanas.

No entanto, não podemos desconsiderar que essa identidade possui características mais profundas do que a mera cidadania. Se assim o fosse, a família real búlgara teria se tornado

“romana” do dia para a noite, mas esse não é o caso. Há bárbaros que habitam o Império e que gozam de muitos privilégios que os romanos também gozam. Além disso, quando um bárbaro é aliado, Pselo pode até mesmo deixar de se referir a eles dessa forma, já que o termo possui conotações ofensivas. A barbarização, portanto, pode ser situacional, a depender sobre quem se fala. Apesar de Pselo não considerar “bárbaros integrados” como romanos, isso não significa que após algumas gerações seus descendentes não possam se tornar tão romanos quanto os outros.⁴³⁴ O *mágistros* e *stratēgós* Alusiano, um nobre búlgaro integrado àquele mundo após as conquistas de Basílio II, dará origem a uma importante família romana que carregará seu nome e sobreviverá até pelo menos o século XIV: os Alusianos.⁴³⁵ Podemos ver Leão Tornício exatamente como um exemplo disso: ele é um romano cuja família possuía origens caucasianas, mas ainda assim ele é um *homophýlos* em relação à população de Constantinopla.

Pela maior parte de seu texto ter sido escrito antes dos ocidentais começarem a causar um impacto político no Império, a *Cronografia* não faz referências significativas a eles. No entanto, poderemos perceber o desdobramento desse impacto quando a compararmos à *História* de Miguel Ataliata, escrita entre 1070-1080. A integração dos normandos na sociedade bizantina já estava ocorrendo quando Pselo escreve sua narrativa, mas ainda assim ele não faz questão de mencionar alguns acontecimentos significativos, como, por exemplo, a rebelião de Erveu Francópulo (1056) ou de dar mais detalhes sobre o outrora rebelde Roberto Crispino (1069). A narrativa de Miguel VII na segunda parte da obra talvez seja muito curta e panegírica para que Pselo mencionasse a empreitada de Roussel de Bailleul (1073) contra esse imperador. Além disso, não nos parece que há qualquer evidência em sua produção historiográfica que aponte para uma defesa da ascensão de um general normando como Roussel ou de qualquer outro bárbaro ao trono. Embora seja impossível dar uma resposta concreta quanto a disposição pessoal de Pselo, nossa análise nos mostrou ser ao menos improvável que ele o fizesse.

⁴³⁴ Ver a discussão sobre assimilação em KALDELLIS, A. *Romanland: Ethnicity and Empire in Byzantium*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2019, p. 123-154.

⁴³⁵ KAZHDAN, A. (Ed.). *Oxford Dictionary of Byzantium*. Oxford: Oxford University Press, 1991. 3 v., p. 70 (ver p. 1 para o outro irmão, Aarão, que também será o patriarca de uma família que leva seu nome).

3 NEGOCIANDO DIFERENÇAS PELA DECADÊNCIA: A *HISTÓRIA* DE MIGUEL ATALIATA

Miguel Ataliata nasceu por volta de 1020 na cidade provincial de Ataléia, na costa sul da Ásia Menor, no seio de uma família com posses de terra, mas nada próximo das tradicionais famílias do século XI.⁴³⁶ Seus pais, Irenico e Cale, podem ser considerados de numa condição mediana, com uma produção agrícola modesta para si e para o comércio. Sendo aparentemente o único filho homem, a condição financeira de sua família permitiu que seus pais pensassem em sua educação e mesmo cogitassem uma possível carreira na burocracia imperial. Ele inicia seus estudos ainda em sua cidade natal e, em torno de 1034, chega a Constantinopla para dar continuidade em sua educação secundária e também se aprofundar na Filosofia, Retórica e no Direito, lançando os alicerces de uma possível carreira de serviço ao poder imperial.⁴³⁷

Por ser oriundo das províncias, Ataliata encontrou alguma dificuldade em ascender socialmente num primeiro momento devido a sua falta de ligações, mas eventualmente superou esse problema e prosperou. Ele parece ter iniciado sua carreira durante o governo de Miguel V, o Calafate, após ascensão deste imperador em 1041, provavelmente como um juiz de baixo escalão em Constantinopla, conseguindo alguma promoção em 1042, quando Constantino IX Monômaco assumiu o trono. Talvez Ataliata seja até mesmo um daqueles forasteiros que Pselo critica por terem sido promovidos sob esses imperadores.⁴³⁸

Por volta de 1045, Ataliata se casa com uma mulher de nome Sofia, com boas conexões na capital. Sofia compra para seu marido uma pequena casa em Constantinopla, adquirindo posteriormente também outras posses. Após alguns anos, Sofia morre, deixando para Ataliata seu único filho, Teodoro. Como uma evidência de suas boas ligações podemos ver que seu testamento foi executado pelo *monophylax* João Xifilino, o mais importante professor de Direito em Constantinopla nesse período. Com o consenso de seu marido, suas propriedades foram distribuídas aos pobres, com Ataliata mantendo apenas a pequena casa e comprando uma das propriedades de sua falecida esposa. Posses pessoais são adquiridas posteriormente. Mais adiante, casou-se com Irene, aparentemente dona de terras valiosas em Redesto, na Trácia.

⁴³⁶ A vida de Ataliata recebeu recentemente um formidável tratamento no estilo de uma microhistória por Krallis. Neste resumo biográfico, no entanto, seguirei as informações agrupadas e organizadas Treadgold por serem mais sucintas, complementando quando julgar necessário por esse e outros estudos. Ver TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 312-329; KRALLIS, D. *Serving Byzantium's Emperors: The Courtly Life and Career of Michael Attaleiates*. Cham: Palgrave Macmillan, 2019.

⁴³⁷ TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 312.

⁴³⁸ TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 312-313.

Ataliata parece ter recebido também promoções em 1057, sob Isaque I Comneno, e em 1059, sob Constantino X Monômaco. Neste momento, ele certamente já era um importante juiz de renome, embora afirmasse, em 1063, que não era um homem rico.⁴³⁹

Em 1067, participou, a pedido da imperatriz Eudóxia Macrembolitissa, do julgamento proforma de Romano Diógenes, que condenou este general por conspiração. Apesar dessa conjuntura, Diógenes se casa, após algum tempo de exílio, com a imperatriz e se torna imperador, chamando o próprio Ataliata para servir como juiz de seu exército na campanha contra os turcos seljúcidas em 1068. Relutante em ingressar na segunda expedição no ano seguinte, aceita o chamado do imperador para acompanhá-lo após receber o título de *patríkios*. Ainda em 1071, estava ao lado do referido imperador na desastrosa batalha de Manziquerta.⁴⁴⁰

Apesar das ligações com o imperador antecessor, Ataliata também esteve envolvido na guerra civil que levou a ascensão de Miguel VII Ducas. Embora em sua narrativa histórica demonstre repúdio ao novo imperador, essa desavença pessoal parece ter ocorrido somente após seu descontentamento com o exílio e confisco de seu amigo Basílio Malesses em 1074, sendo provavelmente mantida em segredo. Antes disso, no entanto, foi promovido a *anthýpatos* e dedicou a Ducas um tratado legal comissionado pelo mesmo em 1073. Vários acontecimentos levaram a deterioração da visão que Ataliata possuía do imperador, incluindo as políticas financeiras do seu primeiro ministro Niceforitzes que devem ter o afetado financeiramente. Contudo, ainda foi feito Juiz do Velo (*krités tou bélou*), a mais alta classe do judiciário, além de ter conseguido imunidade perpétua de suas propriedades em Redestro por meio de uma crisobula de 1075. Seu filho também foi beneficiado, tornando-se secretário imperial.⁴⁴¹

Com a morte de sua segunda esposa, Ataliata decide, em março de 1067, tonar sua casa em Constantinopla um mosteiro dedicado a Cristo Todo-Misericordioso, que passou a administrar sua propriedade em Redestro. No outono do mesmo ano, enquanto visitava suas propriedades nessa região, testemunhou um levante em favor da revolta de Nicéforo Briênio. Conseguindo chegar em Constantinopla, percebeu que seu aviso não foi levado suficientemente a sério, o que levou ao ápice de sua insatisfação com o governo de Miguel VII.⁴⁴²

Com a queda deste imperador e a eventual derrota do rebelde, Ataliata aparece sendo o promovido ao cargo de *béstēs* sob Nicéforo III Botaniates (1078-1081), outro general que levou a cabo uma revolta bem sucedida neste mesmo período, proferindo inclusive um panegírico a

⁴³⁹ TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 313-314.

⁴⁴⁰ TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 314.

⁴⁴¹ TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 314-315.

⁴⁴² TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 315.

este imperador na primavera de 1078, no dia seguinte após o cegamento de Briênio. No ano seguinte, é promovido a *mágitros*, e seu filho, a *anthýpatos*, além de ter seus privilégios confirmados e estendidos em outra crisobula. Ataliata provavelmente morreu entre outubro de 1084 e março de 1085. Por volta desta última data, morre também seu filho.⁴⁴³

Dos textos produzidos por Ataliata, chegaram até nós um resumo da *Basilikà* intitulado *Pónēma Nomikón*, ainda lido nos séculos posteriores, dedicado ao imperador Miguel VII Ducas em 1072/1073, e uma ordenança monástica conhecida como *Diátaxis* que nos oferece importantes informações sobre sua vida pessoal, bens e propriedades.⁴⁴⁴ De historiografia, Ataliata produziu somente sua *História*, que cobre o período de 1034 a 1079. Pode-se defender que existiram duas edições: a primeira, finalizada por volta de 1075, com uma narrativa indo até o tratamento dado pelo sultão seljúcida Alp Arslan a Romano IV Diógenes após a captura do último na batalha de Manziquerta em 1071; e a segunda, finalizada por volta de 1079, continuando sua narrativa da guerra civil entre Diógenes e seu enteado Miguel VII Ducas e possivelmente adicionando passagens louvando Nicéforo III Botaniates e criticando os Ducas. Além disso, nesta provável segunda edição, Atalia teria transformado sua obra numa estranha mistura de história e encômio à Botaniates, possivelmente reaproveitando o conteúdo de seu panegírico a este imperador proferido em 1078. Isso provavelmente explica o fato da obra possuir, estranhamente, dois prefácios: o primeiro, de caráter panegírico, escrito para a segunda edição; e o segundo, original, servindo puramente como apresentação.⁴⁴⁵ Há também um elemento autobiográfico que se reflete na narrativa com o desenvolvimento de sua carreira e com seu engajamento na política.⁴⁴⁶ Nota-se que o texto da obra oferece tratamentos diferentes aos períodos nela retratados, com sua narrativa se tornando até cinco vezes maior após a morte de Constantino X Ducas em 1067.⁴⁴⁷ Portanto, os eventos de finais da década de 1060 e de 1070 recebem uma maior ênfase, visto seu maior envolvimento político e conexão com a corte.⁴⁴⁸

⁴⁴³ TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 316.

⁴⁴⁴ KRALLIS, D. *Michael Attaleiates and the Politics of Imperial Decline in Eleventh-Century Byzantium*. Temple: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 2012, p. xxi-xxx.

⁴⁴⁵ TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 318-319.

⁴⁴⁶ KRALLIS, D. *Michael Attaleiates and the Politics of Imperial Decline in Eleventh-Century Byzantium*. Temple: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 2012, p. xxxi.

⁴⁴⁷ TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 321.

⁴⁴⁸ KRALLIS, D. *Michael Attaleiates and the Politics of Imperial Decline in Eleventh-Century Byzantium*. Temple: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 2012, p. xxxi.

Embora estilisticamente diferente da *Cronografia* de Pselo, sua obra foi escrita na linguagem classicizante típica dos intelectuais deste período.⁴⁴⁹ Não há consenso quanto à existência ou inexistência de uma relação pessoal entre Pselo e Ataliata ou mesmo ao relacionamento das duas obras como uma forma de debate político, mas é interessante notar a hipótese que talvez o último tenha tido contato com a segunda edição da *Cronografia*, o que pode tê-lo incentivado a adicionar o encomiástico final como o próprio Pselo fizera anteriormente.⁴⁵⁰ Seja como for, as duas obras nos oferecem importantes evidências quanto ao período e também nos possibilitam dois pontos de vistas sobre seus acontecimentos.

Alguns estudos recentes analisaram tanto a vida de Ataliata quanto sua obra historiográfica, ressaltando inclusive suas conexões com a romanidade medieval.⁴⁵¹ Assim, nossa abordagem neste capítulo será consideravelmente diferente daquela oferecida no capítulo anterior, uma vez que lá havíamos considerado necessário demonstrar como o helênico Miguel Pselo possuía também uma visão de mundo romana. Assim, poderemos dispensar a mesma necessidade de demonstrar de modo mais minucioso cada detalhe da romanidade de Ataliata, focando-nos mais na questão dos ocidentais, ponto mais rico aqui do que em Pselo.

⁴⁴⁹ KRALLIS, D. *Michael Attaleiates and the Politics of Imperial Decline in Eleventh-Century Byzantium*. Temple: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 2012, p. xxxi; TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 320

⁴⁵⁰ TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013, p. 320, 326-329; KRALLIS, D. *Michael Attaleiates and the Politics of Imperial Decline in Eleventh-Century Byzantium*. Temple: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 2012, p. 71-114

⁴⁵¹ Ver, por exemplo, KALDELLIS, A. A Byzantine Argument for the Equivalence of All Religions: Michael Attaleiates on Ancient and Modern Romans. *International Journal of the Classical Tradition*, [s.l.], v. 14, n. 1/2, p. 1-22, 2007; KRALLIS, D. *Michael Attaleiates and the Politics of Imperial Decline in Eleventh-Century Byzantium*. Temple: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 2012; KRALLIS, D. *Serving Byzantium's Emperors: The Courtly Life and Career of Michael Attaleiates*. Cham: Palgrave Macmillan, 2019; KRALLIS, D. The Social Views of Michael Attaleiates. In: HOWARD-JOHNSTON, J. (Ed.). *Social Change in Town and Country in Eleventh-Century Byzantium*. Oxford: Oxford University Press, 2020. p. 44-61; OLSON, A. K. Working with Roman history: Attaleiates' portrayal of the Normans. *Byzantine and Modern Greek Studies*, [s.l.], v. 41, n. 1, p. 1-14, 2017; BUCKLEY, P. Modes of Identity: Attaleiates, Komnene, and Psellos. In: STEWART, M. E.; PARNELL, D. A.; WHATELY, C. (Ed.). *The Routledge Handbook on Identity in Byzantium*. London: Routledge, 2022. p. 395-423.

3.1 ROMANITAS EM TEMPOS DIFÍCEIS

3.1.1 ROMANIDADE POLÍTICO-CULTURAL

Em comparação a Miguel Pselo, o modo como a identidade romana aparece na narrativa de Ataliata é bem menos adornada. Enquanto vimos no capítulo anterior que Pselo utiliza essa identidade em seus artifícios retóricos, pouco disso chama a atenção na narrativa de Ataliata. Seu texto, em grande parte repleto de batalhas militares, possui uma dinâmica por vezes mais arrastada e simples. Sua romanidade aparece em termos similares aos de Pselo, mas, pelos motivos mencionados, não a dispõe da mesma maneira na narrativa. Apesar disso, não há dúvidas que Ataliata escreve uma história romana assim como seu contemporâneo. Pselo era, ou ao menos se dizia, um constantinopolitano. Estando onde estava e frequentando os círculos que frequentava, é possível esperarmos do autor da *Cronografia* uma identidade imperial. Ataliata, no entanto, era um provincial que fez sua carreira na capital. Ainda assim, o que ele nos apresenta é uma história que tem ao fundo uma identidade romana similar a de Pselo, não sendo possível observar nenhuma identidade regional paralela. Além disso, como já demonstrado por Dimitris Krallis, Ataliata é um dos principais autores do período intermediário bizantino a dialogar com a tradição política republicana, demonstrando um alto nível de engajamento com essa romanidade letrada.⁴⁵² Seu interesse pelo passado romano e por tentar entender o insucesso dos seus contemporâneos o fez escrever, em sua *História*, uma comparação entre os romanos antigos e os romanos contemporâneos ao autor.⁴⁵³

O império de Ataliata é o Império Romano⁴⁵⁴ (ou *dos romanos*⁴⁵⁵), governado pelo Imperador dos Romanos⁴⁵⁶ (ou romano),⁴⁵⁷ que carrega os cetros dos romanos em suas mãos.⁴⁵⁸ Os imperadores por vezes arriscam a vida pelo bem-estar dos romanos,⁴⁵⁹ realizando nobres feitos em favor destes⁴⁶⁰ e agindo para o bem de seus interesses.⁴⁶¹ Ataliata se refere a *phylē* e

⁴⁵² Ver KRALLIS, D. “Democratic” Action in Eleventh-Century Byzantium: Michael Attaleiates’s “Republicanism” in context. *Viator*, [S.L.], v. 40, n. 2, p. 35-53, 2009.

⁴⁵³ Ver ATALIATA, *História*, 24.1-5; KRALLIS, D. *Michael Attaleiates and the Politics of Imperial Decline in Eleventh-Century Byzantium*. Temple: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 2012, p. 192-199.

⁴⁵⁴ ATALIATA, *História*, 8:2; 9:6; 16:12; 18:11; 26.4; 29.4; 36:7.

⁴⁵⁵ ATALIATA, *História*, 19:1; 24:1; 33:11.

⁴⁵⁶ ATALIATA, *História*, 8:2; 9:1; 14:12; 17:5; 19:5; 20:26; 23:9, 12; 26:2.

⁴⁵⁷ ATALIATA, *História*, 29:7.

⁴⁵⁸ ATALIATA, *História*, 3:1.

⁴⁵⁹ ATALIATA, *História*, 21:10.

⁴⁶⁰ ATALIATA, *História*, 21:12.

⁴⁶¹ ATALIATA, *História*, 14:8.

também *génos*, termos que remontam à ideia de “raça” dos romanos.⁴⁶² Há uma sociedade romana⁴⁶³ onde os indivíduos são identificados como romanos, salvo quando estrangeiros. Ele fala até mesmo de uma juventude romana.⁴⁶⁴ Esses cidadãos romanos⁴⁶⁵ por vezes lutam entre si⁴⁶⁶ e se alinham a um povo estrangeiro contra seus compatriotas (*homogénos*).⁴⁶⁷ Há também costumes que podem ser descritos com sendo dos romanos.⁴⁶⁸ É possível identificar uma vestimenta como sendo romana.⁴⁶⁹ Apesar de haver uma religião dos romanos,⁴⁷⁰ isso aparentemente não impede que um herege seja visto igualmente como um romano.⁴⁷¹

Neste mundo romano,⁴⁷² há uma estrutura que exerce a autoridade imperial romana⁴⁷³ e que cuida dos assuntos dos romanos,⁴⁷⁴ incluindo indivíduos investidos com essa autoridade romana.⁴⁷⁵ Ataliata se refere, por exemplo, ao governo dos romanos,⁴⁷⁶ poder dos romanos,⁴⁷⁷ domínio dos romanos.⁴⁷⁸ Além disso, povos estrangeiros podem estar sujeitos ao julgo e fisco dos romanos.⁴⁷⁹ Há uma terra dos romanos,⁴⁸⁰ um território romano⁴⁸¹ que bárbaros invadem com impunidade⁴⁸² e, conseqüentemente, fronteiras romanas,⁴⁸³ sendo possível reconhecer que se está entrando em território romano graças a marcações e outros sinais,⁴⁸⁴ isto é, estandartes de autoridade romana que são colocados nas cidades.⁴⁸⁵ No contexto militar, Ataliata fala de

⁴⁶² ATALIATA, *História*, 26.6; 32.15.

⁴⁶³ ATALIATA, *História*, 13.9.

⁴⁶⁴ ATALIATA, *História*, 19.2.

⁴⁶⁵ ATALIATA, *História*, 33.11.

⁴⁶⁶ ATALIATA, *História*, 18.17; 26.7.

⁴⁶⁷ ATALIATA, *História*, 34.4.

⁴⁶⁸ ATALIATA, *História*, 13:11.

⁴⁶⁹ ATALIATA, *História*, 20:28.

⁴⁷⁰ ATALIATA, *História*, 16.7.

⁴⁷¹ ATALIATA, *História*, 35.11 (ver nota 345 dos tradutores).

⁴⁷² ATALIATA, *História*, 7.3; 34.1.

⁴⁷³ ATALIATA, *História*, 22.1.

⁴⁷⁴ ATALIATA, *História*, 27.4. Ver também 13.10, 16.7.

⁴⁷⁵ ATALIATA, *História*, 14.9.

⁴⁷⁶ ATALIATA, *História*, 28.1.

⁴⁷⁷ ATALIATA, *História*, 28.4.

⁴⁷⁸ ATALIATA, *História*, 13.10.

⁴⁷⁹ ATALIATA, *História*, 28.6.

⁴⁸⁰ ATALIATA, *História*, 7.3; 14.11; 27.2; 32.12.

⁴⁸¹ ATALIATA, *História*, 14.1; 16.6; 20.28; 35.12.

⁴⁸² ATALIATA, *História*, 16.6.

⁴⁸³ ATALIATA, *História*, 7.1; 22.2; 35.9.

⁴⁸⁴ ATALIATA, *História*, 17.17.

⁴⁸⁵ ATALIATA, *História*, 32.13.

um comandante romano,⁴⁸⁶ soldados romanos,⁴⁸⁷ exércitos romanos,⁴⁸⁸ falanges romanas,⁴⁸⁹ unidades romanas,⁴⁹⁰ ala romana,⁴⁹¹ acampamento romano,⁴⁹² prisioneiros romanos,⁴⁹³ navios romanos,⁴⁹⁴ ofensivas romanas,⁴⁹⁵ espadas romanas,⁴⁹⁶ botas romanas⁴⁹⁷ e cavalos romanos.⁴⁹⁸

Ataliata apresenta para nós uma sociedade romana de modo muito similar a Pselo. Os principais marcadores dessa identidade são políticos e envolvem uma concepção de cidadania. Todavia, assim como no caso de Pselo, esses romanos também aparecem unidos por algo cultural, como a religião e a vestimenta, mas, infelizmente, não há um aprofundamento quanto a essas questões, e a *História*, com sua narrativa predominantemente militar e política, oferece-nos pouco conteúdo para traçarmos uma concepção de etnicidade mais detalhada. Poderíamos dizer que a identidade romana de Ataliata como expressada na obra se encaixa igualmente, como na *Cronografia*, numa concepção político-cultural. Mais uma vez, isso não significa negar que haja alguma etnicidade romana na pessoa de Ataliata e de seus contemporâneos, mas sim que, pela natureza e pela narrativa da obra em si, precisamos ter um pouco de cautela, pois estamos diante de algo limitado quanto a esses demarcadores de etnicidade.

3.1.2 DECADÊNCIA POLÍTICO-MILITAR

Os romanos de Ataliata apresentam frequentemente comportamentos que, na melhor das hipóteses, demonstram uma terrível fraqueza. Observando o sucesso dos antigos romanos e dos bárbaros contemporâneos e o insucesso dos cristãos de sua época, ele parece ter chegado a conclusão que, quando o assunto é a política, Deus parece ser ambíguo com relação as crenças dos Estados.⁴⁹⁹ Como Pselo, que se incomodava com Constantino IX Monômaco não cuidar de

⁴⁸⁶ ATALIATA, *História*, 8.1.

⁴⁸⁷ ATALIATA, *História*, 16.3; 17.10.

⁴⁸⁸ ATALIATA, *História*, 5.1; 7.4; 12.13 e outros.

⁴⁸⁹ ATALIATA, *História*, 7.2, 4; 20.23.

⁴⁹⁰ ATALIATA, *História*, 16.3.

⁴⁹¹ ATALIATA, *História*, 29.6.

⁴⁹² ATALIATA, *História*, 18.7.

⁴⁹³ ATALIATA, *História*, 18.8.

⁴⁹⁴ ATALIATA, *História*, 5.4; 28.3.

⁴⁹⁵ ATALIATA, *História*, 7.7.

⁴⁹⁶ ATALIATA, *História*, 7.7.

⁴⁹⁷ ATALIATA, *História*, 7.14.

⁴⁹⁸ ATALIATA, *História*, 7.4.

⁴⁹⁹ Ver ATALIATA, *História*, 24.3-4.

sua proteção por julgar que governava pela graça, Ataliata evidentemente percebe o quanto boas habilidades e decisões eram muito mais decisivas para o sucesso das ações políticas.

Comparando romanos antigos e contemporâneos, ele formula uma ideia de que, a despeito da religião dos antigos, eles tinham mais sucesso em suas empreitadas, como que agradando a Deus com sua virtude e piedade, participando, de algum modo, do plano divino.⁵⁰⁰ Numa concepção que se assemelha mais a uma interpretação política encaixada num molde religioso obrigatório, Ataliata coloca Deus sendo agradado simplesmente com uma boa administração e o cuidado com o bem comum.⁵⁰¹ Seus contemporâneos, no entanto, estariam falhando miseravelmente nisso e causando grandes infortúnios a esse ideal. Podemos dizer que seu argumento é fruto de um cortesão ilustrado que tem sua idealização identitária abalada pelo contato com bárbaros virtuosos que se mostram superiores aos romanos, fazendo com que o mesmo buscasse entender porque os romanos do passado eram mais bem sucedidos. A religião praticada pela maioria esmagadora dos romanos orientais, por si só, mesmo que se defina como a revelação direta de Deus aos homens, não é capaz de sustentar essa superioridade.

Ao longo da *História*, os romanos do século XI chegam a ser representados como covardes, imprudentes e impiedosos.⁵⁰² Será a partir disso que Ataliata mostrará bárbaros se destacando moralmente em comparação aos romanos, particularmente no que se refere a misericórdia, a piedade e a bravura. O caso mais exemplar é o do sultão seljúcida Alp Arslan após sua vitória na Batalha de Manzikert em 1071, ocasião em que imperador Romano IV Diógenes acaba sendo capturado. Ele é retratado o tratando com dignidade e posteriormente o libertando. Após isso, uma guerra civil se inicia entre Diógenes e aquele que agora ocupava o trono, seu enteado Miguel VII Ducas (1071-1078). Neste momento da narrativa, mais uma vez a decadência moral dos romanos é explicitada por Ataliata. Após ser capturado, no entanto, Miguel ordena seu cegamento, que é extremamente criticado por Ataliata – que lembra até mesmo o tratamento que o Sultão dera a ele – pois Diógenes teria sido um grande imperador e imerecedor de tal destino.⁵⁰³ Alguns ocidentais também serão representados em momentos de bravura e piedade superior em contraste à covardia e impiedade dos romanos.

⁵⁰⁰ Ver a comparação entre os romanos antigos e modernos em ATALIATA, *História*, 24.1-5, e os comentários de KRALLIS, D. *Michael Attaleiates and the Politics of Imperial Decline in Eleventh-Century Byzantium*. Temple: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 2012, p. 194.

⁵⁰¹ Ver, por exemplo, ATALIATA, *História*, 24.1; 27.11.

⁵⁰² ATALIATA, *História*, 7.16; 17.11, 14; 18.10, 15; 20.17; 24.5.

⁵⁰³ ATALIATA, *História*, 20.25-27; 21.10-13.

3.2 OCIDENTAIS NA NARRATIVA

3.2.1 *ALBANOÍ/LATINOÍ*

O uso de termos arcaizantes que Miguel Ataliata faz para se referir aos ocidentais pode, facilmente, causar confusão ao leitor moderno. Principal exemplo disso se dá com o aparecimento do etnônimo *albanoí* em duas passagens em sua História, que causou um debate acirrado entre Era Vranousse e Alain Ducellier na década 1970.⁵⁰⁴ Até aquele momento, era consenso entre bizantinistas que o termo se referiria a “albaneses medievais”, mas Vranousse defendeu, em um trabalho de grande erudição, que esses que aparecem como participantes do exército de Jorge Maniaces não poderiam ser identificados com o povo balcânico igualado a longo prazo como os modernos albaneses, mas antes mercenários normandos oriundos do sul da Itália entre as décadas de 1020 e 1030. Seu trabalho ofereceu a primeira crítica a ideia de que essas passagens na obra eram as primeiras evidências quanto a existência desses albaneses medievais. Em contrapartida, Ducellier insistiu na interpretação tradicional. Como Jhon Quanrud nota, essa disputa intelectual durou décadas e um consenso nunca foi alcançado.⁵⁰⁵

As passagens em questão se encontram no início da narrativa sobre as operações militares do imperador Miguel IV Paflagônio (1034-1041) e na narrativa da revolta de Jorge Maniaces em 1043.⁵⁰⁶ Na primeira passagem, Ataliata afirma que os agarenos na Sicília (árabes) estavam sendo pressionados pelas forças romanas e lamenta que se Maniaces não tivesse sido acusado injustamente de usurpar o trono e retirado de seu cargo, a ilha estaria então sob domínio romano. Assim, ele culpa os comandantes sucessores, dizendo que

[...] tomaram decisões miseráveis e simplórias, fazendo com que os romanos perdessem aquela ilha juntamente com a maioria de seus exércitos. Não somente isso, mas os albanos [*albanoí*] e latinos [*latinoí*] que residem nas regiões italianas próximas à Velha Roma e eram anteriormente aliados [*symmachoi*] e formavam parte de nossa comunidade de cidadãos [*isopoliteía*], até mesmo praticando a mesma religião, agora de modo mais inesperado se tornaram nossos inimigos por que o homem que detinha o comando, o *doúx* Miguel Dociano, ofendeu seu governante.⁵⁰⁷

⁵⁰⁴ Para o debate, ver QUANRUD, J. The Albanoi in Michael Attaleiates' History: Revisiting the Vranoussi-Ducellier Debate. *Byzantine and Modern Greek Studies*, [s.l.], v. 45, n. 2, p. 149-165, 2021. Ver também PLASARI, A. The Albanians in the attestations from Late Antiquity until the Early Middle Ages. *Albanian Studies*, Tirana, v. 2, n. 2, p. 7-52, 2020.

⁵⁰⁵ QUANRUD, J. The Albanoi in Michael Attaleiates' History: Revisiting the Vranoussi-Ducellier Debate. *Byzantine and Modern Greek Studies*, [s.l.], v. 45, n. 2, 2021, p. 2.

⁵⁰⁶ Ver ATALIATA, *História*, 3:1; 5:1.

⁵⁰⁷ ATALIATA, *História*, 3:1: “[...] made wretched and base decisions, causing the Romans to lose that island along with most of their army. Not only that, but the Albans and Latins who abut upon the Italian regions by the

Das duas referências, essa é a de mais difícil interpretação. A interpretação mais difundida atualmente afirma que esses *albanoi* e *latinoi* seriam normandos. Como notou Quanrud, essa interpretação aparece até mesmo na nota da tradução inglesa da *História* sem abrir espaço para dúvidas. Ele, no entanto, retornou à ideia de que esses *albanoi* poderiam ser albaneses medievais, defendendo uma associação do território dos albaneses a uma visão geográfica expandida da Itália que abarcaria essa região do outro lado do Adriático.⁵⁰⁸ No geral, seus argumentos são pertinentes para o debate e concordamos especialmente quando afirma que dificilmente esses *albanoi* poderiam ser normandos, já que é muito improvável que Ataliata se mostrasse surpreso com um baixo número de mercenários e saqueadores rompendo com o Império. Afinal, os normandos eram eles de fato aliados (*symmachoi*) e participavam dessa *isopoliteia*, compartilhando de alguma forma de “cidadania” com os romanos?⁵⁰⁹

Bizantinistas tem imaginado a relação entre o Império e os povos vizinhos de diferentes formas. Uma dessas articulações foi o uso do termo *commonwealth* por Dimitri Obolensky, onde a relação entre os bizantinos e os povos eslavos era pensada como constituindo uma espécie de “liga de nações”. Embora essa visão tenha recebido críticas, devemos notar que, no trecho supracitado, Ataliata emprega um termo extremamente incomum e similar para falar das relações entre os romanos e esses “albanos” e “latinos”: *isopoliteia*. No período helenístico, ele significava um tipo de compartilhamento ou transferência de cidadania entre pólis.⁵¹⁰ No contexto greco-romano, Dionísio de Halicarnasso (séc. I a.C.), autor da obra *Antiguidades Romanas*, empregará a palavra com relação à concessão de cidadania a povos estrangeiros por parte de Roma, como os seus vários vizinhos da Península Itálica. O termo até mesmo aparece como sinônimo de *politeia*, já que essa “aliança” legal, diferente daquela nos contextos

Elder Rome and were previously allies and formed part of our commonwealth, even practicing the same religion, most unexpectedly now became our enemies because the man who held the command, the doux Michael Dokeianos, offended their ruler.” Em inglês, os tradutores da obra preferiram traduzir *isopoliteia* como *commonwealth* e de fato denota alguma ideia similar: *common*, comum, *wealth*, riqueza, bem-estar (algo que também poderia ser pensado como bem comum, tendo sido usado como sinônimo de *res publica*); enquanto *isopoliteia* surge a partir de *iso*, mesma, igual – *politeia*, cidadania, estado, coisa comum (lembrando que *politeia* para os bizantinos retoma a ideia de *res publica*). Na maioria das línguas latinas, como no espanhol, esse termo poderia até ser traduzido para *mancomunidad*, que denota em alguns contextos uma associação de municípios. Na falta de um termo melhor e para evitar a dupla explicação, preferimos optar por “comunidade de cidadãos”.

⁵⁰⁸ QUANRUD, J. The Albanoi in Michael Attaleiates’ History: Revisiting the Vranoussi-Ducellier Debate. *Byzantine and Modern Greek Studies*, [s.l.], v. 45, n. 2, 2021, p. 4-8.

⁵⁰⁹ QUANRUD, J. The Albanoi in Michael Attaleiates’ History: Revisiting the Vranoussi-Ducellier Debate. *Byzantine and Modern Greek Studies*, [s.l.], v. 45, n. 2, 2021, p. 8-9.

⁵¹⁰ SABA, S. *Isopoliteia in Hellenistic Times*. Leiden: Brill, 2020, p. 1-2.

helênicos, é unilateral: são os romanos que tornam essas pessoas parte de uma única comunidade de cidadãos de Roma.⁵¹¹

É possível que Ataliata esteja copiando a semântica de Dionísio. Podemos inclusive notar pequenas similaridades com as *Antiguidades Romanas*. Há vários momentos onde os antigos latinos aparecem relacionados a essa *isopoliteia*, mas uma em especial chama a atenção por colocar latinos e hérnicos como “concidadãos” (*isopolítai*) e aliados (*symmáchois*) dos romanos, ambos na mesma frase, algo muito similar a própria escrita de Ataliata na passagem em questão.⁵¹² Ataliata também parece ecoar um trecho sobre a relação entre romanos e latinos: “Nem mesmo a raça aparentada dos latinos, ao que parece, continua fiel a nós, ainda que tenha entrado em relações de confiança conosco, mas relata-se que uma grande parte desse povo está descontente, sucumbindo à paixão pela mudança que todos os homens desejam.”⁵¹³ Não é possível afirmarmos a influência direta dessa passagem ou mesmo desse historiador, mas sua construção narrativa sem dúvidas dialoga com ideias similares. Seja como for, tenhamos em mente que essa relação, mesmo não sendo levada ao pé da letra, é mais sólida do que a relação que os romanos orientais possuíam com os normandos naquele momento.

Retornando a Quanrud, seu raciocínio para tentar explicar quem são os *latinoí* é de difícil embasamento. Partindo que os *albanoí* são albaneses, ele constrói um argumento onde os soldados da guarda varegue seriam esses *latinoí*, uma vez que os bizantinos chamavam os povos ocidentais de latinos.⁵¹⁴ Esse argumento tem dois problemas: o primeiro é que a denominação de latino realmente começa a aparecer no século XI e só se sedimenta nas fontes no século XII – entre os historiadores, Ataliata é a única exceção no século XI que chegou até nós; o outro é que ele se baseia numa interpretação de Mikhail V. Bibikov de que, na *Cronografia* de Pselo, os varegues aparecem como italianos.⁵¹⁵ Mesmo que uma diferenciação

⁵¹¹ SÁNCHEZ, P. L'isopoliteia chez Denys d'Halicarnasse: nouvelle interprétation. *Chiron*, [s.l.], v. 46, p. 47-83, 2016.

⁵¹² DIONÍSIO, *Antiguidades Romanas*, VIII, 76.2.

⁵¹³ DIONÍSIO, *Antiguidades Romanas*, VI, 50.2: “Not even the kindred race of Latins, as it seems, longer remains steadfastly loyal to us, though it entered into relations of confidence with us, but a large part even of this people is reported to be disaffected, succumbing to the passion for change which all men crave.”

⁵¹⁴ QUANRUD, J. The Albanoi in Michael Attaleiates' History: Revisiting the Vranoussi-Ducellier Debate. *Byzantine and Modern Greek Studies*, [s.l.], v. 45, n. 2, 2021, p. 15-16.

⁵¹⁵ Ver KAZHDAN, A. Latins and Franks in Byzantium: Perception and Reality from the Eleventh to the Twelfth Century. In: LAIOU, A. E.; MOTTAHEDEH, R. P. (Ed.). *The Crusades from the Perspective of Byzantium and the Muslim World*. Washington, D.C.: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, 2001. p. 83-100; BIBIKOV, M. Byzantine sources for the history of Balticum and Scandinavia. In: VOLT, I.; PÄLL, J. (Ed.). *Byzantino-Nordica 2004: papers presented at the International Symposium of Byzantine Studies held on 7–11 May 2004 in Tartu, Estonia*. Tartu: Tartu University Press, 2005, p. 17.

entre os rus e os varegues estivesse ocorrendo neste momento, como defende Bibokov, Pselo identifica dois grupos de soldados estrangeiros que apoiavam Aleixo Comneno em sua revolta. O primeiro, que ele identifica como “italianos”, trata-se, ao que tudo indica, de normandos; o segundo, dos taurocitas, seriam o dos rus. Não é dito que esses italianos são varegues e nem é feita essa associação em qualquer outro lugar, não sendo possível tornar indiretamente, baseando-se nessa estranha correlação, “italianos” em varegues e estes em latinos.

Ver albaneses medievais nessa passagem também tem os seus problemas, uma vez que não há nenhuma outra evidência do uso de *albanoí* dos Balcãs por Maniaces e muito menos algum “povo latino” sendo governado ou liderado ao mesmo tempo que esses por uma mesma pessoa. Também não conseguimos encontrar nenhuma referência neste período ou mesmo no século XII onde nórdicos ou varegues sejam descritos como *latinoí*. Mesmo Haroldo Hadrada, integrante do exército de Maniaces e posteriormente Rei da Noruega, não é descrito dessa forma pelas fontes.⁵¹⁶ A nobreza nórdica possuía contato com os romanos orientais e por vezes se concebiam conectados religiosamente ou politicamente. Muitos se mostram influenciados por Constantinopla, graças a admiração que a nobreza possuía pelos elementos imperiais. Nesse contexto do século XI, seria estranho que fossem chamados dessa forma, sem contar que *latinoí* como um termo geral para falar daqueles ligados a Sé Romana ainda não estava sedimentado, sendo muito improvável que nórdicos fossem vistos como “latinos” nesse momento.⁵¹⁷

De fato, o uso de etnônimos por Ataliata não é uma coisa precisa. Por vezes, ele usa diferentes termos para falar dos mesmos povos. Por exemplo, os árabes e/ou muçulmanos são chamados árabes, agarenos e sarracenos;⁵¹⁸ turcos seljúcidas são chamados de turcos, hunos nafitalitas e persas.⁵¹⁹ Alemães são *nemitzoi*, termo de origem eslava, e são relacionados com os antigos *sauromataí*.⁵²⁰ Os germânicos são agora francos,⁵²¹ e os húngaros, os *seuromataí* à oeste.⁵²² Buscar uma precisão nas classificações do autor talvez não faça muito sentido. Ainda assim, no que se refere a passagem sobre os *albanoí* e *latinoí*, acreditamos que Ataliata está falando sobre habitantes da Península Itálica, já que faz muito mais sentido que esteja

⁵¹⁶ JAKOBSSON, S. The Varangians: In God's Holy Fire. Cham: Palgrave Mcmillan, 2020, p. 75-88.

⁵¹⁷ Ver FÖLLER, D. Byzantium and Scandinavia. In: DROCOURT, N.; KOLDITZ, S. (Ed.). *A Companion to Byzantium and the West, 900-1204*. Leiden: Brill, 2022. p. 273-299; JAKOBSSON, S. The Varangians: In God's Holy Fire. Cham: Palgrave Mcmillan, 2020, p. 147-158; JAKOBSSON, S. The Schism that Never Was: Old Norse Views on Byzantium and Russia. *Byzantinoslavica*, Prague, v. 66, n. 1-2, p. 173-188, 2008).

⁵¹⁸ Ver, por exemplo, ATALIATA, *História*, 16:5 (árabes); 3:1 (agarenos); 17:7 (sarracenos).

⁵¹⁹ Ver, por exemplo, ATALIATA, *História*, 14:1 (turcos); 8:1 (hunos nafitalitas); 7:16 (persas).

⁵²⁰ ATALIATA, *História*, 20:8.

⁵²¹ ATALIATA, *História*, 20:9.

⁵²² ATALIATA, *História*, 12:13.

lamentando o insucesso romano de manter os territórios no sul da mesma, que abarcava populações, no geral, lombardas e ítalo-gregas. Isso pode ser observado numa simples leitura do que estava ocorrendo naquela região sob administração imperial.

A situação era extremamente caótica. Quando o *katepánō* Miguel Dociano chega na península em novembro de 1040, ele encontra algo que talvez fosse impossível de ser resolvido. Após a morte de seu predecessor em janeiro, uma série de problemas começaram a se agravar, como uma revolta em Taranto, onde dois oficiais bizantinos foram mortos, e a perda da capital Bari para o lombardo Árgiro. Ataliata pode ter alguma razão ao dizer que a humilhação que o tal líder sofreu, provavelmente o lombardo Arduíno, agravou a situação, embora seja mais provável que ela tenha ocorrido durante a liderança do próprio Maniaces e não de Dociano, já que aparece elevado a *topotērētēs* de Melfi durante a administração do mesmo. Esse Arduíno, que outrora apoiava Maniaces liderando um grupo de normandos, aproveita-se do novo posto para tomar a própria cidade e depois partir para Apúlia. Essas revoltas e sedições não foram orquestradas por normandos ou algo do tipo: elas geralmente envolveram a participação e consentimento das elites e dos habitantes locais, que se aproveitavam da força normanda. Eventualmente, alguns outrora revoltosos desertam para o lado imperial, o que acaba fazendo com que os normandos decidissem assumir a revolta sob seus próprios líderes.⁵²³

Nesse contexto, portanto, faz muito mais sentido ver tanto esses *albanoí* quanto *latinoí* como as populações “integradas” da Itália bizantina. Isso se encaixa com as palavras de Ataliata de que eles eram aliados e formavam parte da *isopoliteía*, mas agora se tornaram inimigos. Sabemos que tanto na Apúlia quanto na Calábria, por exemplo, a população local, seja ela lombarda ou ítalo-grega, estava “integrada” ao Império Romano medieval, embora com diferentes nuances.⁵²⁴ Não devemos pensar aqui em delimitações étnicas muito bem definidas. A população do Sul da Península Itálica caminhava aos poucos para um amálgama “lombardo”, “grego” e “normando”. Ainda assim, as revoltas são realmente encabeçadas por esses chefes lombardos integrados e demais descontentes com a administração imperial na região.

⁵²³ LOUD, G. A. *The Age of Robert Guiscard: Southern Italy and the Norman Conquest*. London: Routledge, 2000, p.67-80 (especialmente 79-80).

⁵²⁴ Ver PETERS-CUSTOT, A. *Between Rome and Constantinople: the Romanness of Byzantine Southern Italy (9th-11th centuries)*. In: POHL, W. et al. (Ed.). *Transformations of Romanness: Early Medieval Regions and Identities*. Berlin: De Gruyter; 2018. p.231-240; PETERS-CUSTOT, A. *Convivencia between Christians: The Greek and Latin communities of Byzantine South Italy (IXth-XIth centuries)*. In: CROSTINI, B.; LA PROTA, S. (Ed.). *Negotiating Co-Existence: Communities, Cultures and Convivencia in Byzantine Society*. Trier: WVT, 2013. p. 203-220.

Considerando isso, esses *albanoí* e *latinoí* não precisam necessariamente ser identificados como dois povos separados a princípio, mas, genericamente, como os habitantes dessas comunidades antes aliadas ao Império. O principal parâmetro utilizado por Ataliata para empregar esses termos é, sem dúvidas, o geográfico, já que se refere a povos da Península Itálica. O uso mútuo desses termos, no entanto, poderia ser explicado por *albanos* e *latinos* não constituírem exatamente dois grupos tão distintos assim. Por exemplo, nas *Antiguidades Romanas*, Dionísio descreve da seguinte maneira a constituição dos albanos:

Os albanos eram uma nação mista composta de pelasgos, de árcades, de epeus vindos de Elis e, por fim, de troianos que vieram para a Itália com Enéias, filho de Anquises e Afrodite, após a conquista de Tróia. É provável que um elemento bárbaro dentre os povos vizinhos ou um resquício dos antigos habitantes vizinhos do lugar tenha também se misturado com o grego. Mas todos esses povos, passaram a ser chamados por um nome comum, latinos, por conta de Latino, que fora rei deste país.⁵²⁵

Os latinos, na narrativa deste autor, foi um aglomerado de povos – inicialmente aborígenes e troianos, abrindo para os outros mencionados acima na medida em que Alba foi fundada – que recebeu este nome em honra ao rei Latino. Não é possível criarmos paralelos precisos com os povos contemporâneos da península, o que reforça, a nosso ver, a ideia de que Ataliata está usando “albanos e latinos” de modo generalizante para falar desses aliados. Esse não é o único caso estranho na obra: podemos notar que Ataliata se refere aos romanos orientais, seus contemporâneos, como ausônios (*aúsones*), termo utilizados por poetas gregos para se referir de modo generalizante aos habitantes da Península Itálica.⁵²⁶ Ataliata não torna com isso os romanos orientais em italianos, mas os põe em paralelo com os antigos romanos.

A ideia de um apelo a ancestralidade comum, que se mostraria no possível ímpeto de Ataliata em querer integrar os normandos aos romanos, não nos parece ser o forte dessa passagem.⁵²⁷ Antes, ele parece desejar ressaltar o elemento político, estabelecendo um paralelo da aliança firmada entre a Roma Antiga e os habitantes da Península Itálica, que são equiparados a seus respectivos pares contemporâneos. Rustam Shukurov demonstrou como os

⁵²⁵ DIONÍSIO, *Antiguidades Romanas*, II. 2. 1-4: “The Albans were a mixed nation composed of Pelasgians, of Arcadians, of the Epeans who came from Elis, and, last of all, of the Trojans who came into Italy with Aeneas, the son of Anchises and Aphrodite, after the taking of Troy. It is probable that a barbarian element also from among the neighbouring peoples or a remnant of the ancient inhabitants of the place was mixed with the Greek. But all these people, having lost their tribal designations, came to be called by one common name, Latins, after Latinus, who had been king of this country.”

⁵²⁶ Ver ATALIATA, *História*, 27:3.

⁵²⁷ Como faz OLSON, A. K. “Part of our commonwealth”: A study of the Normans in eleventh-century Byzantine historiography. 2009. 108 f. Thesis (Master of Arts) - Department of History, Simon Fraser University, Vancouver, 2011, p. 92. Ver também OLSON, A. K. Working with Roman history: Attaleiates' portrayal of the Normans. *Byzantine and Modern Greek Studies*, [s.l.], v. 41, n. 1, p. 1-14, 2017.

modelos descritivos de Aristóteles influenciam como os romanos orientais leem esses povos, relacionando grupos contemporâneos a antigos pela analogia e similaridade. Isso possibilita que vejamos uma lógica por trás desse processo, que se assemelha a uma espécie de abordagem “científica” da época, um meio de apreender a realidade, sistematizando e classificando o novo.⁵²⁸ Com isso, portanto, eles poderiam significar o desconhecido e propor estratégias nas relações com esses povos. No caso da Península Itálica, isso implica, na narrativa de Ataliata, no uso da memória cultural para pensar esse relacionamento, tornando-os *symmachoi* e coparticipantes da *politeía*, assim como grupos da Antiguidade. Mesmo que a ancestralidade comum fictícia pudesse exercer um papel nisso, reforçando seu argumento a favor da manutenção das relações, a questão original, de se referir aos normandos, esvazia-se.

Acreditamos que Ataliata de fato se refere aos normandos como latinos em passagens posteriores ao chamar assim alguns personagens, no geral generais normandos e os soldados liderados por eles. Ainda assim, os normandos são geralmente francos em sua narrativa. Como os contextos dessas passagens são distintos e implicar em coisas igualmente distintas, preferimos agrupar *albanoi/latinoi* e *fránkoi/latinoi* em seções separadas deste subcapítulo. Retornaremos a isso mais a frente quando tratarmos do segundo grupo.

Na segunda passagem que mencionamos acima sobre a revolta de Maniaces durante o governo de Constantino IX Monômaco, Ataliata afirma que o sangrento general “[...] se rebelou a partir de sua base na Itália com os soldados que lá comandava, tanto romanos quanto albanos.”⁵²⁹ Quem são esses ocidentais que se rebelam ao lado de Maniaces? Pode ser que para alguns a narrativa de Skylitzes Continuatus aparenta fazer uma ligação francos atraídos pelo general àqueles que o seguiram quando cruzou o mar em sua invasão. Em suas palavras,

Quando Jorge Maniaces foi elevado ao posto de *magistros* pela impeatriz Zoé e enviado para restaurar a situação na Itália, ele atraiu muitos francos para seu serviço. Ele apaziguou aqueles que foram maltratados por Dociano e os levou a uma existência pacífica em alguns temas da Itália, pois eles passaram a temê-lo ao provar sua destreza na batalha. Depois que ele se rebelou contra Monômaco e foi derrotado, seus seguidores que haviam cruzado com ele foram obrigados a servir ao imperador e ficaram conhecidos como *Maniakatoi*. Muitos permaneceram em território romano, enquanto o resto ficou para trás na Itália.⁵³⁰

⁵²⁸ SHUKUROV, R. *The Byzantine Turks: 1204-1461*. Liden: Brill, 2016. p. 11-17.

⁵²⁹ ATALIATA, *História*, 7:1: “[...] rebelled from his base in Italy along with the soldiers he commanded there, both Romans and Albans.”

⁵³⁰ SKYLITZES CONTINUATUS, VI.21: “When George Maniakes was elevated to the rank of *magistros* by the empress Zoe and sent to restore the situation in Italy, he attracted many Franks into his service. He appeased the ones who had been mistreated by Dokeianos and got them to lead a peaceful existence insome of the themes in Italy, for They had come to fear him upon sampling his prowess in battle. After he rebelled against Monomachos

Note que seu autor está longe de reescrever a passagem de Ataliata e que não há a necessidade de correlacionar as passagens e tentar enxergar o autor corrigindo o arcaísmo obscuro de Ataliata. Ele narra aqui dois momentos: o primeiro, quando Maniaces é restaurado a sua posição, elevado a *mágitros* e reenviado para a Itália; o segundo, quando ele se rebela. No primeiro, ele atraiu francos para seu serviço, no segundo, seus aliados (quem?) cruzam o Adriático e o acompanham até os Bálcãs. Por que poderíamos fragmentar esses dois momentos? Guilherme de Apúlia, possivelmente ele mesmo um lombardo, descreve que os normandos se recusaram a se juntar a Maniaces em sua revolta.⁵³¹ Jonathan Shepard nota que, em sua invasão a Sicília em 1038, quatro anos antes de sua revolta, Maniaces lutou ao lado de varegues, rus, alguns ditos lombardos do norte da Itália e outros homens da Apúlia e Calábria, sendo os normandos minoria entre os seus aliados.⁵³² Como Quanrud indica, quando chegamos em 1042, as informações que temos é que Maniaces lutou ao lado de romanos, albanos (a incógnita do texto de Ataliata) e também de rus (a partir de um encômio de Pselo a Monômaco).⁵³³

Maniaces pode ter cooptado alguns aliados locais mesmo que o contexto não fosse tão favorável ao domínio imperial ou mesmo a ele naquele momento. Ainda que Guilherme de Apúlia afirme que os normandos se recusaram a apoiar Maniaces, ele nota que o general chega em Bari com um grande exército para negociar com Árgiro e os normandos.⁵³⁴ Não era exatamente um consenso no sul da Península Itálica de que o domínio normando seria melhor para a população do que, por exemplo, o imperial. Como Annick Peter-Custot nota, “Alguns lombardos resistiram firmemente a seus companheiros latinos, os normandos, de modo que estes conquistaram a Apúlia com menos facilidade do que a Calábria.”⁵³⁵ G. A. Loud afirma que após o lombardo Árgiro deixar Bari e se tornar um importante membro da corte em

and was defeated, his followers who had crossed over with him were made to serve the emperor and became known as *Maniakatoi*. Many remained in Roman territory, while the rest stayed behind in Italy.”

⁵³¹ GUILHERME, *Feitos de Roberto Guiscardo*, I (p. 30).

⁵³² SHEPARD, J. The Uses of the Franks in Eleventh-Century Byzantium. *Anglo-norman Studies*, [s.l.], v. 15, 1993, p. 282.

⁵³³ Isso acaba realizando um nó no próximo argumento de Quanrud, já que ele cita anteriormente Bibikov, que defende que os rus e varegues não são os mesmos nesse período, e depois menciona esse trecho de Pselo, que fala dos rus, para apontar a presença varegue (que pra ele é latina). Isso é mais uma evidência de que tornar os varegues em latinos é um malabarismo complicado. Não foi possível acessarmos o texto de Pselo, mas Quanrud cita uma pequena parte em grego. QUANRUD, J. The Albanoi in Michael Attaleiates’ History: Revisiting the Vranoussi-Ducellier Debate. *Byzantine and Modern Greek Studies*, [s.l.], v. 45, n. 2, 2021, p. 14, n. 77.

⁵³⁴ GUILHERME, *Feitos de Roberto Guiscardo*, livro I (p. 30).

⁵³⁵ PETERS-CUSTOT, A. Convivencia between Christians: The Greek and Latin communities of Byzantine South Italy (IXth-XIth centuries). In: CROSTINI, B.; LA PROTA, S. (Ed.). *Negotiating Co-Existence: Communities, Cultures and Convivencia in Byzantine Society*. Trier: WVT, 2013, p. 10 (no artigo digital). “Some Lombards firmly resisted their fellow-Latin Normans, so that the latter conquered Apulia less easily than Calabria.”

Constantinopla em 1045 ou 1046, as cidades costeiras como Apúlia, Bari e Brindisi permaneceram fortemente ligada ao Império em oposição aos normandos e, considerando a própria fragilidade das tropas romanas nesse momento, é possível que as defesas de cidades sob “domínio” imperial tenham vindo em sua maior parte de contingentes locais.⁵³⁶ Assim, embora faltem mais evidências diretas, essa conjectura mostra que é possível levantarmos a hipótese de que esses *albanoí* sejam lombardos ou, de modo geral, a população do sul da Itália relacionada ao Império e cooptada, seja lá por quais meios, por Maniaces, e não normandos.⁵³⁷

Em suma, a única evidência que poderia apontar os *albanoí* como normandos, mas com dificuldade, é a narrativa de Skylitzes Continuatus, que entra em conflito com Guilherme de Apúlia. Quanto aos “albaneses medievais”, não há nenhuma evidência que corrobore para isso – de fato, a única referência de Ataliata que melhor se encaixaria nessa associação seria dos *arbanitaí* aliados aos búlgaros.⁵³⁸ Assim, é ao menos viável que possamos adicionar possíveis lombardos/italianos de Maniaces entre os candidatos a *albanoí* de Ataliates. Isso é essencial para entendermos se há evidências de que Ataliata se envolve numa agenda integracionista.

3.2.2 FRÁNKOI/LATINOÍ

O argumento de Alexander Olson parte do princípio que os normandos eram, de modo geral, vistos como latinos por Ataliata. Assim, ele abriria a possibilidade dos normandos serem vistos em paralelo aos latinos da Antiguidade, invocando uma ancestralidade em comum, uma vez que os romanos eram também descendentes desses latinos.⁵³⁹ No entanto, não se observa na *História* esse uso ampliado do termo *latinoí* para falar dos soldados normandos – salvo algumas exceções, que veremos mais adiante, eles são chamados essencialmente de francos.

Falando da primeira campanha de Romanov IV Diógenes (1068-1071) contra os turcos seljúcidas, Ataliata relata que todos os francos foram enviados ao general de origem turca

⁵³⁶ LOUD, G. A. *The Age of Robert Guiscard: Southern Italy and the Norman Conquest*. London: Routledge, 2000, p. 99-100.

⁵³⁷ Ainda que alguma porcentagem de normandos ou outros francos pudesse estar presente neste contexto. Não há sentido em buscarmos uma hegemonia étnica, mas o fato é que dificilmente se trataria de uma força majoritária de guerreiros oriundos da Normandia. A questão é entendermos em quem Ataliata parece estar pensando e, nesse contexto, parece muito mais plausível que sejam os aliados italianos (lombardos, ítalo-gregos) imperiais.

⁵³⁸ Ver ATALIATA, *História*, 35.5.

⁵³⁹ OLSON, A. K. “Part of our commonwealth”: A study of the Normans in eleventh-century Byzantine historiography. 2009. 108 f. Thesis (Master of Arts) - Department of History, Simon Fraser University, Vancouver, 2011, p. 92. Ver também Working with Roman history: Attalies' portrayal of the Normans. *Byzantine and Modern Greek Studies*, [s.l.], v. 41, n. 1, p. 1-14, 2017

Afshin pelo imperador para lutar contra as invasões em Metilene. Eles são descritos como “[...] homens que eram guerreiros e gostavam de derramamento de sangue [...]”⁵⁴⁰ enviados com o propósito de “[...] prevalecer na guerra por meio de uma poderosa força [...]”.⁵⁴¹ Essa imagem é repetida em outros momentos, como no confronto entre os Ducas e Diógenes, onde os primeiros preparam uma força suficiente forte contra o último, pois “[...] a maioria dos francos foram para Diógenes, e por conta disso eles esperavam que ele estivesse na posição mais forte”.⁵⁴²

Os francos/normandos também aparecem relacionados com o general Roberto Crispino, descrito como “Um certo latino da Itália [...]”.⁵⁴³ Crispino na verdade não era da Itália, mas da Normandia, tendo atuado ao lado dos normandos no sul da Itália, possivelmente de onde partiu para Constantinopla.⁵⁴⁴ Durante a segunda campanha contra os seljúcidas de Diógenes, ele é enviado ao leste para passar o inverno com seus “compatriotas” (*homogenés*) que navegaram e chegaram junto dele – isto é, seu contingente pessoal. Após isso, Ataliata fala de sua rebelião, relatando seus despojos, mas enfatizando que nenhum romano foi morto. Na segunda investida contra o revoltoso, o imperador manda Samuel Alusiano, filho do nobre búlgaro, que ataca o acampamento de Crispino em plena Páscoa enquanto descansavam. Eles acabam chamando a atenção dos francos, que conseguem expulsar os romanos, perseguindo e capturando alguns deles. Crispino agora aparece como o *líder dos latinos* discursando sobre a impiedade dos romanos em derramar sangue cristão num dia como aquele, algo que Ataliata endossa.⁵⁴⁵

Após as partes se entenderam, o imperador recebe sua declaração de lealdade com felicidade devido a sua “[...] coragem e sua reputação para feitos militares e habilidade de comandar. De fato, ele encontrara anteriormente multidões de turcos e conseguira realizar feitos excepcionalmente valiosos no combate corpo a corpo”.⁵⁴⁶ Ele então aparece como um servo leal, acompanhando o imperador junto a alguns de seus soldados.⁵⁴⁷ Crispino todavia acaba sendo condenado, pois, segundo Ataliata, “[...] ele foi acusado perante o imperador de planejar

⁵⁴⁰ ATALIATA, *História*, 17.6: “[...] men who were warlike and enjoyed bloodshed [...]”.

⁵⁴¹ ATALIATA, *História*, 17.6: “[...] prevail in war through a strong force [...]”

⁵⁴² ATALIATA, *História*, 21.6: “[...] the majority of the Franks went over to Diogenes, and because of this they expected that he would be in the stronger position.”

⁵⁴³ ATALIATA, *História*, 18.2: “A certain Latin man from Italy [...]”

⁵⁴⁴ Ver HOUTS, E. M. C. van. Normandy and Byzantium in the Eleventh century. *Byzantion*, [s.l.], v. 55, n. 2, 1985, p. 555-559.

⁵⁴⁵ ATALIATA, *História*, 18.2-3.

⁵⁴⁶ ATALIATA, *História*, 18.4: “[...] courage and his reputation for martial deeds and ability to command. In fact, he had previously encountered great multitudes of Turks and had accomplished exceptionally valiant deeds in close combat.”

⁵⁴⁷ ATALIATA, *História*, 18.5.

novamente algo cruel e infiel, como era de se esperar de sua raça – pois por natureza a raça franca é infiel”.⁵⁴⁸ Em retaliação, seus companheiros que continuaram na fortaleza em Mavrocastro invadiram a Mesopotâmia e causaram danos à população local. Entre os homens que o acusaram, está um proeminente *nemitzos*, isto é, um “alemão”.⁵⁴⁹

Note que Ataliata apresenta essas características negativas dos francos após ter apresentado um ato impiedoso dos romanos. Ele pode estar sendo irônico ou talvez simplesmente reforçando seu argumento quanto aos motivos dos insucessos dos romanos. O que se ressalta do texto, no entanto, é que Crispino apresentado inicialmente com tons de superioridade moral e é invocado como um *latino* e não como um franco. Ele até mesmo trata os romanos capturados e feridos com piedade. Pouco a frente, quando as forças imperiais entram em combate com os turcos, alguns francos chegam a ter uma luta corpo a corpo com os inimigos, não recebendo nenhuma ajuda dos romanos.⁵⁵⁰ Aqui, mais uma vez, parece-nos que ele esteja sutilmente questionando a moralidade dos romanos diante desses aliados.

Os francos/normandos reaparecem na Batalha de Manziquerta, onde são descritos como “[...] os germânicos, que são chamados francos [...]”.⁵⁵¹ Eles foram enviados por Diógenes “[...] sob um de seus líderes, um guerreiro forte de nome Roussel.”⁵⁵² A associação entre francos e germânicos recua ao menos a Procópio.⁵⁵³ Essa passagem mostra que Ataliata realmente associa os normandos aos antigos francos. Mais a frente, Crispino aparece como “[...] aquele franco, Crispino [...]”,⁵⁵⁴ agora associado a Miguel, que o chamou de seu exílio em Abidos para lutar contra Diógenes, que o exilara, presenteando-o com horarias e favores para fortalecer a aliança. Apesar disso, a narrativa de Ataliata é “positiva”: ele ressalta, por exemplo, sua bravura no combate corpo a corpo, sua força, seu ardor superior, seus nobres atos e que a presença do general aumenta o ânimo dos soldados.⁵⁵⁵ Os francos aparecem como importantes peças em conflitos internos: Ataliata relata também varegues e francos lutando ao lado do rebelde Briênio

⁵⁴⁸ ATALIATA, *História*, 18.5: “[...] he was accused before the emperor of again planning something cruel and faithless, as was to be expected of his race-for by nature the Frankish race is faithles [...]

⁵⁴⁹ ATALIATA, *História*, 18.5.

⁵⁵⁰ ATALIATA, *História*, 18.7.

⁵⁵¹ ATALIATA, *História*, 20.9: “[...] the Germans who are called Franks [...]”.

⁵⁵² ATALIATA, *História*, 20.9: “[...] under one of their leaders, a warrior strong of arm, Rouselios by name.”

⁵⁵³ Ver STEINACHER, R. Rome and its created Northerners. In: FRIEDRICH, M.; HARLAND, J. M. (Ed.). *Interrogating the 'Germanic': a category and its use in Late Antiquity and the Early Middle ages*. Berlin: De Gruyter, 2021, p. 51-53.

⁵⁵⁴ ATALIATA, *História*, 21.5: “[...] that frank, Krispinos [...]”.

⁵⁵⁵ ATALIATA, *História*, 21.5.

durante sua revolta contra Monômaco e que francos oriundos da Itália foram convocados pelo rebelde Basilácio contra Botaniates.⁵⁵⁶

Por volta de 1051-1052, durante a guerra contra os pechenegues, foi apontado como comandante “[...] um certo latino, que era extremamente bravo na batalha e inigualável em entender o que tinha que ser feito”.⁵⁵⁷ Esse personagem é de difícil identificação, mas poderia se tratar de Erveu Francópulo. Outro latino aparece como salvador da *raça cristã* num ato de heroísmo quando o sultão seljúcida Tughril tenta atacar Manziquerta em 1054. Toda a narrativa tem nuances importantes e vale a pena ser avaliada. Segundo Ataliata,

[...] Deus, aquele tem o poder de fazer todas as coisas e tudo faz em nosso benefício, aquele que sempre protege a raça cristã, *inspirou em um dos latinos* um poderoso plano de concepção superior. Ele pegou uma jarra contendo a mistura do fogo medo, correu para fora dos portões da cidade em direção ao meio do inimigo, colocou uma chama na boca da jarra e a esmagou sobre o dispositivo. Um fogo imediatamente foi aceso, inflamado, e envolveu todo o dispositivo [...]. O latino retornou à cidade, escapando ileso das mãos dos inimigos que o perseguiram. Seu líder estava agora furioso e *acusou seus subordinados de muita tolice por terem pensado que os romanos eram covardes, quando claramente eram excepcionalmente corajosos*. Ele imediatamente partiu de lá e marchou de volta para sua própria terra.⁵⁵⁸

Em vista de todas as acusações dos romanos como covardes na *História*, é impossível não ver que Ataliata está indiretamente os criticando mais uma vez, pois ele enfatiza que o sultão atribui essa coragem aos romanos, quando na realidade ela foi realizada por um latino. Ataliata dificilmente poderia saber o que o sultão disse, mas coloca o sultão creditando os romanos por tal ato de coragem, quando em sua narrativa é explícito que não foi realizada por um. Seu leitor poderia facilmente identificar isso e perceber que há alguma incoerência.

Ataliata sem dúvidas evoca a ideia de uma comunalidade cristã, mas não nos parece que também tenha a agenda de mostrar uma equidade entre latinos e romanos. Seu objeto é antes criticar os romanos de seu tempo. Durante a revolta de Roussel é até mesmo dito que o imperador Miguel VII Ducas “[...] preferia ter a terra dos romanos sob o domínio dos turcos do

⁵⁵⁶ ATALIATA, *História*, 31.1; 35.4.

⁵⁵⁷ ATALIATA, *História*, 7.7: “[...] a certain Latin, who was extremely brave in battle and second to none in understanding what had to be done”.

⁵⁵⁸ ATALIATA, *História*, 8.3 (grifos nossos): “[...] God, who holds the power to do all things and turns everything to our benefit, he who always protects the Christian race, *inspired in one of the Latins* a powerful plan of superior conception. He took a jar containing the concoction of Median fire, ran out of the gates of the city into the very midst of the enemy, affixed a flame to the mouth of the jar, and smashed it upon the engine. A fire immediately was kindled, ignited, and engulfed the entire engine [...]. The Latin returned to the city, escaping unharmed from the hands of the enemies who pursued him. Their leader was now furious and *accused his subordinates of much foolishness for having thought that the Romans were cowards, when plainly they were exceptionally brave*. He immediately departed from there and marched back to his own land.”

que ver aquele latino escondido em um lugar e bloqueando suas incursões”,⁵⁵⁹ o que não é uma “defesa dos latinos”, mas sim uma crítica à inflexibilidade de superar, visando o bem maior, o orgulho ferido e entender Roussel como um recurso militar poderoso e indispensável. Como ele mesmo afirma em outra passagem da *História*: “Eu percebi que os romanos de nossos dias não são capazes de se aproveitar de oportunidades [...]”.⁵⁶⁰

Vimos que *albanói e latinoí* evoca uma evidente arcaização. No entanto, quando o termo é usado em paralelo com *fránkoi*, é possível notar que ele evoca nuances diferentes na narrativa. Embora os francos apareçam como formidáveis guerreiros na *História*, quando chamados de latinos, eles assumem uma diferente representação: eles aparecem como *mais cristãos* e também *mais aliados*, e não meros soldados imbatíveis. Fica claro que há algo subentendido que aproxima esses estrangeiros dos romanos orientais. Outra coisa a se notar é a ligação desses francos/latinos com a Itália, já que é enfatizado que Crispino veio da Itália com seu contingente e sabemos que Roussel parte para Bizâncio após ficar na península por algum tempo.⁵⁶¹ Estando ligados aos normandos do sul da Itália e servindo como de fato aliados, é provável que tenham se tornado passíveis se serem chamados de latinos no vocabulário de Ataliata. O termo não parece evocar as generalizações que veremos nos séculos posteriores, já que o proeminente *nemitzoi* (alemão) citado não é chamado de latino, mas Crispino e Roussel, sim.

Como o uso do termo por Ataliata é singular, torna-se extremamente difícil compará-los com outros autores do período. Alexander Kazhdan notou que o termo *latinoí* aparece em hagiografias do sul da Itália e que, na primeira metade do século XI, o monge calabrês autor da *Vida de São Nilo*, um santo de família grega de Rossano, fala dos *latinoí* para contrastá-los com a população ítalo-grega. O termo também aparece numa decisão patriarcal de 1054 quando, em seu corpo, aparece um trecho traduzido do latim, preferindo falar, no resto, de “língua italiana” e “características italianas”.⁵⁶² Em outro exemplo, o polemista *Opusculum contra francos*, escrito provavelmente entre 1054 e 1112, é direcionado aos erros dos francos – que geralmente eram visto como herdeiros de erros que os vândalos, após sua conquista, transmitiram para a

⁵⁵⁹ ATALIATA, *História*, 25.2: “[...] preferred to have the land of the Romans under the rule of the Turks than to see that Latin ensconced in one place and blocking their raids.”

⁵⁶⁰ ATALIATA, *História*, 17.14: “Thus I realized that the Romans of our day are neither capable of seizing opportunities [...]”

⁵⁶¹ Ver HOUTS, E. M. C. van. Normandy and Byzantium in the Eleventh century. *Byzantion*, [s.l.], v. 55, n. 2, 1985, p. 555-559.

⁵⁶² KAZHDAN, A. Latins and Franks in Byzantium: Perception and Reality from the Eleventh to the Twelfth Century. In: LAIOU, A. E.; MOTTAHEDEH, R. P. (Ed.). *The Crusades from the Perspective of Byzantium and the Muslim World*. Washington, D.C.: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, 2001. p. 83-100. Note que Pselo também adjetiva as coisas “latinas” como “italianas”. Ver p. 52 e n. 306.

Igreja de Roma –,⁵⁶³ e não dos “latinos”, e abre com uma afirmação que demonstra uma visão fragmentada do Ocidente e não exatamente uma latinidade generalizante:

O papa romano e tantos cristãos quanto existem fora do golfo dos jônios – italianos, longobardos, francos, também chamados alemães, amalfitanos, venezianos e outros... todos, junto com o papa, estão já há muitos anos fora da Igreja Católica e são estranhos às tradições evangélicas, apostólicas e patrísticas, porque se apegam a ritos ilegais e bárbaros, por causa dos quais ocorrem todas essas coisas ruins e graves.⁵⁶⁴

De nosso conhecimento, isso é a coisa mais perto que podemos chegar de Ataliata. Das fontes em grego, portanto, a principal evidência do termo vem da hagiografia de São Nilo, ainda que o termo somente apareça uma única vez e seja do sul da Itália.⁵⁶⁵ Mais uma vez, isso demonstra, ao menos do que chegou até a nós, a singularidade do uso de Ataliata e a dificuldade de compreender algum uso comum com autores do período. O *Opusculum*, por exemplo, tenta falar de variados povos ocidentais, ainda que de modo confuso. Isso pode demonstrar que nos círculos constantinopolitanos o termo não aparentava ser tão difundido.

Complementarmente, podemos extrair algumas coisas de fontes ocidentais desse período. É interessante notar que, no século X, Liutprant de Cremona, oriundo de Pavia, se define tanto como um lombardo quanto um latino.⁵⁶⁶ No século XI, outro lombardo do Norte da Península Itálica, o bispo Benzo de Alba, mencionado no capítulo anterior, atribui uma carta a um suposto patrício de Melfi chamado Pantaleu com as seguintes palavras:

Eu acredito que não é desconhecido aos latinos e gregos o acordo entre os dois príncipes, romano [germânico] e constantinopolitano, sob mediação do apostólico romano [o Papa]. Agora, no entanto, vindo os normandos dos confins da Terra, perturbando o pacto fraterno do império indivisível, para desgraça e vergonha comum deles, eles ousaram invadir nosso meio com insolente presunção.⁵⁶⁷

Em outra passagem, Benzo também menciona uma suposta carta do imperador Constantino X Ducas (1059-1067) ao antipapa Honório II e a ele mesmo, dizendo que:

⁵⁶³ LEVY–RUBIN, M. The errors of the Franks’ by Nikon of the Black Mountain: between religious and ethno-cultural conflict. *Byzantion*, v. 71, n. 2, 2001, p. 425.

⁵⁶⁴ *Opusculum contra francos*, p. 52-53 apud LEVY–RUBIN, M. The errors of the Franks’ by Nikon of the Black Mountain: between religious and ethno-cultural conflict. *Byzantion*, v. 71, n. 2, p. 422-437, 2001: “The Roman Pope and as many Christians as there are outside the gulf of the Ioanians, Italians, Langobards, Franks, also called Germans, Amalphitans, Venetians and others all, along with the pope, for many years already are outside the Catholic Church and are strangers to the Evangelical, Apostolic and Patristic traditions, because they hold onto unlawfyl and barbaric rites, because of which all these bad and grievous things occur.”

⁵⁶⁵ Ver *Vida de São Nilo*, 73.3.

⁵⁶⁶ LIUPRANDO, *Embaixada*, 12; 57.

⁵⁶⁷ BENZO, *Ad Heinricum IV*, 2.7: “Credo non esse ignotum Latinis et Grecis de concordia inter utrumque principem, Romanum quidem atque Constantinopolitanum, mediante Romano apostolico. Nunc autem quia de finibus orbis terrae venerunt Normanni, conturbantes fraternum foedus indivisibilis imperii, ad dedecus atque communem verecundiam ausi sunt nostra invadere in medio nostrum contumaci praesumptione.”

Pelas mãos do patrício de Malfi, direcionou ao senhor Cadalo e a mim uma cópia da pequena carta com estas palavras: [...] Vós que sois condutores do rei menino, vosso senhor Henrique, tome uma ação com os outros leais teutônicos e latinos, para que vosso senhor rei venha à Apúlia e Calábria com cem mil [soldados] [...].⁵⁶⁸

A primeira parte pode até abrir margem para dúvida, já que Benzo não especifica quem são esses latinos. No entanto, a segunda passagem deixa claro que por latinos ele está se referindo aos “italianos”, como o Papa e ele, e, por *teutônicos*, os “alemães”. Note também que os normandos aparecem como aquém dessa realidade: eles são descritos simplesmente como perturbadores que vieram dos confins da terra para destruir a concórdia firmada anteriormente por latinos e gregos. O principal ponto aqui é que, embora o uso do termo pelos ocidentais tenha um elemento arcaizante e esteja ligado especialmente à tradição religiosa em língua latina, podemos encontrar uma conotação geográfica, pois quem se chama de latino é da Itália.

Algo similar aparece numa epístola do papa Gregório VII de 1079 aos seus fiéis alemães: “[...] nenhum de vós, exceto no caso das batalhas, compartilha e sofre tanto as maiores angustias quanto injúrias. Tanto quantos latinos existam, todos elogiam e defendem a causa de Henrique [IV], exceto alguns, e me acusar de excessiva dureza e impiedade para com ele.”⁵⁶⁹ Percebe-se que os habitantes do Império Alemão não são incluídos entre os latinos, que neste contexto só podem ser “italianos”, isto é, lombardos e os naturais da cidade de Roma.⁵⁷⁰ O

⁵⁶⁸ BENZO, *Ad Heinricum IV*, 3.23-27: “Per manum enim Malfitani patricci direxit domno Kadalo et michi rescriptum pytacii in hec verba: [...] Vos qui estis portitores pueri regis, domini vestri Heinrici, agite cum ceteris fidelibus Teutonicis et Latinis, ut veniat idem dominus vester rex cum centum milibus in Apuliam atque Calabriam [...]”

⁵⁶⁹ GREGÓRIO VII, *Registro*, VII, 3: “[...] nulus vestrum preter instantiam preliorum maiores me et partitur angustias et suffert iniurias. Quotquot enim Latini sunt, omnes causam Heinrici preter admodum paucos laudant ac defendunt et pernime duritie ac impietatis circa eum me redarguunt.”

⁵⁷⁰ Compare, por exemplo, com a história contada na narrativa suábica de BERTHOLD, *Crônica II*, 1079: “The papal legates, who indeed (so they say) were unwilling participants in these proceedings, at last, laden with magnificent gifts, returned to Rome, although not together and without accomplishing all that they had been sent to do. One of them, [Bishop Udalric] of Padua, who had been corrupted by such great gifts, outstripped his fellow legate, a holy man who was only too innocent, and left him on the other side of the Alps. When he came before the lord pope, the treacherous hypocrite, wonderfully supplied with every kind of clever inventions and answers, his purpose was not only incidentally to deceive the Lombards and the Romans but also to deceive the pope himself and most diligently to earn the favour of his Henry by whatever means he could. The false legate conveyed to him on behalf of Henry his most humble obedience in all things, together with all the promises of service that he could devise, and he demonstrated that, as far as [Henry] was concerned, this was sufficiently proved by his conduct both in the conference and in the Other concerns for which he had been sent beyond the mountains. When that shameless liar in such an audacious manner continued persistently to deceive everyone far and wide, together with his fellow liars, a certain brother,⁶⁴⁷ who had been sent there by King Rudolf and his supporters and who had arrived before [the legate], could not contain his amazement at the impudence of such an obvious liar, who drove so many eminent men mad with his falsehoods. He was brought into the presence of the lord pope and of the other Romans and opposed [the legate] face to face, as a very self-confident witness of the truth, until with irrefutable evidence he vanquished him, together with all his fabrications, and publicly showed him to all men, exposed and confounded. For with regard to his actions and his negotiations beyond the mountains, he himself had been in his

mesmo pode ser induzido ao observarmos a escrita de outro homem nascido na península, o arcebispo Anselmo da Cantuária: enquanto seu *De Processione Spiritus Sancti* de 1112, que recapitula seus argumentos no Concílio de Bari de 1098,⁵⁷¹ contrapõe *latinos* e *gregos* (“Que o Espírito Santo procede do Filho, como nós latinos confessamos, é negado pelos gregos.”⁵⁷²), sua carta ao bispo alemão Walram de Naumburgo sobre a controvérsia dos ázimos com os “gregos”, datada por volta de 1105, contrapõe somente *nós* e *gregos*.⁵⁷³ Ainda que o termo não aparente possuir quaisquer conotações étnicas, ele envolve uma filiação a uma cultura letrada e religiosa latina associada primariamente à população relacionada à Península Itálica.

Como os normandos se tornam latinos? A partir desses dados, poderíamos levantar preliminarmente a hipótese de que esses “perturbadores”, possivelmente em conjunto de outros habitantes do Reino da França, foram um dos principais grupos ocidentais a marcar presença no Oriente, o que pode ter reforçando ainda mais relação entre os costumes religiosos ocidentais e os dos “francos”.⁵⁷⁴ A associação entre francos/normandos e latinos pode ter sido facilitada pelo fato deles também falarem uma língua vernacular românica e, especialmente, pelo seu estabelecimento na Península Itálica, levando gradualmente a sua assimilação junto a população local.⁵⁷⁵ Nota-se que a *Gesta Francorum*, escrita possivelmente em 1099, opta por chamar os normandos estabelecidos do sul da Itália de *longobardos*.⁵⁷⁶ Assim, os latinos agora incluem não só os “tradicionais” habitantes, mas esses novos residentes galo-italianos, ítalo-normandos.

presence on many occasions or had been instructed by truthful persons who knew and investigated the whole sequence of events and who gave him a careful report of them. His refutation was the more convincing because nothing at all of what had happened was concealed from him. [The legate] was therefore most justly deprived of consecration and dismissed by the lord pope and returned to his home with much sorrow and no less shame.”

⁵⁷¹ Sobre o trabalho de Anselmo no contexto do debate doutrinário, ver SIECIENSKI, A. E. *The Filioque: History of a Doctrinal Controversy*. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 117-118.

⁵⁷² ANSELMO, *De Processione Spiritus Sancti*, I: “That the Holy Spirit proceeds from the Son, as we Latins confess, is denied by the Greeks.”

⁵⁷³ Ver ANSELMO, *Epistola de Sacrificio Azimi et Fermentati*, passim.

⁵⁷⁴ Ver WIERZBIŃSKI, S. Normans and Other Franks in 11th Century Byzantium: The Careers of the Adventurers before the Rule of Alexius I Comnenus. *Studia Ceranea*, Łódź, v. 4, p. 277-288, 2014.

⁵⁷⁵ Para as discussões sobre origem e identidade dos normandos no Sul da Itália, ver LOUD, G. A. How 'Norman' was the Norman Conquest of Southern Italy? *Nottingham Medieval Studies*, Nottingham, v. 25. p. 13-34, 1981; LOUD, G. A. Norman Traditions in Southern Italy. In: BURKHARDT, S.; FOERSTER, T. *Norman Tradition and Transcultural Heritage: Exchange of Cultures in the 'Norman' Peripheries of Medieval Europe*. London: Routledge, 2013, p. 35-56; HAILSTONE, P. Z. *Recalcitrant Crusaders?: The Relationship Between Southern Italy and Sicily, Crusading and the Crusader States, c. 1060–1198*. London: Routledge, 2019. Para os normandos de modo mais abrangente, ver especialmente DAVIS, C. *The Normans and their Myth*. London: Thames and Hudson, 1976; WEBBER, N. M. *The Evolution of Norman Identity, 911-1154*. 2001. 309 f. Thesis (Doctor of Philosophy) - History, Department of Medieval History, University of Birmingham, Birmingham, 2001 (WEBBER, N. *The Evolution of Norman Identity, 911–1154*. Rochester: Boydell Press, 2005).

⁵⁷⁶ *Gesta Francorum*, I (p. 26-27, 87).

Os conflitos entre os lados da cristandade também serão responsáveis por essa generalização, pois permitirão uma unificação em torno de uma identidade guarda-chuva que se serve primordialmente para contrapor os filhos da Sé Romana aos “gregos”, baseando-se primariamente na diferença linguística e litúrgica.⁵⁷⁷ Tudo isso se cristaliza e também se expande em grandes proporções durante o conturbado período das Cruzadas.⁵⁷⁸

Nesse contexto, o uso de *latinoí* em paralelo com *fránkoi* por Miguel Ataliata pode tanto estar relacionado à geografia como também à religião. Com o primeiro sentido, visto anteriormente, temos evidências italianas/lombardas e ítalo-gregos; com o segundo, temos a crescente carga semântica religiosa do termo, embora nada negativo aparece estar associada a ela na *História*. Juntemos a isso a tendência arcaizante do autor, já que ele pode ter aproveitado para infundir a ideia dos *latinoí* como aliados dos romanos, tornando possível associar esses francos da Itália aos latinos. Embora uma resposta mais precisa seja difícil, ressaltar essas nuances na dupla nomenclatura utilizada se mostra como algo mais esclarecedor.

3.2.3 *GOTTHOI*

Há uma breve e estranha referência aos godos na *História* que geralmente passa despercebida nas discussões sobre os ocidentais na obra e que engloba as duras críticas que Ataliata faz aos romanos de sua época como covardes e imprudentes:

Pois somos pressionados por todos os lados *pelas dores da morte*, e as nações godas e outras mais imundas prevaleceram sobre todo o leste e oeste, aproveitando-se de nossa ingenuidade ou negligência, ou, para falar com mais verdade, de nossa impiedade e loucura, já que lutamos furiosamente uns contra os outros, nossos próprios compatriotas [*homophýlos*], sem moderação, mostrando desprezo pela morte. Quando se trata de guerras com estrangeiros, no entanto, somos covardes e não viris e parecemos virar as costas ao inimigo antes mesmo da batalha começar.⁵⁷⁹

⁵⁷⁷ Ver, por exemplo, o que afirma DEMACOPOULOS, G. E.; PAPANIKOLAOU, A. Orthodox Naming of the Other: A Postcolonial Approach. In: DEMACOPOULOS, G. E.; PAPANIKOLAOU, A. (Ed.). *Orthodox Constructions of the West*. New York: Fordham University Press, 2013. p. 1-22.

⁵⁷⁸ Para as generalizações do período da Primeira Cruzada, ver BULL, M. Overlapping and Competing Identities in the Frankish First Crusade. In: VAUCHEZ, A. (Dir.). *Le concile de Clermont de 1095 et l'appel à la croisade: Actes du Colloque Universitaire International de Clermont-Ferrand (23-25 juin 1995)*. Rome: École Française de Rome, 1997, p. 195-211 (especialmente p. 202-203).

⁵⁷⁹ ATALIATA, *História*, 24.5: “For we are pressed on all sides by the pangs of death, the Gothic and other most foul nations having prevailed over the entire east and the west, preying on our simplemindedness or neglect, or, to speak more truthfully; on our impiety and madness, given that we rabidly fight against one another, our own countrymen, without restraint, showing contempt for death, but when it comes to wars with foreigners we are cowardly and unmanly; and appear to turn our backs to the enemy even before the battle begins.”

Até onde vai nosso conhecimento, somente Alexios Savvides, falando da ascensão dos normandos e abrindo uma nota para os termos pelos quais são chamados, repara, como uma curiosidade, que Ataliata se refere aos normandos como uma das nações góticas.⁵⁸⁰ No entanto, essa correlação não nos parece tão evidente assim, como faz parecer Savvides. Ainda que seja possível que Ataliata tivesse em mente os normandos, notemos que, por nações godas, o autor da *História* poderia estar evocando a memória histórica de seus leitores sobre os godos como inimigos dos romanos do passado, criando, em paralelo com o presente, um alarde para lembrar seus contemporâneos do perigo que o Império enfrenta – perigo este que tem sido totalmente negligenciado pelo comportamento dos romanos. Além disso, ele as coloca ao lado de outras nações “mais imundas”, demonstrando um significado ofensivo.

Se, sem excluir o que foi dito acima, Ataliata estava relacionando os godos com algum povo ocidental inimigo de sua época, os normandos possivelmente são os melhores candidatos, já que não foi possível rastrear quaisquer povos chamados por este etnônimo naquele momento. Notemos também que a passagem se encontra ao fim da porção do texto onde compara os romanos contemporâneos com os romanos do passado, que é tanto precedido quanto procedido pela narrativa da revolta do normando Roussel de Bailleul. Evocar os godos nesse momento certamente tem um efeito retórico, mas o conjunto da narrativa nos faz pensar que ele poderia estar associando alegoricamente as investidas normandas com esses inimigos do passado.

3.2.4 *KELTOÍ*

É igualmente parte dos trabalhos recentes o argumento de que quando Ataliata descreve as origens de Nicéforo III Botaniates ele o liga aos celtiberos com a intenção de mostrar que esses se misturaram com os romanos, migraram para o Oriente romano a mando de Constantino, o Grande, constituindo então parte da ancestralidade de muitas famílias romanas orientais, abrindo assim a brecha para fazer com que seu leitor ligue os normandos aos celtas antigos – os celtas eram geralmente considerados povos do norte, que viviam para além dos Alpes, como os normandos – e entenda que eles e os romanos não só possuem uma ligação sanguínea, como também poderiam se mesclar nesse momento para o bem e fortalecimento do Império.

Essa leitura possui seus méritos. Ataliata, como um possível leitor da historiografia romana em grego, poderia facilmente ter feito essa ligação geográfica entre os normandos e os

⁵⁸⁰ Ver SAVVIDES, A. G. C. *Byzantino-Normannica: The Norman Capture of Italy and the First Two Norman Invasions in Byzantium*. Leuven: Peeters, 2007, p. 31, n. 1.

celtas. No entanto, é interessante que ele em nenhum momento chama os generais ou os soldados desta forma. Igualmente, não há registro de normandos sendo chamados de celtas no século XI. Então, a possibilidade de cogitarmos que Ataliata ou mesmo Pselo, com seu Trajano bárbaro e celta, estavam conspirando a favor dos normandos só se torna viável se olharmos prospectivamente para o século XII. Normandos são de fato chamados de celtas no século seguinte por historiadores como Ana Comnene e Nicéforo Briênio. Comnene possivelmente lê os normandos como celtas por conta de seus traços físicos. Por associação, ela até mesmo projeta a representação de uma guerreira celta em Sigelgaita, esposa de Roberto Guiscardo que o acompanhava nas batalhas. Sua esposa era, no entanto, uma princesa lombarda.⁵⁸¹

Nossas fontes do século XI não parecem fazer uma associação tão evidente, mesmo que fosse semanticamente possível, já que a *Suda* do século X embarça e iguala francos, germânicos e celtas, seguindo o raciocínio no mínimo engraçado de os francos eram chamados no passado de germânicos, que, por sua vez, são chamados celtas.⁵⁸² Ataliata fala das terras celtas para falar dos celtiberos ibéricos, e quando tenta falar sobre as regiões da Gália, somente menciona a *Nemetzia* (Frância Oriental), cujo governante se intitula *rex*, mais uma vez deixando de mencionar os normandos.⁵⁸³ Pselo menciona um certo espólio celta de Basílio II, mas isso é, como vimos, de difícil interpretação. Numa carta, também afirma que foi professor de celtas, mas isso também não diz nada sobre quem esses seriam.⁵⁸⁴ Fora isso, seus normandos são francos, ou, num único momento, italianos, possivelmente porque vieram da Itália. João Escilitzes, por sua vez, fala de varegues de origem celta sob Miguel IV, o Estratiótico (1056-1057), um possível anacronismo, refletindo a presença anglo-saxã na guarda varegue após 1081.⁵⁸⁵ Essa é igualmente a única menção ao termo, e os normandos nesse autor são sempre chamados de francos, e os “lombardos”, de italianos. Ele chega a mencionar a existência de certos francos convocados da Gália Transalpina sob Arduíno. Estes, provavelmente normandos ou outros francos, poderiam ter sido chamados de celtas, mas isso não ocorre.

⁵⁸¹ Ver KALDELLIS, A. *Ethnography after Antiquity: Foreign Lands and Peoples in Byzantine Literature*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 2013, p. 115; EADS, V. Sichelgaita of Salerno: Amazon or Trophy Wife? *Journal of Medieval Military History*, Woodbridge, v. 3, 2005, p. 81-82.

⁵⁸² Ver STEINACHER, R. Rome and its created Northerners. In: FRIEDRICH, M.; HARLAND, J. M. (Ed.). *Interrogating the 'Germanic': a category and its use in Late Antiquity and the Early Middle ages*. Berlin: De Gruyter, 2021, p. 53.

⁵⁸³ ATALIATA, *História*, 23.12-13.

⁵⁸⁴ PSELO, *Carta* 111 [S 207]; ver JEFFREYS, M. Summaries of the Letters of Michael Psellos. In: JEFFREYS, M.; LAUXTERMANN, M. D. (Ed.). *The Letters of Psellos: Cultural Networks and Historical Realities*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 153-154.

⁵⁸⁵ ESCILITZES, *Sinopse de Histórias*, 23.1; THEOTOKIS, G. *The Noman Campaigns in the Balkans, 1081-1108 AD*. Woodbridge: Boydell Press, 2014, p. 85-86.

Etnônimos arcaizantes carregam também um significado simbólico ou uma representação. Seu uso não se trata simplesmente de um arcaísmo sem sentido, como também não pode ser resumido a uma equivalência geográfica, embora muitas vezes esteja sim relacionado a geografia. Considerando que a Normandia “ficava” no Reino da França, eles poderiam ser tachados de francos sem muitos problemas. E será a partir das antigas representações sobre os francos como guerreiros impetuosos, mas também sujeitos traiçoeiros e infiéis, que esses soldados normandos serão desenhados por Ataliata. É nesse campo semântico que os historiadores do século XI parecem se situar e transitar. Sob os Comnenos no século XII, no entanto, o vocabulário parece se expandir, fazendo sentido chamar agora os normandos de celtas. E quando isso ocorre, nenhuma tendência de aproximá-los com os romanos numa fictícia ancestralidade parece ocorrer. Como Tomasz Pelech pontua sobre a *Alexíada*, a imagem multifacetada dos normandos nesta obra “[...] é criada pela imaginação coletiva da sociedade contemporânea e é ainda influenciada pelos eventos políticos da era e pela tradição literária”.⁵⁸⁶ O mesmo argumento pode ser transposto para o século XI: Ataliata, assim como Pselo e Escilitzes, utilizam-se de possibilidades semânticas muito similares ao nomear os normandos em sua época, ainda que com pequenas particularidades entre eles.

3.3 CONCLUSÕES

Miguel Ataliata pensa sua romanidade de modo muito similar ao seu contemporâneo Miguel Pselo. Tratando-se de uma história predominantemente militar, ele busca demonstrar as causas do declínio dos romanos do século XI, os quais são comparados e criticados a partir dos antigos romanos. Num mundo onde os romanos são covardes e imprudentes, os bárbaros aparecem como uma figura de alteridade a ser também comparada com os romanos.

Os ocidentais são mais evidentes na *História* do que na *Cronografia*, embora, ainda assim não sejam personagens predominantes na narrativa. No século XI, Ataliata se destaca, ao menos entre as fontes que chegaram até nós, pelo uso do termo *latinoí*. Em nossa análise, buscamos entender alguma lógica das arcaizações dos etnônimos empregados por ele. *Albanoí* e *latinoí*, quando em conjunto, são, em nossa perspectiva, termos generalizantes, possivelmente

⁵⁸⁶ PELECH, T. *Obraz „obcego” w Aleksjadzie Anny Komneny: Przypadek Normanów*. Wrocław: Chronicon, 2016, p. 253-254: “[...] is created by collective imagination of contemporaneous society and further influenced by political events of the era and the literary tradition.”

sinônimos, para se referir aos habitantes da Itália bizantina. Devido especialmente a sua associação geográfica, os normandos acabam sendo também chamados de *latinoí*. Neste momento, portanto, o termo não é usado de modo generalizante para se referir a todos os ocidentais, mantendo sua ligação original, com paralelos no ocidente, ao contexto geográfico. Na própria Península Itálica o termo aparece em contraposição a gregos e alemães.

Outros termos também aparecem relacionados aos ocidentais. É possível que o uso extremamente pejorativo de nações góticas seja uma referência as incursões normandas que privaram os bizantinos de territórios da Península Itálica. Se sim, a imagem dos francos/normandos se torna extremamente ambígua. Já a relação entre normandos e celtas, por exemplo, não é feita por Ataliata, o que pode indicar que, diferentemente do século XII, o termo não fazia parte daqueles a serem aplicados a eles. Os normandos são predominantemente chamados de francos na narrativa, o que está sempre relacionado a uma certa característica militar. Nas vezes que são chamados de *latinoí*, o termo lhes dá uma outra roupagem: eles se tornam mais cristãos e aliados dos romanos. Como dito, o termo latino é expandido a estes francos devido ao fato deles estarem indo para o Império a partir da Península Itálica.

Não foi possível observar um ímpeto de Ataliata de querer integrar esses normandos a todo custo, inclusive a partir de uma fictícia ancestralidade comum. Embora fosse possível que essa relação fosse feita, o termo *latinoí* evoca muito mais uma aliança política, com ênfase no caso das populações da Itália bizantina. Esses outros latinos de origem franca, como Roussel de Bailleul, brilham na História não com o objetivo de defender uma integração, que já estava ocorrendo, mas sim para oferecer um contraposto aos romanos decadentes. É preferível que eles sejam lidos nesse sentido de comparação, que evidentemente envolve uma boa vontade do autor, do que uma espécie de defesa integracionista desses estrangeiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As evidências trazidas ao longo desta pesquisa, mostram-nos, de forma contundente, que historiadores romanos orientais do século XI possuíam um forte senso identitário relacionado a uma ideia de Roma. Tanto Miguel Pselo quanto Miguel Ataliata nos oferecem narrativas históricas que dialogam significativamente com o passado histórico deste “Império dos Romanos”. O que nós chamamos de *Bizâncio* era, para esses dois e para outros romanos orientais, simplesmente aquele Império que surgiu na Velha Roma e foi posteriormente trasladado ao Oriente, recebendo um novo centro, Constantinopla, dita Nova Roma. Embora a própria história de *translatio* imaginada pelos romanos orientais tenha problemas, é verdadeiramente a crença na continuidade que alimenta essa ligação histórica e política. Não há dúvidas que Pselo e Ataliata são “cidadãos” romanos medievais deste Império: suas histórias demonstram como seu senso de comunidade histórica e política está relacionado a esta *ideia* de Roma. Neste paradigma, o mundo é dividido entre romanos e não romanos, e os povos estrangeiros são barbarizados, ainda que, como vimos, a barbarização – esse processo depreciativo da alterização – possa ser situacional em alguns casos.

Embora ocidentais marcassem presença no Império neste momento, eles não aparecem de modo muito significativo nas narrativas de Pselo e Ataliata, especialmente no primeiro. No segundo, é possível notar uma presença maior, possivelmente devido ao fato da *História* possuir uma narrativa militar significativa, de modo que seria estranho se os normandos não figurassem ao menos em algumas páginas. Ainda assim, não é possível evidenciar uma clara vontade desses de defender a integração dos normandos em sua sociedade. Os normandos e outros ocidentais já estavam, de fato, sendo integrados. No entanto, não há nenhuma evidência contundente que demonstre que Pselo teria participado ativamente disto; no caso de Ataliata, seu interesse parece ter sido mais de realizar comparações entre os romanos e bárbaros virtuosos, incluindo aí os normandos, do que defender uma maior aceitação dos mesmos pelos seus compatriotas. Ataliata se mostra sim mais aberto, mas isso possivelmente se deve a sua opinião negativa sobre os romanos de seu tempo. Em outras palavras, a “fraqueza” que ele observava, somada a impressão que os estrangeiros causavam, fez com que tivesse que repensar de algum modo sua superioridade identitária e, por que não, o lugar dos romanos no mundo e no plano de Deus.

Embora a relação entre os romanos medievais e os ocidentais, mais especialmente os normandos, tenha recebido considerável atenção pelos pesquisadores, acreditamos que um novo olhar poderia ser direcionado com foco nessas representações no século XI – especialmente no caso de Ataliata, nossa principal evidência quanto ao uso do termo *latinoí*.

Nossa pesquisa ofereceu algumas alternativas para o modo como esse elemento da narrativa pode ser interpretado, afastando-se consideravelmente de algumas opiniões recentes. O que mais pode chamar a atenção do leitor é como, nos variados detalhes, essa romanidade medieval se faz presente e influencia os contornos das opiniões dos autores sobre os estrangeiros, e isso mostra como não é possível desvencilhar esses romanos orientais das consequências de sua autoidentificação sem prejudicar consideravelmente nossas conclusões sobre eles.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS

ANA COMNENA. *Alexiada*. Trad. E. R. A. Sewter, *The Alexiad*. Rev. ed. London: Penguin Books, 2009. (Penguin Classics).

ANSELMO DA CANTUÁRIA. *De Processione Spiritus Sancti*. Trad.: Jasper Hopkins e Herbert Richardson, *Complete philosophical and theological treatises of Anselm of Canterbury*. Minneapolis: The Arthur J. Banning Press, 2000. p. 466-514.

ANSELMO DA CANTUÁRIA. *Epistola de Sacrificio Azimi et Fermentati*. Trad.: Jasper Hopkins e Herbert Richardson, *Complete philosophical and theological treatises of Anselm of Canterbury*. Minneapolis: The Arthur J. Banning Press, 2000. p. 515-522.

APIANO. *História Romana*. Livros 1-8.1: Trad. Horace White, *Appian's Roman History*. London: William Heinemann, 1922. v. 1. (Loeb Classical Library, 2).

BENZO, *Ad Heinricum IV*. Ed. Karl Pertz. *Ad Heinricum IV. imperatorem libri VII*. Hannoverae: Impensis Bibliopolii Aulici Hahniani, 1854 (Monumenta Germaniae Historiae, SS 11)

BERTHOLD, *Crônica II*, Trad. I. S. Robinson. Eleventh-century Germany: THE Swabian Chronicles. Manchester: Manchester University Press, 2008. p. 108-244. (Manchester Medieval Sources)

CÁSSIO DIO. *História Romana*. Livros 61-70: Trad. Earnest Cary, *Dio's Roman History*. London: William Heinemann, 1925. v. 8. (Loeb Classical Library, 176).

CRÔNICA de 811. Trad. Paul Stephenson, 'About the Emperor Nikephoros and How He Leaves His Bones in Bulgaria': A Context for the Controversial 'Chronicle of 811.' *Dumbarton Oaks Papers*, Washington, D.C., v. 60, p. 87-109, 2006.

CRÔNICA Pascal. Trad. Michael Whitby e Maria Whitby, *Chronicon Paschale: 284-628 AD*. Liverpool: Liverpool University Press, 1989. (Translated Texts for Historians, 7).

DIONÍSIO DE HALICARNASSO, *Antiguidades Romanas*. Livro II: Trad. Earnest Cary, *The Roman Antiquities*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1937. v. 1. (Loeb Classical Library, L319); Livro VI: Trad. Earnest Cary, *The Roman Antiquities*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1943. v. 4. (Loeb Classical Library, L364); Livro VIII: Trad. Earnest Cary, *The Roman Antiquities*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1945. v. 5. (Loeb Classical Library, L372).

GESTA Francorum. Trad. Nirmal Dass. *The Deeds of the Franks and other Jerusalem-bound pilgrims: The Earliest Chronicle of the First Crusades*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2011.

GRANDE CRONÓGRAFO. Trad. Michael Whitby e Maria Whitby, *Chronicon Paschale: 284-628 AD*. Liverpool: Liverpool University Press, 1989. (Translated Texts for Historians, 7). p. 192-199 (Appendix 2: The Great Chronographer).

GREGÓRIO VII, *Registro*. Ed. Erich Caspar. *Das Register Gregors VII*. Berlin: Weidmannsche Verlagsbuchhandlung, 1955. 2 v. (Monumenta Germaniae Historiae, ES 1-2)

GUILHERME DE APÚLIA, *Feitos de Roberto Guiscardo*. Trad. G. A. Loud, *The Deeds of Robert Guiscard*. Disponível no website do projeto *Medieval History Texts in Translation*, University of Leeds, <https://ims.leeds.ac.uk/archives/translations/>.

JOÃO CAMINATA. *Captura da Tessalônica*. Trad. David Frendo e Athanasios Fotiou, *The Capture of Thessaloniki*. Canberra: Australian Association for Byzantine Studies, 2000. (Byzantina Australiensia, 12).

JOÃO ESCILITZES. *Sinopse de Histórias*. Trad. John Wortley, *John Skylitzes: A Synopsis of Byzantine History, 811-1057*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

JORGE SÍNCELO. *Cronografia*. Trad. William Adler e Paul Tuffin, *The Chronography of George Synkellos: A Byzantine Chronicle of Universal History from the Creation*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

JOSÉ GENÉSIO. *Sobre os Reinados*. Trad. Anthony Kaldellis, *On the Reigns of the Emperors*. Canberra: Australian Association for Byzantine Studies, 1998. (Byzantina Australiensia, 11).

LEÃO, O DIÁCONO. *História*. Trad. Alice-Mary Talbot e Denis F. Sullivan, *The History of Leo the Deacon: Byzantine Military Expansion in the Tenth Century*. Washington, D.C.: Dumbarton Oaks, 2005. (Dumbarton Oaks Studies, 41).

LIUPRANDO DE CREMONA, *Embaixada*. Trad. Paolo Squatriti. *The Complete Works of Liudprand of Cremona*. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 2007. p. 238-282. (Medieval Texts in Translation).

MIGUEL ATALIATA. *História*. Trad. Anthony Kaldellis e Dimitris Krallis, *The History*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2012. (Dumbarton Oaks Medieval Library, 16).

MIGUEL PSELO. *Cartas*. Ed. Stratis Papaioannou, *Epistulae*. Berlin: De Gruyter, 2019.

MIGUEL PSELO. *Cronografia*. Ed. Diether Roderich Reinsch, Michaelis Pselli Chronographia. Berlin: De Gruyter, 2014. (Millennium-Studien, 51). As seguintes traduções foram consultadas: *Psellos Chronographie ou histoire d'un siècle de Byzance (976-1077)*. Ed. e trad. Émile Renauld. Paris: Les Belles Lettres, 1926/1928. 2 v.; *Forteen Byzantine Rulers*. Trad. E. R. A. Sewter. Rev. ed. London: Penguin Books, 1966. (Penguin Classics); *Vidas de los emperadores de Bizancio*. Trad. Signes Codoñer. Madrid: Gredos, 2005.

MIGUEL PSELO. *Encômio para sua Mãe*. Trad. Anthony Kaldellis, *Mothers and Sons, Fathers and Daughters: The Byzantine Family of Michael Psellos*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2006. p. 51-109. (Michael Psellos in Translation).

MIGUEL PSELO. *Historia Syntomos*. Ed. e trad. W. J. Aerts, *Michaelis Pselli Historia Syntomos*. Berlin: De Gruyter, 1990. (Corpus Fontium Historiae Byzantinae, 30).

MIGUEL PSELO. *Oração Fúnebre para Cerulário*. Trad. Ioannis Polemis, Funeral Oration for the Most Blessed Patriarch Kyr Michael Keroullarios. In: MICHAEL PSELLOS. *Psellos and the Patriarchs: Letters and Funeral Oration for Keroullarios, Leichoudes, and Xiphilinos*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2015. p. 52-128. (Michael Psellos in Translation)

NICÉFORO BRIÊNIO. *Material para História*. Ed. e trad. Paul Gautier, *Nicéphore Bryennio Histoire*. Bruxelles: Byzantion, 1975. (Corpus Fontium Historiae Byzantinae, 9).

PATRIARCA NICÉFORO. *Breve História*. Ed. e trad. Cyril Mango, *Nikephoros, Patriarch of Constantinople: Short History*. Washington, D.C.: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, 1990. (Dumbarton Oaks Texts, 10; Corpus Fontium Historiae Byzantinae, 13).

PEDRO DE ALEXANDRIA. *Exposição Sumária da História*. Ed. Zinaida Samodurova, *Khronika Petra Aleksandriiskogo*. *Vizantiiskii Vremennik*, Moskva, v. 18, p. 180-197, 1961.

PROCÓPIO DE CESAREIA, *História das Guerras*. Livro 5: Trad. H. B. Dewing, *History of the Wars: Books 5-6.15*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1919. (Loeb Classical Library, 107).

SCRIPTOR INCERTUS DE LEONE ARMENIO. Ed. e trad. Francesca Iadevaia, *Scriptor incertus: testo critico, traduzione e note*. Messina: Sfameni, 1997.

SIMEÃO, O LOGOTHÉTĒ. *Crônica*. Trad. Steffan Wahlgren, *The Chronicle of the Logothete*. Liverpool: Liverpool University Press, 2019. (Translated Texts for Byzantinists, 7).

SKYTLIZES CONTINUATOR. Trad. Eric Mcgeer, *Byzantium in the Time of Troubles: The Continuation of the Chronicle of John Skylitzes (1057-1079)*. Leiden: Brill, 2020. (The Medieval Mediterranean, 20).

TEÓFANES, O CONFESSOR. *Cronografia*. Trad. Cyril Mango e Roger Scott, *The Chronicle of Theophanes Confessor: Byzantine and Near Eastern History, AD 284-813*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

TEOFILATO SIMOCATA. *História*. Trad. Michael Whitby e Mary Whitby, *The History of Theophylact Simocatta: An English Translation with Introduction and Notes*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

THEOPHANES CONTINUATUS. Livros I-IV, ed. e trad. Jeffrey Michael Featherstone e Juan Signes-Codoñer, *Chronographiae quae Theophanis Continuati nomine fertur Libri I-IV*. Berlin: De Gruyter, 2015. (Corpus Fontium Historiae Byzantinae, 53); livro V ou Vida de Basílio, ed. e trad. Ihor Ševcenko, *Chronographiae quae Theophanis Continuati nomine fertur Liber quo Vita Basilii Imperatoris amplectitur*. Berlin: De Gruyter, 2012. (Corpus Fontium Historiae Byzantinae, 42); livro VI, ed. Immanuel Bekker, *Theophanes continuatus; Ioannes Cameniata; Symeon Magister; Georgius monachus*. Bonn: Weber, 1838. (Corpus Scriptorum Historiae Byzantinae, 33).

VIDA de São Nilo. Ed. e trad. Raymond L. Capra, Ines A. Murzaku, Douglas J. Milewski. *The Life of Saint Neilos of Rossano*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2018. (Dumbarton Oaks Medieval Library, 47).

OBRAS DE REFERÊNCIA

AHRWEILER, H. *L'idéologie politique de l'Empire byzantin*. Paris: Presses Universitaires de France, 1975.

AMALVI, C. “Idade Média”. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J.-C. (Org.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2006. p. 537-550.

ANDERSON, B. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Rev. ed. London: Verso, 2006.

ANDO, C. *Imperial Ideology and Provincial Loyalty in the Roman Empire*. Berkeley: University of California Press, 2000.

ANDO, C. Was Rome a Polis? *Classical Antiquity*, [s.l.], v. 18, n. 1, p. 5-34, 1999.

ANGELOV, D. G. Byzantinism: The Imaginary and Real Heritage of Byzantium in Southeastern Europe. In: KERIDIS, D.; ELIAS-BURSAĆ, E.; YATROMANOLAKIS, N. (Ed.). *New approaches to Balkan studies*. Dulles: Brassey's, 2003. p. 3-23.

ANGOLD, M. The Byzantine Empire, 1025-1118. In: LUSCOMBE, D.; RILEY-SMITH, J. (Ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. v. 4, p. 217-253.

ANGOLD, M; WHITBY, M. (Ed.). Historiography. In: JEFFREYS, E.; HALDON, J.; CORMACK, R. (Ed.). *The Oxford Handbook of Byzantine Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 838-852.

ANONYMUS 2127. In: JEFFREYS, M. et al (Ed.). *Prosopography of the Byzantine World, 2016*. London: King's College London, 2017. Disponível em: <http://pbw2016.kdl.kcl.ac.uk/person/Anonymus/2127/>. Acesso em: 11 dez. 2020.

AUGUSTINOS, O. Philhellenic Promises and Hellenic Visions: Korais and the Discourses of the Enlightenment. In: ZACHARIA, K. (Ed.). *Hellenisms: Culture, Identity, and Ethnicity from Antiquity to Modernity*. Aldershot: Ashgate, 2008. p. 169-200.

BALARD, M. Bizâncio visto do Ocidente. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J.-C. (Coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. v. I. Bauru: EDUSC, 2006, p 129-138.

BALDWIN, B. Vergil in Byzantium. *Antike und Abendland*, [s.l.], v. 28, n. 1, p. 81-93, 1982.

BARBER, C.; JENKINS, D. (Ed.). *Reading Michael Psellos*. Leiden: Brill, 2006.

BARBER, C.; PAPAIOANNOU, S. (Ed.). *Michael Psellos on Literature and Art: A Byzantine Perspective on Aesthetics*. Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 2017.

BARLETT, R. Medieval and Modern Concepts of Race and Ethnicity. *Journal of Medieval and Early Modern Studies*, [s.l.], v. 31, n. 1, p. 39-56, 2001.

BEIHAMMER, A. Epistolography and Diplomats. In: RIEHLER, A. (Ed.). *A Companion to Byzantine Epistolography*, Leiden: Brill, 2020. p. 200-226.

BERLIN, J. A. Poststructuralism, Cultural Studies, and the Composition Classroom: Postmodern Theory in Practice. *Rethoric Review*, [s.l.], v. 11, n. 1, p. 16-33, 1992.

BERNARD, F. Review of: S. Papaioannou, *Michael Psellos: Rhetoric and Authorship in Byzantium* (Cambridge: Cambridge University Press, 2013). *Byzantinische Zeitschrift*, Berlin, v. 109, n. 1, p. 259-264, 2016.

BERNARDO, G. W. “Rômulo foi o primeiro a inicial tal confusão”: o passado romano e a percepção da cidade de Roma na Cronografia de Miguel Pselo. *Mythos*, Imperatriz, MA, n. 4, p. 325-360, 2021.

BERNARDO, G. W. Identidade romana no Império Bizantino: novas perspectivas de um problema de alteridade. *Epígrafe*, São Paulo, v. 6, n. 6, p. 67-104, 2018.

BERNARDO, G. W. KALDELLIS, Anthony. *Romanland: Ethnicity and Empire in Byzantium*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2019. 392p. *Diálogos Mediterrâneos*, [s.l.], n. 17, p. 155-160, 2019.

BEVENS, E. M. A. *A Sacred People: Roman Identity in the Age of Augustus*. 2010. 119 f. Thesis (Master of Arts) - History, Department of History, Georgia State University, [s.l.], 2010.

BIBIKOV, M. Byzantine sources for the history of Balticum and Scandinavia. In: VOLT, I.; PÄLL, J. (Ed.). *Byzantino-Nordica 2004: papers presented at the International Symposium of Byzantine Studies held on 7–11 May 2004 in Tartu, Estonia*. Tartu: Tartu University Press, 2005.

BOLETSI, M. *Barbarism and its discontents*. Stanford: Stanford University Press, 2013.

BOLETSI, M. *Barbarism, Otherwise: Studies in Literature, Art, and Theory*. 357 f. Doctoral Thesis - Faculteit der Letteren, Leiden University, Leiden, 2010.

BRONS, L. Othering, an Analysis. *Transcience*, [s.l.], v. 6, n. 1, p. 69-90, 2015.

BROWN, H. F. The Venetians and the Venetian Quarter in Constantinople to the Close of the Twelfth Century. *The Journal of Hellenic Studies*, [s.l.], v. 40, p. 68–88, 1920.

BROWN, T. S. Byzantine Italy, c. 680-c. 876. In: MCKITTERICK, R. (Ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. v. 2, p. 320-348.

BUCKLEY, P. Modes of Identity: Attaleiates, Komnene, and Psellos. In: STEWART, M. E.; PARNELL, D. A.; WHATELY, C. (Ed.). *The Routledge Handbook on Identity in Byzantium*. London: Routledge, 2022. p. 395-423.

BULL, M. Overlapping and Competing Identities in the Frankish First Crusade. In: VAUCHEZ, A. (Dir.). *Le concile de Clermont de 1095 et l'appel à la croisade: Actes du Colloque Universitaire International de Clermont-Ferrand (23-25 juin 1995)*. Rome: École Française de Rome, 1997. p. 195-211.

BURY, J. B. *A History of the Later Roman Empire: From Arcadius to Irene (395 A.D. to 800 A.D.)*. London: Macmillan and Co, 1889. v. 1.

CAMERON, A. *Byzantine Matters*. Princeton: Princeton University Press, 2014.

CASTRO, E. V. de. O nativo relativo. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002.

CASTRO, E. V. de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, [s.l.], v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.

CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHEYNET, J.-C. *Pouvoir et contestations à Byzance (963-1210)*. Nouvelle édition. Paris: Éditions de la Sorbonne, 1996.

CHEYNET, J.-C. Le schisme de 1054: un non-événement? In: CAROZZI, C.; TAVIANI-CAROZZI, H. (Ed.). *Faire l'événement au Moyen Âge*. Aix-en-Provence: Presses universitaires de Provence, 2007. p. 299-312.

CHRYSOS, E. The Roman Political Identity in Late Antiquity and Early Byzantium. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF BYZANTINE STUDIES, 19., 1996, Copenhagen. *Papers...* Copenhagen: Eventus Publishers, 1996. p. 7-16.

CIGGAAR, K. N. *Western Travellers to Constantinople: The West and Byzantium, 962-1204: Cultural and Political Relations*. Leiden: Brill, 1996.

CLOGG, R. The Greeks and their Past. In: DELETANT, D.; HANAK, H. (Ed.). *Historians as Nation-Builders: Central and South-East Europe*. Hampshire: Macmillan Press, 1988. p. 15-31.

CRESCI, L. R. Exempla storici Greci negli encomie nella storiografia Bizantini del XII secolo. *Rhetorica*, [s.l.], v. 22, n. 2, p. 115-145, 2004.

CRISTOFFANINI, P. R. The Representation of 'the Others' as Strategies of Symbolic Construction. In: BLASCO, M.; GUSTAFSSON, J. (Ed.). *Intercultural Alternatives: Critical Perspectives on Intercultural Encounters in Theory and Practice*. Copenhagen: Copenhagen Business School Press, 2004. P; 79-102.

CURTA, F. *Eastern Europe in the Middle Ages (500-1300)*. Leiden: Brill, 2019.

DAM, R. V. *Kingdom of Snow: Roman Rule and Greek Culture in Cappadocia*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2002.

DAVID, J. Gill Page. *Being Byzantine: Greek Identity before the Ottomans*. New York: Cambridge University Press, 2008. Pp. xiii, 330. \$110.00. *The American Historical Review*, v. 115, n. 2, p. 596-597, 2010.

DAVIS, C. *The Normans and their Myth*. London: Thames and Hudson, 1976.

DEMACOPOULOS, G. E.; PAPANIKOLAOU, A. Orthodox Naming of the Other: A Postcolonial Approach. In: DEMACOPOULOS, G. E.; PAPANIKOLAOU, A. (Ed.). *Orthodox Constructions of the West*. New York: Fordham University Press, 2013. p. 1-22.

DIAS, J. V. de M. P. O riso melancólico de Psello na Chronographia. In: VANINA NEYRA, A.; RODRÍGUEZ, G. F. (Dir.). *¿Qué implica ser medievalista? Prácticas y reflexiones en torno al oficio del historiador*. Mar del Plata: Universidad de Mar del Plata/Sociedad Argentina de Estudios Medievales, 2012. p. 219-237.

DRÄSEKE, J. Michael Psellos im „Timarion“. *Byzantinische Zeitschrift*, Berlin, v. 6, n. 3, p. 483-490, 1897.

DUFFY, J. Hellenic Philosophy in Byzantium and the Lonely Mission of Michael Psellos. IERODIAKONOU, K. (Ed.). *Byzantine Philosophy and its Ancient Sources*. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 139-156.

DŽELEBDŽIĆ, D. I dimokratiki Rómi stin politiki sképsi tou Mikhaíl Pselloú. *Zbornik radova Vizantološkog instituta*, Beograd, v. 42, p. 23-34, 2005.

EADS, V. Sichelgaita of Salerno: Amazon or Trophy Wife? *Journal of Medieval Military History*, Woodbridge, v. 3, p. 72-87, 2005.

FAVIER, J. *Carlos Magno*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

FERMOR, P. L. *Roumeli: Travels in Northern Greece*. London: John Murray, 1966.

FINE, J. V. A. *The Early Medieval Balkans: A Critical Survey from the Sixth to the Late Twelfth Century*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1983.

FÖGEN, M. T. Reanimation of the Roman Law in the Ninth Century: Remarks on Reasons and Results. In: BRUBAKER, L. (Ed.). *Byzantium in the Ninth Century: Dead or Alive?* Abingdon: Routledge, 2016. p. 11-22

FÖLLER, D. Byzantium and Scandinavia. In: DROCOURT, N.; KOLDITZ, S. (Ed.). *A Companion to Byzantium and the West, 900-1204*. Leiden: Brill, 2022. p. 273-299.

FOLTZ, R. The Caucasian Alans Between Byzantine Christianity and Traditional Paganism. *Nartamongae*, [s.l.], v. 14, v. 1-2, p. 78-87, 2019.

FUNARI, P. P. A.; GRILLO, J. G. C. Os Conceitos de "Helenização" e de "Romanização" e a Construção de uma Antiguidade Clássica. In: NEMI, A. L. L.; ALMEIDA, B. de B. (Orgs.). *A*

Construção da Narrativa Histórica: Séculos XIX e XX. Campinas: Editora UNICAMP, 2014. p. 205-214.

GARLAND, L. *Byzantine Empresses: Women and Power in Byzantium, AD 527-1024*. London: Routledge, 1999.

GAT, A. *Nations: The Long History and Deep Roots of Political Ethnicity and Nationalism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

GELLNER, E. *Nations and Nationalism*. Oxford: Blackwell, 1983.

GIBBON, E. *The Decline and Fall of the Roman Empire*. New York: The Modern Library, [s.d.]. v. 2.

GIBBON, E. *The Decline and Fall of the Roman Empire*. New York: The Modern Library, [s.d.]. v. 3.

GOLDHILL, S. (Ed.). *Being Greek under Rome: Cultural Identity, the Second Sophistic, and the Development of Empire*. New York: Cambridge University Press, 2001.

GOLDSTONE, J.; HALDON, J. F. Ancient States, Empires, and Exploitation: Problems and Perspectives. In: MORRIS, I.; SCHEIDEL, W. (Ed.). *The Dynamics of Ancient Empires: State Power from Assyria to Byzantium*. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 3-29.

GRAF, F. *Roman Festival in the Greek East from the Early Empire to the Middle Byzantine Era*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

GREENE, M. *Edinburgh History of the Greeks, 1453 to 1768: The Ottoman Empire*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015.

GRIG, L.; KELLY, G. Introduction: From Rome to Constantinople. In: GRIG, L.; KELLY, G. (Eds.). *Two Romes: Rome and Constantinople in late Antiquity*. New York: Oxford University Press, 2012. p. 3-30.

GROSBY, S. *Nationalism: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

GUILLOU, A. Le siècle des lumières. *Jahrbuch der Österreichischen Byzantinischen Gesellschaft*, [s.l.], n. 15, p. 27-39, 1966.

HADOT, P. *The Inner Citadel: The Meditations of Marcus Aurelius*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1998.

HAILSTONE, P. Z. *Recalcitrant Crusaders? The Relationship Between Southern Italy and Sicily, Crusading and the Crusader States, c. 1060–1198*. London: Routledge, 2019.

HALDON, J. Res publica Byzantina? State formation and issues of identity in medieval east Rome. *Byzantine and Modern Greek Studies*, [s.l.], v. 40, n. 1, p. 4-16, 2016.

HALDON, J. Social Élites, Wealth, and Power. In: HALDON, J. (Ed.). *The Social History of Byzantium*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2009. p. 168-211.

HALL, E. *Inventing the Barbarian: Greek Self-definition Through Tragedy*. Oxford: Clarendon Press, 1991.

HALL, J. M. *Hellenicity: Between Ethnicity and Culture*. Chicago: The University of Chicago Press, 2002.

HALSTEAD, H. *Greeks without Greece: Homelands, Belonging, and Memory amongst the Expatriated Greeks of Turkey*. London: Routledge, 2019.

HAMARI, P. Signifying Roman in the East: Identity and Material Culture in Roman Archaeology. In: ÄIKÄS, T.; LIPKIN, S.; SALMI, A.-K. *Archaeology of Social Relations: ten case studies by Finnish archaeologists*. Oulu: University of Oulu, 2012. p. 77-102.

HARRIS, J. *Byzantium and the Crusades*. 2nd ed. London: Bloomsbury, 2014.

HARRIS, J. Institutional Settings: The Court, Schools, Church, and Monasteries. In: KALDELLIS, A.; SINIOSSOGLU, N. (Ed.). *The Cambridge Intellectual History of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 27-36.

HARTOG, F. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo. Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

HERZFELD, M. *Ours Once More: Folklore, Ideology, and the Making of Modern Greece*. Rev. ed. New York: Berghahn Books, 2020.

HOBSBAWM, E. *Nations and Nationalism since 1780: Programme, myth, reality*. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

HOLMES, C. Byzantine Political Culture and Compilation Literature in the Tenth and Eleventh Centuries: Some Preliminary Inquiries. *Dumbarton Oaks Papers*, Washington, D.C., v. 64, p. 55-80, 2010.

HOUTS, E. M. C. van. Normandy and Byzantium in the Eleventh century. *Byzantion*, [s.l.], v. 55, n. 2, p. 544-559, 1985.

HUSSEY, J. Michael Psellus, the Byzantine Historian. *Speculum*, Cambridge, MA, v. 10, n. 1, p. 81-90, 1935.

HUTCHINSON, John et al. Debate on Azar Gat's Nations: The Long History and Deep Roots of Political Ethnicity and Nationalism. *Nations and Nationalism*, Oxford, v. 21, n. 3, p. 383-402, 2015.

JAKOBSSON, S. The Schism that Never Was: Old Norse Views on Byzantium and Russia. *Byzantinoslavica*, Prague, v. 66, n. 1-2, p. 173-188, 2008.

JAKOBSSON, S. *The Varangians: In God's Holy Fire*. Cham: Palgrave Mcmillan, 2020.

JEFFREYS, M. Psellos and 'his emperors': fact, fiction and genre. In: MACRIDES, R. (Ed.). *History as Literature in Byzantium: Papers from the Fortieth Spring Symposium of Byzantine Studies*, University of Birmingham, April 2007. London: Routledge, 2016. p. 73-91.

JEFFREYS, M. Summaries of the Letters of Michael Psellos. In: JEFFREYS, M.; LAUXTERMANN, M. D. (Ed.). *The Letters of Psellos: Cultural Networks and Historical Realities*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 141-458.

JENKINS, D. Michael Psellos. In: KALDELLIS, A.; SINIOSSOGLU, N. (Ed.). *The Cambridge Intellectual History of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 447-461.

KAEGI, W. E. Review of Being Byzantine: Greek Identity before the Ottomans. *Journal of Interdisciplinary History*, [s.l.], v. 40, n. 4, p. 587-589, 2010.

KAFADAR, C. A Rome of One's Own: Reflections on Cultural Geography and Identity in the Lands of Rum. *Muqarnas*, [s.l.], v. 24, p. 7-25, 2007.

KALDELLIS, A. 09.04.10, Page, Being Byzantine. *The Medieval Review*, [s.l.], 2009. Publicação online sem paginação.

KALDELLIS, A. A Byzantine Argument for the Equivalence of All Religions: Michael Attaleiates on Ancient and Modern Romans. *International Journal of the Classical Tradition*, [s.l.], v. 14, n. 1/2, p. 1-22, 2007.

KALDELLIS, A. Constantinople's Belated Hegemony. In: NUFFELEN, P. V. (Ed.). *Historiography and Space in Late Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. p. 14-35.

KALDELLIS, A. Ethnicity and Clothing in Byzantium. In: DURAK, K.; JEVTIĆ, I. (Ed.). *Identity and the Other in Byzantium: Papers from the Fourth International Sevgi Gönül Byzantine Studies Symposium*. Istanbul: Koç University Stavros Niarchos Foundation Center for Antique and Byzantine Studies, 2019. p. 41-52.

KALDELLIS, A. *Ethnography after Antiquity: Foreign Lands and Peoples in Byzantine Literature*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 2013.

KALDELLIS, A. From Rome to New Rome, from Empire to Nation-State: Reopening the Question of Byzantium's Roman Identity. In: GRIG, L.; KELLY, G. (Eds.). *Two Romes: Rome and Constantinople in late Antiquity*. New York: Oxford University Press, 2012. p. 387-404.

KALDELLIS, A. *Hellenism in Byzantium: The Transformations of Greek Identity and the Reception of the Classical Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

KALDELLIS, A. *Romanland: Ethnicity and Empire in Byzantium*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2019.

KALDELLIS, A. *Streams of Gold, Rivers of Blood: The Rise and Fall of Byzantium, 955 A.D. to the First Crusade*. New York: Oxford University Press, 2017.

KALDELLIS, A. *The Byzantine Republic: People and Power in the New Rome*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2015.

KALDELLIS, A. The Byzantine Role in the Making of the Corpus of Classical Greek Historiography: a Preliminary Investigation. *The Journal of Hellenic Studies*, [s. l.], v. 132, p. 71-85, 2012.

KALDELLIS, A. The date of Psellos' death, once again: Psellos was not the Michael of Nikomedeia mentioned by Attaleiates. *Byzantinische Zeitschrift*, Berlin, v. 104, n. 2, p. 651-664, 2012.

KALDELLIS, A. The Discontinuous History of Imperial Panegyric in Byzantium and its Reinvention by Michael Psellos. *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, [s. l.], v. 59, n. 4, p. 693-713, 2019.

KALDELLIS, A. The Social Scope of Roman Identity in Byzantium: An Evidence-Based Approach. *Byzantina Symmeikta*, Athens, v. 27, p. 173-210, 2017.

KALDELLIS, A.; POLEMIS, I. General Introduction. In: PSELLOS, M. *Psellos and the Patriarchs: Letters and Funeral Orations for Keroullarios, Leichoudes, and Xiphilinos*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2015. p. 1-35.

KAPLANIS, T. A. Antique Names and Self-Identification: Hellenes, Graikoi, and Romaioi from Late Byzantium to the Greek Nation-State. In: TZIOVAS, D. (Ed.). *Re-imagining the Past: Antiquity and Modern Greek Culture*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 81-97.

KAPUST, D. Roman Patriotism. In: SARDOČ, M. (Ed.). *Handbook of Patriotism*. Cham: Springer, 2017. p. 1-21.

KARPOZILOS, A. When did Michael Psellus die? The evidence of the Dioptra. *Byzantinische Zeitschrift*, Berlin, v. 96, n. 2, p. 671-677, 2004.

KAZHDAN, A. (Ed.). *Oxford Dictionary of Byzantium*. Oxford: Oxford University Press, 1991. 3 v.

KAZHDAN, A. Latins and Franks in Byzantium: Perception and Reality from the Eleventh to the Twelfth Century. In: LAIOU, A. E.; MOTTAHEDEH, R. P. (Ed.). *The Crusades from the Perspective of Byzantium and the Muslim World*. Washington, D.C.: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, 2001. p. 83-100.

KAZHDAN, A. P.; EPSTEIN, A. W. *Change in Byzantine Culture in the Eleventh and Twelfth Centuries*. Berkeley: University of California Press, 1985.

KINNÉR, S. Literary Echoes in Psellus' Chronographia. *Byzantion*, [s.l.], v. 51, n. 1, p. 225-231, 1981.

KODER, J. Remarks on linguistic Romanness in Byzantium. POLH, W. et al (Ed.). *Transformations of Romanness: Early Medieval Regions and Identities*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2018. p. 111-122.

KOLBABA, T. Byzantines, Armenians, and Latins: Unleavened Bread and Heresy in the Tenth Century. In: DEMACOPOULOS, G. E.; PAPANIKOLAOU, A. (Ed.). *Orthodox Constructions of the West*. New York: Fordham University Press, 2013. p. 45-57.

KOLBABA, T. M. *The Byzantine Lists: Errors of the Latins*. Chicago: University of Illinois Press, 2000.

KONORTAS, P. From Tâ'ife to Millet: Ottoman Terms for the Ottoman Greek Orthodox Community. In: GONDICAS, D.; ISSAWI, C. (Ed.). *Ottoman Greeks in the Age of Nationalism: Politics, Economy, and Society in the Nineteenth Century*. Princeton, NJ: The Darwin Press, 1999. p. 169-179.

KRALLIS, D. 'Democratic' Action in Eleventh-Century Byzantium: Michael Attaleiates' 'Republicanism' in Context. *Viator*, [s.l.], v. 40, n. 2, p. 35-53, 2009.

KRALLIS, D. Attaleiates as a Reader of Psellos. In: BARBER, C.; JENKINS, D. (Ed.). *Reading Michael Psellos*. Leiden: Brill, 2006. p. 167-191.

KRALLIS, D. Historiography as Political Debate. In: KALDELLIS, A.; SINIOSSOGLOU, N. (Ed.). *The Cambridge Intellectual History of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 599-614.

KRALLIS, D. *Michael Attaleiates and the Politics of Imperial Decline in Eleventh-Century Byzantium*. Temple: Arizona Center for Medieval and Renaissance Studies, 2012.

KRALLIS, D. Popular Political Agency in Byzantium's Villages and Towns. *Byzantina Symmeikta*. Athens, v. 28, p. 11-48, 2018.

KRALLIS, D. *Serving Byzantium's Emperors: The Courtly Life and Career of Michael Attaleiates*. Cham: Palgrave Macmillan, 2019.

KRALLIS, D. The Social Views of Michael Attaleiates. In: HOWARD-JOHNSTON, J. (Ed.). *Social Change in Town and Country in Eleventh-Century Byzantium*. Oxford: Oxford University Press, 2020. p. 44-61.

KRUSE, M. *The Politics of Roman Memory: From the Fall of the Western Empire to the Age of Justinian*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2019.

LAIYOU, A. E. Monopoly and Privileged Free Trade in the Eastern Mediterranean (8th-14th century). In: COULON, D. et al. (Dir.). *Chemins d'outre-mer: Études d'histoire sur la Méditerranée médiévale offertes à Michel Balard*. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2004. p. 511-526.

LAMERS, H. *Greece Reinvented: Transformations of Byzantine Hellenism in Renaissance Italy*. Leiden: BRILL, 2015.

LATOWSKY, A. A. *Emperor of the World: Charlemagne and the Construction of Imperial Authority, 800-1229*. Ithaca: Cornell University Press, 2013.

LAURITZEN, F. A Courtier in the Women's Quarters: The Rise and Fall of Psellos. *Byzantion*, [s.l.], v. 77, p. 251-266, 2007.

LAURITZEN, F. Nations and Minorities in Psellos' Chronographia (976-1078). *Studia Ceranea*, [s.l.], v. 9, p. 319-331, 2019.

LAURITZEN, F. Psellos and the Nazireans. *Revue des études byzantines*, [s.l.], v. 64-65. p. 359-364, 2006-2007.

LAUXTERMANN, M. D. Introduction. In: JEFFREYS, M.; LAUXTERMANN, M. D. (Ed.). *The Letters of Psellos: Cultural Networks and Historical Realities*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 3-12.

LE ROUX, P. La romanisation en question. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, [s.l.], v. 59, n. 2, p. 287-311, 2004.

LEMERLE, P. *Cinq études sur le Xie siècle byzantin*. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1977.

LEONTIS, A. *Topography of Hellenism: Mapping the Homeland*. Ithaca: Cornell University Press, 1995.

LEVY-RUBIN, M. The errors of the Franks' by Nikon of the Black Mountain: between religious and ethno-cultural conflict. *Byzantion*, v. 71, n. 2, p. 422-437, 2001.

LIVANIOS, D. The Quest for Hellenism: Religion, Nationalism and Collective Identities in Greece (1453-1913). *The Historical Review/La Revue Historique*, [s.l.], v. 3, p. 33-70, 2006.

LOUD, G. A. Southern Italy in the Tenth Century. In: REUTER, T. (Ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. v. 3, p. 624-645.

LOUD, G. A. How 'Norman' was the Norman Conquest of Southern Italy? *Nottingham Medieval Studies*, Nottingham, v. 25. p. 13-34, 1981.

LOUD, G. A. Norman Traditions in Southern Italy. In: BURKHARDT, S.; FOERSTER, T. (Ed.). *Norman Tradition and Transcultural Heritage: Exchange of Cultures in the 'Norman' Peripheries of Medieval Europe*. London: Routledge, 2013. p. 35-56.

LOUD, G. A. Southern Italy in the eleventh century. In: LUSCOMBE, D.; RILEY-SMITH, J. (Ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Cambridge, Cambridge University Press, 2004. v. 4, p. 94-119.

LOUD, G. A. *The Age of Robert Guiscard: Southern Italy and the Norman Conquest*. London: Routledge, 2000.

LOUTH, A. The eastern empire in the sixth century. In: FOURACRE, P. (Ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. v. 1, p. 93-117.

LOWDEN, J. Book Production. JEFFREYS, E.; HALDON, J.; CORMACK, R. (Ed.). *The Oxford Handbook of Byzantine Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 462-472.

MACKRIDGE, P. Byzantium and the Greek Language question in the nineteenth century. In: RICKS, D.; MAGDALINO, P. (Ed.). *Byzantium and the Modern Greek Identity*. London: Aldershot: Ashgate, 1998. p. 49-61.

MACRIDES, R. J. The Historian in the History. In: CONSTANTINIDES, C. N.; PAGANIOTAKES, N.; JEFFREYS, E. *Φιλέλλην*: Studies in Honour of Robert Browning. Venice: Istituto ellenico di studi bizantini e postbizantini di Venezia, 1996. p. 205-224.

MADSEN, J. M. *Eager to be Roman*: Greek Response to Roman Rule in Pontus and Bithynia. London: Duckworth, 2009.

MAGDALINO, P. Court Society and Aristocracy. In: HALDON, J. (Ed.). *The Social History of Byzantium*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2009. p. 212-232.

MAGDALINO, P. Forty years on: the political ideology of the Byzantine empire. *Byzantine and Modern Greek Studies*, [s.l.], v. 40, n. 1, p. 17-26, 2016.

MAGDALINO, P. *The Byzantine Background to the First Crusade*. Toronto: Canadian Institute of Balkan Studies, 1996.

MALATRAS, C. The Making of an Ethnic Group: The Romaioi in 12th—13th Century. In: TO EVROPAÏKÓ SINÉDRIO NEOELLINIKÓN SPOUDÓN, D', 2010, Granáda. *Praktiká...* Athína: Evropaïkí Etairía Neoellinikón Spoudón, 2011. v. 3, p. 419-430.

MALATRAS, C. The Making of an Ethnic Group: The Romaioi in 12th—13th Century. In: TO EVROPAÏKÓ SINÉDRIO NEOELLINIKÓN SPOUDÓN, D', 2010, Granáda. *Praktiká...* Athína: Evropaïkí Etairía Neoellinikón Spoudón, 2011. v. 3, p. 419-430.

MALATRAS, C. The Perception of the Roman Heritage in 12th Century Byzantium. *Rosetta*, [s.l.], p. 1-8, 2009.

MALATRAS, C. *To génos tōn Rōmaiōn to 12o ai*. 2008. 108 f. Dissertação (Mestrado), Tmīma Istorias-Archaiologias, Panepistīmio Krītīs, Réthymno, 2008.

MANGO, C. Byzantinism and Romantic Hellenism. *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, v. 28, p. 29-43, 1965.

MANTOUVALOU, M. Romaioi-Romios-Romiossyni: La notion de “Romain” avant et après la chute de Constantinople. *Epistimonikí Epetirís tis Filosofikís Skholís tou Panepistimíou Athinón*, [s.l.], v. 28, p. 169-198, 1978-1985.

MARKOPOULOS, A. Roman Antiquarianism: aspects of the roman past in the middle byzantine period (9th-11th centuries). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF BYZANTINE STUDIES, 21., 2006, London. *Proceedings...* Aldershot: Ashgate, 2006. v. 1, p. 277-297.

MARTÍN, I. P. Byzantine Books. In: KALDELLIS, A.; SINIOSSOGLU, N. (Ed.). *The Cambridge Intellectual History of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 37-46.

MATHEOU, N. S. M. City and Sovereignty in East Roman Thought, c.1000–1200: Ioannes Zonaras' Historical Vision of the Roman State. In: MATHEOU, N. S. M.; KAMPIANAKI, T.; BONDIOLI, L. M. (Ed.). *From Constantinople to the Frontier: The City and the Cities*. Leiden: Brill, 2016. p. 41-63.

MCCORMICK, M. Byzantium and the west, 700-900. In: MCKITTERICK, R. (Ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. v. II, p. 349-382.

MILLAR, F. *A Greek Roman Empire: Power and Belief under Theodosius II (408-450)*. Los Angeles; Berkeley: University of California Press, 2006

MISHKOVA, D. The Afterlife of a Commonwealth: Narratives of Byzantium in the National Historiographies of Greece, Bulgaria, Serbia and Romania. In: DASKALOV, R.; VEZENKOV, A. (Ed.). *Entangled Histories of the Balkans*. Leiden: BRILL, 2015. v. 3, 118-270.

MITSIU, E. The Byzantines and the “others”: Between “transculturality” and discrimination. In: GASTGEBER, C.; DAIM, F. (Ed.). *Byzantium as Bridge between West and East*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie Der Wissenschaften, 2015. p. 65-73.

MONTESQUIEU. *Considerações sobre as causas da grandeza dos romanos e de sua decadência*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

MOORE, P. *Iter Psellianum: A Detailed Listing of Manuscript Sources for All Works Attributed to Michael Psellos, Including a Comprehensive Bibliography*. Toronto: Pontifical Institute of Medieval Studies, 2005.

MOORHEAD, J. The Byzantines in the West in the sixth century. In: FOURACRE, P. (Ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. v. 1, p. 118-139.

MURRAY, A. Should the Middle Ages be Abolished? *Essays in Medieval Studies*, [s.l.], v. 21, p. 1-22, 2004.

NASAINA, M. Woman’s Position in Byzantine Society. *Open Journal for Studies in History*, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 29-38, 2018.

NEVES, L. C. S. O que Deus uniu o homem pode separar? Algumas considerações sobre o “Grande Cisma” de 1054. In: SEMANA DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 13., 2020, Rio de Janeiro. *Anais...* No prelo.

NEVILLE, L. A History of the Caesar John Doukas in Nikephoros Bryennios' Material for History? *Byzantine and Modern Greek Studies*, [s.l.], v. 32, n. 2, p. 168-188, 2008.

NEVILLE, L. *Guide to Byzantine Historical Writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

NEVILLE, L. *Heroes and Romans in Twelfth-Century Byzantium: The Material for History of Nikephoros Bryennios*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

NEVILLE, L. Why did the Byzantines Write history? In: CONGRESS OF BYZANTINE STUDIES, 23., 2016, Belgrade. *Proceedings...* Belgrade: The Serbian National Committee of AIEB, 2016. Plenary Papers, p. 265-276.

NICOL, D. M. Byzantium and the Papacy in the Eleventh Century. *The Journal of Ecclesiastical History*, [s. l.], v. 13, n. 1, p. 1-20, 1962.

NICOL, D. M. *Byzantium and Venice: A Study in Diplomatic and Cultural Relations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

NICOL, D. M. The Byzantine View of Western Europe. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, Durham, NC, v. 8, n. 4, p. 315-339, 1967.

OBOLENSKY, D. *Byzantium and the Slavs*. Crestwood: St Vladimir's Seminary Press, 1994.

OBOLESNKY, D. *The Byzantine Commonwealth: Eastern Europe, 500-1453*. New York: Praeger Publishers, 1971.

O'DONNELL, J. J. Late Antiquity: Before and After. *Transactions of the American Philological Association*, v. 134, n. 2, p. 203-213, 2004.

OIKONOMIDES, N. L'«unilinguisme» officiel de Constantinople byzantine (VIIe-XIIe s.). *Byzantina Symmeikta*, Athens, p. 9-22, 1999.

OLSON, A. K. "Part of our commonwealth": A study of the Normans in eleventh-century Byzantine historiography. 2009. 108 f. Thesis (Master of Arts) - Department of History, Simon Fraser University, Vancouver, 2011.

OLSON, A. Working with Roman history: Attaleiates' portrayal of the Normans. *Byzantine and Modern Greek Studies*, [s.l.], v. 41, n. 1, p. 1-14, 2017.

OSTROGORSKY, G. *History of the Byzantine State*. Oxford: Basil Blackwell, 1968.

PAGE, G. *Being Byzantine: Greek Identity Before the Ottomans*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

PANDEY, A. Constructing otherness: A Linguistic analysis of the politics of representation and exclusion in freshmen writing. *Issues in Applied Linguistics*, [s.l.], v. 14, n. 2, p. 153-184, 2004.

PAPAIOANNOU, M. A Synoecism of Cultures in Roman Greece. In: ALCOCK, S. E.; EGRI, M.; FRAKES, J. F. D. (Ed.). *Beyond Boundaries: Connecting Visual Cultures in the Provinces of Ancient Rome*. Los Angeles: Getty Publications, 2016. p. 31-45.

PAPAIOANNOU, S. *Michael Psellos: Rhetoric and Authorship in Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

PEŁECH, T. *Obraz „obcego” w Aleksjademie Anny Komneny: Przypadek Normanów*. Wrocław: Chronicon, 2016.

PELLING, C. The Greek Historians of Rome. In: MARINCOLA, J. (Ed.). *A Companion to Greek and Roman Historiography*. Malden, MA: Blackwell, 2007. p. 225-238.

PETERS-CUSTOT, A. Between Rome and Constantinople: the romanness of byzantine southern italy (9th-11th centuries). In: POHL, W. et al. (Ed.). *Transformations of Romanness: Early Medieval Regions and Identities*. Berlin: De Gruyter; 2018. p. 231-240.

PETERS-CUSTOT, A. Convivencia between Christians: The Greek and Latin communities of Byzantine South Italy (IXth-XIth centuries). In: CROSTINI, B.; LA PROTA, S. (Ed.). *Negotiating Co-Existence: Communities, Cultures and Convivencia in Byzantine Society*. Trier: WVT, 2013. p. XX-XX.

PLASARI, A. The Albanians in the attestations from Late Antiquity until the Early Middle Ages. *Albanian Studies*, Tirana, v. 2, n. 2, p. 7-52, 2020.

POHL, W. Historiography and Identity: Methodological Perspectives. POHL, W.; WISER, V. (Ed.). *Historiography and Identity I: Ancient and Early Christian Narratives of Community*. Turnhout: Brepols, 2019. p. 7-50.

POLEMIS, D. I. *The Doukai: A Contribution to Byzantine Prosopography*. London: The Athlone Press, 1968.

POLEMIS, I. Funeral Oration for the Most Blessed Patriarch Kyr Michael Keroullarios. In: MICHAEL PSELLOS. *Psellos and the Patriarchs: Letters and Funeral Oration for Keroullarios, Leichoudes, and Xiphilinos*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2015. p. 49-51.

POLITIS, A. From Christian Roman emperors to the glorious Greek ancestors. In: RICKS, D.; MAGDALINO, P. (Ed.). *Byzantium and the Modern Greek identity*. Aldershot: Ashgate, 1998. p. 1-14.

POPPE, A. The Political Background to the Baptism of Rus': Byzantine-Russian Relations Between 986-89. *Dumbarton Oaks Papers*, Washington, D.C., v. 30, p. 195-244, 1976.

PRIESTLEY, B. The Varangian Guard. In: BURKE, J. et al. (Ed.). *Byzantine Narrative: Papers in Honour of Roger Scott*. Leiden: Brill, 2006. p. 527-533.

QUANRUD, J. The Albanoi in Michael Attaleiates' History: Revisiting the Vranoussi-Ducellier Debate. *Byzantine and Modern Greek Studies*, [s.l.], v. 45, n. 2, p. 149-165, 2021.

RAPP, C. Hellenic Identity, Romanitas, and Christianity in Byzantium. In: ZACHARIA, K. *Hellenisms: Culture, Identity, and Ethnicity from Antiquity to Modernity*. Aldershot: Ashgate Variorum, 2008. p. 127-147.

REINSCH, D. R. Hieronymus Wolf as Editor and Translator of Byzantine Texts. In: MARCINIAK, P.; SMYTHE, D. C. (Ed.). *The Reception of Byzantium in European Culture since 1500*. Abingdon: Routledge, 2016. p. 43-53.

REINSCH, D. R. Plutarch in Michael Psello's Chronographia. In: XENOPHONTOS, S.; OIKONOMOPOULOU, K. (Ed.). *Brill's Companion to the Reception of Plutarch*. Leiden: Brill, 2019. p. 234-247.

REINSCH, D. R. Venomous Praise: Some Remarks on Michael Psellos' Letters to Leon Paraspondylos. In: JEFFREYS, M.; LAUXTERMANN, M. D. (Ed.). *The Letters of Psellos: Cultural Networks and Historical Realities*. Oxford: Oxford University Press, 2017. p. 128-140.

REPAJIĆ, M. The Political Thought of Psellos in the Chronographia: The Wise Advisor, the Clever General, and the City. *Limes Plus*, Belgrade, v. 13, n. 2, p. 55-85, 2016.

REPAJIĆ, M. Žanr u funkciji ironije: literarna osveta Mihaila Psela. *Zbornik radova Vizantološkog instituta*, Beograd, v. 52, p. 57-89, 2015.

REYNOLDS, S. *Kingdoms and Communities in Western Europe, 900-1300*. 2nd ed. Oxford: Clarendon Press, 1997.

REYNOLDS, S. The Idea of the Nation as a Political Community. In: SCALES, L.; ZIMMER, O. (Ed.). *Power and the Nation in European History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 54-66.

RITTER, H. *Dictionary of Concepts in History*. New York: Greenwood Press, 1986

ROCHE, J. T. The Byzantine Conception of the Latin Barbarian and Distortion in the Greek Narratives of the Early Crusades. In: JENSEN, K. V.; JENSEN, C. S.; JENSEN, J. M. (Ed.). *Fighting for the Faith: The Many Crusades*. Stockholm: Sällskapet Runica et Mediævalia, 2018. p. 143-173.

ROLLER, M. The Exemplary Past in Roman Historiography and Culture. In: FELDHERR, A. (Ed.). *The Cambridge Companion to the Roman Historians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 214-230.

ROSHWALD, A. Nations are (Occasionally) Forever: Alternatives to the Modernist Perspective. In: BERGER, Stefan; STORM, Eric (Ed.). *Writing the History of Nationalism*. London: Bloomsbury Academic, 2019. p. 83-103.

ROUDOMETOF, V. *Globalization and Orthodox Christianity: The Transformations of a Religious Tradition*. New York: Routledge, 2014.

RUNCIMAN, S. *Byzantine Civilization*. London: Methuen & CO LTD, 1961.

RUNCIMAN, S. *The Eastern Schism: A Study of the Papacy and the Eastern Churches during the Eleventh and Twelfth Centuries*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

RUSSO, F. The Beginning of the First Punic War and the Concept of Italia. In: ROSELAAR, S. T. (Ed.). *Processes of Integration and Identity Formation in the Roman Republic*. Leiden: Brill, 2012. p. 35-50.

SABA, S. *Isopoliteia in Hellenistic Times*. Leiden: Brill, 2020.

SAHLINS, M. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

SÁNCHEZ, P. L'isopoliteia chez Denys d'Halicarnasse: nouvelle interprétation. *Chiron*, [s.l.], v. 46, p. 47-83, 2016.

SANDBERG, K. The So-Called Division of the Roman Empire in AD 395. Notes on a Persistent Theme in Modern Historiography. *Arctos*, [s.l.], v. 42, p. 199-213, 2008.

SARTI, L. Frankish Romanness and Charlemagne's Empire. *Speculum*, [s.l.], v. 91, n. 4, p. 1040-1058, 2016.

SARTI, L. From Romanus to Graecus. The identity and perceptions of the Byzantines in the Frankish West. *Journal of Medieval History*, [s.l.], p. 1-20, 2018.

SAVVIDES, A. G. C. *Byzantino-Normannica: The Norman Capture of Italy and the First Two Norman Invasions in Byzantium*. Leuven: Peeters, 2007.

SAVVIDES, A. G. C. Romanus Boilas: Court Jester and Throne Counterclaimant in the mid-Eleventh Century. *Byzantinoslavica*, Prague, v. 56, n. 1 p. 159-164, 1996.

SHEPARD, J. Byzantium and the West. In REUTER, T. (Ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. v. III, p. 605-623.

SHEPARD, J. Past and future in Middle Byzantine diplomacy: some preliminary observations. BALARD, M. et al (Ed.). *Byzance et le monde extérieur: Contacts, relations, échanges*. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2005. p. 171-191.

SHEPARD, J. Rus'. In: BEREND, N. (Ed.). *Christianization and the Rise of Christian Monarchy: Scandinavia, Central Europe and Rus' c. 900–1200*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 369-416.

SHEPARD, J. The Emperor's 'Significant Others': Alexios I Komnenos and his 'Pivot to the West'. In: TOUGHER, S. (Ed.). *The Emperor in the Byzantine World: Papers from the Forty-Seventh Spring Symposium of Byzantine Studies*. London: Routledge, 2019. p. 135-155.

SHEPARD, J. The Uses of the Franks in Eleventh-Century Byzantium. *Anglo-norman Studies*, [s.l.], v. 15, p. 275-305, 1993.

SHUKUROV, R. *The Byzantine Turks: 1204-1461*. Liden: Brill, 2016.

SHUKUROV, R. The Byzantine Concepts of Iran: Cultural Memory and Its Reactualization. In: DURAK, K.; JEVTIĆ, I. (Ed.). *Identity and the Other in Byzantium: Papers from the Fourth International Sevgi Gönül Byzantine Studies Symposium*. Istanbul: Koç University Stavros Niarchos Foundation Center for Antique and Byzantine Studies, 2019. p. 143-167.

SIECIENSKI, A. E. *The Filioque: History of a Doctrinal Controversy*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

SIMPSON, A. J. Byzantine "latinophobia": some explanations concerning the central aspect of Byzantine popular attitudes towards the Latins in the XII century. *Mésogeios*, n. 3, p. 64-82, 1999.

SIMPSON, A. The Perceptions of the Byzantine Aristocracy towards the Latins: 1081-1204. *Anistoriton*, [s.l.], v. 2, n. 983, 1998.

SMITH, A. D. *Nationalism and modernism: A critical survey of recent theories of nations and nationalism*. London: Routledge, 1998.

SMITH, A. D. Were there nations in Antiquity? In: SCALES, L.; ZIMMER, O. (Ed.). *Power and the Nation in European History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 33-53.

SMYTHE, D. C. *Byzantine perceptions of the outsider in the eleventh and twelfth centuries: a method*. 1992. 558 f. Thesis (PhD), Faculty of Arts, University of St. Andrews, St. Andrews, 1992.

SPIESER, J.-M. Du Cange and Byzantium. In: CORMACK, R.; JEFFREYS, E. (Ed.). *Through the Looking Glass: Byzantium through British Eyes*. Aldershot: Ashgate Variorum, 2000. p. 199-210.

STEINACHER, R. Rome and its created Northerners. In: FRIEDRICH, M.; HARLAND, J. M. (Ed.). *Interrogating the 'Germanic': a category and its use in Late Antiquity and the Early Middle Ages*. Berlin: De Gruyter, 2021. p. 31-66.

STEPHENSON, P. *Byzantium's Balkan Frontier: A Political Study of the Northern Balkans, 900-1204*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

STEPHENSON, P. *The Legend of Basil the Bulgar-Slayer*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

STOURAITIS, I. Byzantine Romanness: from Geopolitical to Ethnic Conceptions. In: POHL, W. et al (Eds.). *Transformations of Romanness in the Early Middle Ages: Early Medieval Regions and Identities*. Berlin: De Gruyter, 2018. p. 125-139.

STOURAITIS, I. Byzantine war against Christians – an “emphylios polemos”? *Byzantina Symmeikta*, Athens, v. 20, p. 85-110, 2010.

STOURAITIS, I. Reinventing Roman Ethnicity in High and Late Medieval Byzantium. *Medieval Worlds*, Vienna, v. 5, p. 70-94, 2017.

STOURAITIS, I. Roman identity in Byzantium: a critical approach. *Byzantinische Zeitschrift*, Berlin, v. 107, n. 1, p. 175-220, 2014.

STROLL, M. *Popes and Antipopes: The Politics of Eleventh Century Church Reform*. Leiden: Brill, 2012.

SULLIVAN, R. What were the Middle Ages? *The Centennial Review of Arts & Science*, [s.l.], v. 2, p. 167-194, 1958.

TARNADINIS, I. The Macedonians of the Byzantine Period. In: BURKE, J.; SCOTT, R. (Ed.). *Byzantine Macedonia: Identity, Image and History - Papers from the Melbourne Conference, July 1995*. Leiden: Brill, 2017. p. 29-49.

THEOTOKIS, G. *The Norman Campaigns in the Balkans, 1081-1108 AD*. Woodbridge: Boydell Press, 2014.

TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TOPAL, H. V. *Romanization of urban spaces in Ephesus*. 2020. 309 f. Thesis (Master of Arts), The Department of History of Architecture, Middle East Technical University, [S.L.], 2020

TOUGHER, S. Periodization. In: LOUGHRAN, T. *A practical guide to studying history: skills and approaches*. London: Bloomsbury Academic, 2017. p. 31-45.

TREADGOLD, W. The Formation of a Byzantine Identity. In: MARTIN, R. E.; SPOCK, J. B. (Ed.). *Culture and Identity in Eastern Christian History*. Ohio: Department of Slavic and East European Languages and Cultures at The Ohio State University, 2009. p. 319-342.

TREADGOLD, W. *The Middle Byzantine Historians*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

TSIMOURIS, G. From Christian Romioi to Hellenes: some Reflections on Nationalism and the Transformation of Greek Identity in Asia Minor. *Deltío Kéntrou Mikrasiatikón Spoudón*, [s.l.], v. 17, p. 277-297, 2011.

VAKALOPOULOS, A. Byzantinism and Hellenism: Remarks on the Racial Origin and the Intellectual Continuity of the Greek Nation. *Balkan Studies*, [s.l.], v. 9, p. 101-126, 1968.

VEN, P. V. D. When did the Byzantine Empire and Civilization come into being? In: ANNUAL MEETING OF THE AMERICAN HISTORICAL ASSOCIATION, 32, 1916. Cincinnati. *Proceedings...* Washington: American Historical Association, 1919, v. 1, p. 229-309.

VRATIMOS, A. The Identification of the Scythians in the Service of Romanos IV's First Expedition to Anatolia. *Byzantinoslavica*, Prague, v. 67, n. 1-2, p. 191-198, 2009.

VRYONIS, S. Greek Identity in the Middle Ages. *Études balkaniques*, [s.l.], v. 6, p. 19-39, 1999

WEBBER, N. M. *The Evolution of Norman Identity, 911-1154*. 2001. 309 f. Thesis (Doctor of Philosophy) - History, Department of Medieval History, University of Birmingham, Birmingham, 2001.

WEBBER, N. *The Evolution of Norman Identity, 911–1154*. Rochester: Boydell Press, 2005.

WHALEN, B. E. *The Medieval Papacy*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2014.

WHALIN, D. *Roman Identity from the Arab Conquests to the Triumph of Orthodoxy*. Cham: Palgrave Macmillan, 2021.

WIERZBIŃSKI, S. Normans and Other Franks in 11th Century Byzantium: The Careers of the Adventurers before the Rule of Alexius I Comnenus. *Studia Ceranea*, Łódź, v. 4, p. 277-288, 2014.

WIJNENDAELE, J. W. P. Apocalypse, Transformation or Much ado about nothing? Western scholarship and the Fall of Rome (1776-2008). *Iris*, Victoria, v. 24, p. 45-52, 2011.

WILSON, N. G. The Libraries of the Byzantine World. *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, [s.l.], n. 8, p. 53-80, 1967.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. R. da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.

WOOLF, G. Becoming Roman, staying Greek: culture, identity and the civilizing process in the Roman East. *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, n. 40, p. 116-143, 1994.